

ORGANIZADORAS

Catarina Farias de Oliveira
Márcia Vidal Nunes

Comunicação da terra

vivências e práticas
comunicacionais do
MST no Brasil



Imprensa
Universitária
UFC



COLEÇÃO
DE ESTUDOS DA
PÓS-GRADUAÇÃO



EDIÇÕES
UFC

Comunicação da terra

**vivências e práticas comunicacionais
do MST no Brasil**

Presidente da República
Michel Miguel Elias Temer Lulia

Ministro da Educação
Rossieli Soares da Silva

Universidade Federal do Ceará - UFC

Reitor
Prof. Henry de Holanda Campos

Vice-Reitor
Prof. Custódio Luís Silva de Almeida

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
Prof. Antônio Gomes de Souza Filho

Pró-Reitor de Planejamento e Administração
Prof. Almir Bittencourt da Silva

Imprensa Universitária
Diretor
Joaquim Melo de Albuquerque

Conselho Editorial
Presidente
Prof. Antônio Cláudio Lima Guimarães

Conselheiros
Prof.^a Angela Maria R. Mota Gutiérrez
Prof. Ítalo Gurgel
Prof. José Edmar da Silva Ribeiro

**Catarina Farias de Oliveira
Márcia Vidal Nunes
(Organizadoras)**

Comunicação da terra

vivências e práticas comunicacionais do MST no Brasil



Fortaleza
2018

Comunicação da terra: vivências e práticas comunicacionais do MST no Brasil
Copyright © 2018 by Catarina Farias de Oliveira e Márcia Vidal Nunes (Organizadoras)

Todos os direitos reservados

IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)
Av. da Universidade, 2932 – Benfica – Fortaleza – Ceará

Coordenação editorial

Ivanaldo Maciel de Lima

Revisão de texto

Leidyane Viana

Normalização bibliográfica

Luciane Silva das Selvas

Programação visual

Sandro Vasconcellos / Thiago Nogueira

Diagramação

Victor Alencar / Frank Bezerra

Capa

Heron Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária Luciane Silva das Selvas CRB 3/1022

C741

Comunicação da terra: vivências e práticas comunicacionais do MST no Brasil / Catarina Farias de Oliveira, Márcia Vidal Nunes (Organizadoras). - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2018.
280 p. : il. ; 21 cm. (Estudos da Pós-Graduação)

ISBN: 978-85-7485-318-5

1. Comunicação. 2. Etnologia. 3. Pesquisa sociológica. I. Movimentos sociais. II. Oliveira, Catarina Farias de, org. II. Nunes, Márcia Nunes Vidal, org. III. Título.

CDD 303.484

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
CONSTRUÇÃO DO DISCURSO JORNALÍSTICO DE RESISTÊNCIA DA <i>REVISTA SEM TERRA</i>: rupturas e semelhanças com a mídia hegemônica	13
Bibliografia.....	30
PALCO DE CONSENSOS OU TEATRO DAS CONTESTAÇÕES? Uma reflexão sobre o MST na atual cena política brasileira	33
Introdução.....	33
Ruído de revolta ou palavra que expõe dano?	34
Diálogos de resistência ou de criação?	38
Palco de consensos ou teatro das contestações?	42
Considerações finais.....	46
Bibliografia.....	47
COMUNICAÇÃO E CONTRA-HEGEMONIA: análise das estratégias de comunicação desenvolvidas no 5º Congresso Nacional do MST	49
Introdução	49
O 5º Congresso Nacional do MST: desafios para a ação contra-hegemônica	52
A disputa de sentidos expressa pelos meios de comunicação ..	56
Trabalhadores e produtores	71
Considerações finais: das possíveis cercas rompidas.....	78
Bibliografia.....	79

ETNOGRAFIA DO ASSENTAMENTO ITAPUÍ/RS E SUAS PRÁTICAS COMUNICACIONAIS: consciência do fazer etnográfico na pesquisa em comunicação..... 83

Introdução..... 83
Mídias do MST no Assentamento Itapuí..... 93
A recepção da mídia comercial no Assentamento Itapuí..... 102
Considerações finais..... 108
Bibliografia..... 109

CONSUMO CULTURAL, PRODUÇÃO DE SENTIDOS E MEDIAÇÕES ENTRE JOVENS SEM TERRA 111

Introdução..... 111
Conceito de juventude, mais precisamente juventudes..... 113
A centralidade da TV na cultura brasileira 119
Televisão: do dispositivo pedagógico e produção do sujeito .. 121
Dos hábitos e consumo culturais 125
O discurso do MST como mediação..... 128
Considerações 133
Bibliografia..... 134

NA PERIFERIA DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM: práticas culturais discursivas do Movimento Sem Terra..... 139

Introdução..... 139
O martírio da terra: colonialidade e resistência campesina..... 140
Linguagem e violência..... 144
Mística: linguagem, agência e dor 151
Considerações finais..... 155
Bibliografia..... 156

MÍSTICA, POLÍTICA E CIDADANIA NO MST 161

Cidadania e mística..... 161
As místicas dos estudantes do curso de Jornalismo da Terra ... 164

Relações entre mística e o processo de organização política interna do MST	167
O caráter ideológico da mística.....	176
Conclusões.....	177
Bibliografia.....	179

DIZENDO E FAZENDO O SEM TERRA

ASSENTADO NO MST-CE: rabiscos de uma pragmática etnográfica

Introdução.....	181
Pragmática: atos de fala e identidade performativa.....	183
Identidade performativa.....	186
MST e mística: uma relação de nunca acabar.....	187
Rabiscos de uma pragmática etnográfica.....	192
Dizendo e fazendo o Sem Terra assentado no MST-CE.....	195
Considerações finais.....	199
Bibliografia.....	200

MOVIMENTOS E REDES DE MOVIMENTOS

SOCIAIS EM DIÁLOGO: uma análise do processo do Código Florestal no site do MST a partir da deliberação mediada

Introdução.....	205
O MST e o Código Florestal.....	206
Princípios argumentativos e discursivos da deliberação.....	209
Deliberação mediada e a visibilidade dos acontecimentos.....	212
Análise do material.....	215
Considerações finais.....	223
Bibliografia.....	223

EXTENSÃO E COMUNICAÇÃO EM PRÁTICAS

EDUCATIVAS COM O MST NO PRONERA-UECE: dilemas e aprendizados.....

Introdução.....	227
-----------------	-----

Universidade e extensão: significados em construção histórica	230
Pronera-Uece: comunicação da universidade com os movimentos sociais, a partir de práticas educativas.....	237
Projetos de educação do campo: experiências de construção coletiva	239
Os novos espaços de aprendizagem	245
Considerações finais.....	249
Bibliografia.....	250

**MOVIMENTOS SOCIAIS NA
SOCIEDADE EM MEDIATIZAÇÃO**

Introdução.....	253
Interpretações sobre a noção de movimentos sociais	254
O MST a partir das práticas comunicacionais	259
A mobilização social a partir dos fluxos informacionais	269
Considerações finais.....	273
Bibliografia.....	274

APRESENTAÇÃO

Sin tierra, pero con voz

Entender la comunicación de uno de los más importantes, originales y potentes movimientos sociales latinoamericanos no es fácil. Pero intentarlo es, sin duda, valioso y apasionante, como el propio movimiento. Eso es lo que busca este libro, a través de múltiples miradas que dan cuenta de los modos en que el Movimiento de los Sin Tierra ha ido construyendo su discurso y sus medios, su mística y sentido, sus vínculos internos y con la sociedad brasileña.

Son miradas desde la academia, pero no por ello menos comprometidas con el mundo social. El trabajo intelectual, si para algo sirve -y creo que cuando es bueno sirve, y mucho- es para ayudar a pensar críticamente sobre lo que hacemos, para hacerlo mejor o para transformarlo por completo. Por eso hay aquí miradas críticas, que no esconden la admiración y el apoyo al MST, pero tampoco las contradicciones que lo cruzan de lado a lado. Tal vez este libro no sea leído por muchos Sin Tierra, pero deberían leerlo los intelectuales que asumen compromisos de apoyo a ese y también a otros movimientos sociales.

A través de sus páginas se podrá comprender mejor cómo es que los campesinos brasileños sin tierra y sin voz ocuparon no sólo los latifundios improductivos sino también el espacio público. Cómo han ido construyendo un discurso propio, que nos recuerda todo lo de irracional que la racionalidad capitalista tiene. Cómo los olvidados de la tierra recuperan, para ellos y para todos, la memoria de una humanidad perdida, que necesita rehumanizarse.

Se podrá entender la importancia que la mística tiene para construir, cada día, al movimiento social, haciendo posible no sólo tener

ideas sino vivir convicciones. La importancia que tienen los rituales grupales y comunitarios en la construcción de una identidad Sin Tierra. Porque aunque se nace sin tierra, en una larga herencia de desheredados, un Sin Tierra se hace, saliendo de la casa para entrar en el movimiento. Y entrar en el movimiento es entrar en una lucha que compromete la vida entera, algo imposible de hacer sin una vivencia profunda de indignación y esperanza.

Este libro ayudará a entender cómo el MST ha ido diseñando sus propios medios de comunicación y su relación con los medios hegemónicos. Mientras éstos han construido un discurso de criminalización y estigmatización sistemática, el movimiento ha ido tejiendo una red propia que va desde los altoparlantes en los asentamientos al periódico impreso de circulación nacional, desde las marchas y canciones al video e internet, con la colaboración de profesionales de la comunicación y formando a sus propios comunicadores. Y ha generado hechos que, con efectos diversos y contradictorios, terminan entrando en la agenda pública y en la mediática.

El libro mostrará también cómo la vieja pregunta de Paulo Freire, “extensión o comunicación”, cobra nueva vigencia desde los universitarios que se vinculan hoy al movimiento, en procesos de construcción colectiva, en un diálogo de saberes entre conocimiento erudito y popular, campo y ciudad, teoría y práctica. Y en ese movimiento ganan, ojalá, los campesinos, pero sin duda ganan los universitarios y la universidad, que se repiensa desde la sociedad.

Pero ninguna de estas cosas está exenta de contradicciones, de tensiones y dilemas. Así, por ejemplo, el discurso contrahegemónico de los Sin Tierra, por momentos adopta las mismas formas que el discurso mediático hegemónico, aunque con signo inverso. Aunque habla de la necesidad de que todos puedan asumir la palabra, prioriza la de sus dirigentes, abarcando a los demás en un genérico “nosotros”, incluyente pero también anonimizante. Nombra a los enemigos abstractos – el agronegocio, el capitalismo neoliberal –, descuidando las historias concretas que tejen el día a día. Critica a los grandes medios pero olvida tal vez cómo están insertos en nuestra cotidianeidad, llenándola con narrativas que no pueden

ser sólo combatidas con discursos críticos si no hay otros relatos, otras narraciones.

Para construir estas miradas, los autores apelan a múltiples herramientas teóricas y metodológicas, algunas ya consolidadas y otras emergentes. Desde el análisis del discurso y los estudios de recepción a la etnografía multisituada y los estudios críticos del lenguaje. Desde la pedagogía del oprimido a la colonialidad del poder y del saber, de la lingüística pragmática a la gramática cultural, de la lectura crítica de los medios a la filosofía política de la subalternidad. Ese conjunto diverso de herramientas y abordajes permite entender cómo lo que era oído como ruido y desorden irracional empieza ser escuchado como discurso, irrumpiendo en la escena social y política brasileña – y también en la mundial – como una voz imprescindible, que rompe consensos establecidos y abre brechas en hegemonías consolidadas.

Vale la pena meterse entonces en estas páginas que, desde múltiples miradas, intentan comprender la riqueza y la complejidad, la potencia y las contradicciones de un movimiento social que, en su larga caminata de tres décadas, ha hecho de la lucha una fiesta, del dolor poesía, del olvido memoria, del miedo esperanza. Y que ha hecho del silencio palabra, comunicación.

Gabriel Kaplún
Montevideo, junio de 2013.

CONSTRUÇÃO DO DISCURSO JORNALÍSTICO DE RESISTÊNCIA DA *REVISTA SEM TERRA*: rupturas e semelhanças com a mídia hegemônica¹

*Antonio Simões Menezes*²

A história do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) foi marcada por uma constante atuação no campo midiático. O movimento ainda nem havia sido formalmente criado, e o *Jornal Sem Terra*, que completou 30 anos de existência em 2011, começou a circular. Essa primeira experiência midiática surgiu com o objetivo de contribuir com o processo de mobilização dos camponeses. Desde então, a comunicação se tornou um elemento essencial na própria estruturação do movimento.

¹ Este texto é uma síntese da dissertação “Jornalismo de Resistência: apropriação das estratégias discursivas do campo midiático pela Revista Sem Terra”, que foi orientada pela Prof.a Dra. Márcia Vidal Nunes e desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Ele contém diversos trechos copiados integralmente do trabalho original, mas são dispostos em uma ordem diferente e, portanto, constroem uma nova narrativa neste outro contexto.

² Professor efetivo do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, com a tese “A centralidade da luta simbólica para o MST: expansão da ocupação do ciberespaço na busca por reconhecimento”.

À medida que os sem-terra consolidaram sua atuação política, a comunicação foi utilizada de forma estratégica na busca por visibilidade e legitimidade. O MST logo percebeu a importância da luta a ser desenvolvida no campo simbólico, e, gradativamente, uma política de comunicação foi conformada por meio de um conjunto de práticas comunicativas interpessoais e midiáticas. Nesse contexto, os sem-terra criaram revista, site, radiadora, perfis em redes sociais e intensificaram a produção de conteúdo jornalístico.

Dessa forma, o movimento passou a compor a instância midiática (CHARAUDEAU, 2007) e construiu meios para elaborar notícias que vão de encontro àquelas produzidas e divulgadas pela mídia hegemônica, que normalmente associa o MST à baderna, invasões, saques, desrespeito à lei, enfim, corrobora o processo de estigmatização do MST, cujo ápice é a tentativa de criminalização dos sem-terra. Mas é preciso ressaltar que o movimento não descarta o diálogo com essa mídia de referência e até se apropria de seus espaços em momentos específicos, como durante a Marcha Nacional por Emprego e Reforma Agrária.³

Consciente do potencial midiático, o MST vai além da crítica aos grandes jornais, revistas, portais de informação e emissoras de televisão. Ele busca autá-los e direcionar a angulação das reportagens de modo a maximizar as suas reivindicações. Segundo Vargas (2006), os sem-terra já persuadiram a mídia de referência a divulgar fatos de interesse do movimento.

A estratégia do movimento garantiu o acesso ao campo jornalístico na medida em que os jornalistas cobriram as ações do MST. Em quatro edições, o movimento conseguiu figurar na capa dos jornais analisados. Os enquadramentos dominantes destacaram

³ A manifestação, ocorrida em 1997, foi uma das principais demonstrações de força e organização do movimento, que queria uma audiência com o então presidente da República Fernando Henrique Cardoso. O setor de comunicação do MST foi fundamental para dar visibilidade a essa manifestação. Praticamente tudo foi preparado para persuadir a cobertura jornalística do evento. Estrategicamente, a informação de que dezenas de milhares de militantes realizariam uma caminhada até Brasília “vazou” para a imprensa, e, a partir de então, as emissoras e empresas jornalísticas começaram a divulgar os preparativos da marcha e planejaram a cobertura.

a impunidade do massacre de Eldorado do Carajás depois de dez anos do episódio a partir das ações promovidas pelo MST para protestar contra essa situação (VARGAS, 2006, p. 120).

Nessa guerra simbólica, em alguns casos, os meios de comunicação são usados ou se deixam usar. “Teme-se um concorrente? Uma solução: utilizar a imprensa para difamá-lo” (MAMOU, 1996, p. 171). Porém, as organizações e movimentos sociais não publicizam seus discursos apenas com a mediação da mídia de informação.

Pautar os meios convencionais não é suficiente na busca por visibilidade. Só os proprietários dos meios de comunicação têm total controle dos enunciados divulgados. Com o objetivo de veicular as suas informações e opiniões sem nenhum filtro da chamada “grande imprensa”, várias organizações criaram suas próprias mídias. Com essa nova estratégia, todas querem atuar na construção da agenda midiática.⁴

Possuir sua própria mídia é tentar conquistar um pedaço de poder. A luta pelo conteúdo da agenda se constitui de fato numa disputa pela predominância dentro da esfera pública de determinadas ideias. Esta predominância pode influenciar, dentre outros efeitos, a definição de políticas públicas (SANT’ANNA, 2007, p. 90).

O debate na esfera pública⁵ deixou de ser subsidiado apenas pelos meios de informação. Pelo menos parte da sociedade também utiliza os conteúdos editados e publicados por organizações que não fazem parte da chamada “grande imprensa”. Por isso, o MST montou um arsenal midiático para o embate travado no campo simbólico. Assim, esse agente social desmistifica uma suposta lógica utilitarista, segundo a qual a sua principal reivindicação seria a realização da reforma agrária.

⁴ Sant’Anna (2007, p. 12) define agenda midiática “[...] enquanto difusão de um conjunto de temas, valores e conceitos propagados de forma prioritária e privilegiada pelos meios de comunicação”.

⁵ Em síntese, Habermas (1984) acredita que a esfera pública surge com a sociedade burguesa e não está restrita a um espaço público específico, mas à necessidade da população de debater por meio, por exemplo, das notícias publicadas na imprensa, a dominação política.

Na verdade, é bem possível que a vitória no campo simbólico seja condicionante à tão sonhada materialização da justiça social. Daí a importância do desenvolvimento de diversas práticas de comunicação que legitimam as demais ações dos sem-terra.

Essa dinâmica de emponderamento pode ser compreendida a partir da reflexão sobre poder simbólico. Por meio da produção de formas simbólicas, entendidas como construções significativas, a exemplo das falas do texto que devem ser interpretadas e compreendidas (THOMPSON, 1995), as organizações procuram legitimar seus discursos e, por consequência, suas ações. Instituições governamentais e privadas, em parceria ou não, se apropriam da força das formas simbólicas. “[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2007, p. 7-8).

Conforme Bourdieu (2007), os sistemas simbólicos devem ser considerados como instrumentos estruturantes e estruturados de conhecimento. Por conta dessas características, tornam-se meios de imposição ou de legitimação da dominação.

As diferentes classes e facções de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais (BOURDIEU, 2007, p. 11).

Bourdieu ressalta que essa disputa pode ser empreendida pelas próprias instituições, mas também há casos em que especialistas da produção simbólica são chamados para comandar as ações dessa guerra. No caso do MST, tais especialistas podem ser jornalistas simpatizantes do movimento, que o ajudam a se apropriar de técnicas de comunicação operadas pelas assessorias de imprensa de grandes organizações empresariais e de governos.

Táticas como essa sinalizam a tentativa de determinar instrumentos de conhecimento e de expressão arbitrários da realidade social, evitando que esse arbítrio seja percebido pela sociedade. Os sistemas

de classificação da realidade são operados como se fossem legítimas taxonomias filosóficas, religiosas, jurídicas, entre outras.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 2007, p. 14).

Esse é, provavelmente, um dos motivos pelo qual as mensagens veiculadas pela mídia hegemônica sejam tão criticadas pelo movimento, que identifica claramente os interesses políticos e econômicos que norteiam a linha editorial dos produtos jornalísticos da “grande imprensa”. Assim, a suposta isenção, apartidarismo, pluralidade e objetividade não são reconhecidos pelos militantes. Muitos, inclusive, já tendo vivenciado episódios em que a reconstrução de um dado acontecimento pela mídia de informação foi completamente tendenciosa e parcial.

Crítico contumaz desse jornalismo “apartidário”, qual a proposta do movimento para efetuar uma cobertura jornalística adequada? Qual jornalismo praticado pelo MST nessa disputa simbólica? Seria o mesmo da imprensa hegemônica, que é tão criticada? Embora com diferenciais marcantes, como o explícito posicionamento político que constitui a linha editorial de seus produtos, o movimento prefere não apostar em uma concepção purista de seu discurso jornalístico.

A partir do pressuposto de que o MST se apropria de diversas estratégias discursivas operadas pela mídia hegemônica, a questão que norteou a pesquisa foi entender como se dá essa apropriação na *Revista Sem Terra* para materializar e legitimar o discurso jornalístico produzido pelo movimento. O método mais adequado para responder tal indagação era a análise do discurso, que permite ao pesquisador compreender as intenções conscientes e até inconscientes dos enunciadores do discurso, além da utilização da técnica de entrevista com uma das principais lideranças do movimento (Miguel Stédile) e um dos editores da revista (Antônio Biondi).

Em um primeiro momento, também foi cogitada a possibilidade de acompanhar *in loco* o processo de produção da publicação. Mas, por falta de recursos para ir até São Paulo e em virtude da produção descentralizada do conteúdo jornalístico do periódico, esse projeto foi abortado. Contudo, por meio da entrevista com o editor, tivemos ideia de como a revista era publicada bimestralmente com uma equipe fixa composta apenas por dois editores, um editor de arte, um revisor e uma secretária de redação. Embora o periódico conte ainda com a colaboração de quatro colunistas, de veículos parceiros, além de outros redatores de texto, nessas circunstâncias, o estabelecimento de rotinas produtivas é tão ou mais importante do que na imprensa convencional. Por meio delas, haverá uma imprescindível otimização da produção jornalística e uma maior eficácia na apropriação das estratégias discursivas da mídia hegemônica.

Mas quais seriam essas estratégias e por quais motivos são acionadas? Os objetivos básicos são captar a atenção do público e legitimar o discurso enunciado. Para atingir tais fins, a mídia dramatiza os episódios relatados e tenta fazer crer que apresenta a própria realidade. As estratégias operadas vão desde o uso de elementos iconográficos até a apropriação do discurso das fontes. Sem nenhuma idealização da comunicação alternativa, o movimento não esconde as influências da mídia comercial. Nem há motivos para isso. Afinal, como disse Certeau (2002), os dominados, mas que nem por isso são dóceis ou passivos, apropriam-se das armas do inimigo para tentar vencê-lo. Usam as próprias práticas dos adversários para, simultaneamente, subvertê-las e atacá-los.

Embora sejam compostas com os vocabulários de línguas recebidas e continuem submetidas a sintaxes prescritas, elas desenhem as astúcias de interesses outros e de desejos que não são nem determinados nem captados pelos sistemas onde se desenvolvem (CERTEAU, 2002, p. 45).

Há quem acredite, por exemplo, que a mídia radical (DOWNING, 2002), necessariamente, não quer ou não pode possuir elementos da mídia comercial. Paradoxalmente, quando essas apropriações são as-

sumidas, a comunicação proposta por movimentos sociais, associações comunitárias, assentados, entre outros coletivos, costuma ser trabalhada de forma estratégica e atingir resultados mais significativos. O próprio MST se apropriou e ressignificou conceitos, estratégias, tornando a comunicação de um de seus elementos distintivos.

Nesse sentido, a *Revista Sem Terra*, ao longo de mais de doze anos de existência, foi fundamental para materializar e legitimar um discurso jornalístico informativo capaz de operar na construção social da realidade. Marcada pela hibridização de práticas jornalísticas alternativas e comerciais, como a publicação poderia ser classificada? A resposta dessa questão foi conseguida a partir do referencial teórico proposto por Vizer (2007), que classifica a infinidade de meios de comunicação usados na sociedade contemporânea em três categorias. Temos os meios de informação, os de organização e, ao citar Downing (2002), o autor ressalta a existência dos radicais.

Segundo Vizer (2007), os meios tradicionais são sinônimos dos de informação. Também classificados como hegemônicos por alguns autores, apesar de tentarem persuadir a audiência, principalmente veiculando conteúdos noticiosos, há uma tentativa de se mostrarem como meros mediadores entre a realidade e o público. Eles buscam evidenciar o caráter “objetivo” de suas mensagens e a incessante tentativa de apresentar a “verdade” dos fatos para a sociedade – atividade que nortearia e legitimaria o discurso desses meios.

Evidentemente, o meio se apresenta a si mesmo (se “auto-referência”) como um “não poder”, um serviço que controla um poder paradoxal que se nega, naturalizando-se e identificando-se com a realidade, com as situações e os fatos que referencia (VIZER, 2007, p. 32).

De acordo com Dias (2007), autora que trabalha com a classificação dos meios de comunicação proposta por Vizer, mídias de organização são as de entidades que integram os movimentos de resistência global, tais como Attac e Jubileu Sul. De uma forma mais genérica, são mídias de agentes políticos, conforme a autora.

Vizer (2007) acrescenta que esses meios, identificados por outros pesquisadores como contra-hegemônicos, são responsáveis pela construção simbólica, por meio do discurso verbal e da disponibilização de imagens dos sujeitos sociais que representam.

Essa construção é explicitamente auto-referencial: “nós mulheres”, “nós que habitamos esta terra”, “nossas crianças” etc. fundem-se a figura do representante com a do representado. A inter-referenciação com o público geralmente apela para o “despertar do interesse e da consciência”. Para remover a ignorância sobre a injustiça, a passividade e a construção de um compromisso ativo por parte de um público ainda passivo (VIZER, 2007, p. 33).

Nessas mídias, conforme Dias (2007), as questões são enfocadas a partir do campo político, enquanto os meios de informação selecionam os fatos noticiados com base em critérios próprios do campo midiático.

Embora não seja um fenômeno novo, conforme Downing (2002), neste século, as chamadas mídias radicais atingiram uma amplitude até então jamais vista. “Com o termo mídia radical, refiro-me à mídia – em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas” (DOWNING, 2002, p. 21).

Conforme o autor, esses meios de comunicação, que compreendem formatos variadíssimos e que não são necessariamente de oposição, apesar de seus defeitos, são fundamentais para a existência de uma comunicação democrática. Em alguns casos, de forma até surpreendente, pois normalmente contam com poucos recursos.

Todavia, na prática, as fronteiras estéticas entre essas diversas mídias são tênues em vários casos. Não existem distinções tão puras, e as interseções entre os diferentes meios de comunicação, aos olhares mais atentos, são perceptíveis. É bem verdade que Dias (2007) não percebe interfaces significativas entre as mídias de organização e as de informação, como os interesses políticos que norteiam a definição das pautas e a angulação das reportagens em ambas. Contudo, a autora

garante que as mídias radicais estão situadas numa zona híbrida, pois trabalham as mensagens baseadas nos critérios do campo midiático (mídia de informação) e político (mídia de organização).

O próprio Downing também percebeu essas interfaces. Em sua análise, constatou que boa parte da tecnologia usada pelos meios radicais sempre foi empregada pela mídia convencional. Já esta, por sua vez, assim como as mídias de organização, apoia causas e campanhas sociais. Porém, como atesta Vizer (2007), os meios convencionais dão apoio de uma forma dissimulada, ao contrário das mídias de organização que explicitamente defendem os interesses das causas que representam.

As mídias de organização também apresentam elementos híbridos. Afinal, assim como os meios tradicionais, fazem parte do campo midiático e pautam-se por critérios como atualidade e noticiabilidade. Do mesmo modo que os meios radicais, elas questionam o *status quo* e, diferente do que se possa imaginar, nem sempre defendem apenas as bandeiras específicas do movimento. A *Revista Sem Terra*, por exemplo, regularmente critica a cobertura da grande imprensa.

A *Revista Sem Terra* pode ser considerada uma mídia de organização, pois tem um maior número de características contidas no conceito desse meio. Ela objetiva divulgar e legitimar as ações do movimento. Para esse fim, criou uma seção denominada “Sem Terra”, mas as reportagens, fora desse espaço, também procuram construir simbolicamente o MST. A ideia é apresentá-lo como um movimento social forte, que tem, por isso, apoio de várias personalidades da sociedade e de diversas organizações da sociedade civil.

Vizer (2007) explica que, nos meios de organização, há uma construção autorreferencial. Nela a figura do representante funde-se com a do representado. Os discursos dos próprios militantes e integrantes de movimentos parceiros do MST nas reportagens evidenciam essas marcas na publicação estudada. Entretanto, por haver inúmeras interseções com as chamadas mídias de informação e com as mídias radicais, não podemos desconsiderar o caráter híbrido da *Revista Sem Terra*. Elementos dessa hibridização marcam o discurso das reportagens.

Obviamente, a publicação não foi estudada na íntegra. O *corpus* da pesquisa foi construído a partir de uma denúncia do próprio MST:

a criminalização dos movimentos sociais, que teria se intensificado em 2008, ano no qual dois promotores do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul concluíram que o MST é uma organização paramilitar, que ameaça a segurança nacional, além de outras acusações graves. Resolvemos, assim, analisar a revista ao longo daquele ano. Nesse período, circularam cinco edições, número que representava mais de 10% de todas as edições produzidas até então.

Foram estudadas reportagens da seção Política, inclusive a que apresentou a denúncia da criminalização. Contudo, o fato de a acusação ter sido noticiada nesse espaço não foi o principal motivo da escolha. A seção foi selecionada por normalmente publicar textos característicos do jornalismo informativo (MELO, 2003) e, por isso, viabilizar a análise do discurso informativo do periódico.

O discurso informativo foi selecionado por ser fundamental no embate simbólico travado pelo movimento para legitimar suas ações.

O discurso informativo não tem uma relação estreita somente com o imaginário do saber, mas igualmente com o imaginário do poder, quanto mais não seja, pela autoridade que o saber lhe confere. Informar é possuir um saber que o outro ignora (“saber”), ter a aptidão que permite transmiti-lo a esse outro (“poder dizer”), ser legitimado nessa atividade de transmissão (“poder de dizer”) (CHARAUDEAU, 2007, p. 63).

Ao partirmos do pressuposto de que o discurso jornalístico constrói a realidade social, o estudo dessa seção é essencial para compreendermos como a revista produz um discurso informativo que irá materializar as principais causas defendidas pelo MST.

Depois de apresentar o referencial teórico, explicar as questões principais que motivaram a realização da pesquisa, definir a metodologia e classificar a revista dentro do campo midiático, havia chegado o momento de analisar detalhadamente o material empírico. Gradativamente, as respostas das principais perguntas começaram a surgir. Assim como os demais integrantes da instância midiática (CHARAUDEAU, 2007), a *Revista Sem Terra* precisava de credibilidade. Essa é mais uma razão pela qual se apropriou das estratégias discursivas da mídia comercial.

Embora todo enunciado seja assumido por um sujeito (asser-tiva básica da teoria da enunciação), este pode demonstrar estrategicamente um suposto distanciamento ou até não concordar com aquilo que acaba de relatar.

Dizer que discurso é uma prática social implica que todo discurso é assumido por um sujeito, que aparece como responsável pelo ponto de vista, orientação ou perspectiva que o texto apresenta sobre o mundo representado, ao mesmo tempo que, polifonicamente, outros pontos de vista concorrentes são atribuídos aos possíveis receptores ou a terceiros, para serem reforçados ou refutados num processo de dialogismo (Mikhail Bakhtin), mesmo que seja uma situação de comunicação aparentemente monológica (PINTO, 2003).⁶

Ou seja, o enunciador, ao inscrever como verdadeira uma sentença qualquer, apresenta-se como responsável pelo enunciado, como fiador de sua veracidade. Porém, o sujeito pode modalizar seu grau de adesão a essa assertiva.

A modalidade de enunciação pode ser expressada por verbos de modalidade (diz, declara, faz, sabe, afirma, indica, anuncia, expõe), cujo semantismo é mais ou menos revelador da atitude da instância de enunciação com relação à fonte original do que é relatado por locuções (“segundo”, “de acordo com”, “na opinião de”, “se é certo”, “acredita”) ou emprego do condicional – procedimentos que indicam uma distância com relação ao valor de verdade da informação (CHARAUDEAU, 2007, p. 149).

Entretanto, não se exige de aprovar ou reprovar o enunciado que acaba de ser relatado. Com esse objetivo, o sujeito seleciona cuidadosamente os verbos que descrevem o modo de declaração. Afinal, ainda conforme Charaudeau (2007), o sentido do enunciado será modificado pelo uso de um “simples” verbo ou pelas várias marcas de distanciamento (conforme, de acordo etc.).

⁶ Disponível em: <http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/antiores/especial2003/conteudo_mmpinto.htm>. Acesso em: 30 set. 2010.

Essa é uma das estratégias discursivas apropriadas pela publicação do MST com o objetivo de persuadir a audiência a acreditar que as representações da realidade que divulga são as únicas verdadeiras. Neste aspecto, a revista se parece com a mídia de informação, embora não reivindique a prerrogativa de ser imparcial. O explícito posicionamento político do periódico fica claro na seleção das fontes.

A publicação tenta fugir do “oficialismo” e da suposta pluralidade de opinião dos entrevistados pela mídia de informação, embora justifique as pessoas escolhidas com estratégias semelhantes às da mídia tradicional. O especialista selecionado para ser entrevistado na edição de Ago/Set de 2008 não comunga com a concepção de que o MST é uma organização paramilitar. Ele, conforme é informado no abre da entrevista pingue-pongue, faz parte da equipe jurídica do movimento.

Entretanto, como o próprio negrito do texto destaca, Jacques Távora Alfonsin é convidado para “discutir esse assunto” por ser ex-procurador da República e professor de Direito da Unisinos, uma das mais conceituadas universidades do país. Pelo exposto, vê-se que a *Revista Sem Terra* vai se apropriar dos discursos das fontes alinhadas com a concepção de mundo do movimento. Abandona, assim, a concepção de apresentar uma multiplicidade de pontos de vista em suas páginas e opera com a perspectiva de pontos de vista distintos, que são apresentados por diferentes veículos de comunicação dentro do campo midiático.

Paradoxalmente, para parecer digna de confiança e captar a atenção da sociedade, a *Revista Sem Terra*, bem como a imprensa convencional, apropria-se de roteiros usados pela indústria cinematográfica. Essa estratégia visa a tornar o episódio relatado inteligível e mais fácil de ser acreditado pela audiência.

O roteiro reportagem caracteriza-se por: (i) o anúncio do desencadear de um conflito; (ii) a exibição das imagens posteriores ao conflito (pois raramente a câmera pode estar presente no momento do drama), imagens que se detêm no resultado dos estragos materiais e principalmente nas vítimas; (iii) ação de socorro (Cruz vermelha, ambulâncias, hospitais, médicos, bombeiros, associações humanitárias) (CHARAUDEAU, 2007, p. 244).

Essa estratégia, talvez de forma inconsciente, é usada na reportagem “Estado de exceção, regra de estado”, que denuncia uma campanha para a criminalização dos movimentos sociais. Publicada na edição Ago/Set de 2008, ela informa a existência de uma ação promovida por setores do Ministério Público do Rio Grande do Sul, governo daquele estado, Brigada Militar, mídia convencional e agronegócio para criminalizar os movimentos sociais, ou seja, um conflito, cujos vilões são esses atores sociais.

Em seguida, apresenta imagens desse conflito e das vítimas do embate. O passo seguinte é relatar a ação de socorro destinada a essas vítimas, que é compreendida como o apoio explícito de diversas personalidades contra a criminalização do MST e a própria ação dos militantes ao contra-atacar essa criminalização. Nesse sentido, até um manifesto foi criado para que a sociedade tivesse oportunidade de repudiar a criminalização dos movimentos sociais. Porém, na opinião de Antônio Biondi, o próprio MST é responsável pela credibilidade da revista. “Certamente, a credibilidade da revista tem seu principal lastro na credibilidade de que desfruta o MST e na honestidade com que os assuntos e os pontos-de-vista são apresentados na publicação”.⁷

Na tentativa de provar o cumprimento da lei da sinceridade, segundo Maingueneau (2001), uma lei universal, além das estratégias já apresentadas, a revista opera com procedimentos de designação, como a reprodução de documentos, que se tornam fiadores da veracidade desses enunciados.

Os meios discursivos utilizados para entrar nesse imaginário incluem o procedimento de designação, que diz: “o que é verdadeiro eu mostro a vocês”. Daí os documentos e objetos que são exibidos e que funcionam como provas concretas; daí a função predominante da imagem quando esta tem pretensão de mostrar diretamente ou não o mundo como ele é (CHARAUDEAU, 2007, p. 55).

⁷ Citação retirada de entrevista concedida por Antônio Biondi ao pesquisador, por e-mail, em 02 de agosto de 2010.

Na edição Ago/Set de 2008, cópias de documentos do Ministério Público do Rio Grande do Sul foram reproduzidas e publicadas em um boxe com o título “O plano do MP gaúcho para dissolver o MST”. As cópias, com trechos reveladores da intenção do Ministério Público de dissolver o movimento destacados, visam a garantir a prova da sinceridade dos enunciados publicados sobre a questão.

Figura 1 - Cópias de documentos do Ministério Público gaúcho

RST: Então existe uma luta de classes?

JA: Mais do que evidente. E no RS agora, uma luta de classes em que o governo do Estado tomou o partido dos ricos. Isso sem falar no fato de que a nossa governadora Yeda Crusius (PSDB), enquanto não abriu a Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam) a todo apetite das transnacionais de celulose — para transformar a Metade Sul, o Pampa Gaúcho, em eucalipto —, ela não descansou. O artigo 225 da Constituição Federal (CF) diz que o meio ambiente é de uso comum do povo, portanto onde um governo democraticamente eleito tem uma pretensão dessas, deveria pelo menos submetê-la não somente a essas audiências públicas, que estão sendo manipuladas pelas transnacionais, mas em plebiscito, um referendo para que toda a população participasse. Porque daqui a oito ou nove anos, quando forem cortados esses eucaliptos, nós não iremos saber o que será daquele solo. Talvez até o nosso Aquífero Guarani esteja sob risco, porque o eucalipto bebe muita água.

RST: Quais são as ilegalidades das ações do MP?

JA: A tutela inibitória — assim se chama porque inibe o MST de se movimentar e de agir, requerida pelos promotores — não contém um inciso sequer da lei que regula as ações civis públicas. É o puro temor generalizado. O que sustenta essas ações é o risco da convulsão social e cóceas do tipo, mas não tem um inciso da lei que seja citada nessas iniciais. Foi tudo feito na base do “chute”, para usar uma expressão mais comum. E eu não considero somente a ilegalidade, mas considero a inconstitucionalidade. Por exemplo, viola o direito à livre manifestação, viola o direito de ir e vir — cabe até *habeas corpus*

entrevista



se essa medida se manter — viola o artigo 225 da CF, o dever de eficiência da administração pública, pelo qual o Ministério Público é um dos responsáveis, porque a própria administração pública estava atendendo os acampamentos por meio das cestas básicas e das demais políticas de assistência social. Viola o princípio de não haver crimes sem lei prévia que os define e da individualização da pena. No que essa pena traz sendo individualizada? Em um grupo anônimo, não se sabe quem são, é um grupo que se puniu antecipadamente sem chance de defesa. Todas as liminares foram deferidas sem terem ouvido os réus, no caso os Sem Terra.

RST: Oito trabalhadores Sem Terra estão sendo indiciados pelo Ministério Público de Carazinho pela Lei de Segurança Nacional. É comum o Judiciário utilizar esse recurso criado durante a ditadura militar para perseguir opositores?

JA: É outro resquício da ditadura. Esse enquadramento também demonstra o quanto o nosso Estado tem pouco de democrático e de Direito. A Constituição Federal é precedida de um preâmbulo que diz que somos um Estado Democrático e de Direito. Esse tipo de Estado permite esse tipo de perseguição que está sendo feita pelo fato de a pessoa não ser punida pelo que faz,

O plano do MP gaúcho para dissolver o MST

Em 3 de dezembro de 2007, o Conselho Superior do Ministério Público do RS aprovou o relatório dos promotores Luciano de Faria Brasil e Fábio Roque Sbardelotto, que investigaram o MST durante um ano. O relatório usa textos do sociólogo Zander Navarro e do filósofo Denis Rosenfield, notórios opositores do Movimento, além de outro relatório da Brigada Militar. Por unanimidade, o Conselho decidiu iniciar uma série de medidas para a “dissolução do MST e declaração de sua ilegalidade”. Determinou a proibição de qualquer desacompanhamento de Sem Terra, como marchas ou caminhadas. Passou a investigar acampamentos e lideranças por “práticas criminosas”. Além disso, tomou iniciativas para intervir nas escolas de assentamentos, inclusive no “aspecto pedagógico”, e orientou-se para “desativar” todos os acampamentos.



TERRA

7

Nesse sentido, as fotos também desempenham um papel significativo. Por meio do processo de designação, segundo Charaudeau (2007), uma publicação assegura apresentar a realidade à audiência e ainda consegue mostrá-la em suas páginas.

Nas mídias, o meio mais eficaz de designação é a imagem que, no imaginário social, participa da ilusão de verismo, fazendo com que se tome aquilo que representa o objeto (o “representamen”) pelo próprio objeto; isso ocorre particularmente com a foto de imprensa ou com a imagem televisiva, principalmente quando esta se reveste dos atrativos da transmissão direta (CHARAUDEAU, 2007, p. 89).

Em reportagens como “Estado de exceção, regra de estado”, “A luta pela Água na capital do Amazonas”, “Mudar para manter”, as imagens são usadas para ajudar a comprovar a veracidade do discurso verbal. Embora representem apenas uma das infinitas angulações da cena retratada, são exibidas como se fossem a própria realidade e, obviamente, vão ao encontro da angulação proposta pela reportagem. Para isso, as legendas são fundamentais.

Já em 1967, Roland Barthes mostrava a autonomia desses dois sistemas significantes, pois cada um deles é portador de universos sociodiscursivos próprios, e também sua interdependência, pois estão numa relação recíproca de ancoragem/retransmissão, pelas quais se constrói a significação (CHARAUDEAU, 2007, p. 223).

As legendas, portanto, pretendem direcionar a leitura daquela imagem e, por consequência, reduzir a sua polissemia intrínseca. Dessa forma, elas aumentam a credibilidade de todo o discurso, pois oferecem uma prova irrefutável: a própria imagem do episódio referente daquele relato.

Figura 2 - Trabalhadores fazem cordão para resistir à invasão da Brigada Militar



Fonte: Ilustração da reportagem “Estado de exceção, regra de estado”. Revista Sem Terra de ago./set.2008.

Na foto acima, apesar de a cena mostrada sugerir um conflito iminente, os sem-terra não possuem nenhuma arma. De forma implícita, podem ser vistos como inocentes, pessoas do povo, que apenas resistem, unidos, de braços dados, à investida policial. Os militares, sim, parecem preparados para uma guerra: com arma em punho, escudos, capacetes, avançam em direção aos indefesos trabalhadores.

Há uma clara inversão da imagem dos sem-terra normalmente exibida pela grande imprensa. Em casos semelhantes, os militantes são “flagrados” com foices, facões, enxadas, picaretas, pedaços de paus e pedras, enfim, armas artesanais em punho. Eles é que parecem prontos para o ataque. Nesse caso, a polícia apenas buscaria se defender e manter “a ordem” frente à insanidade dos “baderneiros”.

Porém, a verdade, segundo a *Revista Sem Terra*, é bem diferente das versões apresentadas pela mídia hegemônica. Com as mesmas estratégias discursivas da mídia, a publicação editada pelo MST reconstrói o episódio de modo que a ação dos trabalhadores rurais é legitimada. Já a polícia é acusada de atacar os trabalhadores. Pelo menos, é isso o que se pode compreender com o auxílio da legenda: “Trabalhadores fazem cordão para resistir à invasão da Brigada Militar”.

A publicação não se apropria “apenas” das estratégias discursivas do campo midiático, até as palavras são semelhantes, mas com uma intenção obviamente contrária àquela normalmente vislumbrada pela grande imprensa. Na *Revista Sem Terra*, a polícia é a responsável pela “invasão”. Enquanto isso, os sem-terra tentam se defender ao construir um “cordão” humano para resistir ao ataque policial.

Essa postura de passividade frente à força bruta dos policiais é reforçada pelo fato de a fotografia escolhida para “ilustrar” a questão ser uma imagem-sintoma.

Uma imagem já vista. Uma imagem que remete a outras imagens, seja por analogia formal (uma imagem de torre que desaba remete a outras imagens de torre que desabam), seja por intermédio de um discurso verbal (uma imagem de catástrofe aérea remete a todos os relatos ouvidos sobre as catástrofes aéreas) (CHARAUDEAU, 2007, p. 246).

É provável que o leitor relembra, ao ver o cordão de isolamento feito pelos sem-terra, casos semelhantes em que os trabalhadores foram agredidos por policiais. É como se cenas de um filme já conhecido fossem acionadas involuntariamente, ao mesmo tempo em que uma espécie de voz em *off* narrasse as agressões sofridas pelos agricultores.

Esse exemplo unifica as duas batalhas enfrentadas pelo MST: a luta pela terra, claramente utilitarista, e o embate simbólico, materializado na elaboração de reportagens que legitimem as ações do movimento. Afinal, ele acredita que a conquista do apoio da sociedade e o fortalecimento da sua imagem dependem da eficácia atingida no campo midiático, espaço em que as desigualdades e injustiças sociais são naturalizadas ou desmascaradas por meio da produção de formas simbólicas.

Detentor de credibilidade, um capital simbólico de extrema relevância nesse contexto, o discurso jornalístico foi apropriado pelo MST. Contudo, a *Revista Sem Terra*, objeto desta pesquisa, não rompeu com todos os elementos da chamada grande imprensa. Apesar das constantes críticas às reportagens da “mídia capitalista”, até as seções que compõem a publicação alternativa são semelhantes àquelas usadas em periódicos como *Veja*.

Só para se ter uma ideia, vejamos algumas seções: editorial, entrevista, política, internacional, cultura, resenha, humor (apresentação de uma charge, que ocupa uma página inteira), balaio (duas páginas compostas por pequenas notas, cujas temáticas, na maioria dos casos, envolve o MST), companheiras e companheiros (página destinada para a publicação de mensagens enviadas pelos leitores). A estrutura é semelhante à das principais revistas de informação semanal em circulação no Brasil.

Longe de se deixar influenciar por purismos, a *Revista Sem Terra* assumiu também a necessidade de se apropriar das estratégias discursivas do campo midiático para garantir o valor de verdade de seus enunciados e, por consequência, legitimar seu discurso. Essa escolha não a impede de elaborar um discurso que vai de encontro às versões divulgadas pela grande imprensa sobre o MST, por exemplo. Com as mesmas estratégias discursivas da mídia de informação, a publicação reconstrói o episódio de modo a legitimar a ação dos trabalhadores rurais.

A percepção e o exemplo de que as estratégias discursivas da mídia hegemônica podem e devem ser apropriadas e ressignificadas é uma das principais contribuições da revista para a comunicação desenvolvida no âmbito dos movimentos sociais. O periódico evidencia que a crítica é feita ao conteúdo da mídia hegemônica e não necessariamente ao modo de construção do discurso. Este processo produtivo pode ser replicado e legitimar mensagens de enfrentamento ao *status quo*.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. v. 1.

CHARAUDEAU, Patrick. *O discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.

DIAS, Renata de Souza. Tematização e circulação de enunciados em mídias radicais, de organização e informativas pelos movimentos de resistência global. In: FERREIRA, Jairo; VIZER, Eduardo. (Org.). *Mídia e movimentos sociais: linguagens e coletivos em ação*. São Paulo: Paulus, 2007.

DOWNING, John, D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Senac, 2002.

HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MAMOU, Yves. *A culpa é da imprensa: ensaio sobre a fabricação da informação*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1996.

MELO, José Marques. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

PINTO, Milton José. Discurso e violência. *Semiosfera: Revista de Comunicação e Cultura*, Rio de Janeiro, v. 3, 2003. Número especial.

REVISTA SEM TERRA. n. 46. ago./set. 2008.

SANT'ANNA, Francisco. Mídia das fontes: O difusor do jornalismo corporativo. In: LOPES, Boanerges (Org.). *Gestão em comunicação empresarial*. Juiz de Fora: Produtora Múltiplos, 2007.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VARGAS, Isabela Junqueira. *Ocupando manchetes: como o MST agenda a mídia*. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

VIZER, Eduardo A. Movimentos sociais: novas tecnologias para novas militâncias. In: FERREIRA, Jairo; VIZER, Eduardo. (Org.). *Mídia e movimentos sociais: linguagens e coletivos em ação*. São Paulo: Paulus, 2007.

PALCO DE CONSENSOS OU TEATRO DAS CONTESTAÇÕES?

Uma reflexão sobre o MST na atual cena política brasileira

Camila Chaves Ferreira¹

Introdução

O presente artigo consiste em uma reflexão sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na atual cena política brasileira. Surgido em 1984, lançando mão da ocupação de terras como uma forma eficiente e legítima para pressionar o Estado a desapropriar terras e realizar sua distribuição, o movimento é atualmente considerado o responsável pela garantia de terras a mais de 350 mil famílias.

O MST ocupou desde 2005 um importante papel, sobretudo pela inquietação que causava sua forma de atuação, ocupando terras e pré-

¹ Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Relações Públicas, pela UFMA. E-mail: camila.chaves@yahoo.com.br

dios públicos, e pelo modo como eram formados os jovens e crianças sem-terrinha. O movimento conta com um modelo de educação popular capaz de romper com um padrão de educar que evita a reflexão crítica e freia a inquietação.

Ao longo de quase trinta anos, esse movimento acumula uma série de ações que ficaram no imaginário social como marcadas pela ausência de racionalidade. Tal forma de agir divide opiniões, mesmo no interior da esquerda brasileira, e gera um debate sobre a necessidade de repensar métodos. Tanto associada a essa questão como na perspectiva de um agir com vistas ao estabelecimento de alianças com outros sujeitos sociais, mudam-se os modos de comunicar, e tem-se também no diálogo uma tática.

Entretanto, de movimento marcado pela efetivação de atos radicalizados – como a ocupação da fazenda do grupo Cutrale, em outubro de 2009, culminando no episódio que levou à “destruição” de sete mil pés de laranja –, ao movimento que rompe, afasta ou mesmo expulsa dezenas de militantes – conforme expresso em carta publicada em novembro de 2011, relatando o estabelecimento de alianças que têm representado um retrocesso do ponto de vista de reivindicações históricas –, questiona-se se tal organização tem perdido o lugar do teatro das contestações para ser palco de grandes consensos.

Ruído de revolta ou palavra que expõe dano?

Para além do que dizem os grupos hegemônicos por meio de suas mídias e outros dispositivos de produção de subjetividades, pode-se afirmar que há atualmente, no seio da esquerda brasileira, uma divisão de opiniões sobre os modos de atuar de atores sociais e coletivos como o MST. Das grandes marchas ao centro de poder do país às ocupações mais radicalizadas a prédios públicos e terras improdutivas, há uma dúvida cotidianamente gerada e, por vezes, reforçada: o quanto há de razão política em tais ações?

Jacques Rancière (1996) traz, de seu passeio entre gregos e romanos para situar o começo da política, elementos para questionar seu fundamento. O autor cita Aristóteles, para quem estaria fundamentada na *palavra* a ideia da natureza política do homem, por ser ele o único

animal em posse do *logos*: para além de *indicar*, como faz a voz, a palavra *manifesta*. Estabelecida essa tentativa de divisão entre as funções comuns atribuídas à palavra, o autor retoma a crítica feita por Platão ao falar do “gordo animal” popular.

Para Rancière (1996, p. 35) “a metáfora do gordo animal não é uma simples metáfora. Ela serve rigorosamente para prostrar na animalidade esses seres falantes sem qualidade que introduzem a perturbação no *logos* e em sua realização política”. A partir dessa metáfora, o autor proporá que o fundamento da política não mais seja pensado a partir da simples oposição entre os animais lógicos e os animais fônicos, mas justamente na aposta do jogo das discordâncias, dos litígios. Nesse sentido, completa:

Há política porque o *logos* nunca é apenas a palavra, porque ele é sempre indissolúvelmente a contagem que é feita dessa palavra: a contagem pela qual uma emissão sonora é ouvida como palavra, apta a enunciar o justo, enquanto uma outra é apenas percebida como barulho que designa prazer ou dor, consentimento ou revolta (RANCIÈRE, 1996, p. 36).

Feita de *erros de cálculos* e “obra de classes que não são classes”, a política, para Rancière (1996, p. 51), manifesta-se sob a figura do dano, que, por sua vez, “institui um universal singular, um universal polêmico, vinculando a apresentação da igualdade, como parte dos sem-parte, ao conflito das partes sociais”. Logo, a política não seria nenhuma coisa em si, mas algo que poderia vir a sê-lo a depender de sua capacidade de pôr em relação ou, mais que isso, de reconfigurar as relações que determinam o lugar – seja ele de trabalho, de moradia, de vivência – e sua relação com a comunidade.

No debate sobre a razão do desentendimento, Rancière (1996, p. 61) afirma que a racionalidade política “só é pensável de maneira precisa se for isolada da alternativa em que um certo racionalismo quer enclausurá-la: *ou* a troca entre parceiros que colocam em discussão seus interesses ou normas, *ou* a violência do irracional”. Neste marco, podemos pensar algumas ações de movimentos como o MST – a exemplo da ocupação de uma das fazendas da Cutrale e do episódio dos pés de

laranja, marcado na memória de milhões de brasileiros como uma ação pertencente ao campo de uma violência do irracional – enquanto ruído de revolta, nunca palavra expositora de um dano.

No grande fosso existente entre *MST destrói 7.000 pés de laranja da Cutrale*² e *Esclarecimentos sobre os últimos episódios veiculados pela mídia*,³ a ocupação do MST a uma das fazendas do grupo exportador de sucos de laranja, em outubro de 2009, gerou, como já dito, mesmo no seio daqueles que defendem a reforma agrária e reconhecem a necessidade de transformação da sociedade, uma divisão de opiniões sobre o caráter e a legitimidade de ações mais radicalizadas e até uma saída em defesa de intervenções que se deem de modo mais “moderado” ou de uma resistência que se estabeleça “pacificamente”.

No Brasil, de acordo com o Atlas Fundiário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), 56,7% das terras agriculturáveis têm mais de mil hectares e estão nas mãos dos trezentos maiores proprietários rurais. Em contrapartida, 4,8 milhões de famílias não têm terra para plantio ou moradia. Além disso, especula-se que 62,4% das terras do país sejam improdutivas, paradas em decorrência da forte especulação imobiliária. É nesse sentido que falar da terra é mais que falar da democratização do acesso e das condições de produção. É falar da concentração de renda, da possibilidade de erradicação da pobreza e, principalmente, do jogo de interesses que orientam essas disputas.

As lutas pela terra são também as disputas pelos modos de pensar e de agir sobre ela. Uma vez que se compreenda a terra como espaço, podemos, como propõe Milton Santos (2010), pensá-la como o resultado do casamento entre sistemas de objetos e sistemas de ações, os quais, indissociáveis, outorgam uma racionalidade baseada em elementos da ciência, da tecnologia e da informação, determinantes, por sua vez, da nova relação entre as regiões. Sobre tal fenômeno, o autor afirma:

² Título que faz referência às muitas notícias veiculadas na imprensa escrita, televisiva e eletrônica sob influência de grandes grupos hegemônicos, como aquela publicada no Estadão, em 7 de outubro de 2009. Disponível em: <<http://migre.me/71tP>>. Acesso em: 15 maio 2012.

³ Título do informativo divulgado pelo MST em 9 de outubro de 2009, v. 7, n. 174.

Esse meio técnico-científico que inclui saber é o suporte da produção do saber-novo, faz com que os outros espaços se tornem apenas os espaços do fazer. Os espaços comandados pelo meio técnico-científico são os espaços do mandar, os outros são os espaços do obedecer (SANTOS, 1994, p. 106).

Na década de 80, surgem as primeiras ocupações de terras como forma de pressão, e, em 1988, os movimentos reivindicadores dessa pauta têm uma importante conquista com a aprovação da Constituição Federal. A partir desse documento, o Estado estaria obrigado a garantir a desapropriação de terras em que não se estivesse cumprindo sua função social, sendo esta relacionada ao uso e aproveitamento dos recursos naturais, à preservação do meio ambiente e às relações de trabalho. A Constituição serviu ainda como base para a criação da Lei de Reforma Agrária, que regulamentou os princípios relativos à reforma presentes na Constituição.

Sabe-se, porém, que, ainda que alguns desses marcos legislativos tenham sido fruto das tantas lutas encampadas pelos movimentos populares, forças econômicas e políticas têm se oposto à efetivação da reforma agrária no Brasil por vias do Estado. Referindo-se ao caso das fazendas do grupo Cutrale, o movimento alega que as ocupações se justificam pelo fato de serem terras públicas oriundas de processos de grilagem, portanto, apropriadas indevidamente por grandes empresas, ao passo que o Estado alega a falta de terras para assentamento de trabalhadores rurais sem terra.

Mesmo entre os mais ferrenhos apoiadores do movimento, houve aqueles que questionaram o episódio dos sete mil pés de laranja. Falávamos da técnica e sobre como ela diz respeito à política e aos modos como o espaço é organizado. Algo que nem as notícias veiculadas pelos grandes meios, nem a carta divulgada pelo movimento associam de modo direto é a relação existente entre a “destruição” da plantação de laranjas por militantes do MST e um modo político de posicionar-se, por exemplo, contrariamente à monocultura e em defesa de uma agricultura para produção de alimentos diversos e saudáveis.

Quando, em alguns assentamentos distribuídos no Brasil, as famílias assentadas priorizam o cultivo de subsistência em lugar de monoculturas, bem como ao escolherem a Agroecologia como técnica, o

que se expressa é uma postura política que demonstra tanto a subversão de uma ideia de tempo socialmente construída – uma vez que se respeita o andamento próprio da natureza para estabelecer-se de forma saudável –, como a concepção da importância do equilíbrio entre homem e natureza. Portanto, um modo de pensar avesso à racionalidade dominante, mas, nem por isso, irracionalidade.

É nesse sentido que Santos (1994) afirma ainda que tal racionalidade outorgada pelos sistemas de objetos e ações supõe contrarracionalidades, localizadas, de um ponto de vista geográfico, nas áreas menos modernas, e, de um ponto de vista social, nas minorias, possuindo como característica a não subordinação às racionalidades hegemônicas

As minorias se definem pela sua incapacidade de subordinação completa às racionalidades hegemônicas. As minorias étnicas, sexuais (de gênero) e outras têm mais dificuldades para aceitar e atender às exigências da racionalidade, na mesma medida em que os pobres dela também são mais defendidos, porque mais infensos às armadilhas do consumo. Esses são também os instrumentos da realização da contra-racionalidade (SANTOS, 1994, p. 107-108).

Esse debate sobre racionalidades e contrarracionalidades permite analisar as ocupações organizadas por movimentos como o MST e a imagem socialmente construída sobre essa tática e aqueles que a executam. São constantes as tentativas de provar que as ações desses movimentos são desprovidas de racionalidade. Assim, para muitos, o que é ação pela garantia de direitos, palavra que expõe justiça, tem na violência, na destruição e na revolta, a sua representação.

Diálogos de resistência ou de criação?

Uma das críticas feitas à esquerda brasileira e, sobretudo, aos movimentos sociais, refere-se a uma suposta falta da capacidade de dialogar. Desse modo, fala-se de ações ou de “excessos” que poderiam ter sido evitados e, principalmente, do sentimento de repulsa causado por tais ações e excessos. Somos levados, então, ao entendimento de que as

ações mais radicalizadas de movimentos como o MST não costumam dialogar com o conjunto da sociedade e que, por tais motivos, algumas delas deveriam ser repensadas ou mesmo extintas.

Associando essa reflexão às análises de Rancière, podemos afirmar que as condições para que o diálogo possa acontecer são produções de sentido, assim como o são as subjetividades e os exercícios de ouvir e perceber. No debate sobre *política* e *polícia* proposto pelo autor – ao qual nos ateremos adiante –,⁴ fala-se sobre uma definição dos modos de fazer, ser e dizer, logo, uma ordem que é determinante de quem diz, de onde diz e do que diz e, mais que isso, determinante de que o que se diz *manifesta* ou simplesmente *indica*.

A polícia é assim, antes de mais nada, uma ordem dos corpos que define as divisões entre os modos do fazer, os modos de ser e os modos do dizer, que faz que tais corpos sejam designados por seu nome para tal lugar e tal tarefa; é uma ordem do visível e do dizível que faz com que essa atividade seja visível e outra não o seja, que essa palavra seja entendida como discurso e outra como ruído (RANCIÈRE, 1996, p. 42).

É partir dessa possibilidade ou não de ser visível que se pode pensar também a disputa pela terra como uma luta pelo entendimento, luta pela ampliação dos espaços dos possíveis, uma vez que tais possíveis são também determinados. Por isso, tal como afirma Rancière (1996, p. 67) sobre o litígio do entendimento, “é preciso produzir ao mesmo tempo a argumentação e a cena em que ela deve ser entendida, o objeto da discussão e o mundo em que figura como objeto”. Logo, é nesse processo que a disputa pelo outro se evidencia também nos modos como são organizadas as práticas discursivas.

Araújo (2000, p. 80) explica que, no princípio, a comunicação desenvolvida pelo MST atendia basicamente às funções de mobili-

⁴ Traremos esse debate mais especificamente no próximo ponto, mas cabe adiantar que, para Rancière, o conceito de polícia não está associado à ideia de aparelho de Estado ou poder de repressão, mas é convocado em um sentido mais amplo, “neutro” e, sobretudo, não pejorativo.

zação, por meio da elaboração de cartazes, panfletos e folhetos, e de fonte alternativa de informação à grande imprensa, com o *Jornal dos Sem-Terra*. Após o repensar de suas atividades comunicativas, as novas funções passaram a ser o apoio ao processo de organização e capacitação de assentadas e assentados e a divulgação do movimento a outros segmentos da sociedade com vistas à construção de alianças.

Sobre os processos de construção de alianças, outro elemento importante é o estabelecimento de pautas comuns de reivindicação entre o MST e outros movimentos. Ao incorporar às suas linhas políticas e de atuação os debates sobre temáticas que aparentemente não teriam relação direta com a reforma agrária, o movimento tanto reconhece que há a necessidade de avançar em tais questões para que a tão almejada reforma agrária seja, enfim, conquistada, como percebe como aliados aqueles que têm tais pautas mais específicas como prioridade.

Nesse sentido, o MST segue em articulação com outros movimentos e comunidades e é tido por muitos como um importante parceiro. Assim, refletir sobre de que modo se estabelecem as relações entre esse movimento e outros sujeitos sociais possibilita pensar também sobre como o diálogo vem sendo utilizado enquanto tática e em que medida lhe possibilita aberturas para processos que, tal como propõe Antonio Negri (2003), mais que resistência, figuram-se como potência, capacidade de criação.

Bakhtin (1997, p. 256-257) afirma que “em toda parte um determinado conjunto de ideias, pensamentos e palavras passa por várias vozes imiscíveis, soando em cada uma de modo diferente”. Mais adiante, o autor conclui: “Ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina”. Ao analisar as obras do escritor russo Dostoievski, Bakhtin reforça a importância do diálogo e da interação entre os indivíduos para que o novo se faça, as descobertas aconteçam.

Segundo Amorim (2001, p. 107), estudiosa das contribuições do autor às Ciências Humanas, a polifonia ou o dialogismo “é um conceito bakhtiniano que permite examinar a questão da alteridade enquanto presença de um outro discurso no interior do discurso”. Se se entende que um discurso é repleto de outros discursos, e consideram-se os fóruns, as redes e as mobilizações sociais como espaços e formas discursivas

tecidas por várias vozes, tem-se que uma característica dessas formas de organização é o dialogismo.

A autora define a arte dialógica como aquela capaz de confrontar, dar voz e presença ao que se tenta esconder: na maioria das vezes, o outro e as vozes por ele produzidas. Para ela, o que permite a expressão da alteridade é o “descontínuo, o intervalo, a exotopia e a disseminação” (AMORIM, 2001, p. 107). Nessa relação de não proximidade, o outro é posto como enigma, e o encontro com ele pode horrorizar, embriagar ou levar à transposição de limites, como as representações feitas pelas figuras mitológicas de Górgona, Dionísio e Ártemis.⁵

Pode-se dizer, portanto, que, ao organizarem uma pauta comum de reivindicações, o que fazem os movimentos sociais de diferentes setores não é esquecer suas especificidades, suas questões mais imediatas, mas reconhecer a importância do outro na difícil tarefa de transformar as relações sociais e, conseqüentemente, a sociedade. Nesse cenário, o diálogo figura como ferramenta de integração do outro, mostrando-lhe que as diferenças e as especificidades da organização que ela ou ele compõe têm papel importante em uma atuação articulada em rede.

Entretanto, baseada em autores como Rancière, Gohn (2010, p. 30) aponta que, em sua heterogeneidade, a sociedade civil tem perdido o sentido e o campo da crítica, seu caráter de reivindicação. Desse modo, a autora organiza elementos que possibilitam a reflexão tanto sobre a importância das redes nos processos de lutas por transformações, como dos limites dessa forma de organização, ponto de partida para se pensar, em paralelo à questão do diálogo, sobre esses limites em se tratando dos espaços de diferenças, de contestação.

⁵ Amorim recorre à Vernant para explicar que, em Górgona, a deusa com cabelos de serpente capaz de petrificar aqueles que cruzassem seu olhar, está a representação do horror, do caos, do indizível e do impensável diante daquilo que é absolutamente outro, é a alteridade radical; em Dionísio, deus do vinho e, entre os deuses, o único filho de um mortal, está o duplo caráter do que é, ao mesmo tempo, outro e familiar, a possibilidade de tornar-se o outro diferente do que se é naturalmente, é a alteridade próxima; e em Ártemis, deusa das fronteiras entre o longínquo e o próximo, está a capacidade de integrar o que é outro, tornando-o parte do mesmo.

O exercício da cidadania assim concretizado, nessa nova prática de associação dos movimentos entre si e por meio das redes de mobilização social e outras estratégias políticas e midiáticas, apontaria para um novo e rico processo de criação e de organização dos novos movimentos sociais. Constitui-se, assim, um momento ímpar da luta política coletiva, marcada pela solidariedade orgânica e pela incorporação permanente de novas reivindicações sintonizadas com perspectivas mais abrangentes.

Palco de consensos ou teatro das contestações?

Para definir *política* e *polícia*, Rancière (1996, p. 40) afirma que o princípio de estar-junto é simples: “dá a cada um a parcela que lhe cabe segundo a evidência do que ele é. As maneiras de ser, as maneiras de fazer e as maneiras de dizer – ou de não dizer – aí remetem exatamente umas às outras”. É pensando nesse não dizer que questionamos, neste tópico, qual o lugar dado à contestação pelo MST que passou das ações mais radicalizadas – como as ocupações de terra que, desde 1984, já possibilitaram o acesso à terra a mais de 350 mil famílias – à postura mais “moderada”, de negociações.

Rancière (1996, p. 41) propõe chamar de *polícia* a ideia que comumente se atribui à *política*. O autor, como já dito anteriormente, propõe pensar a polícia em seu sentido “neutro”, não referente a aparelho do Estado ou forças repressivas, mas como sendo o “conjunto dos processos pelos quais se operam a agregação e o consentimento das coletividades, a organização dos poderes, a distribuição dos lugares e funções e os sistemas de legitimação dessa distribuição” (RANCIÈRE, 1996, p. 41). Já o nome *política*, o autor reserva para designar a seguinte atividade:

A atividade política é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que só era ouvido como barulho (RANCIÈRE, 1996, p. 46).

A política seria, então, deslocamento, relação e não relação, multiplicação dos mundos sensíveis, o fazer ver justo aquilo que costumei-

ramente não se deixa ver. Para o autor, esse fazer ver só pode se dar por meio do conflito. Fala-se sobre a possibilidade de construção de um mundo comum em se tratando dos movimentos sociais, um mundo que, diga-se de passagem, não existe. Assim, a escolha daqueles que participarão ou não do diálogo compromete o próprio fazer político. Entram em jogo, então, os consensos.

Antes de ser a preferência dada à paz sobre a guerra, o consenso é um certo regime do sensível. É o regime em que as partes já estão pressupostamente dadas, sua comunidade constituída e o cálculo de sua palavra idêntica à sua performance lingüística. O que o consenso pressupõe portanto é o desaparecimento de toda distância entre a parte de um litígio e a parte da sociedade. [...] É, em suma, o desaparecimento da política (RANCIÈRE, 1996, p. 105).

Ao afirmar que “a presença de outros que vêem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos”, Hannah Arendt (2009, p. 60), em *A condição humana*, traz à tona reflexões sobre uma ideia de esfera pública tida como um espaço comum que possibilita aos sujeitos serem vistos e ouvidos, do mesmo modo que verem e ouvirem. Assim, a autora abriu espaço para se pensar a possibilidade da existência de conflitos no interior da esfera pública.

De palco de contestações, alguns movimentos sociais vêm sendo questionados no seio da esquerda por uma certa imobilidade, ausência de críticas e perda de independência diante dos governantes, especialmente após a primeira eleição do ex-sindicalista Luís Inácio Lula da Silva, pelo Partido dos Trabalhadores (PT), em 2002. Na década de 80, o PT cumpriu um importante papel na mobilização da sociedade, o que o tornou referência na esquerda internacional, sobretudo na América Latina. Foi o PT que inaugurou, em seu modo de fazer política, o debate sobre a importância da realização de campanhas de independência de base e sobre a necessidade de organização de uma estrutura sindical livre do Estado.

De acordo com Garcia (2011), a chegada do PT a diversas prefeituras em 1988, a derrota de Lula nas eleições de 1989 por uma reduzida diferença de votos e a ocupação de cargos por seus dirigentes

durante a década de 1990 – não apenas cargos em instituições políticas estatais, mas também em órgãos de gestão direta do capital financeiro – foram acelerando a burocratização do partido e a mudança de sua base e composição social. Refém da lógica do mercado eleitoral, muda-se a política de alianças, e entram em jogo as campanhas milionárias, com apoio de empreiteiras e bancos privados.

Ainda para o autor, no governo, o PT deixou de ser apoio de atores que cumpriram papéis importantes na política brasileira – como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), a União Nacional dos Estudantes (UNE) e mesmo o MST – e foi responsável por um forte processo de cooptação, levando muitas dessas entidades à imobilidade. Garcia (2011)⁶ afirma: “A CUT está mais preocupada com a política econômica do que com a reivindicação dos trabalhadores. O MST, não. O MST, ele tem uma divisão”. E segue:⁷

O problema do MST é que sua direção ainda analisa o PT como se ele fosse um partido em disputa, como se pudesse, a partir de pressões, trazê-lo para esquerda para um compromisso com a classe trabalhadora, e, lamentavelmente, penso que hoje isso não existe mais. Se existe alguma divisão hoje dentro do PT é entre a burguesia financeira, a burguesia industrial, o agronegócio. Não existe mais esse negócio. É uma ilusão que é alimentada por alguns setores do MST e que acaba tendo uma repercussão, uma influência na política. Hoje, lamentavelmente, a política pela reforma agrária em nosso país teve um retrocesso muito grande. Hoje o MST se contenta em lutar por verbas para seus assentamentos que já existem e, em muitas das vezes, em uma perspectiva de capitulação, o agronegócio trabalhando em seus assentamentos. E assim o MST acaba traindo a sua própria história e abrindo mão da sua luta que fez com que, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso – o maior enfrentamento feito a esse governo foi pelo MST –, época em que o movimento conseguiu expropriar uma área do tamanho de Portugal aqui em nosso país. Então, essa his-

⁶ Entrevista à pesquisadora concedida em 4 de novembro de 2011, durante lançamento do livro de sua autoria na cidade de Fortaleza-CE.

⁷ Idem.

tória, lamentavelmente, não existe mais. Fruto desse equívoco de considerar que o governo do PT e que o próprio partido ainda esteja em disputa, mas que, lamentavelmente, isso não existe mais.

De volta à Rancière (1996), é nesse sentido que, para além das tentativas de dialogar com o conjunto da sociedade ou com outros sujeitos contestadores da ordem vigente, cabe pensar: com quem dialoga o MST? A que o movimento tem se submetido para estar em diálogo? E, principalmente, qual o lugar da contestação dentro dessa perspectiva? Segundo afirma o autor,

Que os governos sejam os simples agentes de negócios do capital internacional, essa tese outrora escandalosa de Marx é hoje a evidência quanto à qual “liberais” e “socialistas” concordam. A identificação absoluta da política com a administração do capital não é mais o segredo vergonhoso que as “formas” da democracia viriam a mascarar, é a verdade declarada com a qual nossos governos se legitimam (RANCIÈRE, 1996, p. 114-115).

No final de novembro de 2011, 51 militantes de diversos movimentos, entre os quais, o MST, divulgaram um extenso documento intitulado *Carta de saída das nossas organizações (MST, MTD, Consulta Popular e Via Campesina) e do projeto estratégico defendido por elas*⁸, situando dois momentos políticos decisivos para o processo de produção deles como sujeitos e organizações sociais: os impactos decorrentes da queda do muro de Berlim e a reestruturação produtiva do capital. Desse processo, surgem também, conforme a carta, as contradições decorrentes dos últimos governos, quando as lutas políticas encampadas por aqueles sujeitos passaram a configurar-se como ameaças às alianças políticas realizadas.

Após o debate desses elementos, entre outros, o documento encerra afirmando que muitos dos 51 militantes que o assinaram já se afastaram ou mesmo foram expulsos das organizações de que faziam

⁸ A carta foi publicada em alguns sites, como o da CSP Conlutas – Central Sindical e Popular, em 23 de novembro de 2011. Link reduzido: <http://migre.me/71Php>

parte sem terem podido expor seus motivos. É nesse sentido que questionamos qual tem sido o lugar das contestações em movimentos como o MST, que se organizam sob uma importante e legítima pauta de reivindicações, mas que não têm, conforme o exposto, atribuído lugar ao confronto e à diferença, impedindo, assim, conforme o pensamento de Rancière, que a própria atividade política seja capaz de deslocar e fazer ver o que não podia ser visto.

Considerações finais

Ao longo de suas quase três décadas, percebemos que o MST acumulou importantes enfrentamentos e, conseqüentemente, importantes vitórias, tendo sido o responsável pela garantia de terra, moradia, trabalho, educação e participação de uma grande parcela da população brasileira. É neste sentido que suas ações, mesmo as mais radicalizadas, para além das constantes tentativas dos grupos hegemônicos em criminalizar o movimento, necessitam ser pensadas em termos de relações, do quanto de sentido político elas carregam consigo, no sentido de provocar o deslocamento e, sobretudo, de fazer ver aquilo que até então não se deixava que fosse visto.

É dessa forma que a luta pela terra precisa ser vista como uma luta pela ampliação das possibilidades, uma vez que os “possíveis” estão determinados pelo Estado. Daí a necessidade de reivindicar, no seio do movimento, um dialogismo que esteja em favor dos “sem-parcela”, daqueles que se fazem povo e se tornam unos, em suas singularidades e multiplicidades, no interior do movimento.

Por isso, a necessidade, sobretudo, de se reivindicar o retorno desse movimento às ações, que, mais que resistência, sejam potências criadoras de novas relações e que não venham a colocar, em nome de alianças feitas a qualquer custo, o próprio fazer político em vias de ameaça pela sobreposição de tantos consensos. Tal atitude possibilita ainda a abertura de novos caminhos para o exercício da cidadania em moldes mais abrangentes e integradores, apontando novas formas de pensar e viver as práticas políticas.

Bibliografia

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa, 2001.

ARAÚJO, Inesita. Comunicação rural: o que se faz, o que se pensa. In: ARAÚJO, Inesita. *A reconversão do olhar*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2000.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Diálogo em Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

GARCIA, Cyro. *PT: de oposição à sustentação da ordem*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NEGRI, Antonio Kairòs. *Multidão: nove lições ensinadas a mim mesmo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. (Coleção política das multidões).

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

COMUNICAÇÃO E CONTRA-HEGEMONIA: análise das estratégias de comunicação desenvolvidas no 5^o Congresso Nacional do MST

Helena Martins¹

Introdução

As dinâmicas da comunicação, hoje, potencializam uma nova organização das relações sociais no mundo globalizado. Distintos aspectos da vida, das configurações identitárias às relações produtivas, passam por mutações; as regras do poder confundem-se cada vez mais com o controle da informação; questões ligadas à visibilidade e à representação ganham destaque em meio às disputas políticas. Tendo em vista esse cenário, neste artigo, parte da dissertação de mestrado na qual analisamos as estratégias de comunicação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), indagamos como as intervenções dos movimentos sociais são potencializadas, quando realizadas também nas esferas da cultura e, em particular, da comunicação.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB. Mestra em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC. É jornalista vinculada à Empresa Brasil de Comunicação. E-mail: mb.helena@gmail.com.

O estudo deste caso, selecionado por conta da relevância do movimento, da diversidade de produtos comunicativos desenvolvidos e do enfrentamento à criminalização empreendida pela mídia hegemônica, possibilita o confronto de uma experiência concreta à hipótese de que a cultura e a comunicação, mais que instrumentos ou meios, tornaram-se espaços de disputa estratégicos para a concretização de um projeto de transformação social. O MST é exemplar também por ser uma das maiores organizações políticas brasileiras, a qual desperta tanto o apoio quanto a crítica de setores que podem interpretá-la como vitoriosa, violenta, importante, perigosa etc. Diante das significações construídas sobre o movimento, muitas têm sido as formas perseguidas para se afirmar uma identidade e até a necessidade da sua existência, a começar pelas ações que se tornaram características, a exemplo das ocupações, até a produção de meios de comunicação próprios dos Sem Terra,² como jornal, site, revista, programas de rádio, vídeos, ações propagandísticas etc.

As experiências realizadas pelos demais movimentos sociais, de modo geral, se comparadas às construídas pelo Movimento Sem Terra, podem ser consideradas pontuais e reativas, o que confere a este estudo certa peculiaridade. Diante deste cenário, à luz de entrevistas e documentos publicados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, analisamos as estratégias de comunicação desenvolvidas em um momento específico: o 5º Congresso Nacional do MST, ocorrido em 2007. Tal recorte permite-nos questionar: 1. Como as ações no campo da comunicação inscrevem-se nas disputas políticas por hegemonia; 2. Quais os objetivos das estratégias de comunicação adotadas; 3. Como se dá a produção dos materiais; 4. Se as mudanças no âmbito das tecnologias repercutem na produção de comunicação e nos modos de atuação do MST.

Para tanto, analisamos parcela da produção comunicativa relacionada ao Congresso, cuja elaboração deu-se entre janeiro e junho de 2007, com a veiculação pelo site mst.org.br, pelo *Jornal Sem Terra* (JST) e pela *Revista Sem Terra* (RST). Tal *corpus* comporta: 53 notícias e três entrevistas veiculadas no site, seis edições do JST e quatro da RST. Partindo do entendimento de que o jornalismo não é um reflexo objetivo da rea-

² A expressão “Sem Terra” faz referência aos/às integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

lidade, para investigar o material, formulamos um questionário que nos possibilitou estabelecer o confronto entre as matérias publicadas, nossos questionamentos e as problemáticas advindas das perspectivas teóricas que fundamentam este trabalho. Utilizando a metodologia da análise de conteúdo, mapeamos as produções e, em seguida, questionamos: o tema da matéria; a presença do MST no título das mesmas; o que é defendido prioritariamente; o que é denunciado; quais fontes são ouvidas; se há a citação de pesquisas ou dados estatísticos; se o ângulo adotado é de conflito ou solução; e qual a autoria dos textos. Assim, discutimos as estratégias da comunicação do 5º Congresso do MST e as possibilidades de construção de visões de mundo contra-hegemônicas a partir dessas ações.

Realizado a cada cinco anos, o Congresso Nacional é considerado a instância deliberativa máxima do movimento (MST, Caderno de Formação N. 30, 1998, p. 41). Nele, são compartilhadas análises de conjuntura; aprovadas resoluções sobre estratégia; escolhidas as bandeiras de luta e a palavra de ordem que norteará as ações do período seguinte. Em geral, a preparação desse momento tem início dois anos antes, quando são fomentadas, na “base”, discussões sobre os temas do encontro. Ocorrido entre os dias 11 e 15 de junho de 2007, em Brasília, o último Congresso teve como lema “Reforma Agrária: por Justiça Social e Soberania Popular”. Dele participaram cerca de 18 mil pessoas, dentre as quais representantes de 24 estados, além de 181 integrantes de delegações internacionais vindas de 31 países e que ali manifestaram apoio à luta por Reforma Agrária.

Do ponto de vista simbólico, o encontro tem a função de afirmar uma cultura própria, por isso existem as místicas que resgatam a história coletiva dos participantes, os espaços para violeiros, a troca de produtos regionais. Todos esses elementos contribuem para fortalecer o cimento ideológico que unifica a pluralidade de sujeitos em torno do MST. Por outro lado, há um inegável aspecto midiático. O dia a dia dos dirigentes, a montagem da cena e os elementos escolhidos para sua composição são expressões da negociação operada entre a gramática das mídias e o fazer político da sociedade contemporânea.³

³ Na dissertação intitulada “Comunicação e contra-hegemonia: a produção comunicativa como estratégia política do MST”, essas dinâmicas são detalhadamente estudadas. O trabalho está disponível em: <http://www.teses.ufc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8230>.

Neste trabalho, a análise de ações inscritas no entrecruzamento entre cultura e política, no bojo de uma ação que pretende ser transformadora, é problematizada teoricamente a partir das formulações de Antonio Gramsci (1978, 2002). Segundo ele, a hegemonia de um grupo político dá-se pela combinação entre coerção e consenso, para o qual contribuem os aparelhos privados de hegemonia, como escolas, igrejas, partidos e meios de comunicação, visto que auxiliam na difusão de valores e visões de mundo. Para tanto, também é necessária a formação de um bloco histórico fruto da produção de alianças de classes e frações de classes e que seja capaz de dirigir a sociedade. Em diálogo com tal ponto de vista, questionamos as inter-relações entre política, cultura e comunicação, entendendo as práticas comunicativas como integrantes das relações sociais mais amplas, leitura que é fruto da apropriação que ora fazemos do conceito de hegemonia.

Como categoria dinâmica, a ideia e o próprio regime da hegemonia comportam os dissensos, as contradições, a construção do que o teórico britânico Raymond Williams (1979) entende como contra-hegemonia. Tal perspectiva apresenta as possibilidades de a luta ideológica estar alinhada a um projeto antagonístico de classe em relação ao projeto da burguesia. Mais que expressar uma crítica, portanto, a contra-hegemonia coloca-se na esteira de um processo de contraposição e superação da atual organização social. A partir dessa ideia, questionamos se a prática do Movimento Sem Terra, especificamente no que tange às estratégias de comunicação, conforma-se como contra-hegemônica, apresentando ou não a possibilidade de ruptura com a sociedade do capital.

O 5º Congresso Nacional do MST: desafios para a ação contra-hegemônica

A compreensão dos meios de comunicação como elementos importantes das ações políticas foi fortalecida durante a resistência popular à Ditadura Militar (1964-1985). Várias publicações foram editadas; rádios populares, produzidas. Por meio de boletins e jornais das Comunidades Eclesiais de Base, da Comissão Pastoral da Terra e de outras organizações, a imprensa chegou ao campo. Um desses periódicos era o *Sem Terra*

– *Boletim Informativo da Campanha de Solidariedade aos Agricultores Sem Terra*, órgão de comunicação do que viria a ser o MST. Em 1984, ano da fundação do movimento, o boletim foi transformado no *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra* (JST), periódico considerado “[...] base da organização da comunicação do MST”, de acordo com o coordenador do Setor de Comunicação do MST, Miguel Stédile.⁴

Como vemos, o desenvolvimento de meios de comunicação próprios acompanha o movimento desde seu nascedouro. Contudo, é a partir de meados da década de 90, quando o MST foi alçado a sujeito político nacional (COMPARATO, 2001), que essa prática ganhou destaque. As relações sociais, então, passaram a ser ainda mais marcadas pela mediação dos meios de comunicação e, conseqüentemente, pela transformação da pauta de interesses, a configuração de uma cultura política centrada no consumo de imagens, a organização dos discursos de acordo com a gramática dos meios e a realização de ações voltadas aos meios de comunicação, o que verificamos também ao analisar o 5º Congresso do MST.

De sua parte, o Movimento Sem Terra percebeu o lugar da comunicação e buscou se organizar, constituindo, para isso, o Setor de Comunicação. A partir do Setorial, foram suscitados debates sobre a mídia, culminando nos seguintes posicionamentos políticos: a compreensão da comunicação como estratégia política, elemento organizado, mobilizador e capaz de conferir unidade ideológica; a contraposição à mídia hegemônica e, por outro lado, a valorização e estímulo à produção por parte dos trabalhadores.⁵

Entre a década de 90 e os anos 2000, os desafios para os movimentos e demais organizações localizadas à esquerda do espectro político ganharam novos contornos. O triunfo do neoliberalismo, forma capitalista que operou grande desregulamentação, inclusive no setor das comunicações, além de profunda reestruturação produtiva, modificou

⁴ STÉDILE, M. 2010. Entrevista concedida à autora.

⁵ Analisamos as discussões do MST sobre comunicação, a partir de documentos do movimento, no texto: “Das ideias que se fazem gestos: sensibilização, formação e produção de novas ações comunicativas”, de Helena do R. Barreto e Márcia Nunes Vidal. O trabalho foi apresentado ao XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2011. Disponível em: <<http://compos.org.br>>.

formas e postos de trabalho. Conforme Chico de Oliveira (2006, p. 38), tal fato gerou uma mudança na população: “Há uma internalização da reestruturação produtiva que produz uma nova subjetividade, inculcando os valores da competição, colocando situações objetivas nos processos de trabalho que corroem a percepção de classe virtualmente proporcionada pelo precário fordismo periférico”.

No Brasil, em 2002, contraditoriamente, deu-se a chegada de Lula, um líder operário, fundador do Partido dos Trabalhadores, à Presidência da República. O fato ocorreu quando “[...] sua classe mergulha numa avassaladora desorganização” (OLIVEIRA, 2006, p. 37). A ascensão do PT ao governo trouxe contradições não apenas ao interior do próprio partido, mas também aos movimentos sociais, dentre os quais o MST. Além da delicada relação entre movimentos e Estado, materializada, por exemplo, na participação de lideranças populares em cargos do governo, outro fator deve ser agregado à análise da ação do Movimento Sem Terra frente à tal conjuntura: o destaque adquirido pelo agronegócio na nova arquitetura do poder no país.

As políticas públicas voltadas ao campo revelam as opções feitas pelo Governo Federal. Desde o início do governo Lula, aliás, vieram à tona dificuldades para a realização da Reforma Agrária. O geógrafo e professor da Universidade de São Paulo, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, no texto “Não Reforma Agrária e Contra Reforma Agrária no Brasil do governo LULA” (2011), elenca cinco questões que logo levaram ao desenvolvimento do que considera uma “contrarreforma agrária” durante o primeiro e segundo mandatos petistas: 1. a derrota, no interior do governo, da concepção de reforma agrária como desenvolvimento para a de reforma agrária como política social compensatória; 2. a saída dos movimentos socioterritoriais da equipe que elaborou o II Plano Nacional de Reforma Agrária, desde o início de sua formulação, e o favorecimento de setores ligados ao sindicalismo rural; 3. a derrota da meta de um milhão de famílias assentadas; 4. o sucateamento do Incra, a falta de funcionários e de recursos do instituto, bem como o crescimento da grilagem de terras na Amazônia e a estratégia de compra da terra nas regiões Sul e Sudeste; 5. o apoio, considerado por ele integral, do governo ao agronegócio.

Paralelo a isso, houve o crescimento da participação do setor do agronegócio na economia brasileira, chegando a ser responsável, em média, por um terço do Produto Interno Bruto (PIB) do país, de acordo com dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada, da Universidade de São Paulo,⁶ cujo estudo destaca o fato de o setor movimentar diversas fases da cadeia produtiva, dos insumos à distribuição dos produtos; da agropecuária à indústria. Até mesmo o então Ministro da Agricultura no primeiro mandato de Lula, Roberto Rodrigues, era ligado ao agronegócio, tendo sido presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), da Sociedade Rural Brasileira (SRB) e da Associação Brasileira de Agribusiness (Abag). Hoje é um dos entusiastas do “Movimento Sou Agro”, lançado em 2011.⁷ Já a “bancada ruralista” no Congresso Nacional, na legislatura de 2007-2010, durante a qual ocorreu o encontro que analisamos, possuía 117 representantes do setor empresarial rural.⁸

O 5º Congresso do MST apontou como principal oponente do movimento exatamente o setor do agronegócio. No decorrer do encontro, também foi propagado o novo “Programa Agrário do Movimento Sem Terra”, documento que trouxe análise das mudanças que atingiram o campo nos anos que antecederam o encontro, como a ampliação da inserção das empresas multinacionais e do capital financeiro. Levando em conta esse cenário em sua reflexão sobre a ação do MST, Egas (2008, p. 154) conclui “[...] que a luta para derrotar o agronegócio não é apenas a luta pela terra e reforma agrária, mas se insere na perspectiva da luta por soberania, seja ela econômica, alimentar ou territorial. Assim, o combate ao agronegócio seria, em última análise, parte do enfrentamento ao próprio modelo hegemônico”, avaliação com a qual concordamos.

⁶ Números da participação do agronegócio no PIB brasileiro, entre os anos de 1994 e 2010, estão disponíveis em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/pib/>>. Acesso: 15 fev. 2012.

⁷ Trecho da apresentação do “Movimento Sou Agro”. Disponível em: <<http://souagro.com.br/sou-agro/movimento>>. Acesso: 15 fev. 2012.

⁸ Dados do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar: <<http://www.diap.org.br/index.php/eleicoes-2010/bancadas-suprapartidarias/ruralista>>. Acesso: 15 fev. 2012. A força dessa bancada foi fundamental para a instalação da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) que investigou o repasse de verbas federais para o MST.

Como este trabalho detém-se na disputa de hegemonia, pensada desde o campo da comunicação, voltamos nossa atenção para a batalha de ideias necessária à concretização das mudanças propostas. Buscando ir além da análise dos veículos, localizamos a comunicação como componente de uma construção social que perpassa o aspecto ideológico, a luta pela construção de novas categorias e significados, e que objetiva provocar deslocamentos na correlação de forças.

A disputa de sentidos expressa pelos meios de comunicação

As estratégias desenvolvidas nos meses que antecederam o 5º Congresso indicam os usos da comunicação para o fortalecimento da leitura política do MST. Para percebê-los, no caso do Jornal Sem Terra, detalhamos o conteúdo das seções⁹ que estão presentes nas edições que analisamos: Editorial, Estudo, Especial, Projeto Popular, Entrevistas. Por tratar diretamente do Congresso, igualmente analisamos a seção Rumo ao 5º Congresso, publicada nas edições 270 (fevereiro/março), 271 (abril) e 272 (maio). Do site, consideramos as notícias e entrevistas sobre o encontro, inclusive aquelas produzidas inicialmente para outros veículos, como o jornal *Brasil de Fato*, mas que foram veiculadas na página do MST na internet. Já da *Revista Sem Terra*,¹⁰ privilegiamos a descrição e análise das seções: Editorial, Entrevista, Política, Economia, MST e Estudo, pois abordam diretamente temas da conjuntura enfrentada no período.¹¹

Alguns dos resultados obtidos após a realização da análise de conteúdo saltam aos nossos olhos. De imediato, fica clara a antecipação

⁹ Existem outras seções, como Balaio e Estados. No entanto, elas não seguem um padrão, trazendo ora notas, ora reportagens. Devido à falta de homogeneidade, optamos por destacar aquelas citadas no texto.

¹⁰ Para mais informações sobre a RST, conferir o trabalho de Antônio Simões Menezes: "Jornalismo de resistência: apropriação das estratégias discursivas do campo midiático pela *Revista Sem Terra*" (2010).

¹¹ Além das seções apontadas, a *Revista Sem Terra* possui ainda outras subdivisões. São elas: Internacional, Cultura, Resenha, Esporte, Mundo, Movimentos Sociais, Balaio e Humor.

do evento. Já a primeira edição do *Jornal Sem Terra* do ano de 2007 (Ed. n. 269) traz em sua capa fotos dos congressos anteriores, introduzidas pela seguinte chamada: “A luta dos Sem Terra nos seus Congressos Nacionais”. Nas edições seguintes, a mobilização dos estados e o debate em meio à militância são tematizados. A partir do número 270, surge a seção “Rumo ao 5º Congresso”, que visa a apresentar diferenças entre os projetos defendidos pelo MST e pela burguesia, conforme lemos no primeiro texto da seção:

Desta forma, o programa de Reforma Agrária proposto pelo Movimento é um esforço para organizar propostas que, de fato, alterem este modelo em curso. Idéias e ações que possam impedir que o agronegócio e as empresas transnacionais se apoderem da terra que pertence a quem nela trabalha. A partir desta edição, o *Jornal Sem Terra* vai falar destas propostas, que envolvem um novo modelo tecnológico, a água, a educação no campo, a estrutura do Estado, entre outros pontos. Além disso, serão discutidas as condições necessárias para a ampliação deste programa, como a mobilização popular e a ação de um Estado que seja verdadeiramente democrático e popular (SEM TERRA..., 2007, p. 11, grifo do autor).

A seção traz à tona o debate na “base” e a discussão sobre os novos desafios para a Reforma Agrária. Já na edição seguinte (JST, n. 271), trata-se da preparação dos estados, abordada em entrevista com a integrante da Direção Nacional do MST, Messilene Gorete da Silva, que incentiva a mobilização e ressalta o encontro, pois “É o momento de pensar que somos uma Organização fundamental para a luta pela Reforma Agrária e para as mobilizações de massa nesse país”.¹² Na seção, a abordagem prioritária é de solução; falas de militantes são utilizadas como fontes, possibilitando uma maior identificação entre os textos e o leitor. Uma delas rememora o significado da participação das mulheres nos congressos do movimento: “Naquele primeiro Congresso

¹² “Estados se preparam para o grande encontro dos Sem Terra”, JST, Ed. n° 271, “Rumo ao 5º Congresso”, 2007, p. 12.

as mulheres tiveram uma participação muito rica e efetiva. Isso aconteceu não apenas nos debates e discussões das plenárias e dos grupos, mas principalmente depois da atividade, ajudando nas ocupações e no trabalho de base que se seguiu depois do Congresso”.¹³

A mesma dinâmica é percebida nos editoriais: o conflito surge quando são abordados os desafios para a Reforma Agrária, em textos que, invariavelmente, tratam das mudanças trazidas pelas grandes empresas ao campo, as quais são consideradas produtoras de um modelo de sociedade excludente e ambientalmente insustentável. Em todos os editoriais, que são assinados pela Direção Nacional do MST, há a denúncia do agronegócio como inimigo da Reforma Agrária, argumentação encontrada de forma explícita ou implícita. No primeiro editorial de 2007, lemos: “Já é hora de perceber que o latifúndio e agronegócio são incompatíveis com políticas de redistribuição de renda e justiça social no campo. Não é possível conciliar o atual modelo agrícola com os objetivos de democratização fundiária e com o incentivo à agricultura familiar”.¹⁴

Já nas edições seguintes, temos: “Este modelo de agricultura [do agronegócio] é o mesmo que produziu a exclusão social com a expulsão de milhões de famílias camponesas para as favelas, o que gerou fome e miséria no campo e na cidade, além de promover a destruição da natureza”;¹⁵ “Este é um projeto que ameaça também o meio ambiente, que destrói florestas para aumentar o plantio de soja, que expulsa os agricultores para plantar eucalipto e que explora o trabalho de homens, mulheres e crianças até a morte, como na cana-de-açúcar”;¹⁶ “Os inimigos agora se escondem atrás de sociedades anônimas de empresas que dominam as agroindústrias, os bancos, as empresas de pesquisa e o comércio internacional. [...] Hoje a nossa luta por um novo modelo agrícola exige o enfrentamento com o atual modelo econômico”.¹⁷

¹³ GREIN, Izabel. Participando sem medo de ser mulher. *Jornal Sem Terra*, São Paulo n. 271, 2007, p. 12.

¹⁴ “Os entraves da Reforma Agrária”. *JST*, Ed. n. 269, “Editorial”, 2007, p. 02.

¹⁵ “Pela transformação da agricultura brasileira”. *JST*, Ed. n. 270, “Editorial”, p. 02.

¹⁶ “Justiça social e soberania popular”. *JST*, Ed. n. 271, “Editorial”, p. 02.

¹⁷ “Avançar com a luta”, *JST*, Ed. n. 272, “Editorial”, p. 02.

A contraposição também é explicitada no editorial que analisa o 5º Congresso: “Avaliamos que não há lugar para o camponês no modo como o agronegócio quer estruturar o campo. [...] O agronegócio, hoje é o grande entrave à Reforma Agrária defendida por nós do MST e pela Via Campesina”.¹⁸

Já a solução é elucidada por exemplos da organização junto ao MST e da construção de alternativas, a exemplo da proposição de um “projeto popular” para o país. Há uma evolução da argumentação: primeiro, os entraves são apresentados: o diminuto recurso financeiro destinado pelo Estado à Reforma Agrária; a proteção do latifúndio pela “máquina burocrática” e o fato de o latifúndio permanecer intocado ao longo da história.¹⁹ Em seguida, abordam-se as transformações no campo e a construção de alternativas:

Precisamos resistir à essa destruição, à exploração dos seres humanos e da natureza pelo capitalismo. Resistir e buscar construir alternativas nas várias frentes de luta. É por isso que há alguns anos o MST desenvolve a agroecologia em seus assentamentos. [...] **Mas acima de tudo, entendemos que a agroecologia é uma forma de organizar os agricultores em busca da mudança social, que propõe um novo modelo de sociedade onde homem e natureza possam se relacionar sem exploração** (PELA TRANSFORMAÇÃO..., 2007, p. 2, grifo nosso).

A partir de abril, o Congresso passa a ser abordado diretamente. Ele é apresentado como espaço de resistência e de construção de alternativas baseadas na justiça social e na soberania popular, palavras que conformam o título do editorial da edição 271 do JST:

Por Justiça Social entendemos a garantia de todos da classe trabalhadora à uma vida digna e de qualidade, com educação, saúde, trabalho justo e bem remunerado. Não se trata de políticas compensatórias, como bolsa família ou cesta básica. Não

¹⁸ “5º Congresso Nacional: uma obra coletiva da militância Sem Terra”. JST, Ed. n. 273, “Editorial”, p. 08.

¹⁹ “Os entraves da Reforma Agrária”. JST, Ed. n. 269, “Editorial”, 2007, p. 02.

são concessões, nem migalhas. Mas direitos! Para todos brasileiros e brasileiras. E no campo, justiça social é uma Reforma Agrária que distribua terras e riquezas, que possa gerar renda e emprego, produzindo alimentos para a população brasileira e não para exportação. Soberania Popular é a capacidade e o direito dos povos de decidirem seus destinos, de decidirem sobre tudo aquilo que lhes diz respeito: na economia, na política, na vida social (JUSTIÇA..., 2007, p. 2).

A preparação do terreno da disputa ideológica, portanto, ocorre com a tematização dos embates e com a exposição das posições do movimento em contraposição a outra, apresentada como inconciliável com o projeto popular defendido. Nessa mesma edição, ao explicar a escolha do lema “Por Justiça Social e Soberania Popular”, assume-se que “Com este lema, não estamos apenas definindo uma palavra de ordem, mas querendo debater com a sociedade os dois projetos que estão colocados para o país”. Trata-se de uma “[...] briga ideológica entre dois projetos”.²⁰

A antecipação do evento e a problematização dos temas que nele serão abordados não se restringem a uma parte ou outra do *Jornal Sem Terra*, estão dispersas por todo ele. Para termos ideia, a seção intitulada “Rumo ao 5º Congresso”, embora aponte questões relevantes, ocupa apenas uma única página de cada edição em que foi publicada. Por outro lado, é na seção “Estudo” que os temas são aprofundados. Se, nas demais, as diferenças de projeto societário são apresentadas a partir de argumentos essencialmente políticos, nesta, elas ganham a confirmação de fontes autorizadas, em geral de intelectuais apoiadores do Movimento Sem Terra.

Os temas são abordados por especialistas que se valem de dados para conferir validade à argumentação. O conflito com o agronegócio é apresentado; já a solução para ele, construída. Nesse sentido, as primeiras edições do ano trouxeram como tema: a concentração da terra e o crescimento das empresas; a crítica ao Programa de Aceleração do

²⁰ “Justiça social e soberania popular”. JST, Ed. n. 271, “Editorial”, 2007, p. 02.

Crescimento (PAC); e a denúncia dos impactos da produção do etanol, considerado o “novo mito do agronegócio”. Já com o evento mais próximo, as matérias de “Estudo” passam a assumir um tom mais propositivo. Destaca-se, então, a necessidade da Reforma Agrária e da promoção da Justiça Social.²¹ Por último, trata-se do próprio congresso, com a publicação de parte do seu discurso de abertura. Com o título “Um marco na luta social latino-americana”, o artigo que tratou do evento ressaltou a disputa ideológica travada:

Em toda a história do Movimento, de enfrentamentos quase sempre difíceis, sofremos muitas baixas. No entanto, pior que a morte física, é a morte ideológica. **Nossos inimigos sabem que a arma mais eficaz para nos derrotar é a morte de nossos valores, a morte da crença em nossa profunda solidariedade, de nossa dedicação integral à construção de um mundo novo para as próximas gerações.** Não tenhamos dúvidas: podem nos tirar tudo, menos os valores socialistas e humanistas (SANTOS, 2007, p. 3, grifo nosso).

Assim como nos meios tradicionais, utilizam-se especialistas e dados para referendar uma posição que o veículo já possui, o que deve ser problematizado. Também percebemos, ao estudarmos o *Jornal Sem Terra*, o que Cassol (2010, p. 127) apontou em sua análise do jornal *Brasil de Fato*: “Resultado do caráter mais analítico de uma publicação semanal, a opção por explicar o mundo a partir da sua visão acaba, por vezes, incorrendo em matérias que não dão ‘chance’ ao leitor de ter sua própria compreensão”. No caso das publicações que ora analisamos, os excessivos usos do texto argumentativo e da linguagem acadêmica acentuam o problema.

Tendo em vista que o público-alvo do jornal é, especialmente, a militância do MST, ele poderia dialogar mais com a realidade vivida, possibilitando a identificação e o diálogo. No entanto, em vez de partir do concreto para analisar a situação geral, há o predomínio de análises genéricas, totalizantes, que dificilmente apontam de forma direta os sujeitos

²¹ “Reforma Agrária e Justiça Social”. JST, Ed. n. 272, “Estudo”, 2007, p. 04.

envolvidos nos conflitos. São citadas em demasia as “empresas”, o “agro-negócio”, o “capital financeiro”, o que faz com que as informações sejam acessíveis, sobretudo, para os setores politicamente mais avançados.

Já a linguagem dos textos mostra-se muito semelhante àquela utilizada pelos jornais tradicionais. De acordo com Downing (2002), nas mídias radicais, é comum o uso da primeira pessoa do plural, o que representaria a supremacia da política sobre a lógica do discurso midiático, este marcado pela ideia da completude, da impessoalidade e da observação neutra, não da participação, que o plural confere ao autor do texto – o qual, inclusive, perde-se em meio ao “nós”. Também Dias (2007, p. 227), ao analisar as mídias produzidas pelos movimentos de resistência global, observa que “Os textos circulantes são, em sua maioria, redigidos em primeira pessoa do plural, o que cria uma marca de cumplicidade, produz um efeito de vínculo com o receptor, ao localizá-lo no mesmo patamar do enunciador. Ou seja, o uso do ‘nós’ insere o leitor nos movimentos, como componente do movimento social”. No caso do MST, dada a profissionalização dos que falam sobre e pelo movimento, há um predomínio da linguagem jornalística tradicional.

Por outro lado, algumas regras clássicas do jornalismo tradicional, como a busca por se escutar os vários lados envolvidos com os fatos noticiados, não são seguidas. Por exemplo, ao noticiar a marcha ocorrida durante o 5º Congresso, a jornalista que redigiu a matéria, intitulada “Marcha recebe apoio da população de Brasília”, frisou: “Ônibus e carros buzonavam manifestando apoio aos Sem Terra que entoavam músicas de protesto”.²² Posição contrária ao movimento não foi relatada, enquanto o *Correio Braziliense* abordou assim o ato: “Caos no trânsito de Brasília”. Vê-se, portanto, uma troca de sinal. Limitando-se a assumir o discurso contrário da mídia tradicional, o conteúdo do MST pouco conduz à disputa ideológica. Fala aos já convencidos, mas dificilmente vai modificar o pensamento de quem não concorda com a atuação do movimento.

Em se tratando da disputa de visões de mundo, é salutar considerar que o Movimento Sem Terra apresenta-se como um todo ho-

²² LIMA, M. “Marcha recebe o apoio da população de Brasília”. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/866>>. Acesso: 10 abr. 2011.

mogêneo. Já nos títulos, no caso do jornal, a expressão “Sem Terra” aparece quando se abordam questões relativas à militância. No site, a referência direta ao “MST” ou “Movimento Sem Terra” chega a estar presente em um terço do total dos títulos publicados, diferente do que ocorre com a *Revista Sem Terra*, como detalharemos adiante. Disso depreendemos que, com o jornal, pretende-se criar a identificação da militância em torno de uma identidade comum, o ser Sem Terra, enquanto que, com o site, ganha relevo a divulgação do próprio movimento, o que mostra a luta por visibilidade empreendida por meio de um espaço que é consultado por leitores mais plurais que aqueles que leem o JST ou a RST.

Vemos que a estratégia de comunicação adotada consistiu em unificar a pluralidade de sujeitos que compõem o movimento em torno de princípios, valores e visões de mundo. Vale ressaltar que as diferenças internas não aparecem nesses espaços, sequer no *Jornal Sem Terra*, que poderia ser utilizado para fomentar o debate entre a militância. Sobre isso, uma vez mais, a análise de Dias (2007) corrobora a que desenvolvemos, pois, para ela:

A estratégia de crítica não pode se apresentar na forma de um discurso político puro, ou seja, construída em cima de uma argumentação pesada, utilizando termos e expressões esotéricos, elencados num texto longo, porque isso tornaria o discurso fora dos padrões discursivos midiáticos, o que é complicador quando se produz hoje discurso para um público abrangente e variado (DIAS, 2007, p. 212).

Estabelecendo uma mediação entre o discurso político e o midiático, o MST, sobretudo em seu site, utiliza-se das histórias de vida para afirmar a saída da situação-problema por meio da integração ao movimento. Em muitas matérias, personagens são utilizados para confirmar a sua importância na transformação das relações sociais, conforme lemos na seguinte notícia:

Alguns não agüentavam a tarefa diária de cortar 12 toneladas por dia e desmaiavam. Venâncio decidiu que não iria tomar

naquela monocultura. Participou de uma ocupação, organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Há 8 anos, depois de uma longa luta, vive em sua casa no assentamento Joaquim Nabuco, com sua mulher e suas duas meninas. Em seu lote, semeia mandioca, milho, feijão, inhame, frutas. Mas não foi apenas a cultura agrícola desse Sem Terra que ficou mais rica e diversificada. “Eu trabalho bastante, mas hoje eu sou livre. Não sou explorado, tenho meu pedaço de terra. Com o que planto, garanto minha alimentação e vendo o restante (PEREIRA, 2007, não paginado).

Vê-se, igualmente, a tentativa de humanizar o movimento, rompendo rótulos que podem dificultar a conquista do apoio da sociedade. Assim, busca-se a visibilidade necessária à disputa de projetos políticos. Tal desafio consta no editorial de maio do JST: “Hoje, a nossa luta por um novo modelo agrícola exige o enfrentamento com o atual modelo econômico, contra as empresas transnacionais e contra as políticas imperialistas dos países ricos”.²³ A afirmação desse projeto tem um espaço específico no *Jornal Sem Terra*: a seção “Projeto Popular”. Em nenhum dos títulos dessa seção, nas edições analisadas, há referência direta ao “MST”; a autoria é diversificada, agregando inclusive assessores de outras organizações, pois, nesse espaço, o movimento adota o discurso de que esse projeto societário não é apenas dele, mas de determinados setores da sociedade. Os temas trabalhados são variados, embora haja o predomínio de discussões sobre o modelo de desenvolvimento no campo, ao qual se estabelece uma contraposição clara.

Ao noticiar, por exemplo, uma feira de sementes,²⁴ faz-se oposição entre a visão das sementes como patrimônio necessário à soberania nacional e a visão comercial do agronegócio, que modifica a genética e controla a distribuição das sementes. Discurso semelhante dá-se na abordagem sobre o biodiesel, quando se denuncia a compra de terras e usinas pelo agronegócio e se defende o controle popular dos bens naturais.²⁵

²³ “Avançar com a luta”, JST, Ed. n. 272, “Editorial”, 2007, p. 02.

²⁴ “Festa nacional reúne camponeses de todo o país”, JST, Ed. n. 272, “Projeto Popular”, 2007, p. 10.

²⁵ “Produção de biodiesel tem que estar nas mãos do povo”, JST, Ed. n. 269, “Projeto Popular”, 2007, p. 10.

A mesma contraposição consta nas entrevistas feitas ou com dirigentes de movimentos sociais, com destaque para o próprio MST, ou com especialistas. A entrevista é um gênero importante por trazer à tona as realidades vividas, mas, no caso posto em tela, a identificação do leitor com os textos fica prejudicada pela linguagem muito formal e desprovida de marcas de oralidade, construindo uma imagem de um militante “ideal”, com as ideias perfeitamente encadeadas e com um poder de fala que nem todos possuem. O texto também não possibilita a entrada do leitor no momento da produção da entrevista; não sabemos sequer se ela fora feita por e-mail, pessoalmente ou sob quais condições, o que faz com que seja mais um espaço para apresentação de argumentações fixas, por meio do qual conhecemos um programa já pronto.

A *Revista Sem Terra*, por sua vez, adota ritmo e ângulo diferenciados, buscando ampliar o diálogo com o público externo ao Movimento Sem Terra, ao qual é voltada. Trata de temas diversos, especialmente nas seções “Economia” e “Estudo”. Na primeira, são abordados: os interesses privados da Petrobras no cenário internacional;²⁶ as medidas do Programa de Aceleração do Crescimento;²⁷ o déficit da previdência social;²⁸ e a ampliação dos empregos terceirizados.²⁹ A seção “Estudo” é ainda mais plural do ponto de vista dos conteúdos: trata da relação entre economia e cultura;³⁰ da situação da China;³¹ do aumento de produção de celulose – único dos textos que se aproxima mais da problemática do agronegócio;³² e da revolução cubana.³³ Já em “Política”, há uma mescla de temas, mas a nova conjuntura enfrentada e a Reforma Agrária ganham relevo, sobretudo, por meio de matérias que

²⁶ “MANO, Maira Kubik. A exploração da Petrobras. *Revista Sem Terra*, n. 37, 2007, p. 14.

²⁷ “Em entrevista, o economista Reinaldo Gonçalves avalia medidas do PAC”, RST, Ed. n. 38, “Economia”, 2007, p. 14.

²⁸ “O que está por trás do ‘rombo’ da Previdência”, Ed. n. 38, “Economia”, 2007, p. 16.

²⁹ “Sem garantias de emprego, estabilidade e direitos sociais”, RST, Ed. n. 39, “Economia”, 2007, p. 10.

³⁰ “Economia global e a ‘americanização’ da cultura latino-americana”, RST, Ed. n. 37, “Estudo”, 2007, p. 44.

³¹ “Igualdade e desigualdade na China”, RST, Ed. n. 38, “Estudo”, 2007, p. 44.

³² “Os interesses por trás da expansão do deserto verde”, RST, Ed. n. 39, “Estudo”, 2007, p. 52.

³³ “Cuba: a Revolução da Esperança”, RST, Ed. n. 40, “Estudo”, 2007, p. 55.

tratam da transnacionalização das empresas brasileiras,³⁴ da política de agrocombustível³⁵ e da violência no campo, cujo aumento demonstraria a urgência da Reforma Agrária.³⁶ Não obstante, na edição seguinte ao congresso, referente aos meses de julho e agosto, tais temas dão lugar à transposição do Rio São Francisco, à PEC do Trabalho Escravo e à discussão sobre a função social da propriedade, uma mudança tão brusca dos temas abordados que denota certa fragilidade da estratégia de comunicação adotada, no que tange ao reforço às deliberações do 5º Congresso.

A seção “MST” trata de aspectos do movimento, mas relacionando-os de forma mais aberta às discussões então em curso. O projeto “Cinema da Terra”, que levou o cinema aos diversos assentamentos, em todo o Brasil, é o assunto da primeira edição do ano.³⁷ Nas seguintes, há uma oscilação entre abordagens de conflito, como os protestos contra o agronegócio no Dia Internacional da Mulher³⁸ e os riscos postos pela ofensiva do capital,³⁹ com outras, de solução, quando as alternativas de produção são destacadas,⁴⁰ em contraposição ao modelo hegemônico.⁴¹

O 5º Congresso do MST só é diretamente citado na publicação de maio/junho e na edição posterior ao encontro, de julho/agosto. A preparação para o congresso na revista, portanto, é menos intensa do que ocorre no *Jornal Sem Terra*, inclusive porque este tem a tarefa de organizar a militância. Na revista, a tematização das questões centrais para o MST deu-se de forma transversal, mas não podemos afirmar que há uma busca por ampliar a militância, dentro do que poderia ser entendido como a construção de um bloco histórico.

³⁴ “Política econômica: Brasil exporta crescimento e emprego”, RST, Ed. n. 37, “Política”, 2007, p. 10.

³⁵ “A polêmica discussão sobre a política de agrocombustível”, RST, Ed. n. 38, “Política”, 2007, p. 10.

³⁶ “Violência no campo aponta para a urgência da Reforma Agrária”, RST, Ed. n. 39, “Política”, 2007, p. 13.

³⁷ “Projeto cultural promove sessões de cinema a Sem Terra de todo o país”, RST, Ed. n. 37, “MST”, 2007, p. 28.

³⁸ “Os protestos contra o agronegócio no Dia da Mulher”, RST, Ed. n. 38, “MST”, 2007, p. 28.

³⁹ “A ofensiva do capital e o futuro da terra”, RST, Ed. n. 39, “MST”, 2007, p. 33.

⁴⁰ “Assentamentos produzem peixes como fonte de renda”, RST, n. 38, “MST”, 2007, p. 30.

⁴¹ “Agroecologia substitui transgênicos no Pará”, RST, Ed. n. 39, “MST”, 2007, p. 30.

A abordagem dos temas advém da deliberação da Direção Nacional do Movimento Sem Terra, conforme explica Igor Felipe (2011): “As estratégias de comunicação do movimento são muito casadas com a estratégia política. Não é descolada, por isso a gente não faz uma reunião apenas para discutir a comunicação. Então, por ser relacionado, o nosso desafio é, a partir da direção política, como é que a gente vai executar isso, quais são as ferramentas”, explica. Não obstante, certa autonomia relativa é conferida às equipes:

[...] não tem essa política definida: “na edição de janeiro, nós vamos pautar isso” [por exemplo], mas sim a linha de que nós precisamos pautar a nossa principal atividade do ano em nossos meios de comunicação. [...] Agora, se é na primeira ou na segunda [edição], aí é uma questão que vai ser discutida em outros coletivos, geralmente naqueles ligados à produção dos materiais. Então, tem uma linha geral que não se efetiva de uma forma automática, mas que se realiza através de discussões de outros espaços, onde tem pessoas que participaram das discussões políticas e pessoas que atuam na realização dessa linha política (FELIPPE, 2011. Entrevista concedida à autora).

Os editoriais da revista também deixam clara a diferença em relação ao *Jornal Sem Terra*. Enquanto os do JST trataram de problemáticas vinculadas diretamente ao congresso e aos temas por ele abordados, levando, progressivamente, a posição do movimento ao público, os da RST parecem focar na ampliação de alianças, mas ainda sem uma linha de continuidade que permita fazer uma associação direta entre um e outro. Senão, vejamos. No primeiro editorial do ano, “América Latina, é preciso avançar”,⁴² defende-se a necessidade de fortalecer a mobilização popular frente ao neoliberalismo, uma vez que apenas a mobilização popular seria capaz de alterar a correlação de forças e efetivar conquistas. Já o da edição de maio/junho, intitulado “Reforma agrária, acadêmicos e corujas”⁴³ vai de encontro à ofensiva conservadora da

⁴² RST, Ed. n. 37, “Editorial”, 2007, p. 04.

⁴³ RST, Ed. n. 39, “Editorial”, 2007, p. 04.

mídia e, sobretudo, da academia, frente às mobilizações de abril e à luta pela Reforma Agrária, defendendo a permanência da necessidade desta. Já o último editorial em análise aborda “O 5º Congresso Nacional do MST”⁴⁴ e as modificações do campo. No texto, defendem-se mudanças no modelo de desenvolvimento econômico do país, e denuncia-se o domínio do capital internacional sobre a natureza, sendo o que mais se aproxima dos temas da agenda política do MST.

O intento de ir além de uma mídia institucional e de construir a ideia de que as críticas, os desafios e mesmo as ações não se resumem ao Movimento Sem Terra pode ser constatado se olharmos os títulos dos 31 textos analisados. Isso porque, em geral, os títulos revelam o sujeito e a ação por ele realizada. No caso em questão, em apenas dois deles há referência direta ao MST (considerando-se referência direta a citação das palavras “MST”, “Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra” ou mesmo “Sem Terra”). Não por acaso, a expressão “MST” é utilizada no momento da consagração da ação do movimento, exposta em editorial e notícia diretamente relacionados ao 5º Congresso. O que ocorre, em algumas edições, é que o distanciamento é tanto que a revista parece não partilhar os objetivos do MST.

O que descrevemos até aqui aponta que a mídia passou a ter importância tanto na divulgação das ideias quanto na conformação dos modos de agir do MST. Houve intensa preparação midiática do Congresso, incluindo-se, aí, a busca pela construção de fatos noticiáveis. Por exemplo, vemos o constante destaque dado à organização do movimento. No especial “Uma cidade Sem Terra” (JST, N° 273, p. 10), o texto destaca que a “cidade de lona” recebeu uma população maior que 2.286 cidades brasileiras. Os números impressionam: 14,9 mil metros de lona; 50 caminhões-pipa; 140 cozinhas; 500 educadores para acompanhar os “sem terrinha”. A capacidade de organizar tudo isso é creditada à experiência do MST, conferindo-lhe respaldo e legitimidade.

A demonstração de apoio ao Movimento Sem Terra é outro aspecto bastante noticiado, uma maneira não só de divulgar a organização,

⁴⁴ RST, Ed. n. 40, “Editorial”, 2007, p. 04.

mas de referendá-la. A anuência de personalidades internacionalmente reconhecidas, como Fidel Castro, e de grupos e políticos locais, entre eles o ex-governador Jackson Lago (PDT), é publicada no site. As notas ou cartas de solidariedade também foram postadas. Na edição do JST de junho,⁴⁵ um boxe foi dedicado à publicação de apoios, como o do subcomandante Marcos, liderança do Exército Zapatista de Libertação Nacional, de Elizabeth Teixeira, das Ligas Camponesas, e, inclusive, do ex-presidente Itamar Franco. Com este, o MST não possui afinidade ideológica, o que nos leva a inferir que o depoimento favorável ao movimento foi utilizado a fim de ampliar o seu espectro de diálogo. Por outro lado, há de se questionar a valorização do apoio de um político vinculado ao *status quo*, em um espaço de comunicação que objetiva construir uma ruptura com esse sistema.

De modo geral, o *Jornal Sem Terra* foi a produção mais utilizada para trazer à tona as pautas discutidas durante o Congresso. Ao longo do semestre, ele contribuiu para disseminar debates e para formar uma visão comum, embora excessivamente já fabricada e homogênea. Já ao analisarmos o site, percebemos forte divulgação do próprio MST, cujos posicionamentos surgem, muitas vezes, por meio de histórias de vida. Na produção da Revista Sem Terra, por sua vez, notamos a opção de se abordar o Congresso de forma tangencial, buscando-se fazer com que as questões por ele levantadas fossem relacionadas às preocupações que atingem o público da publicação.

Outra diferença pode ser percebida ao compararmos o *Jornal Sem Terra* e a *Revista Sem Terra*. Nesta, a problematização da situação dos movimentos sociais frente ao governo petista é bastante recorrente, enquanto que, no jornal, esse é um tema que não vem à tona. A revista encara o problema, por exemplo, na seção “Entrevista”, a qual dá voz a outros sujeitos, para além dos integrantes do MST. Em uma delas, o professor do Departamento de Política e Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida, analisa o

⁴⁵ “Solidariedade”, JST, Ed. n. 273, “Especial”, 2007, p. 10.

papel dos movimentos sociais e a conjuntura da luta de classe no governo Lula. Ele aponta a fragilidade das lutas, a cooptação dos movimentos diante do “lulismo” e defende a necessidade da reorganização das lutas populares.⁴⁶ Em outra edição, a historiadora Virgínia Fontes debate a conjuntura das organizações populares, no Brasil, defende a sua reorganização e a criação de um novo instrumento político.⁴⁷

Em um momento de debates sobre a esquerda no país, essa questão não aparece no *Jornal Sem Terra*. Não custa lembrar que, em 2007, tinha início o segundo mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT), após uma eleição bastante disputada com Geraldo Alckmin (PSDB), na qual, apenas no segundo turno, o MST e outros movimentos sociais declararam apoio ao candidato petista. Conforme a avaliação do integrante da Direção Nacional do MST, Gilmar Mauro, já então estava claro que Lula não mudaria a política econômica, por isso seria preciso que as pautas dos movimentos sociais fossem tratadas desde outro patamar:

Isso terá que ser tratado como luta política, luta de classe, a ser feita com outros setores da classe trabalhadora. O nosso enfrentamento ao neoliberalismo será um enfrentamento de classe. Não temos força política pra mudar o modelo adotado pelo governo, mas o enfrentamento é uma construção que depende de um conjunto de articulações. Por isso temos que garantir o “nenhum direito a menos” (MAURO, 2006, não paginado).

Essa avaliação bastante crítica em relação ao Governo Federal encontra pouco eco no *Jornal Sem Terra*, que expressa uma visão mais amena, como vemos no seguinte editorial: “Se antes era o Estado que administrava as áreas rurais controlando preços, créditos e outras questões, hoje são as grandes empresas que tentam mudar a forma de organização da produção no campo, promovendo alianças com o latifúndio”.⁴⁸ O texto expõe uma perspectiva que se, por um lado, serve para

⁴⁶ RST, Ed. n. 37, “Entrevista”, 2007, p. 05.

⁴⁷ RST, Ed. n. 39, “Entrevista”, 2007, p. 05.

⁴⁸ “Sem Terra discutem Reforma Agrária”, JST, Ed. n. 270, “Rumo ao 5º Congresso”, 2007, p. 11.

deixar clara a contraposição ao agronegócio, por outro, retira a responsabilidade do Estado em relação ao crescimento do setor. Já o aumento da concentração da riqueza é debatido no editorial “Os ricos estão mais ricos no governo Lula”,⁴⁹ o qual critica os limites da política assistencialista adotada pelo governo e afirma que a mudança da realidade só poderá ocorrer se houver uma mudança radical na política econômica. Além disso, destaca, ao finalizar o texto:

Precisamos ter no horizonte um projeto de desenvolvimento político, econômico e social que atenda os interesses e as necessidades do povo brasileiro para inserirmos a luta pela Reforma Agrária. Queremos sim construir um Brasil com soberania e justiça social, no lugar desse Brasil que procura perpetuar a riqueza nas mãos de 0,07% da população e relega dois terços dos brasileiros à condição de pobreza (OS RICOS..., 2007, p. 2).

Importante considerar essa relação porque, para se viabilizar a Reforma Agrária, são necessárias ações do Estado, por isso o grau de pressão que o movimento direciona a ele é fundamental para percebermos o quão contra-hegemônica pode vir a ser sua atuação. Se for correto que apenas com o acúmulo de forças essa correlação poderá ser superada, para se chegar a ele, o debate sobre a conjuntura enfrentada pela esquerda brasileira deverá ser deflagrado, e os meios de comunicação do MST podem forjar-se como espaços privilegiados para isso.

Trabalhadores e produtores

Tais espaços são privilegiados por não estarem submetidos às lógicas e interesses que norteiam os meios de comunicação hegemônicos e por terem a possibilidade de expressar visões de mundo vinculadas às classes subalternas. Mas não só. A potencialidade reside no que podem vir a significar de mudança na cultura política da militância, por meio da apropriação dos temas por eles abordados e das técnicas de pro-

⁴⁹ JST, Ed. n. 274, “Editorial”, 2007, p. 02.

dução, portanto da superação da “lógica do espetáculo” e de determinada divisão social do trabalho.

Essa divisão é efetivada a partir do momento em que se opera uma segregação entre o trabalho material e o trabalho espiritual, de modo que são forjadas duas categorias de indivíduos dentro da mesma classe: “Uns serão os pensadores dessa classe (os ideólogos ativos, que teorizam e fazem da elaboração da ilusão que essa classe tem de si mesma sua substância principal), ao passo que outros terão uma atitude mais passiva e mais receptiva em face desses pensamentos e dessas ilusões” (MARX, 1998, p. 49). Tal oposição pode gerar uma cisão dentro dessa mesma classe.

Um projeto de transformação social, ao contrário, não deve naturalizar o fato de que a apenas alguns seja dada a possibilidade de refletir e produzir conhecimento. Seguindo o entendimento do materialismo histórico, o pensamento dos indivíduos, ao se constituir de modo distinto da prática existente, resultaria em uma série de teorias apartadas das condições históricas objetivas, sendo incapaz de impulsionar o desenvolvimento da vida material concreta. “Além disso, a divisão do trabalho implica também a contradição entre o interesse do indivíduo isolado ou da família isolada e o interesse coletivo de todos os indivíduos que mantêm relações entre si” (MARX, 1998, p. 28). Para abolir a dominação, portanto, é preciso superar a fixação das atividades sociais, permitindo que homens e mulheres exerçam, por exemplo, as tarefas de agricultores ou de jornalistas.

Tal preocupação é recorrente nos estudos sobre comunicação alternativa ou comunitária. Mario Kaplún (1996), por exemplo, considera que, em uma prática comunicativa que vise à educação dos sujeitos envolvidos, deveria ser vivenciado um processo no qual haveria “[...] no más emisores y receptores sino EMIRECS; no más locutores y oyentes sino inter-locutores” (1996, p. 70). Downing (2002) advoga a existência, no que chama de mídias radicais, de uma audiência ativa, isto é, de um público que também elabora suas mensagens. Já Peruzzo (1998) afirma que há várias formas de participação popular nessas mídias, desde aquelas limitadas à simples feitura de mensagens até processos mais vastos, relacionados não só à produção, mas à concepção, planejamento e gerência política delas. A autora avalia que um maior envolvimento ocorre quando o participante não só produz, mas também

discute o meio de comunicação, opinando, escolhendo, discutindo e produzindo, ou seja, agindo ativamente.

Documentos do MST (2004, 2005, 2006) expressam o imperativo de fazer com que todos os trabalhadores passem também a ser produtores de informação, rompendo com a sujeição deles ao papel de receptores do processo comunicativo. Entretanto, diversos fatores nos levam a concluir que, durante o 5º Congresso do MST, essa ruptura permaneceu sendo mais um objetivo a ser alcançado que uma experiência vivenciada. As autorias dos textos analisados revelaram o precário envolvimento da diversidade de militantes que compõem o MST em sua produção jornalística. No site e no jornal, poucas matérias são assinadas. Naquelas em que os autores são explicitados, há o predomínio da produção por parte de jornalistas profissionais, que são contratados ou que colaboram voluntariamente com o movimento. Também constatamos a presença de textos escritos por integrantes da Direção Nacional do MST, mas não localizamos a assinatura de nenhum militante da “base” – que, aliás, pouco aparece como fonte das notícias. Já na *Revista Sem Terra*, a situação é ainda mais aguda. Todos os textos de “Entrevista”, “Política”, “Economia”, “MST” e “Estudo” são assinados ou por dirigentes nacionais ou por jornalistas.

As respostas ao questionário que aplicamos junto a quinze atuais integrantes do Setor de Comunicação do Movimento Sem Terra confirmam a especialização e divisão do trabalho ocorrida durante o Congresso. Dentre aqueles que participaram diretamente das atividades de comunicação do encontro, tivemos a seguinte distribuição de tarefas:

Quadro 1 – Atividades desenvolvidas pelos integrantes do Setor de Comunicação durante o Congresso

ATIVIDADE	GRUPO 1 – Número de citações	PERCENTUAL
Rádio Brasil em Movimento	5	41,6%
Assessoria de imprensa	3	25%
Audiovisual	1	8,3%
Agitação e propaganda	1	8,3%
Marcha (citada por um militante como tarefa de comunicação)	1	8,3%
Mística	1	8,3%

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de questionário aplicado com integrantes do Setor de Comunicação do MST.

Não houve uma única referência à produção dos materiais impressos do movimento. Mesmo em atividades com alguma participação desses militantes, como a assessoria de comunicação, a divisão de tarefas entre especialistas e não especialistas foi perceptível. Estes foram encarregados de monitorar a mídia e acompanhar os jornalistas, enquanto àqueles coube a produção de *releases*, entre outras ações.

Como vemos na tabela, a participação da militância ocorreu majoritariamente na produção da rádio poste, cuja programação variada acolheu programas feitos por crianças, mulheres e até pelos cozinheiros do evento. A diferença de suportes também contribui para essa conformação, visto que a linguagem falada é mais acessível à população em geral. Conforme explica o jornalista e militante do MST, Igor Felipe: “Os limites da participação na comunicação do MST são os limites gerais da militância do MST. Boa parte da nossa militância teve experiência concreta com rádio, desde os assentamentos, desde os acampamentos, até porque tem a questão da linguagem oral, por isso tem um gosto até por esse tipo de comunicação”. Para ele:

Esse é um desafio, porque a participação da militância em nossas frentes depende muito de onde ela está inserida no seu cotidiano, da tarefa concreta que ela tem no seu espaço. Então, as pessoas que vieram trabalhar em assessoria, elas atuavam em assessoria no seu espaço, mas não necessariamente elas faziam só aquilo, ou tinham uma formação de jornalista para exercer as atividades, não necessariamente realizam todas as tarefas formais de uma assessoria de imprensa, como nós realizamos a nível nacional. Por isso os grandes momentos do movimento também são grandes espaços de formação, porque às vezes esse assessor de imprensa, ou a pessoa que também exerce essa função, quando participa de uma ação como essa, toma contato com o conjunto de atividades que da assessoria de imprensa a gente faz, com o clipping, com o termômetro, com a forma de atendimento, com o envio dos *releases*, os telefonemas. Então, eu acho que tem esse processo de formação das equipes. É bastante heterogêneo e é muito rico, exatamente por isso é muito rico (FELIPPE, 2011).

A atuação dos profissionais formados não é, por certo, um problema. Muitos deles, inclusive, possuem uma relação de militância orgânica junto ao MST ou a outras organizações políticas. Ademais,

consideramos que o jornalista também deve contribuir para difundir valores contra-hegemônicos e organizar a luta social, valendo-se do importante papel de mediador que desempenha. O que problematizamos é a ausência de outros sujeitos, algo que comprova a dificuldade de se efetivar as propostas apresentadas nos documentos e de superar o lugar de espectador conferido aos setores pauperizados.

A participação na produção das ações de comunicação, conforme observamos ao analisar especificamente a rádio livre produzida pelo MST no Ceará (MARTINS, 2009), permite a integração dos produtores ao universo do movimento e, com isso, a renovação da militância. Possibilita o conhecimento aprofundado dos fatos e discussões, contribuindo com a reflexão e, potencialmente, com a desconstrução dos valores dominantes, algo essencial para a construção de uma contra-hegemonia. Vale ressaltar que, seguindo o entendimento gramsciano, não há como existir uma ação consequente e unificada, sem que se tenha uma concepção nova e integral de mundo partilhada entre os integrantes de determinado grupo. Isso se dá pela construção e afirmação ideológica, para as quais coopera o que o filósofo sardo conceituou como intelectual orgânico, sujeito forjado pela própria classe e que promove maneiras de pensar. Esse papel pode ser ocupado por todos os homens e mulheres, visto que não há atividade humana desprovida de pensamento, embora existam graus variáveis de atividade intelectual (GRAMSCI, 1989, p. 7-8).

Para Gramsci, “No mundo moderno, a educação técnica, estreitamente ligada ao trabalho industrial, mesmo ao mais primitivo e desqualificado, deve constituir a base do novo tipo de intelectual” (1989, p. 16), o que ele afirmou ter buscado realizar por meio do periódico *Ordine Nuovo*. Hoje, essa afirmação permanece atual. Com o avanço tecnológico e certa midiaticização da sociedade, apropriar-se das tecnologias é tarefa premente para os sujeitos políticos. Além disso, o estado das técnicas e o estado da política não estão apartados, ao contrário. Segundo Milton Santos (2001, p. 142): “A história fornece o quadro material e a política molda as condições que permitem a ação”.

As técnicas das quais dispomos hoje “[...] oferecem a possibilidade de superação do imperativo da tecnologia hegemônica e paralelamente admitem a proliferação novos arranjos, com a retomada da criatividade” (SANTOS, 2001, p. 165). Nesse sentido, os sistemas técnicos, embora criados no bojo da industrialização e do imperialismo,

podem ser radicalmente alterados e recriados para objetivos outros. As tecnologias podem deixar de ser usufruídas pelo capital, para passarem a servir ao processo de transição social:

Diante do que é o mundo atual, como disponibilidade e como possibilidade, acreditamos que as condições materiais já estão dadas para que se imponha a desejada grande mutação, mas seu destino vai depender de como disponibilidades e possibilidades serão aproveitadas pela política. Na sua forma material, unicamente corpórea, as técnicas talvez sejam irreversíveis, porque aderem ao território e ao cotidiano. De um ponto de vista existencial, elas podem obter um outro uso e uma outra significação (SANTOS, 2001, p. 85).

Apesar de tamanha potencialidade, temos que considerar que não foi para os movimentos sociais que a maior parte da tecnologia, ou mesmo toda ela, foi urdida. Por isso, alcançar esse estágio de domínio da técnica para utilizá-la em prol de outras finalidades, superando e reconvertendo as lógicas internas do próprio avanço tecnológico, ainda é uma tarefa posta para os movimentos sociais. Tal problemática veio à tona nos questionários da militância do MST, por meio dos quais parte dela informou que a maior deficiência percebida nas ações de comunicação do 5º Congresso esteve vinculada à deficiência na formação técnica e à falta de equipamentos:

Quadro 2 – Deficiências percebidas na comunicação do 5º Congresso Nacional

DEFICIÊNCIAS PERCEBIDAS	GRUPO 1 (Militantes que participaram das atividades de comunicação) – Número de citações	GRUPO 2 (Atuaram na comunicação, mas integravam outros setores em 2007) – Número de citações	PERCENTUAL
Deficiência na formação técnica	3	2	33,33%
Pouca participação da militância	1	3	26,66%
Falta de equipamentos	1	2	20%
Faltou divulgar mais a diversidade cultural e das experiências	-	2	13,33
Preparação das equipes poderia ser antecipada	1	-	6,6%

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de questionário aplicado com integrantes do Setor de Comunicação do MST.

É interessante perceber, no entanto, que o principal avanço considerado pelos militantes foi a organização da Brigada de Audiovisual da Via Campesina e, por meio dela, a feitura do primeiro filme produzido totalmente pelo MST, o “Lutar Sempre”, de 25min de duração. Também foi destacada a produção da Rádio Brasil em Movimento, conforme apresenta a tabela abaixo:

Quadro 3 – Avanços percebidos na comunicação do 5º Congresso Nacional

AVANÇOS PERCEBIDOS	GRUPO 1 – Número de citações	GRUPO 2 – Número de citações	PERCENTUAL
Fortalecimento da Brigada de Audiovisual e produção do filme “Lutar Sempre”	6	1	21,21%
Produção da Rádio Brasil em Movimento	5	2	21,21%
Fortalecimento do Setor de Comunicação, com maior envolvimento da militância	3	2	15,15%
Visibilidade ao MST ou à sua capacidade de organização	1	3	12,12%
Pautar a imprensa, contrapondo-se às matérias da grande mídia	3	-	9,09%
Fortalecimento da produção de meios próprios	-	2	6,06%
Circulação interna de informações	1	1	6,06%
Visibilidade ao Congresso	1	-	3,03%
Fortalecimento das ações de agitação e propaganda	1	-	3,03%
Registro das atividades	1	-	3,03%

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de questionário aplicado com integrantes do Setor de Comunicação do MST.

Os resultados mostram a ambivalente relação do movimento com as técnicas. Se, por um lado, permanecem as dificuldades de acesso integral às tecnologias de informação e comunicação, por outro, é fato que o patamar de contato com elas já não é o mesmo dos anos 80 e 90. Diante disso, inferimos que há um processo em andamento, no sentido de possibilitar a ampliação do acesso à tecnologia e até mesmo às técnicas jornalísticas, conforme já ressaltamos, o que mostra possibilidades de superação da divisão do trabalho que condiciona alguns à reflexão e outros à sua reprodução.

O que a tabela acima apresenta, ademais, é que um processo semelhante não é percebido no que tange ao acesso aos meios de comunicação hegemônicos. O aumento da visibilidade do MST e do Congresso na mídia ocupam patamares inferiores aos registrados na produção do filme e da rádio, ainda mais se somarmos as referências à produção de meios próprios. A relação com os meios tradicionais continua sendo pensada desde uma ótica negativa: trata-se de acompanhar os jornalistas para evitar que façam distorções ou de conseguir espaços para apresentar uma contraposição ao discurso hegemônico. Isso mostra que o desenvolvimento das tecnologias não tem sido acompanhado pela ampliação do pluralismo e da participação dos segmentos da sociedade nos meios que conseguem chegar a um maior contingente populacional.

Considerações finais: das possíveis cercas rompidas

A análise dos conteúdos veiculados por meio dos meios de comunicação produzidos pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – site, jornal e revista – mostrou que eles foram utilizados para preparar o terreno da disputa contra o agronegócio, disseminando concepções sobre a reconfiguração do campo, denunciando os impactos ambientais decorrentes de suas atividades e afirmando a incompatibilidade da manutenção desse modelo com a proposta da Reforma Agrária defendida pelos movimentos sociais.

Desde o período anterior ao Congresso, o MST valeu-se de uma série de instrumentos de comunicação para arquitetar a unidade ideológica que contribui para a congregação dos sujeitos que o compõem. Ele buscou construir o sentido de que a solução para os problemas encontra-se na organização política e no fortalecimento da luta contra o agronegócio, bem como na unidade em torno de um projeto político comum. Vimos, todavia, que, muitas vezes, divergências ou problemas que atingem o movimento não vêm à tona nos veículos que analisamos. Estes expressam uma leitura por demais pré-fabricada e bastante centralizada na Direção Nacional do MST.

Toda essa dinâmica confirma a hipótese de que a comunicação tem sido compreendida não apenas como instrumento, mas como um es-

paço estratégico para a atuação do Movimento Sem Terra, entendimento construído por meio da formulação, mas também da experiência prática, das contradições e dos desafios que encontrou em sua trajetória de quase trinta anos. Assim, do boletim que servia para informar e organizar a militância passou-se à efetivação de ações que, ao dialogar com a linguagem da mídia, conferem visibilidade ao movimento e às suas reivindicações.

Constatamos, ademais, a existência de uma ambiguidade em torno do desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação. Houve um crescente acesso a elas ao longo da trajetória do movimento, tanto que hoje ele não só possui jornal, revistas e boletins, como também produz site, rádios e filmes próprios, ampliando o escopo de atividades relacionadas à comunicação, assim como a participação dos diferentes sujeitos nelas. Não obstante, a análise mostrou que empecilhos históricos, como a frágil alfabetização, bloqueiam a produção por parte dos trabalhadores, fazendo com que a eles tenham sido destinadas as tarefas mais de acompanhamento que de elaboração de reflexão.

De modo geral, a preparação e o dia a dia do 5º Congresso revelaram uma preocupação especial com a comunicação, sem que com isso tenha se dado o abandono da política tradicional. Assim, não seria pertinente reduzir a complexidade de um encontro como o que discutimos ao trato com a comunicação, todavia é salutar perceber que a negociação entre as distintas gramáticas – da mídia e da política tradicional – atravessou a realização do Congresso e contribuiu para ampliar a denúncia do agronegócio e fixar o evento como instrumento de pressão política. Afinal, vivemos em uma sociedade em que os fluxos de informação e comunicação não só são mais intensos, como mais influentes na luta entre os diferentes segmentos da sociedade.

Bibliografia

CASSOL, Daniel Barbosa. *Brasil de Fato: a imprensa popular alternativa em tempos de crise*. 2010. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010. Disponível em: <http://bdtd.unisinos.br/tde_arquivos/6/TDE-2010-06-z29T085415Z-1117/Publico/DanielCassolComunicacao.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2010.

COMPARATO, Bruno Konder. A ação política do MST. *São Paulo Perspec.* v. 15, n. 1, p. 105-118, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n4/10377.pdf>>. Acesso: 4 jun. 2010.

DIAS, Raquel de Souza. Tematização e circulação de enunciados em mídias radicais, de organização e informativas pelos movimentos de resistência global. In: FERREIRA, Jairo; VIZER, Eduardo (Org.). *Mídia e movimentos sociais*. São Paulo: Paulus, 2007.

DOWNING, John D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: SENAC, 2002.

EGAS, Heloíza de A. P. B. *Movimentos sociais e Estado. Resistência e contra-hegemonia na ação do MST*. 2008. 241 f. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

FELIPPE, Igor. Entrevista concedida a Helena Martins. Novembro de 2011.

GRAMSCI, A. *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere: Maquiavel, notas sobre o Estado e a política*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3.

JUSTIÇA social e soberania popular. *Jornal Sem Terra*, São Paulo, n. 271, 2007, Editorial, p. 2.

KAPLÚN, Mario. *El comunicador popular*. 2. ed. Buenos Aires: Lumen-Hvmanitas, 1987.

MARTINS, Helena do R. Barreto. *Onde só vento se semeava outrora*. Comunicação: espaço de luta política. Análise da rádio 25 de Maio FM, produzida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. 2009. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MARTINS, Helena do R. Barreto; NUNES, Márcia Vidal. Das ideias que se fazem gestos: sensibilização, formação e produção de novas ações comunicativas. ENCONTRO DA COMPÓS, 20., 2011, Porto

Alegre. *Anais...* Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

MAURO, Gilmar. Lema para o segundo mandato será ‘nenhum direito a menos’. *Agência Carta Maior*, 2006. Entrevista concedida a Verena Glass. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/3151>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Caderno de Formação*: preparação dos encontros estaduais e 9º encontro nacional do MST. n. 25, 1998.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Setor Nacional de Comunicação. *Preparar a comunicação, agitação e propaganda*. São Paulo, 2004.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Setor Nacional de Comunicação e Coletivo Cultura. *Hegemonia, Política, Comunicação e Cultura*. Brasília, 2005.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Setor Nacional de Comunicação. *Linhas políticas para a assessoria de imprensa*. Brasília, 2006.

OS RICOS estão mais ricos no governo Lula. *Jornal Sem Terra*, São Paulo, n. 274, 2007, Editorial, p. 2.

OLIVEIRA, Francisco. O momento Lênin. *Novos Estudos*, v. 75, jul. 2006, p. 23-47. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n75/a03n75.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2011.

PELA TRANSFORMAÇÃO da agricultura brasileira. *Jornal Sem Terra*, São Paulo, n. 270, 2007, Editorial, p. 2.

PEREIRA, Jorge Filho. Além da terra, construir a justiça social. *MST*, São Paulo. 2007. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/851>>. Acesso: 20 ago. 2011.

PERUZZO, Cícilia M. K. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Marina dos. Um marco na luta social latino-americana. *Jornal Sem Terra*, São Paulo, n. 273, 2007, Estudo, p. 3.

SEM TERRA discutem Reforma Agrária: rumo ao 5º Congresso. *Jornal Sem Terra*, São Paulo n. 270, 2007, p. 11.

STÉDILE, Miguel. Entrevista concedida a Helena Martins. Julho de 2010.

STÉDILE, Miguel. Entrevista concedida a Helena Martins. Novembro de 2011.

UMBELINO, Ariovaldo de Oliveira. *Não Reforma Agrária e Contra Reforma Agrária no Brasil do governo Lula*. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/62145490/R-020-Ariovaldo-Umbelino-de-Oliveira>>. Acesso em: 12 fev. 2012.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ETNOGRAFIA DO ASSENTAMENTO ITAPUÍ/RS E SUAS PRÁTICAS COMUNICACIONAIS: consciência do fazer etnográfico na pesquisa em comunicação

Catarina Farias de Oliveira¹

Introdução

Discutir os caminhos metodológicos traçados nesta pesquisa tem por objetivo aprofundar a aproximação que fiz com a etnografia para a compreensão do Assentamento Itapuí, no Rio Grande do Sul, bem como admitir os equívocos cometidos no percurso em campo. Pretendo esclarecer a escolha do método etnográfico e problematizar como, do lugar de pesquisadora com formação em Comunicação, Sociologia e Educação, faço uso da etnografia en-

¹ Professora Doutora do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, UFC. Coordenadora do Grupo de Pesquisa: Mídia, Cultura e Política na UFC. E-mail: catarinaoliveira30@gmail.com.

quanto método. A partir das pesquisas que realizei, proponho duas reflexões: uma sobre a consciência despertada em mim pelo uso da etnografia nas investigações que realizei ao longo de minha trajetória; e outra sobre a etnografia como opção para um olhar que elejo como privilegiado para as questões que procuro compreender. Uma discussão dessa natureza tem, em certa medida, um tom memorialista e representa um retorno de análise crítica aos processos de pesquisa de campo por mim vivenciados. O intuito é fazer inferências a partir da pesquisa efetivada no pós-doutorado, levando em conta meu amadurecimento enquanto pesquisadora num campo em que a etnografia também já adquire um lugar mais histórico de utilização nas pesquisas sobre comunicação e recepção ou sobre a temática de comunicação, cidadania e movimentos sociais populares. Porém, não identifico, em momento algum, um aprendizado finalizado como pesquisadora, mas um processo em constante construção.

O Assentamento Itapuí, local desta pesquisa, está situado no município de Nova Santa Rita, no estado do Rio Grande do Sul, a 35km da capital, Porto Alegre. O trabalho de campo desenvolveu-se em duas etapas. Uma primeira fase, centrada na observação mais geral da história do assentamento e numa primeira aproximação com seus moradores, estendeu-se de outubro a dezembro de 2010. Em uma segunda etapa,² desenvolvida entre março e junho de 2011, foram realizadas outras visitas semanais, com algumas estadas prolongadas no assentamento e com a realização de entrevistas antropológicas (GUBER, 2004).³ Em linhas gerais, o interesse da investigação era compreender como se desenvolve num assentamento a relação dos assentados e assentadas com uma produção de comunicação que envolve outros gêneros. A ideia era, a partir de um assentamento, construir um olhar mais detalhado dos bastidores da produção de sentido dos assentados e apre-

² Na primeira etapa, as entradas em campo foram semanais com duração de até três dias e pernoite em campo. Na segunda fase, permanecemos períodos de dois dias por semana também com pernoite em campo.

³ Enquanto a entrevista mais formal é geralmente marcada e nasce de um acordo prévio, a entrevista antropológica se gera no marco da convivência cotidiana do pesquisador com os atores sociais no contexto do trabalho de campo (GUBER, 2004).

ender a produção e o consumo de comunicação que o MST realiza por meio de suas mídias.

Minhas questões em problematizar o que usei da etnografia em pesquisa de campo não pretendem fragmentar a etnografia enquanto método. Pretendo também admitir as minhas limitações em campo e abordar as minhas contribuições como pesquisadora formada em Comunicação Social com mestrado em Sociologia e doutorado em Educação. Sempre tendo realizado pesquisa de campo e com objetos diretamente ligados à Comunicação, mais precisamente, à Comunicação Comunitária vivenciada por movimentos sociais, apenas agora assumo que faço etnografia. Pergunto-me, então, se posso me identificar como uma pesquisadora que faz uso da etnografia por usar a estadia em campo prolongada; por estar atenta à reconstrução de categorias e questões que surgem em campo; por buscar compreender os fatos repetidos e inusitados que o campo nos aponta ou pelo olhar sempre atento e por estar aberta ao ritmo da pesquisa de campo, cruzando estratégias metodológicas que são tanto definidas pelo projeto de pesquisa inicial quanto redefinidas em pleno exercício da pesquisa de campo. Utilizo-me aqui de uma reflexão de Malinowski (1984) para admitir honestamente meus passos em campo. Segundo Malinowski (1984, p. 19), na etnografia, “o relato honesto de todos os dados é talvez ainda mais necessário que em outras ciências [...]”.

Uma primeira razão que me fez optar pela etnografia de forma precisa na investigação sobre o Assentamento Itapuí foi entender que essa escolha marca mais detidamente a importância da presença do pesquisador em campo. Não coloca apenas a necessidade de ir a campo, mas também como proceder neste, como se aproximar e como se relacionar com os sujeitos pesquisados, como proceder com flexibilidade e criatividade diante de diálogos entre metodologia, teoria e trabalho de campo. Essas questões me fazem lembrar quando Malinowski (1984) nos destaca o cuidado em relação aos métodos mais distanciados da possibilidade de imaginar a realidade da vida humana. Para esse autor, em “certos tipos de pesquisas científicas – especialmente, a que se costuma chamar de ‘levantamento de dados’ ou *survey* – é possível apresentar, por assim dizer, um excelente es-

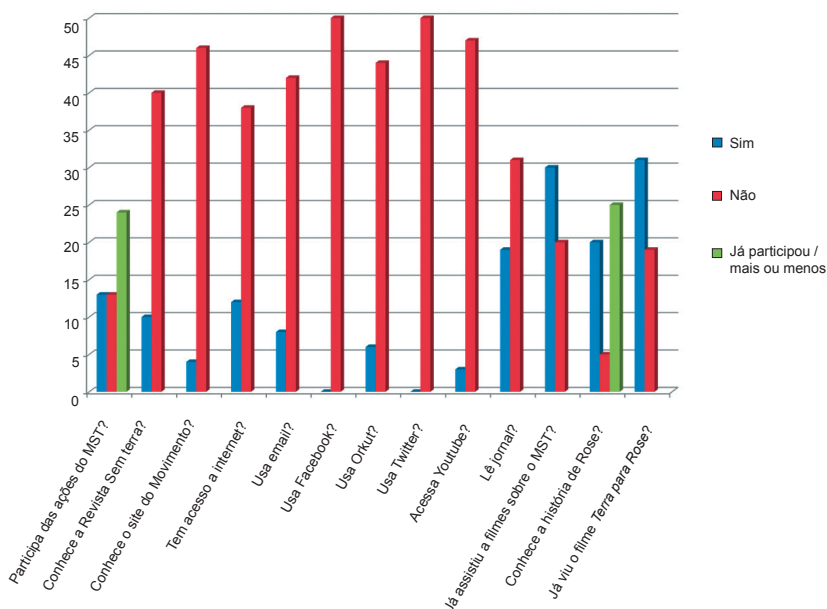
queleto da constituição tribal, mas ao qual faltam sangue e carne” (MALINOWSKI, 1984, p. 27).

Para aqueles que pensam que alcançar a constituição de sangue e carne do esqueleto do objeto satisfaz a antropologia, o autor afirma que conhecer a estrutura do esqueleto e chegar à carne e sangue ainda é pouco. Para Malinowski (1984), esse é apenas o caminho para procurar chegar ao espírito em que se pode buscar compreender a experiência:

Além do esboço firme da constituição tribal e dos atos culturais cristalizados que formam o esqueleto, além dos dados referentes à vida cotidiana e ao comportamento habitual que são, por assim dizer, sua carne e seu sangue, há ainda a registrar-se-lhe o espírito – os pontos de vistas, as opiniões, as palavras dos nativos [...] (MALINOWSKI, 1984, p. 32).

Na pesquisa que realizei no Assentamento Itapuí, tive um exemplo marcante dessa diferença. Após observar o assentamento por oito meses, entre estadias mais prolongadas de três a dois dias por semana nesse contexto, realizando entrevistas antropológicas, entrevistas semiestruturadas e participando de diversos momentos no cotidiano do Itapuí, realizei, ao final da pesquisa, um questionário, aplicado a 50 pessoas. O instrumento tinha o objetivo de confirmar em termos numéricos a relação que os assentados estabeleciam com as mídias produzidas pelo MST. A pesquisa qualitativa havia constatado, a partir de dados de entrevistas e observações, o distanciamento que esses sujeitos tinham em relação às principais mídias de comunicação do movimento (Jornal e Revista Sem Terra e site do MST). Entretanto, senti necessidade de afirmar com precisão essa constatação, uma vez que a pesquisa etnográfica me trazia uma interação delimitada com poucas famílias do assentamento. O gráfico foi categórico e confirmou a pesquisa qualitativa. Porém, ao observar o gráfico e suas informações, percebo a ausência de detalhes e histórias, conflitos e tensões, crenças e memórias colhidas na pesquisa etnográfica. Vejamos a seguir esse instrumento:

Gráfico 1- Acesso dos assentados às mídias produzidas pelo MST



Fonte: Elaborado pela autora.

Uma reflexão detida sobre o gráfico me fez pensar nas histórias que explicam as distintas formas como os sujeitos do assentamento se distanciam ou se aproximam do MST, bem como nos processos de constituição de identificação com o movimento. Na verdade, o gráfico revela o mesmo resultado da pesquisa qualitativa, mas não expressa o que Malinowski (1984) chama de espírito dos sujeitos pesquisados. Usá-lo deixava-me em dúvida acerca dos procedimentos etnográficos. Analisá-lo me fez reforçar a percepção de que a utilização de instrumentos característicos da pesquisa quantitativa traz resultados significativos para a pesquisa, mas não revela o cerne das relações sociais e vivências. Porém, concebo que o uso de um instrumento mensurador como o gráfico pode revelar as particularidades da pesquisa etnográfica à profundidade, mesmo que parcial, da compreensão que esse método proporciona. O mesmo não pode ser dito dos dados revelados pelo questionário. Ele traz informações precisas, mas destituídas de historicidade e de contextos.

Ao falar sobre a importância dos contextos na pesquisa qualitativa, reporto-me a uma observação importante a esse respeito. Uma crítica mais ampla que pode ser feita ao procedimento qualitativo em campo ou a referências a este procedimento é, principalmente, o fato de esse termo, muitas vezes, explicar opções de procedimentos metodológicos que não fazem menção à etnografia, mas se apresentam como próximos a esta, amparados no adjetivismo da pesquisa qualitativa. O termo pesquisa qualitativa, em muitas situações, faz referências genéricas ao procedimento das investigações. Kanauth (2010) levanta críticas a procedimentos de pesquisa qualitativa em saúde quando destaca:

A chamada pesquisa qualitativa em saúde coletiva é, em grande parte dos casos, a simples substituição da técnica da entrevista estruturada pela entrevista semi-estruturada, da definição de amostras estatisticamente representativas por amostras pequenas (em grande parte dos casos, até menos de 10 entrevistas) sob a justificativa do qualitativo e da análise estatística pela análise “de conteúdo segundo Bardin”, apud algum outro autor (KANAUTH, 2010, p. 109).

Para Kanauth (2010), grande parte dos dados dessas pesquisas é apresentada de forma descontextualizada dos atores e do contexto social no qual foi produzida. “O tom qualitativo é dado pela inserção de fragmentos das falas dos participantes do estudo, sendo que o sujeito social deste discurso não é analisado, mas apenas o conteúdo imediato da fala” (KANAUTH, 2010, p. 109). A autora ressalta, finalmente, que as pesquisas em saúde têm utilizado duas técnicas em particular: a entrevista semiestruturada e o grupo focal, com raríssima utilização até mesmo da observação participante. Kanauth (2010) parece querer dizer que a observação participante poderia trazer os contextos das falas contidas nas entrevistas e nos estudos focais, mesmo que utilizada como técnica e não como parte de procedimentos etnográficos. Por fim, a autora justifica que não está certa da ideia de que a etnografia é o único método a ser utilizado:

Com isso não quero dizer que todos os estudos qualitativos devam realizar uma etnografia, mas gostaria de sugerir que devem incorporar esta perspectiva etnográfica na concepção do

problema, na coleta dos dados e, particularmente, na análise, re-colocando-os no contexto no qual foram produzidos e ao qual se referem (KANAUTH, 2010, p. 110).

As investigações sobre o MST enquanto movimento social popular que articula propostas comunicacionais são realizadas, na sua grande maioria, a partir de estratégias metodológicas qualitativas. Essa identificação pode representar uma série de opções. Sob o rótulo “qualitativo”, podem ser nomeadas pesquisas que utilizam entrevista em profundidade, análise de discurso, grupos focais, observação participante ou mesmo pesquisas que usam essas múltiplas estratégias metodológicas. A etnografia é considerada o protótipo da pesquisa qualitativa e sua mais densa expressão.

Esqueleto, carne, sangue e espírito me fazem pensar nas diversas camadas que vivi em campo, em como entrei no assentamento, como reconheci parte dessa história e como fui percebendo conflitos, contradições e me aproximando de cada história, fazendo relações entre elas e redefinindo metodologias e categorias. É desse processo de observação participante que falo, o qual está dentro de uma base etnográfica, pois não inclui apenas observação participante, realização de entrevista, encaradas como etapas separadas, mas uma série de conversas informais e convivência em campo, almoços, churrascos, percursos no ônibus do assentamento, trajetória que exigiu tempo (oito meses), flexibilidade e atenção para rever, inclusive, questões iniciais. A princípio, a ideia de perguntar pelas mídias do MST não previa trabalhar com a memória dos/das assentados/as, tampouco ter a experiência como outra categoria relevante, além das elencadas no projeto de pesquisa inicial, como as reflexões teóricas sobre recepção e MST. É nesse sentido que expressei o caráter de flexibilidade da etnografia, que pode, inclusive, suscitar estratégias de pesquisas a partir de questões que o olhar atento ao campo possa perceber.

Na trajetória de campo no Assentamento Itapuí, algumas estratégias não estavam previstas, mas se mostraram importantes ao longo da pesquisa. O processo do trabalho de campo me fez, por exemplo, usar as fotografias de memórias – de festas e comemorações pessoais ou coletivas – que os/as assentados/as me apresentaram. A fotografia

tornou-se, então, material de análise para complementar depoimentos dos/as informantes e observações realizadas em campo. Essa opção demonstra a flexibilidade que a atenção em campo propicia.

Outro exemplo foi a importância que as fofocas surgidas em campo tiveram. Elas elucidavam questões da pesquisa, mas não entravam como elementos propriamente da investigação, nem estavam diretamente ligadas à temática pesquisada. Foram, então, consideradas na compreensão das questões que moviam a pesquisa, mas não na descrição do trabalho de campo. Isso evidencia a existência de um fluxo de informações que permeiam as observações e falas em campo, mas que não são usadas no estudo, seja por questões éticas ou pela ausência de uma relação direta com a pesquisa. Refiro-me a um percurso que traz uma história problematizada de pessoas de carne e espírito. De algumas me tornei mais próxima. Com outras partilhei momentos de coleta de dados e de trocas de experiência de vida. Enfim, mantive aproximações e recebi cuidados atenciosos.

Após falar do caráter flexível da pesquisa etnográfica, que não se restringe à utilização da observação participante – usada como técnica por pesquisadores da Comunicação ou das Ciências Humanas, de forma geral, ou como forma de amenizar o risco de dizer que se faz etnografia – irei traçar as diferenças entre afirmar que se faz observação participante e assumir que se faz etnografia. Vejo a observação participante como estratégia metodológica, uma riqueza essencial à pesquisa social. Contudo, o fato de acreditar que a etnografia envolve maior complexidade em campo, aliado à constante fragmentação da observação participante em diversas caracterizações, levou-me a optar pela etnografia. Os tratamentos dados à observação participante me deixam pouco à vontade em trazê-la nessa pesquisa em particular. Desejava perceber o MST por dentro, não apenas a partir de suas lideranças; acompanhar o cotidiano de um assentamento, não só das ações mais externas do movimento. Foi com base nesse objetivo que elegi a etnografia, mesmo sabendo dos limites que me cercavam como pesquisadora. Acreditei na disposição em entrar em campo que sempre me acompanhou e na sensibilidade comum à minha trajetória de vida pessoal e profissional.

A pergunta que lanço aqui, então, é: a antropologia e a sociologia têm utilizado a observação participante de formas distintas? Se o fazem, quais são as aproximações e diferenças? Haguette (1987, p. 67) aponta que o “método da observação participante tem sido visto por alguns como se originando na antropologia, a partir dos estudos e experiências de campo de Malinowski e, por outros, como tendo sido iniciado pela Escola Sociológica de Chicago, na década de vinte (DOUGLAS, 1973, p. 86)”. Para a autora, tanto a antropologia como a sociologia utilizaram técnicas que colocam em questão a participação do pesquisador em campo, como também a necessidade de perceber o mundo pelos olhos dos pesquisados.

Em Haguette (1987), considera-se que a observação participante surgiu em campos distintos: na antropologia do final do século XIX e na sociologia dos anos vinte do século XX. No entanto, a autora que se dispõe a refletir sobre o uso dessa técnica a partir da sociologia, aponta-nos uma questão que parece ligada à relativização com que a observação participante passa a ser encarada por muitas áreas das Ciências Sociais. Refiro-me ao ponto em que Haguette (1987) destaca as definições de Schwartz e Schwartz (1969) para a observação participante, entre as quais a flexibilidade em relação ao tempo de presença do pesquisador em campo, que poderia tanto ser curto quanto longo. Nasceram, provavelmente, daí as atuais definições para observação participante, que variam entre observação periférica, observação ativa e observação completa (FINO, 2008). Na primeira, o tempo de observação é mínimo, sendo esta complementar ao processo de pesquisa central da investigação, por isso, observação periférica. A distinção entre observação ativa e observação completa, para Fino (2008), está na natureza mais densa da última em termos de permanência em campo. Sobre a permanência em campo, Ribeiro (2010) discute a dimensão do tempo no procedimento etnográfico. Para ela, relativizar demais a estadia em campo soa como um contrassenso, principalmente porque o tempo é “definidor das condições necessárias para a realização da pesquisa etnográfica” (RIBEIRO, 2010, p. 85).

Barros (2008) expressa, entre outras questões, a revisão do tempo de permanência do pesquisador em campo. A autora contrapõe

a observação participante (segundo a prática de campo antropológica discutida por Malinowski) ao processo que chama de inspiração etnográfica. O contraponto é realizado a partir de certa relativização da permanência em campo, que, a meu ver, não interfere na natureza do procedimento e na imersão do pesquisador em campo, mas precisa ser aplicada com cuidado para não se limitar o procedimento etnográfico. Isto não significa que a inspiração dos procedimentos etnográficos não possa ser tomada de forma fragmentada. Certamente, é possível, mas, se for este o caso, é preciso admiti-lo claramente, de modo a evitar afirmativas de que se está usando a etnografia, quando, na verdade, apenas se faz uso de procedimentos etnográficos em combinação com outras estratégias.

A opção etnográfica apontada por Barros (2008), diferente das reflexões encontradas em Fino (2008), não interfere tanto na permanência do pesquisador em campo. Embora a estadia seja repensada em momentos alternados, fixa-se a ideia da permanência em campo como parte da observação necessária ao procedimento etnográfico.

Entre as variações de posicionamento e permanência em campo da etnografia, trabalhadas por Barros (2008), inclui-se uma imersão por dois anos em campo, sem ser requerida, no entanto, moradia permanente por todo esse tempo. A autora utiliza visitas a campo com frequências estabelecidas e contínuas. É da variabilidade das formas de estar em campo que se coloca a proposta de inspiração etnográfica, porém se mantém a necessidade prioritária de ligação do investigador com o campo.

Ao expor essas reflexões, tenho como objetivo deixar claro que minha opção pela etnografia leva em consideração essas relativizações, mas voltada para a ideia central de que os procedimentos de protocolo em campo, como pesquisadora que observa e busca compreender, devem ser constantes, necessários e planejados. Para estabelecer uma discussão, pergunto se o fazer etnográfico depende de uma consciência que pode ser adquirida na prática de campo, explicitando-se no processo de fazer da pesquisa durante a aquisição de experiência do investigador; se está ligado à formação antropológica; ou ainda se pode ser referido a várias dessas questões. Nesse sentido, defendo que a consciência da etnografia em campo é essencial para que o pesquisador esteja atento

e use as habilidades de observar e cruzar dados com a observação e outras estratégias utilizadas em campo. Estar em campo ou fazer pesquisa de campo sem a devida consciência de fazer etnografia pode não despertar no investigador a atenção devida. Parto de minha experiência para propor essa ideia.

Mídias do MST no Assentamento Itapuí

O ponto de partida da pesquisa era compreender como as mídias elaboradas pelo MST circulavam no cotidiano de um assentamento do Rio Grande do Sul e como essas mídias disputavam espaço com as mídias comerciais na construção de sentidos vivenciados pelos/pelas assentados/as. Nesse caso, optamos por uma pesquisa de recepção, com o uso do método etnográfico do assentamento. Numa opção mais delimitada, poderia ter me detido na etnografia do espaço doméstico das residências dos/das assentados/as e na análise de como esses sujeitos consumiam as mídias nesse cenário. No entanto, acreditava que perderia de vista o contexto do assentamento e do próprio MST. Nesse sentido, preferi fazer um estudo do assentamento e analisar a recepção em alguns espaços domésticos. Contudo, talvez tenha caído no limite de não observar o espaço doméstico na sua riqueza da representação da recepção com as mídias e produtos. Possivelmente eu tenha centrado mais atenção na trajetória do assentamento. Durante a pesquisa de campo, senti dificuldade em acompanhar os dois contextos (lares e cotidiano do assentamento), principalmente pelo tempo delimitado da pesquisa. A questão que apresento, entretanto, é que, ao elaborar as reflexões sobre recepção e comunicação, especialmente sobre a pesquisa de recepção centrada nos espaços domésticos, comecei a reconhecer a necessidade de uma contextualização tanto ou mais importante do espaço de convivência dos receptores, assim como nas pesquisas de recepção que se centram na observação do contexto de circulação dos receptores e do consumo também há necessidade da observação dos espaços domésticos em que essa relação com as mídias ocorre. Há nessas duas dimensões uma complementação de informações que enriquece os estudos de

recepção. A falta de uma delas não desqualifica a pesquisa, mas deixa a análise mais delimitada e, possivelmente, mais restrita.

No caso da pesquisa realizada no Assentamento Itapuí, centrei mais atenção no histórico do assentamento, com imersões mais restritas nos espaços domésticos. É importante ressaltar que, na análise da recepção, não estudei o consumo de nenhum gênero ou programa em particular. Estudei os Sem Terra do MST em um assentamento, em suas relações cotidianas com a mídia comercial e seus conteúdos, de forma genérica, como também o conhecimento que esses/essas assentados/as tinham das mídias do MST.

Percebo que uma pesquisa de caráter mais detalhado de recepção, quando ocorre com grupos localizados num mesmo espaço, de dimensões mais facilmente delimitáveis (bairro, distrito, rua etc.), necessita investir na observação do contexto mais amplo de convivência dos receptores, como também na análise do contexto mais restrito do espaço doméstico onde as relações com as mídias ocorrem de forma mais pontual. É importante destacar que nem todos os estudos sobre consumidores ou receptores se detêm na análise de grupos espacialmente mais fixos para se centrar na observação do cotidiano desse cenário social. Pode-se encontrar casos em que múltiplos cenários sociais sejam importantes para o recorte. Nesse sentido, não se pode dizer que toda pesquisa de recepção realize a mesma escolha. Para as determinações metodológicas, é fundamental saber quais perguntas e qual objeto são definidos pela investigação.

Logo no início da pesquisa no Assentamento Itapuí, conforme já citei, em novembro de 2010, durante uma das estadias mais prolongadas no assentamento,⁴ fiz um levantamento na biblioteca da Escola Nova Sociedade sobre a presença das mídias do MST (Revista e Jornal Sem Terra). Constatei que esses meios impressos, embora tivessem circulado ali, não eram muito usados. Esse dado norteava a pesquisa a buscar mais detalhes para além das aparências de que as mídias do MST não circulavam no Assentamento Itapuí. Como meu

⁴ No feriado de 15 de novembro de 2010, passei cinco dias seguidos no assentamento e acompanhei os preparativos para o aniversário da escola.

objetivo não era observar apenas as relações dos/das assentados/as com as mídias comerciais, centrei minha atenção em compreender a memória do Itapuí, porque entendia que essa trajetória, iniciada, principalmente, desde o acampamento da fazenda Anoni, já demonstrava que os Sem Terra estabeleciam relações com as estratégias de comunicação do movimento. Embora atualmente as mídias do movimento não tenham marcas de circulação significativas no cotidiano desses atores, essa matriz é anterior à história do Itapuí. Durante o processo de conversas, entrevistas e observações, fui construindo uma percepção parcial e possível de como esses processos comunicacionais mediados pela comunicação de massa ou por outros processos fabricados pelos Sem Terra iam se evidenciando.

Na entrevista com Margarida, filha de Janete, e com a própria Janete, soube que o sistema de som instalado no acampamento da fazenda Anoni registra que esse ciclo da presença da comunicação no cotidiano de assentados/as de Itapuí ocorre desde o acampamento, dado depois confirmado por um dos filhos de Dona Tânia, por ela mesma e por outros/outras assentados/as, como Seu Marcelo e Seu Ernandi. Aparece nas estratégias de comunicação e articulação concretizadas pelo MST. Ainda na conversa com Margarida e Janete, realizada em campo, em momento separados, foram destacados pelas duas os ciclos de leituras de cartilhas da Central da Pastoral Operária (CPT) e o teatro, ambos também aparecem como formas de construir a comunicação no acampamento Anoni. Esses processos foram vivenciados no acampamento, mas trazem aprendizados para o assentamento e constituem a memória dos Sem Terra nas relações que se estabeleceram com o MST. Numa conversa com Janete, perguntei a ela qual o meio de comunicação mais importante usado na luta, e ela me respondeu que foi a marcha a Porto Alegre.⁵

⁵ A marcha da Anoni até Porto Alegre se iniciou no dia 26 de maio de 1986 e percorreu cerca de 300km, da fazenda Anoni até a capital do Rio Grande do Sul, aonde chegaram no dia 23 de junho de 1986. Ao todo, os Sem Terra “percorreram a seguinte rota: Pontão, Passo Fundo, Marau, região colonial de Caxias do Sul, Vale dos Sinos, passando por um total de 15 cidades e 30 comunidades do interior do Rio Grande do Sul.

As evidências de que os Sem Terra organizam práticas comunicativas aparecem no acampamento de forma mais dirigida pelas coordenações que compõem o movimento. Porém, no Assentamento Itapuí, a organização das práticas comunicativas ocorreu de forma mais solta: estava relacionada a comemorações do aniversário do assentamento, a celebrações nas comunidades católicas ou a festas na Escola Nova Sociedade. Numa outra conversa com a assentada Júlia, que chegou a Anoni aos oito anos com os pais e teve sua adolescência marcada pelas primeiras décadas de constituição do Assentamento Itapuí, obtive detalhes de como as crianças e jovens recorriam à criatividade para gravar músicas artesanalmente a fim de lembrar a fundação do aniversário do Itapuí. Estas podem ser consideradas tentativas de reconstrução da pós-memória pelas novas gerações do Itapuí que não experienciaram diretamente a história do movimento.

Júlia, de aproximadamente 31 anos, hoje é professora de matemática em municípios vizinhos. Ela destaca que, junto com outras jovens do Assentamento Itapuí, gravou uma fita cassete com músicas do movimento para uma apresentação dos alunos na Escola Nova Sociedade. Clécio lembra, em outra conversa, que, entre as músicas gravadas, estava “Classe roceira”, considerada o hino do MST na época do acampamento da fazenda Anoni. Em outro momento da pesquisa, Dona Teresa também se lembra dessa música como a mais cantada no acampamento da Anoni. Nesse período, o MST ainda não tinha o hino atual,⁶ e “Classe roceira” era cantada nas manifestações do movimento. Nesse caso, observei que, mesmo com a ausência da circulação de mídias do MST, os/as assentados/as confeccionavam instrumentos e constituíam formas de manter suas interações com o movimento, tanto pelas participações em atividades do movimento no Rio Grande do Sul quanto fora do estado. Havia também as promoções socioculturais no próprio assentamento.

O filme “Terra para Rose”, que não foi imaginado como mídia do MST para essa pesquisa, apareceu como produto mais citado, principalmente pelos mais velhos. Como já relatei, a história de Rose foi

⁶ Hino dos Trabalhadores Rurais sem Terra, letra de Ademar Bogo e música de Willy C. de Oliveira. O atual hino foi composto no ano 2000.

citada praticamente nos primeiros dias de pesquisa, quando Liana, filha de Seu José e Dona Marta, interrogou à Dona Tânia sobre quem era Rose. Ao ouvir a história, Liana demonstrou muita emoção, e, dias depois, quando eu e Dona Tânia voltamos à casa de Liana, ela perguntou se o filme sobre Rose tinha sido veiculado na festa de aniversário da escola Nova Sociedade. Respondemos que o filme não tinha sido veiculado. Liana também não tinha comparecido à festa, pois viajara com a família para a casa dos sogros em outra cidade metropolitana de Porto Alegre.

A história de Rose, comentada na conversa, será fundamental como dispositivo de reflexão ao longo da investigação. Parti para investigar o consumo e a circulação de mídias produzidas pelo MST e mídias comerciais, considerando, essencialmente, o Jornal e a Revista Sem Terra e o site do movimento.⁷ Porém, encontrei no filme “Terra para Rose”, e na própria Rose, uma simbologia comunicativa de mídia radical (DOWNING, 2002), presente na fala de informantes e em suas memórias de uma forma intensa, que não pude desconsiderar. A história de Rose e o filme “Terra para Rose” apareceram como tema mais citado do que o Jornal e a Revista Sem Terra e o site do MST. “Terra para Rose” é um documentário de Tetê Moraes, com duração de 82 minutos. O filme narra a história do acampamento da fazenda Anoni, enfocando os principais momentos enfrentados pelo MST nessa ocupação. Apresenta cenas tanto do cotidiano do acampamento quanto detalhes da caminhada feita da fazenda Anoni, em Sarandi, até Porto Alegre, uma distância de aproximadamente 300km.

A produção retrata ainda os enfrentamentos a cercos policiais vividos pelos Sem Terra da Anoni, entre outros fatos ocorridos. Entretanto, a narrativa é centrada na história de Roseli Nunes, assentada e líder do MST, participante desse acampamento. Ela foi mãe da primeira criança a nascer no acampamento da fazenda Anoni, no final de 1985, e tinha mais dois filhos. Entretanto, no dia 31 de março de 1987, Rose foi assassinada, aos 33 anos, por um caminhão que se lançou contra uma

⁷ <www.mst.org.br>.

barreira formada por agricultores, numa manifestação dos Sem Terra em Sarandi. O episódio deixou vários feridos, além de provocar a morte de Rose e de mais três agricultores.⁸ É dessa “amiga e companheira” que os Sem Terra do Itapuí relembram. O filme e a história de Rose são rememorados, principalmente, pelos mais velhos, fator que ressalta o caráter mais frágil de reatualização e repasse da memória no Itapuí (OLIVEIRA; COGO, 2013).

Desde então, fiquei atenta ao filme e à história de Rose. Na casa de Clécio, em entrevista realizada em dezembro de 2010, encontrei o livro de Rose. Um livro com fotografias em preto e branco, que folheei junto com Helena, esposa de Clécio. Ela guardava o livro com muito cuidado. Depois, mencionei o livro na casa de outra assentada, e esta garantiu que o livro era dela. Independente de reconhecer a posse do objeto, ficava claro que, de alguma forma, a história de Rose tinha se transformado em simbologia, principalmente para esse assentamento. Rose estava presente na memória dos/das assentados/as e aparecia como mídia seja pelo filme ou livro que narrava a sua história e a dos acampados da fazenda Anoni.

Prossigui a pesquisa e, em abril de 2011, em conversa com Dona Maria, esposa de Seu Mauro, ambos com aproximadamente 60 anos, a história de Rose apareceu novamente, de forma ainda mais expressiva. Na primeira referência que faz ao ser interrogada sobre o filme, ela afirma: “Sabe que eu nem vi o filme da Rose?” (DONA MARIA, entrevista, 2011). Emocionada, Dona Maria lembrou sua amizade com Rose e o dia de sua morte.

Dona Maria revelou também seu desejo de assistir ao filme. Contou-me que Luana, uma amiga do assentamento, havia conseguido o filme e que lhe venderia a cópia de um DVD. “Ainda tem uma, aqui, a irmã Luana, ela tava num encontro em Porto Alegre, e ela ganhou o CD, o DVD, aí ela disse pra mim que vai fazer as cópias, mas ela vai vender. Eu disse a ela que não me importo, eu pago” (DONA MARIA, entrevista, 2011). Imediatamente, informei-me de como chegar à casa

⁸ Além de Rose, os demais agricultores a morrerem no episódio foram Iari Grosseli, de 23 anos, e Vitalino Antonio Mori, de 32 anos.

de Luana. Como já ressaltai, Luana não era oriunda do acampamento da fazenda Anoni, mas seu esposo, Darci, filho de Dona Zeila e Seu Ernandi, tinham sido acampados da Anoni. Fui, naquela mesma tarde, à casa de Luana, que não era muito longe da residência de Dona Maria. Conheci, então, Luana, de aproximadamente 55 anos, Dona Zeila e Seu Ernandi, de aproximadamente 75 anos, e Davi, marido de Luana e um dos filhos do casal, de aproximadamente 28 anos. Na primeira visita, conversei com Luana, ela mostrou o DVD do filme de Rose e também falou de seu sonho em assistir ao filme. Ao final da visita, combinei com Luana de voltar com meu notebook e copiar o filme para entregarmos uma cópia à Dona Maria. Assim também consegui o filme e passei a assistir com alguns/algumas assentados/as no Itapuí.

A pesquisa de campo me proporcionou perceber a relação que assentados/as mantinham com a história de Rose. Entretanto, resalto somente que aproveitei apenas os processos que a pesquisa de campo me trazia. Após almoçar e conversar com Luana, numa segunda visita, gravei o DVD do filme e fomos deixar a cópia para Dona Maria. Ao chegar à sua casa, ela estava adoentada. Seu neto, de aproximadamente nove anos, que mora com o filho dela numa casa ao lado, recebeu-nos. Em princípio, Dona Maria nem se levantou, mas, quando o neto colocou o filme no aparelho de DVD, ela, aos poucos, foi saindo da cama. Assisti ao filme com ela e Luana, que logo foi para casa preparar o jantar do marido Davi. Dona Maria comentava fatos do documentário, reconhecendo muitos personagens e eventos de que havia participado. Entre os acontecimentos, tem-se o episódio em que os acampados da Anoni ocuparam, em 1986, a sede do Incra em Porto Alegre. Dona Maria estivera com sua família nessa ocupação e, ao ver o filme, ela diz emocionada: “[Olha] o Incra, nós tava ali, ali vai aparecer nós (DONA MARIA, entrevista, 2011).

O filme de Rose apresentava-se como um produto a que os/as assentados/as de Itapuí desejavam assistir, instigando-me a pesquisar como esse grupo reagia ao assistir a história de Rose. Segui, então, essa dica de campo e assisti ao filme em alguns momentos com essas famílias. Levei-o para ver com Dona Tânia, naquele mesmo dia em que eu e Luana levamos o DVD a Dona Maria. Tomei o ônibus já à noitinha, no

Itapuí de Cima, e fui dormir no outro lado do assentamento, no Itapuí de Baixo. Dona Tânia não tinha o filme, mas já havia assistido em outros momentos na Escola Nova Sociedade. Entretanto, mesmo conhecendo o filme, ao ver o documentário, comentou: “A Rose era minha conhecida desde que era solteira, ela era mocinha que ela trabalhava no hospital de Rondinha. Eu trabalhava também lá. Quando ela casou, que ela se juntou com o Amadinho e tudo” (DONA TÂNIA, entrevista, 2011).

Assisti, também, a parte do filme com Dona Marta, mãe de Liana. Dona Marta sequer conheceu Rose e assistiu ao filme de forma mais estática. Na mesma tarde, ao sair da casa de Dona Marta, vi parte do filme com sua filha Liana, que finalmente conheceu um pouco da história de Rose. Ambas não conheceram Rose e, como vivenciaram pouco as lutas do MST no acampamento e no assentamento, não conheciam a história como Dona Maria e Dona Tânia.

Entre os jovens, chequei que o filme não era conhecido por todos e que a história de Rose também não é comum entre estes. Sara, neta de Janete e filha de Margarida, não soube explicar quem foi Rose. A jovem afirmou que, em sua casa, havia o filme, mas ela não assistiu. Diferente de Sara, Jorge, de aproximadamente 20 anos e filho de Clécio, tinha uma visão mais clara acerca de Rose e do filme: “Eu me lembro que ela era uma Sem Terra, só que ela teve a infelicidade e veio a falecer na luta” (JORGE, entrevista, 2011). Essa diferença pode se explicar porque Jorge estudou na Escola Nova Sociedade, numa época em que havia maior número de filhos de assentados/as. Ele ainda frequentou por um ano a escola de Pontão, escola de formação do MST em Sarandi. O mais interessante é que, em seu depoimento, Jorge ressalta o conhecimento que obteve por meio de filmes a que assistiu na escola do Pontão e das atividades de que participou: “O que mais me marcou na verdade foi os vídeos que a escola passava do movimento, aquela luta na fazenda Anoni” (JORGE, entrevista, 2011).

Para pontuar as observações sobre a importância do filme de Rose como mídia e história tanto para o Assentamento Itapuí quanto para o MST, que utilizou essa narrativa como estratégia de comunicação, apresento a seguir uma fotografia do aniversário do Assentamento Itapuí em que há um banner com a imagem de Rose e do filho.

Figura 1 - Banner de Rose



Fonte: Arquivos do MST/RS.

O banner faz parte da decoração da festa. Nesse caso, ressalto novamente a força da simbologia de Rose para as duas instâncias, vividas tanto no espaço mais particular do Assentamento Itapuí quanto no movimento mais amplo do MST. No assentamento, Rose é lembrada a partir de sua luta e das conquistas, inclusive diante do esposo que a tratava de forma dura, conforme diversos relatos de assentados/as. Para o MST, Rose é o símbolo que apresenta o movimento numa batalha em que o MST, enquanto sujeito coletivo, precisa ser visto de forma mais idealizada e homogênea.

Acompanhar a recepção do filme de Rose no assentamento e perceber a variedade com que essa história é conhecida só revela as diversas formas com que assentados/as de Itapuí se relacionam com o MST. Várias são as mediações que estabelecem essa relação: a participação no cotidiano do acampamento Anoni; a constituição de uma vivência ligada às atividades do assentamento e às mobilizações do MST; a formação em escolas ligadas ao MST, seja no assentamento ou fora deste; a vinculação a familiares mais próximos ao MST, entre outras.

A recepção da mídia comercial no Assentamento Itapuí

A princípio, pensei em acompanhar algumas famílias do Itapuí assistindo a televisão das 18 às 21 horas aproximadamente. Desse modo, elegi quatro residências que demonstrassem uma diversidade de ligações com o MST e com a história do assentamento. Tomei a casa de Dona Marta e seu José, ambos mais distantes do MST; a casa de Clécio, liderança mais articulada ao movimento; a casa de Luciana, mãe de Carmem e mais seis filhos, uma família também mais distante das mobilizações do MST; e a casa de Dona Tânia, que acompanhei em toda a pesquisa de campo com mais proximidade por ficar em sua casa nos dias em que permanecia no assentamento.

Além dessas famílias, realizei conversas com assentados/as em espaços mais informais no assentamento e também durante entrevistas marcadas e mais formais. O objetivo não era essencialmente perceber a criticidade de assentados em relação à mídia comercial, mas compreender as relações que se estabelecem entre assentados/as e as mídias comerciais, tomando como parâmetro suas distintas experiências e trajetórias de vida. É importante ressaltar que não realizei um estudo de recepção, ao estilo mais tradicional, que elege um programa (novela, série ou jornal) e acompanha a recepção desse gênero. O estudo aqui é sobre os/as receptores/receptoras assentados/as no Assentamento Itapuí e o modo como as mídias comerciais, assim como as mídias elaboradas pelo MST, fazem parte de seu cotidiano, de suas trajetórias e de suas memórias e vivências.

Somente realizei essas visitas no segundo momento da investigação, ocorrido de março a junho de 2011, pois a essa época já conhecia as famílias escolhidas. Tinha-as visitado e mantido entrevistas e conversas na primeira fase da pesquisa, de setembro a dezembro de 2010. Realizei um total de duas ou três visitas em cada casa para assistir a televisão, sempre no mesmo horário, das 18 às 21 horas.

Na primeira visita, fui à residência de Seu José e Dona Marta. Era tardinha quando saí da casa de Dona Tânia e segui mais de 1km pela estrada dos colonos. Quando cheguei, o casal e a filha Liana,

que mora em frente à casa dos pais, estavam sentados conversando e tomando chimarrão. Em seguida, Liana foi preparar o jantar do marido, e Dona Marta também se dirigiu à cozinha para fazer o jantar, enquanto eu e seu José sentamos na sala. Desse modo, assistimos à novela nós três. Dona Marta fazia o jantar e vinha à sala de vez em quando. A novela que estava sendo transmitida era “Araguaia”. Durante os comerciais, uma propaganda sobre o Big Brother, que estava sendo transmitido naquele período, levou-me a perceber que seu José e Dona Marta, apesar de não demonstrarem muito interesse, assistiam a esse programa ou acompanhavam algumas cenas: “Não é muito engraçado não” (DONA MARTA, entrevista, 2011). Eles conheciam algumas das lógicas do *reality show*, mesmo que de modo meio confuso. “Ontem saiu dois” (SEU JOSÉ, entrevista, 2011), quando, na verdade, um único membro deixa a casa do Big Brother semanalmente. Ele demonstra saber que é 1 milhão o prêmio do vencedor. A conversa vai me dando uma ideia da relação dos/das assentados/as com os meios de comunicação. Em todas as famílias que visitei, observei uma recorrência: durante a novela, conversava-se o tempo todo sobre assuntos do dia a dia do assentamento. Não havia um assunto em particular: conversas sobre vizinhos, lembranças do passado etc. Nesse dia, perguntei à Dona Marta se ela trabalhava mais, fazendo o jantar, do que assistia à novela, ao que ela respondeu: “Tô fazendo a janta, não dá pra oiar” (DONA MARTA, entrevista, 2011). Mas, mesmo assim, afirmou gostar muito das novelas. Percebo que, na casa de Dona Marta, as novelas são a atração da noite. Como decidi acompanhar a recepção da televisão, mas não elegi um programa ou uma novela em particular, passei a observar como os/as assentados/as se relacionavam com a novela e o jornal local, RBS notícias, de forma diferente. Conforme afirmei, se durante o momento da recepção da novela, as conversas paralelas eram mais evidentes, durante a apresentação do Jornal RBS Notícias, que transmitia as informações locais, a locução era ouvida em maior silêncio. As duas formas de assistir, à novela ou ao jornal, não correspondem desinteresse nem falta de atenção, necessariamente, mas demonstram modos diversos de relação com os gêneros. Nesse primeiro dia de audiência na casa de seu José e Dona Marta, uma notícia sobre o MST me favoreceu

em campo. A manchete anunciada no RBS Notícias: “Movimento dos Sem Terra deixa fazenda invadida na madrugada de segunda feira em São Borja”. Ao ouvir a manchete, Seu José diz: “Tem muitas fazendas que não merece ser invadida, tem muitas fazendas que eles produzem” (SEU JOSÉ, entrevista, 2011). Na matéria, os Sem Terra são acusados de agredir o caseiro da fazenda ocupada, e seu José se posiciona:

Eles não deviam seqüestrar a família. Eu acho muita coisa errada. Por que seqüestrar, se fosse o fazendeiro, mas os pobre lá tá morando na fazenda [Mas será que é verdade?]. Num mostrou, mostrou, prenderam o casal e mais os filho. Tem muita coisa errada. Não devia de seqüestrar a criança. A pressão tem que ter, se não tem pressão, não sai nada, mas tem pressão que eles fazem e que fica meio ruim pro MST (SEU JOSÉ, entrevista, 2011).

No caso de Seu José e Dona Marta, posso relacionar suas posições com a vivência mais frágil que tem com o MST. Embora oriundos do acampamento Anoni, Dona Marta morou no acampamento apenas um ano e não tem muitas experiências ligadas ao MST nem sabe nada sobre a história de Rose, já Seu José permaneceu no acampamento quando da caminhada que os Sem Terra fizeram a Porto Alegre, uma das maiores ações do movimento, mas não participou de quase nenhuma ação pública do MST. Isto era o que ele dizia nas conversas que tivemos durante a pesquisa. Percebia em campo que o processo de vivências influenciava as interações que os/as assentados/as mantinham com o MST.

Na mesma noite, voltei à casa de Dona Tânia para dormir. Logo que cheguei, perguntei se havia assistido ao jornal e qual era sua opinião sobre a matéria:

Dizem que eles sequestraram o caseiro, é verdade? Dizem que sequestraram uma menina de oito anos, é mentira! E nem deram tiro dentro da casa também não. [A senhora acha que o jornal está mentindo?] Você não viu quando o dono da fazenda disse que sequestraram, ele não confirmou o tiro. Então ele confirmou que era mentira. É um exagero [do jornal] (DONA TÂNIA, entrevista, 2011).

Na conversa que continuo a ter com Dona Tânia, ela se preocupava em ressaltar: “Agora vamo ver se o governo vai cumprir o que ele prometeu, disse que dentro de três dias vai negociar a fazenda, vamo ver se vai” (DONA TÂNIA, entrevista, 2011). A preocupação da assentada era diretamente voltada para as necessidades dos acampados em São Borja, enquanto a posição de Seu José, embora, em alguns momentos, estivesse do lado do MST, em outros, estava mais propício a acreditar na versão da mídia. Mais uma vez, lembro das vivências distintas das experiências de assentados/as. Nesse caso particular, Dona Tânia, Seu José e Dona Marta têm suas trajetórias que os levam às interpretações e interações diferentes com o MST.

Na sequência das observações e conversas, um episódio em particular foi muito citado. Começou a aparecer, em diversas entrevistas, a referência à atuação do MST, em especial, os informantes citaram muito a destruição de eucaliptos no Rio Grande do Sul e questionaram essa ação do MST. Eles se referiam ao dia 8 de março de 2006, quando 1.800 mulheres da Via Campesina “ocuparam o viveiro hortoflorestal da Aracruz Celulose, em Barra do Ribeiro, município que fica a cerca de duas horas de Porto Alegre. Na ação, elas destruíram estufas e bandejas de mudas de eucalipto”.⁹

Esse episódio foi noticiado por diversas mídias comerciais e analisado por Berger (2006), conforme citamos. Ele ilustra que as mídias de massa fornecem informações importantes sobre o MST nos assentamentos e, nesse caso, sem o contraponto desse mesmo evento pelas mídias do movimento (Jornal e Revista Sem Terra e o site www.mst.org.br) para os/as assentados/as. O contraponto pode até existir em mídias alternativas e, atualmente, nas próprias mídias do MST, porém os/as assentados/as, em sua maioria, não têm acesso à internet, conforme dados do questionário aplicado. A seguir, apresento depoimento de interlocutores que relataram esse fato, questionando a ação do MST e se referindo à midiaticização comercial do acontecimento como fonte principal de sua informação.

⁹ Disponível em: <<http://boletimmstrj.mst.org.br/protesto-das-mulheres-na-aracruz-completa-5-anos/>>. Acesso em: 10 set. 2011.

Encontrei-me com Dona Elisa, assentada de 67 anos aproximadamente, na estrada dos colonos, enquanto voltava da casa de seu José. Aproveitei o encontro para uma conversa. Já a conhecia de ter passado na casa dela com Dona Tânia. Em outros momentos da pesquisa, ao me dirigir à casa de Clécio, Luciana ou seu José, que também moram na estrada dos Colonos, já havia observado muitas vezes Dona Elisa ouvindo a missa ao final da tarde. Na conversa sobre a relação dela com o MST, a declaração de amor ao movimento foi evidente, porém ressaltou que os filhos questionam algumas ações do MST:

Eles são pessoas assim, eles não gostam de ver, vamos supor, esses manifestos que eles fazem, que eles vão que eles quebram, que eles fazem aquilo, os meus filhos não gostam. Eles gostariam que fosse na santa paz tudo [...]. Aquela vez que eles foram num sei aonde que arrancaram todos os eucaliptos. Meu Deus do céu, eles ficaram loucos. “Mãe, a senhora não vai mais e não vai mais”, e já eu iria hoje ainda. Com 67 anos se dissessem assim que os filhos não deixassem. Olha, a senhora tem que ir lá, eu tranquilamente [...]. Não vou, porque tenho problema de pressão (DONA ELISA, entrevista, 2011).

Vejamos que dona Elisa, mesmo tendo declarado paixão eterna ao MST, acredita na versão da mídia e reproduz a fala dos filhos sem questionamentos em relação ao caso da Aracruz. Suas experiências e memórias vivenciadas no acampamento da fazenda Anoni e no Assentamento Itapuí não são suficientes para se opor à versão dos fatos apresentada pela mídia comercial.

Sobre o mesmo episódio, Luana, assentada de 53 anos de idade, casada com Davi, questiona a versão da mídia por completo. Ela ocupa, nesse caso, o lugar de quem viveu a experiência diretamente. Entre as conversas que tive com Luana, ela me contou de sua militância, conjuntamente com Janete, em diversos eventos do MST: ocupação do McDonalds, caminhada de mulheres. Entre esses, Luana participou da ocupação na Aracruz. A partir do relato desse último evento, a assentada me ressaltou as contradições da versão transmitida pela mídia.

Eles dizem o que é certo e o que é errado, porque esse negócio de jornalismo assim, ainda mais a imprensa, eles inverte muito as coisa. Eles invertem muito que nem naquela ação que eu te contei que nos fumos lá dos eucaliptos, lá, nós vimos na nossa frente, os brigadianos...¹⁰ aquela xícara, aquelas vassourinhas do mato... Nós vê pegar e botar dentro de um papel, e meu marido assistiu aqui e disse que acharam droga no meio do acampamento das mulheres. E nós vendo o brigadiano pegar aquelas folhinhas, amarrar sequinhas e botar dentro do papel pra dizer que era droga, e saiu na televisão que foi achado droga. Agora imagina: mães com crianças que nem a gente tava lá, dormindo mal e tudo, não tinha aonde tomar banho. Pra gente de lavar tinha que ir lá longe e encher um litro de água [...]. Então, por isso que eu não gosto, né, eles inverte muito que nem a gente já viu, né, como é que é, principalmente a Globo. A Globo distorce muito as notícias (LUANA, entrevista, 2011).

Em outra conversa durante a pesquisa de campo, perguntei sobre o episódio dos eucaliptos à Dona Tânia e à Sílvia, esposa de Adão Baioneta. Estávamos na casa de Sílvia e conversávamos. Como esse assunto tinha vindo da conversa com Dona Elisa, naquele mesmo dia à tarde, resolvi perguntar o que as duas assentadas achavam do episódio. Elas, consideradas atuantes nas atividades do MST, afirmaram o seguinte:

Eu sou uma que dizia também, que eu não concordava com aquela [ação], mas cada um pensa de um jeito né. Eu achava que não era destruindo uma produção que ia se resolver o problema, né?! Que aqui tem muito assentado que tem plantação de eucalipto. Acho que isso tu tinha que fazer mais um trabalho de conscientização. Não adianta ir lá destruir (SÍLVIA, entrevista, 2011).

A televisão mostrava bem, a televisão mostrava bem o que eles fizeram, destruíram as mudas, né?! [será que ela não distorceu nada?] Não. [responde Dona Tânia] (DONA TÂNIA, entrevista, 2011).

¹⁰ Termo utilizado no Rio Grande do Sul para designar os policiais militares que atuam em âmbito estadual.

A postura de Dona Tânia e de Sílvia é aceitar a versão da mídia comercial. Se lembrarmos a postura de Dona Tânia em relação à ocupação de São Borja, sua opinião parece contraditória. Entretanto, quais informações ela tem para contrapor a essa notícia transmitida? Parece-me que, nesse caso, justifica-se a circulação de mídias do MST ou mídias alternativas e populares que trouxessem outras versões de episódios ligados ao MST e aos movimentos sociais populares. As experiências dos/das assentados/as não os distanciam do MST diante de um caso como esse, mas os põem a questionar o movimento, é possível, por falta de mais informações que dificilmente a mídia comercial fará circular.

As falas dos/das assentados/as sobre suas relações com as mídias comerciais são diversas porque está em jogo nessa trama uma multiplicidade de vivências e interações com o MST e com a mídia comercial. Nesse sentido, Dona Tânia, Seu José, Dona Marta, Sílvia, Luana e Dona Elisa se referem às narrativas da mídia comercial sobre o MST a partir de suas trajetórias pessoais e coletivas.

Apenas Luana, entre aqueles que citaram o fato, questionava a cobertura da mídia. Ela tinha como referência sua experiência no próprio episódio. Os/As demais assentados/as tinham como base informacional apenas a mídia comercial, e, embora tivessem uma atuação junto às atividades do MST, esta não era suficiente para contextualizar a ação do movimento. No caso particular da Aracruz, mesmo aqueles com mais experiência na militância não pararam para questionar a mídia. Sílvia, inclusive, é a esposa de Adão Baioneta, assentado que foi espancado pela polícia no acampamento da Anoni. Essa contradição pode ser entendida por não ser um único elemento que define a posição dos/das assentados/as. Para se compreender o MST, é preciso mais pontos de ligação. Não estou aqui justificando que os/as assentados/as devam concordar com todas as ações do MST, mas objetivando demonstrar que a ligação de assentados/as com o MST precisa de um trabalho mais contínuo ou se desfaz com o tempo.

Considerações finais

A comunicação, tema deste estudo, aparece de várias formas na pesquisa. Ela é fundamental para a atualização da memória e para a

constituição da identificação dos assentados com o MST. Pode ser pensada seja pela interação não mediada, vivenciada pelos assentados no dia a dia de suas cerimônias, ou pelas relações mediadas, quando as mídias comerciais constroem representações sobre o MST. Ou, finalmente, como propõe uma das conclusões da pesquisa, pela necessidade de contrapontos às representações sobre o MST, veiculados pelas mídias do movimento, na medida em que estas necessitam circular nos assentamentos. De todas as formas, as dimensões comunicativas têm sua relevância na composição de relações, mas nunca separadas de dimensões da cultura, das historicidades e das subjetividades. Evidencio também que, para perceber o micro em suas formas de se apresentar quase imperceptíveis, o macro oferece a devida contextualização e significado, ligando pequenos dados à história política e cultural da sociedade.

Bibliografia

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARROS, Carla. *Games e redes sociais em lan houses populares: um olhar antropológico sobre usos coletivos e sociabilidade no clube local*. *Internext: Revista Eletrônica de Negócios Internacionais*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 199-216, ago./dez. 2008.

FINO, Carlos Nogueira. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: ESCALIER, Christine; VERISSIMO, Nelson (Org.). *Educação e Cultura*. Funchal: DCE-Universidade da Madeira, 2008. p 43-53. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2010.

GUBER, R. *El salvaje metropolitano*. Reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo. Buenos Aires, Paidós, 2004.

HAGUETTE, Teresa. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

KNAUTH, Daniela. A etnografia na saúde coletiva, desafios e perspectivas. In: SCHUCH, Patric; VIEIRA, Mirian S.; PETERS, Roberta

(Org.). *Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo*. Porto Alegre: Ed. UFRS, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato de experiência e aventura dos nativos no arquipélago de Nova Guiné Melanésia*. 3. ed. São Paulo: Cultural, 1984.

OLIVEIRA, Catarina Teresa Farias; COGO, Denise. ‘De primeiro, a gente lembrava...’ Comunicação e interação de moradores do Assentamento Itapuí com o Movimento Sem Terra. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 229-248, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/698/69831050012.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

RIBEIRO, Fernanda B. Etnografia a jato. In: SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Mirian S.; PETERS, Roberta (Org.). *Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo*. Porto Alegre: Ed. UFRS, 2010.

SCHWARTZ, M. S.; SCHWARTZ, C. G. Problems in participant observation. In: McCALL, G. J.; SIMMONS, J. C. (Org.). *Issues in participant observation: a text and reader*. Massachusetts: Addison-Wesley Publishing Company, 1969, p. 89-104.

CONSUMO CULTURAL, PRODUÇÃO DE SENTIDOS E MEDIAÇÕES ENTRE JOVENS SEM TERRA

Sara Alves Feitosa¹

Introdução

A mídia, especialmente a televisão, ocupa em nossa sociedade um *lugar* de constituição de sujeitos. Além disso, grande parte dos discursos produzidos na mídia atualmente são endereçados aos jovens. Assim, o presente artigo indaga sobre a relação de sujeitos jovens com os discursos televisivos e pergunta sobre as mediações, os processos de produção de sentidos e a ressignificação dos ditos da TV entre jovens assentados.²

¹ Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), professora do curso de Comunicação Social na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus São Borja/RS.

² As análises aqui apresentadas são fruto da pesquisa de Mestrado em Educação, cujo título é “Televisão e juventude Sem Terra: mediações e modos de subjetivação”, disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/8966>>.

Partindo dos conceitos de saber, relações de poder e modos de subjetivação, do filósofo francês Michel Foucault, e da teoria dos usos sociais dos meios, de Jesús Martín-Barbero, mapeamos as astúcias (CERTEAU, 2004) e modos de apropriação dos discursos midiáticos sobre e para a juventude que circulam na televisão, entre jovens ligados ao Movimento Sem Terra.

Embora os dados do censo 2010 apontem a tendência de mudança no perfil da população brasileira, o fato de o Brasil ser a quinta população juvenil do mundo – com 34 milhões de brasileiros na faixa etária de 15 a 24 anos –³ parece ser uma pista das motivações de uma série de estratégias voltadas exclusivamente para este público. Ações que vão desde o *marketing* publicitário, mídias, indústria de consumo, lazer e políticas públicas. A criação, em 2005, da Secretaria Nacional de Juventude, ligada ao gabinete da Presidência da República; a instituição do Conselho Nacional de Juventude, no mesmo ano; o investimento em programas de qualificação profissional, viabilizado pela expansão da rede de escolas técnicas federais; a ampliação do acesso à universidade, a partir da implementação de linhas de créditos, instituição de cotas, programa de bolsa de estudos (Prouni) e expansão da rede de universidade federais, são ações governamentais decorrentes de um entendimento que toma corpo no meio acadêmico, nas organizações do terceiro setor e na esfera governamental: os jovens têm de ser considerados como sujeitos de direito. Assim, cresce a demanda por estudos que privilegiem os diferentes aspectos das realidades das juventudes no Brasil.

Aqui, o olhar é direcionado a um setor ainda pouco investigado: jovens do meio rural. É relevante apontar que, há mais de uma década, o Movimento Sem Terra tem consolidado um processo intenso de escolarização e profissionalização de jovens filhos de assentados.⁴ A juventude Sem Terra tem ocupado cada vez mais espaço nas

³ Segundo dados do Instituto de Política e Economia Aplicada (IPEA), a população brasileira é constituída de 51 milhões de jovens, na faixa etária de 15 a 29 anos.

⁴ Em 1997, através de um convênio entre Movimento Sem Terra, Ministérios do Desenvolvimento Rural (MDA) e da Educação (MEC), instituiu-se o primeiro curso de

discussões e pautas de reivindicações do movimento, especialmente no que diz respeito à educação formal.

Conceito de juventude, mais precisamente juventudes

Já se disse que juventude é apenas uma palavra (BOURDIEU, 1997). Ou, ao contrário, é mais do que uma palavra (MARGULIS, 1998). Nos últimos anos, tem crescido o interesse investigativo por essa faixa da população que, para alguns, não passa de um ciclo, uma transição para a vida adulta, mas que toma novas conformações em nossa sociedade. Se, na década de 1920, o Brasil era uma paisagem de velhos, como relata Nelson Rodrigues (1993) em uma crônica sobre sua infância na Rua Alegre, a paisagem do país, nos primeiros anos do século XXI, é bem diferente. Se, na infância do escritor, homens e mulheres eram mais valorizados ao ingressarem na fase produtiva e reprodutiva, sonhando com o momento em que finalmente seriam admitidos no mundo dos adultos, hoje, todos, indiscutivelmente, desejam ser jovens.

Juventude está presente nos discursos televisivos e também nas pautas políticas, embora ainda permaneça uma grande indeterminação a respeito do que, afinal, o termo designa. Helena Wendel Abramo (2005, p. 37) alerta que “muito do que se escreve na academia sobre juventude é para alertar para os deslizos, os encobertamentos, as disparidades e mistificações que o conceito encerra”. Há diferentes ângulos de abordagem do tema, os recortes são diversos, sendo comum, na bibliografia, muitos autores optarem por falar de juventudes, especialmente se tomarmos um recorte de classe social.

A juventude é vivida como um processo definido a partir de uma inegável singularidade: é a fase da vida em que se inicia a busca

pedagogia dirigido a jovens assentados ou acampados. Essa ação precursora realizou-se na Universidade Regional de Ijuí (Unijuí), no Rio Grande do Sul. Depois dessa iniciativa, vieram outros cursos de graduação e formação técnica, como Técnico em agropecuária, com especialização em agroecologia, ministrado no Instituto Educar, uma extensão do Instituto Federal do Rio Grande do Sul campus Sertão; graduação em Veterinária (Universidade Federal de Pelotas), História no Instituto Josué de Castro, em Veranópolis/RS; Jornalismo (Universidade Estadual do Ceará) em Quixadá, entre outras.

dessa autonomia, marcada tanto pela construção de elementos da identidade – pessoal e coletiva – como por uma atitude de experimentação (GALLAND, 1996; SINALY, 2000, apud SPOSITO, 2005, p. 89).

A ideia de condição juvenil remete, em primeiro plano, a uma etapa do ciclo de vida de ligação ou de transição, como diz a noção clássica, da infância, época de dependência e necessidade de proteção, para a idade adulta, o ápice do desenvolvimento, relacionado, em nossa sociedade, à capacidade de exercer atividades produtivas, de reprodução e de participação social. Inúmeros autores (ABRAMO, 2005; MARGULIS, 1998; RIBEIRO, 2004, entre outros) alertam que os conteúdos, a duração e a significação social dos atributos das fases da vida são cultural e historicamente constituídos, e que a juventude nem sempre apareceu como etapa singularmente demarcada.

A noção de juventude vigente no pensamento sociológico contemporâneo tem sua origem na sociedade moderna ocidental, na experiência dos jovens burgueses. Tal concepção se impôs como padrão, em detrimento de outros modos de ser jovem, vivenciados em épocas anteriores.⁵ A condição juvenil, como a entendemos atualmente, tem forte relação com a instituição da escola, como relata Schindler (1996, p. 269), citando Philippe Ariès: “na sociedade dos séculos XVI e XVII ainda não se traçava uma demarcação nítida entre infância e juventude e ainda não se tinha uma noção precisa daquilo que chamamos adolescência”. O autor afirma que, somente com a obrigatoriedade da frequência à escola, no início do século XIX, passou-se a adotar o corte dos 14 anos, que estabelece uma clara demarcação entre infância e juventude, no momento da conclusão dos estudos, início da aprendizagem e ingresso no mundo do trabalho. Segundo Abramo (2005), a condição juvenil passa, então, a estar relacionada à possibilidade de o jovem burguês livrar-se, mesmo que temporariamente, das obrigações

⁵ Ver coletânea *História dos Jovens*, organizado por Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt, Companhia das Letras, 1996, especialmente os artigos: “Ser jovem na Aldeia”, de Daniel Fabre, v. 2, p. 49-81; “A imagem dos jovens na cidade grega”, Alain Schnapp, v.1, p.19-57; “Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da Era Moderna”, Norbert Schindler, v. 1, p. 265- 324.

do trabalho, para retardar a inserção no mundo produtivo, por um lado, e para dedicar-se ao estudo numa instituição escolar, por outro. Essa segunda etapa de socialização produz um deslocamento entre as capacidades físicas de produção e reprodução e a maturidade emocional e social para a sua realização. A noção moderna de juventude acabou aparecendo como um período de transição, de ambiguidade, de tensão potencial, de moratória.⁶

Esse período de moratória, é bom que se lembre, é uma experiência restrita aos filhos de classes altas e médias. Nas camadas mais pobres, não era incomum, como relata Schindler (1996, p. 271), que crianças de dez ou doze anos trabalhassem. Os filhos dos camponeses e dos artesãos, desde cedo, eram iniciados no trabalho dos pais, assumindo tarefas de responsabilidade cada vez maiores. A constatação desse quadro diverso consolidou uma certa tensão entre vertentes do pensamento. Por um lado, há análises que privilegiam a posição na estrutura socioeconômica e que afirmam ser a noção juvenil destituída de significação social. Por outro, existem aquelas que focam o plano simbólico, com a ideia de uma condição juvenil referida a uma fase da vida, podendo chegar, no limite, a considerar a juventude como mero signo, uma construção cultural relativamente desvinculada das condições materiais e históricas.

Segundo Sposito (2003), tal tensão pode ser pensada, pela distinção entre condição e situação juvenil. A autora, no livro *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*, explica que *condição* refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórica geracional. Já *situação* revela o modo como tal condição é vivida, nos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc.

⁶ Termo cunhado por Erikson (1986), entendido como esse adiamento dos deveres e direitos dos indivíduos que deixaram de ser crianças, mas ainda não estão plenamente inseridos na produção (trabalho), reprodução (ter a própria família) e participação política. A moratória seria um tempo para a dedicação exclusiva à formação para o exercício futuro dessas dimensões da cidadania.

Margulis (1998, p. 17) lembra que, embora a juventude, como categoria socialmente constituída, possua uma dimensão simbólica, tem que ser analisada em outras dimensões, ou seja, “aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nas quais toda produção social se desenvolve”.

No século XX, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, como aponta Edgar Morin (1986), no rastro de mudanças socioeconômicas, no mundo do trabalho e no campo dos direitos, com a coibição do trabalho infantil, a extensão da escolarização e da cultura, a condição juvenil teve sua significação ampliada. É certo que, desde a Revolução Francesa, como anuncia Renato Janine Ribeiro (2004), ser moço passa a ser algo positivo. Entretanto, é no pós-guerra que “ser jovem” confere um certo prestígio ao sujeito. É também desse movimento de ampliação do sentido dado à condição juvenil que os filhos das classes populares passam a figurar como atores integrantes da juventude.

Vários acontecimentos contribuem para uma ampliação do sentido dado à juventude, especialmente na segunda metade do século XX. Entre eles, tem-se a mudança ou alargamento do período da vida identificado como juventude: dos poucos anos, à época do início da industrialização, passando a durar 10, 15 ou, como se aceita em alguns setores atualmente, 20 anos. A inclusão de setores populares no sistema escolar e no universo simbólico provocou uma abrangência do fenômeno para vários setores sociais, constituindo-a não apenas como uma experiência dos filhos da burguesia. Abramo (2005, p. 43) conclui que o desfecho desses acontecimentos é que a “vivência da experiência juvenil passou a adquirir sentido em si mesma e não mais somente como preparação para a vida adulta”. Essa ampliação de significado da noção juvenil justifica que se fale de juventudes, no plural, como forma de expressar a heterogeneidade, as desigualdades e as diferenças que atravessam essa condição, como sinaliza Abramo (2005).

Neste estudo, a juventude⁷ é a juventude Sem Terra,⁸ entre 14 e 24 anos,⁹ filhos de assentados ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Essa opção impõe incursões no âmbito da escola e da família, como também nas relações que os jovens tecem com o mundo do trabalho.

A família estabelece, pela história de vida e de militância, uma “pré-identidade” para esses jovens, ou seja, jovens Sem Terra, colonos ou filhos de colonos Sem Terra; o trabalho está, desde cedo, presente em suas vidas. No Assentamento Capela,¹⁰ por exemplo, os filhos de assentados sócios da Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita (COOPAN) têm a possibilidade, a partir dos 10 anos, de integrarem algum setor de produção. As atividades desenvolvem-se em horário inverso ao da frequência escolar. Nas entrevistas realizadas para a pesquisa, ficou claro, pelos relatos, que os jovens optam por trabalhar como forma de garantir alguma remuneração. Entre os jovens filhos de

⁷ Uso o termo *juventude* e não *adolescente* porque adolescência, segundo Sposito (1999, p. 44), como descrita em investigações, em grande parte, é caracterizada por abordagens mais próximas das orientações da psicologia, sendo as preocupações centrais investigar as transformações ligadas à biologia, mudanças hormonais e comportamentais, amadurecimento sexual. Aqui a investigação está mais associada a uma referencial sociológico do que psicológico, daí referir-se à juventude ou culturas juvenis.

⁸ Grafar Sem Terra e não sem-terra tem o objetivo de distinguir os participantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra em relação a outras pessoas do meio rural que não possuem terra, mas não estão organizados no MST. Referir-se a Sem Terra ou Sem Terrinha está relacionado a um aspecto simbólico e de identidade social e não ao fato de ter ou não terra.

⁹ Entre os jovens observados na investigação, estes, a partir de 12 anos, já se consideram jovens, contrariando o parâmetro utilizado por organismos internacionais, como o Unicef, que definem como jovem a pessoa na faixa etária de 15 a 24 anos. É importante, contudo, esclarecer que, tanto no plano nacional como internacional, não há consenso, entre os diversos atores, sobre a idade a partir da qual um indivíduo seja considerado jovem. A legislação brasileira, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), assume como adolescente a pessoa que tem entre 12 e 18 anos incompletos. Para o Fundo de Populações das Nações Unidas (UNPEA), a juventude é composta por cidadãos entre 15 e 24 anos de idade. Um critério mais expandido – o de “população jovem” – é aplicado à faixa dos 10 aos 24 anos.

¹⁰ A pesquisa empírica foi realizada no Assentamento Capela, localizado no município de Nova Santa Rita/RS, região metropolitana de Porto Alegre. O trabalho de campo (entrevistas, observação etnográfica na escola, no trabalho e na audiência a programas de TV) ocorreu entre abril de 2005 e novembro de 2006. A amostra da pesquisa foi composta de 20 jovens, todos filhos de assentados ligados ao MST, moradores do Assentamento Capela.

assentados que optam pelo modo de produção individual, as meninas envolvem-se com trabalhos domésticos, já os garotos ajudam o pai em algumas tarefas diárias, como tratar animais, carpir e comercializar produtos em feiras nas cidades de Canoas e Porto Alegre.

No caso dos jovens que frequentam escolas do MST,¹¹ estas, além da função de educação formal, apresentam-se como lugar de disseminação dos discursos do movimento. Esse dado é importante, pois a presença dos discursos do MST no cotidiano desses sujeitos dá-lhes um traço de distinção na forma como se relacionam com os discursos midiáticos, especialmente no que diz respeito à imagem do próprio MST na mídia.

No contexto de crise da agricultura familiar e dos processos econômicos recentes que fazem do meio rural um espaço cada vez mais heterogêneo, diversificado e não exclusivamente agrícola (CARNEIRO, 1999), a juventude rural desponta como a faixa demográfica que é afetada de modo mais intenso por essa dinâmica de borramento das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos.

Nas observações de investigação realizadas, notamos que os jovens transitam nos universos rural e urbano. Enquanto trabalham a terra, cobrem o telhado de um galinheiro, ou distribuem aipim¹² pelas residências de uma agrovila, escutam música, falam ao telefone celular, comentam o baile do próximo final de semana, combinam a visita a uma *lan house* para experimentar o *game* novo que chegou.¹³ O que, *a priori*,

¹¹ No mesmo município, a Escola Estadual Nova Sociedade, com orientação pedagógica do MST, recebe a maioria dos filhos de assentados dos assentamentos Capela e Itapuí, onde se localiza a referida escola. Entre os entrevistados para a investigação, alguns estudavam no Instituto Educar, em regime de Casa/Escola, ou seja, um período na escola e outro em casa.

¹² O mesmo que “mandioca” ou “macaxeira” para outras partes do país.

¹³ No período da investigação, em 2006, verificava-se um processo de mudanças das sociabilidades provocadas pela inserção da internet no cotidiano desses jovens. Seis anos depois, a rede mundial de computadores é parte do dia a dia dos jovens do Assentamento Capela, sendo um tema cadente para futuras investigações sobre as transformações nas relações sociais, modos de circulação e consumo midiático provocados pela disseminação das redes sociais. Para se ter uma ideia, no Assentamento Capela, o computador conectado à internet é uma realidade presente em cerca de 70% das residências. Um dado relevante é o uso compartilhado do computador, o que difere do uso individualizado entre jovens urbanos de classe social diversa.

parecem ser atitudes de identidades contraditórias (rural e urbano), para esses indivíduos, traduzem o cotidiano. O desafio é justamente captar a formação de identidades específicas por meio de toda uma rede de fluxos e migrações. Reestruturar o pensamento e a análise diante de identidades multilocalizadas e dispersas tem suas consequências: uma delas é a elevação da complexidade do trabalho do pesquisador, levando, segundo as autoras, à necessidade de experimentações metodológicas que contemplem a pluralidade das identidades. Embora durante a pesquisa, tenhamos nos deparado com o uso de variadas mídias, nossa observação privilegiou a produção de sentidos a partir dos discursos televisivos, devido à abrangência e à centralidade desta em nossa cultura.

A centralidade da TV na cultura brasileira

No prefácio do livro *Brasil em tempo de TV*, Eugênio Bucci (2000, p. 11) afirma que a televisão delimita o espaço público no país: “O que é invisível para as objetivas da TV não faz parte do espaço público brasileiro”. A partir dessa perspectiva, o autor vai tecendo argumentos que explicam e sustentam sua tese da centralidade da televisão na vida e no espaço público do Brasil.

O contexto e o modelo de implantação da televisão no país explicam, em parte, segundo Bucci, o sucesso exemplar da TV por aqui. Experiência tão bem-sucedida que o autor chega a dizer que tem “a sensação de que se tirássemos a TV de dentro do Brasil, o Brasil desapareceria” (BUCCI, 2004, p. 31). O modelo de rede, que interliga o país de norte a sul, leste a oeste, foi pensado e implantado durante o período da ditadura militar, o que justifica, em certa medida, a desconfiança e rechaço que prolifera em torno desse meio. Maria Rita Kehl (1986), Mauro Salles (1988), Eugênio Bucci (2000; 2004), entre outros autores, já falaram exaustivamente sobre o papel que o modelo das grandes redes de TV generalista no país teve na integração nacional e, consequentemente, na viabilização do projeto militar durante longos 21 anos.

Mesmo com o fim da ditadura e seu projeto autoritário, esse modelo permanece, e a ideia de grandes espetáculos que unam os brasileiros em torno da TV e de um acontecimento ainda funciona (Olimpiadas,

Copa do Mundo, carnaval) e garante o fôlego do que Bucci (2000, p. 33) denomina de constante na TV brasileira, ou seja, a necessidade de eventos que tenham a pátria por objeto. “Tudo aquilo que clame pela confraternização, pelo conagraçamento, pela união da pátria é vital na programação da TV”, e aí, segue o autor, valem as tragédias, os eventos esportivos, as festas populares, como o carnaval e o São João, as datas religiosas, tudo que, de alguma forma, lembre-nos que somos uma pátria. Do contrário, afirma Bucci (2000), o veículo definharia, pois é desse movimento de fazer a audiência vibrar unida que a TV se alimenta.¹⁴

A TV no Brasil se tornou o fórum por excelência para a tematização dos assuntos que constituem, com seu fluxo, o próprio imaginário nacional. No artigo *Ainda sob o signo da Globo*, Eugênio Bucci (2004b) defende que o espaço público nacional é hegemonicamente mediado pela televisão e argumenta que a Rede Globo é um palco do espaço público que ela mesma delimita: “Ela [a Rede Globo] soube forjar uma gramática universalizante através da combinação do melodrama (a novela) com o telejornal, num repertório dinâmico em que a nacionalidade se reconhece e se reelabora” (BUCCI, 2004b, 2004b, p. 221). Segundo o autor, a Rede Globo impôs o modelo brasileiro de televisão: aquela que informa, entretém, procura pacificar onde há tensões e unir onde há desigualdades.

É interessante apontar ainda o que Bucci (2004b) denomina de dueto entre fato e ficção na televisão brasileira. Para o autor, a telenovela é a responsável pelo estabelecimento do hábito do brasileiro de ver TV: “Elas [as telenovelas] inventariaram, consolidaram e sistematizaram o repertório da vida privada brasileira” (BUCCI, 2004b, p. 224). Mais do que isso, a telenovela e o telejornalismo “pactuam entre si uma divisão de trabalho para a consolidação discursiva da realidade” (BUCCI, 2004b, p. 224). Eugênio Bucci nos chama a atenção para o

¹⁴ Um exemplo recente é a mobilização da audiência produzida em torno do desfecho da telenovela *Avenida Brasil*, de João Emanuel Carneiro, exibida no horário das 21h, que rendeu pautas não apenas para programas de variedades como *Ana Maria Braga*, mas também para os telejornais da emissora (*Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Globo*) e para o semanário *Globo Repórter*, exibido após o último capítulo da referida trama.

sinal trocado entre fato e ficção na TV brasileira: certas formulações do telejornalismo mais parecem peça de ficção, e muitos dados da realidade bruta entram para a pauta nacional por meio das telenovelas.

Televisão: do dispositivo pedagógico e produção do sujeito

A compreensão do processo comunicacional como um fluxo contínuo, em que não se separam as intenções do produtor de um programa televisivo dos sentidos dados pela recepção desse mesmo programa, norteia a análise aqui apresentada. Embora a investigação esteja focada na recepção, ou seja, nas relações estabelecidas entre jovens de um assentamento de reforma agrária com os discursos televisivos que nomeiam e produzem modos de ser jovem na contemporaneidade, entendemos não ser possível desconsiderar o campo da produção, os saberes e discursos construídos nessa esfera do processo de comunicação que repercutem na recepção.

Os pressupostos que levamos em consideração, na análise da recepção dos discursos sobre e para a juventude, entre jovens do Assentamento Capela, partem do entendimento de que os meios de comunicação, notadamente a televisão, são parte constitutiva do sujeito contemporâneo, desempenhando um papel pedagógico na formação do sujeito receptor. É o que Rosa Fischer (1999) denomina “dispositivo pedagógico da mídia”. Para a autora,

Os meios e os produtos de comunicação e informação, ao sofrerem uma cuidadosa análise, afirmam o estatuto da mídia não só como veiculadora, mas também como produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica (FISCHER, 1997, p. 60).

Em suas análises do “dispositivo pedagógico da mídia”, Fischer (1996) privilegia o campo da produção (um vídeo, um capítulo de novela, um filme, uma reportagem). Justificamos o uso dessas reflexões, em um estudo que tem como foco a recepção, em virtude da busca, nos estudos de comunicação, de paradigmas que deem conta da complexidade que constitui o processo comunicacional. Como afirmam os estudos de recepção (MARTÍN-BARBERO, 2003; OROZCO, 1991),

a audiência não se constitui de sujeitos passivos, embotados pelos discursos e saberes do campo da produção; e as telenovelas, por exemplo, não seriam apenas fontes de alienação, mas igualmente *locus* de constituição de identidades e de subjetividades. Por outro lado, também não podemos desconhecer a capacidade do campo da produção de interferir nesse processo de formação de subjetividades. Esse novo lugar da audiência, proposto pelos Estudos Culturais, descreve o sujeito-receptor como aquele que vai além de mero consumidor de discursos, imagens e sons, mas como ator no espaço de produção cultural (SOUZA, 1995). Ainda mais se pensarmos que, com a crescente cultura da convergência (JENKINS, 2008), os lugares de emissores e receptores, outrora tidos como pré-determinados, parecem cada vez mais móveis e indefinidos.

Assim, entendemos não ser mais possível falar de etapas estanques no processo comunicacional (emissor, meio, mensagem, receptor). Prova da possibilidade de um campo interferir em outro, viabilizado, em certa medida, pelas novas tecnologias, é que, não raro, nas telenovelas, a audiência pode definir o destino de um personagem, abreviando a sua trajetória na trama ou dando-lhe sobrevida ou fazendo crescer uma história que seria originalmente menor na peça ficcional. Por outro lado, o campo da produção interfere, em maior ou menor medida, nas nossas vidas, subjetivando-nos cotidianamente. No artigo *Técnicas de si na TV: a mídia se faz pedagógica*, Fischer (2000, p. 115) explicita o conceito de dispositivo pedagógico da mídia, como sendo:

[...] um aparato discursivo e ao mesmo tempo não discursivo (toda a complexa prática de produzir, veicular e consumir TV, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político) a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si, práticas que vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e apreendidos de ser e estar na cultura em que vivem.

Em concordância com o que aponta Fischer (1996, p. 145) para Orozco (1991), além da família, da escola, dos especialistas, “há em nossa sociedade um outro importante lugar de ensinar e aprender: a

mídia”, especialmente a televisão, pela possibilidade técnica de tornar críveis os discursos que exhibe. Embora os preceitos e regras apontados nos textos televisivos estejam presentes nos discursos de outras instituições (escola, família, igreja), eles parecem ganhar estatuto de verdade se “bebidos” nesse meio de comunicação, a TV. É claro que há aí uma simbiose de discursos que se fortalecem mutuamente. O preceito de “não roubar”, por exemplo, está disseminado na sociedade; no entanto, um jovem, ao ser questionado sobre algo aprendido na TV, que ele considerasse importante para sua formação, respondeu:

Roubar é uma coisa que a gente sabe que é errado... Mas vendo numa novela parece que dá pra ver as consequências e por que tu tem que evitar isso na tua vida. Na novela das sete (*Cobras e Lagartos*), o “Foguinho” roubou a herança do melhor amigo... Parecia que tudo ia dar certo, mas ele só sofre com o dinheiro que ele roubou. Parece que ele tá pagando pelo que fez de errado (MAURÍCIO, 2006. Entrevista à pesquisadora).¹⁵

Nessa fala, observa-se que há uma mescla de discursos: por um lado, o informante reconhece que “não roubar” é algo que já havia aprendido, na família e na igreja; ao mesmo tempo, identifica que ver isso em uma novela, por exemplo, dá a ele mais elementos para cumprir o preceito, ao experimentar hipoteticamente as consequências de praticar esse ato condenável.

Zygmunt Bauman (2001, p. 78), no livro *Modernidade líquida*, assinala que o sucesso de programas de entrevistas que estampam a vida de celebridades ou anônimos e de *talk shows* estaria relacionado com as “lições” exibidas neles. Segundo ele, o êxito desse tipo de programação está na resposta que dá à necessidade do público de ver como o “outro” agiu diante de desafios que podem ser os seus. Pensando no que diz o autor, podemos seguir assinalando que a recepção se utiliza dos depoimentos e histórias de vida exibidos nos *talk shows*, reelaborando-os e dando sentido a essas experiências em suas próprias vidas. Também po-

¹⁵ Os nomes são fictícios.

demos dizer que o campo da produção, ao selecionar essa ou aquela história como exemplo de vida, interfere no campo da recepção, de modo que, no mínimo, dá acesso a determinadas experiências ou modelos e não a outras. É nesse sentido, de ser um lugar de seleção, produção e disseminação de discursos, saberes e modos de ser, que Fischer (1997) aponta os aspectos que consolidam a televisão como um lugar de produção de sujeitos, o que lhe confere uma função pedagógica.

Concordamos com Thompson (1998) quando ele assinala que os estudos de recepção têm apontado para a apropriação dos bens culturais midiáticos como um processo complexo, a envolver uma atividade contínua de interpretação e assimilação do conteúdo, com base nas características de uma experiência socialmente estruturada de indivíduos e grupo particulares. Desse modo, há de se fazer uma engenhosa arquitetura teórica capaz de fornecer elementos para uma análise junto a receptores com aspectos tão peculiares como o fato de serem jovens, terem na sua formação a forte presença de um movimento social como o MST – cuja concepção em relação aos meios de comunicação é de um lugar de proliferação do “lixo” cultural (BOGO, 2000) –, e, ao mesmo tempo, utilizarem-se dos discursos televisivos para a construção de modos de ser jovem e de se relacionar com o próprio movimento.

A partir das entrevistas e da observação de campo, identificamos como os jovens se utilizam no cotidiano de algumas “práticas de si”, propostas na TV; como se colocam a pensar sobre a própria imagem e o modo de agir com seus pares. Percebemos ainda que os diversos discursos da TV para e sobre juventude concorrem no processo de constituição desses sujeitos, nos modos de subjetivação de uma juventude Sem Terra. Além disso, constatamos o uso destas sugestões televisivas: como agir dentro do “politicamente correto”; como e quando iniciar a vida sexual; e pontos mais triviais de construção de imagem, identificação com estereótipos exibidos nas tramas televisivas etc.

Na análise das entrevistas com jovens do Assentamento Capela, identificamos enunciados, falas, comportamentos e o modo como os entrevistados tomam saberes e normas apresentados pelos discursos para e sobre juventude veiculados na televisão como seus. Segundo Fischer (2000, p. 117), a televisão tem uma função formadora, subje-

tivadora e, tal como a escola, vale-se de certas técnicas de produção de sujeitos e, ademais, de um tipo específico de sujeito que “deve” olhar para si mesmo, autoavaliar-se, refletir sobre seus atos, expor suas sensações, suas dores, seus julgamentos. Tais procedimentos estão também presentes no cotidiano e na filosofia do MST, que entende que o sujeito deve construir-se, fazer-se e transformar-se a partir do que denomina de “novas relações” com ele mesmo, com os pares, com a natureza, com a comunidade.

Dos hábitos e consumo culturais

O que argumentamos a partir dos dados empíricos do trabalho etnográfico é que os sujeitos – no caso específico, os sujeitos jovens – valem-se, na contemporaneidade, dos discursos televisivos para compor ou cobrir de sentidos diversos aspectos da sua constituição.

Antes de nos determos nos aspectos da recepção e dos usos que os jovens fazem da TV e de seus discursos na autoconstituição de si, retomamos, brevemente, o conceito de mediações, que seriam “os lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 304). Para o autor, a família é um dos espaços privilegiados de leitura e codificação da televisão. Embora o estudo realizado no Assentamento Capela não tenha focado na análise da recepção na unidade familiar, durante a coleta de dados, acabamos interagindo com os sujeitos da investigação no ambiente familiar. Não raro, as mães interferiam com observações sobre os gostos televisivos dos filhos.

Martín-Barbero (2003, p. 321), ao tratar as lógicas dos usos dos meios de comunicação, *re-situa* a problemática no campo da cultura, ou seja,

dos conflitos articulados pela cultura, das mestiçagens que a tecem e dos anacronismos que a sustentam, e por fim do modo com que a hegemonia trabalha e as resistências que ela mobiliza [...], dos modos de apropriação e réplica das classes subalternas.

Tendo como referência o que o autor denomina de “*habitus* de classe”, que se refere aos modos de ver televisão na organização do tempo e do espaço cotidiano, obtém-se, a partir da observação e das falas dos entrevistados, o que afinal eles buscam nesse meio.

No caso dos integrantes da amostra, como de quase todos no assentamento, há apenas um aparelho de televisão por residência. O aparelho quase sempre está na sala de estar, lugar de receber as visitas e espaço de convívio familiar. Uma variante interessante é que, nos meses de inverno, a televisão é deslocada para a cozinha, lugar mais aquecido das moradias. Assim, em torno do fogão à lenha, as pessoas veem TV, alimentam-se, tomam chimarrão.

Assistir a TV junto com os jovens em suas casas possibilitou, tendo em mente as questões levantadas por Martín-Barbero (2003), desenhando o *habitus* televisivo desses sujeitos. O canal mais visto é a Rede Globo, seguido do SBT. Alguns apontam a MTV como canal preferido, no entanto, tal escolha gera conflito, pois os demais moradores da casa não gostam do tipo de programação desse canal. A preferência pela Rede Globo nos leva a questionar, nas entrevistas, sobre o conhecimento da decisão do MST/RS de não dar entrevistas aos veículos de comunicação da RBS, afiliada da Rede Globo no estado. Com exceção de duas garotas, cujos pais são militantes e dirigentes do movimento, nenhum dos entrevistados sabia de tal orientação. Um dos entrevistados chega a declarar: “Isso não quer dizer nada pra mim. Eu gosto de ver a Globo e vou continuar vendo”.

A preferência pela Rede Globo é justificada por questões de gosto pela programação, pela qualidade da imagem e até pelo costume.¹⁶ O ato de ver TV é parte do cotidiano desses jovens, estando entre as atividades mais apontadas nos relatos sobre a vida no assentamento, juntamente com ir à escola, trabalhar e brincar. Embora tenham

¹⁶ Quando se formou o hábito de ver TV entre os adultos, estes moravam em localidades em que só “pegava” o sinal da Rede Globo. A preferência pelo canal que retransmite a programação da Rede Globo é passado para os filhos, especialmente, dadas as condições de disponibilidade de apenas um aparelho de TV nas residências e as relações de poder estabelecidas na família.

a TV como uma das atividades mais frequentes para ocupar o tempo livre, poucos jovens apontam o ato de ver TV como atividade de lazer ou como divertimento. Quando pensam em lazer, referem-se a jogar bola, sinuca, ir ao cinema, a bailes, ouvir música. Somente quando provocados a pensar se o ato de ver televisão não seria uma atividade de lazer, alguns chegam a reconsiderar e apontam que, de fato, ver filmes, novelas, desenhos animados, *shows* e clipes na TV também é uma atividade de lazer. O que se evidencia desses relatos é que, embora de classe popular, os jovens identificam outras atividades como lazer.¹⁷ Falo disso pelo fato de Martín-Barbero (2003) observar que as classes populares pedem tudo da televisão, ou seja, o lazer, a informação, a cultura, e, de certo modo, até a educação, o que ocorre em virtude, especialmente, das limitações financeiras.

Além de assistir a televisão, nos finais de semana, os jovens do assentamento jogam bola, praticam outras modalidades de esportes (vôlei, sinuca, andar de bicicleta), frequentam *lan houses*, jogam em computadores, em casa ou na casa de amigos. O acesso à internet no assentamento modificou, em alguns aspectos, o cotidiano desses jovens: verificar e-mails, jogar ou ficar nos *chats* e MSN são hábitos para alguns “que podem” ter computador em casa. Os que não estão nesse grupo utilizam, com tempo limitado e durante os dias úteis, um computador no escritório da cooperativa.¹⁸

¹⁷ Dado semelhante aparece na pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, realizada pelo Instituto Cidadania com 3.501 jovens, com idade entre 15 e 24 anos, entrevistados em 198 municípios, de 25 estados brasileiros e do Distrito Federal. Segundo a pesquisa, embora os jovens passem o tempo livre, frequentemente, diante da TV, quando questionados sobre o que gostam de fazer nas horas de lazer, as atividades mais citadas são ir ao cinema, jogar bola/futebol, ir a shows, ir ao circo, encontrar os amigos, assistir a jogos de futebol no estádio e namorar. Talvez as respostas expressem mais o que desejam fazer de atividade de lazer do que, propriamente, o que eles fazem cotidianamente com o tempo livre.

¹⁸ Como observado anteriormente, o uso da internet no assentamento modificou-se radicalmente entre a realização da pesquisa, em 2006, e o momento em que este artigo é escrito, 2012. Este é um aspecto relevante a ser pesquisado junto a jovens de assentamentos de reforma agrária, pois tendências apontadas preliminarmente na pesquisa realizada em 2006, como as modificações e impactos nos processos de sociabilidade entre jovens assentados e o uso das redes sociais e a internet, parecem ter se aprofundado nesse período.

Alguns desses jovens nunca foram ao cinema; outros foram somente por meio de passeios escolares. Há ainda aqueles que, pelo menos duas vezes por ano, vão ao cinema, especialmente nas férias e atraídos por filmes como do Harry Potter ou da Xuxa. O acesso a filmes no dia a dia dá-se principalmente por meio da exibição na televisão aberta ou por locação de fitas VHS e DVDs. A preferência recai sobre filmes de ação, suspense e aventura, especialmente os norte-americanos, mas há também a audiência de filmes nacionais. Por iniciativa de alguns militantes do MST, eventualmente, realizam-se sessões de exibição na sede da Coopam: os filmes selecionados para essas ocasiões têm relação com a luta pela terra ou com os propósitos de transformação da sociedade pregados pelo MST, como *Olga* (Jayme Monjardim, 2004), *Diários de motocicleta* (Walter Salles, 2003) e documentários sobre a luta pela reforma agrária no Brasil.

O discurso do MST como mediação

Pensando sobre os posicionamentos críticos do MST em relação à mídia, com os quais esses jovens convivem tanto no ambiente familiar como na escola, e sobre a maneira como se apropriam dos produtos midiáticos, apoiamo-nos nas formulações de Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco Gómez. A cotidianidade e a competência cultural são as categorias que orientam a análise.

Vale lembrar que, para o MST, os produtos da indústria cultural são vistos como “lixo cultural”, que “contaminam as pessoas com suas manipulações ideológicas”, conforme afirma Bogo (2000, p. 92). Para esse líder do MST, há “lixo” no comportamento, no jeito de ver as coisas, nos hábitos alimentares, na forma de vestir, e tudo isso toma parte da existência dos indivíduos, o que impede a construção da nova sociedade.

É em meio a discursos sobre os efeitos danosos dos produtos da indústria cultural que o MST aposta em projetos culturais alternativos, com lançamentos de CDs, criação de rádios comunitárias, publicação de jornais e revistas, os quais, segundo Bogo (2000, p. 19), têm a função de desenvolver, em contraponto à cultura da existência, uma cultura

de resistência, ou seja, a cultura de não se entregar “totalmente aos embalos do cantarolar do consumismo capitalista”. Nessa perspectiva, resistir aos produtos da indústria cultural é resistir à mídia, à TV, considerada a porta de entrada para todo o “lixo cultural”.

Tal discurso do MST desconsidera a capacidade de o sujeito receptor discernir e selecionar os produtos e mensagens midiáticas; em suma, reputa um poder imensurável à TV e seus discursos. As falas de jovens que estudam em escolas do MST expressam esse pensamento do movimento. No entanto, é interessante observar que, ao se referirem ao modo como a TV é vista dentro do MST, especialmente pelos dirigentes, os jovens se distanciam dessas formulações à medida que utilizam a terceira pessoa do plural, talvez denotando que essas formulações não são suas. Como nas seguintes falas:

Na escola, *eles* não incentivam muito a ver novela, essas coisas. *Eles* falam que é sempre bom assistir às coisas com um olhar crítico, porque tudo que aparece na televisão é uma forma de manipular o pensamento, de fazer da gente pessoas dóceis, mansos, para não pensar e não se revoltar contra tudo que tá aí (CAMILO, 2006. Entrevista à pesquisadora).

A gente quase não vê TV quando tá na escola, só, às vezes, o noticiário, mesmo assim sempre tem alguma atividade para a gente pensar sobre o que viu no jornal, sobre as intenções deles quando mostram uma ou outra matéria. É mesmo para aprender a ser crítico. E não aceitar tudo do jeito que vem na TV (GUSTAVO, 2006. Entrevista à pesquisadora).

As observações dos jovens sobre a mediação do MST em relação aos discursos da TV também assinalam a tentativa do movimento de “educar” para uma audiência crítica. Alguns dos entrevistados fazem relações engenhosas e articuladas sobre o consumo e a televisão em nossa sociedade:

Os jovens são o foco do capitalismo hoje em dia. Eles [o capitalismo] precisam de consumidores. A maioria da juventude tem

a cabeça fraca, e daí a rebeldia que é própria do jovem é canalizada para o consumo. A mídia, a TV, é a vitrine dos produtos do capitalismo... Tu pode ver que tão sempre te dizendo para comprar isso, consumir aquilo, vestir marca tal, calçar tênis isso ou aquilo que é melhor... Até o ser humano está na prateleira, onde tu ocupa o outro pra satisfazer teus prazeres sem nenhum compromisso (CAMILO, 2006. Entrevista à pesquisadora).

Contudo, esse modo de ver TV mediado pelo discurso crítico do MST contribui também na forma de olhar de jovens que não têm engajamento político, que não são militantes e que sequer pensam em dar continuidade à luta dos pais. O fato de serem filhos de assentados, morarem em um assentamento e terem sua formação mediada pelas narrativas do movimento possibilita-lhes um olhar peculiar em relação à mídia, especialmente no que se refere à cobertura dada ao MST, como exposto na seguinte fala:

Em relação aos jornais, eu vejo assim: que eles apresentam uma notícia e, em seguida, tem um comentarista que te dá uma opinião sobre aquele acontecimento, então eu sempre fico de olho nisso. Por que eles têm que dar uma opinião também sobre o assunto? Por que eles não dão só o fato e deixam para que as pessoas pensem sobre o que foi mostrado? Isso eu acho assim, até nem gosto muito desses comentaristas. Eu gosto mais de ver um jornal que te dá a notícia e pronto, sem “firulas” de comentários e opiniões. Eu até escuto o que eles dizem, mas eu também tenho opinião sobre as coisas, eu não vou ficar aceitando o que eles tão dizendo só porque é um cara lá da TV. O problema é que as pessoas em geral não param para pensar sobre o que veem na TV. Eles só veem um Lasier Martins¹⁹ falar e já começam a repetir o que ele fala, sem nem sequer pensar sobre o que ele falou, se serve pra ti, se serve pra tua realidade... Eu acho isso (RENATO, 2006. Entrevista à pesquisadora).

¹⁹ Comentarista político da RBSTV, no Rio Grande do Sul, e apresentador de programa de entrevistas na Rádio Gaúcha, do mesmo grupo. A referência a esse articulista não é à toa, uma vez que Lasier Martins é identificado pelo MST como amigo dos ruralistas e um dos maiores críticos do movimento no estado.

O discurso do MST atua como mediação do discurso televisivo, de forma mais incisiva, junto aos jovens militantes ou estudantes de cursos técnicos das escolas do movimento, que falam em “aprender a ser crítico”, a ver “o que está por trás” do que aparece na TV; ou atua de forma menos engajada, mas leva o jovem a desconfiar dos ditos televisivos. Essa mediação estabelece, ainda, uma relação de culpa nos jovens por gostarem e se servirem dos conteúdos midiáticos. Assim, há sempre uma ressalva quando se admite gostar de ver televisão, ou, junto com o que é considerado “lixo cultural”, sempre é citado outro programa que pode ser considerado menos “ruim”, menos prejudicial à formação de bons cidadãos conscientes, na ótica do movimento.

Outros aspectos são a negociação que esses jovens fazem em relação aos modos como o MST aparece na TV e o senso crítico que reivindicam para si no ato de ver televisão. Quando perguntados sobre a forma como o movimento aparece na televisão, os sujeitos da investigação apresentam uma leitura muito particular. Embora reconheçam, por um lado, que o movimento é sempre associado à violência quando aparece na mídia, o que não lhes é agradável, por outro, direcionam críticas às formas de luta empreendidas pelo MST. Como que, numa visão contraditória, ao mesmo tempo em que apontam o quanto a mídia narra o MST somente de uma maneira – violenta –, esses mesmos jovens chegam a repetir os “ditos” consagrados na TV e criticados por eles:

Sobre a imagem do MST na televisão, principalmente, de associarem o MST à violência, não é uma coisa muito boa. Na televisão, *eles* são vistos como baderneiros, sempre aparece o pior, não é uma imagem que seja muito boa. Mas acho também que não é só isso que o MST é, tem um outro lado. A TV talvez não mostre. A maioria das vezes só mostra o lado ruim. Às vezes, a violência que aparece, que é mostrada na televisão, não precisava ser assim, mas também tem aquele outro lado que se tu não faz nada, tu não existe, tu não aparece, tuas reclamações e tuas necessidades nunca são ouvidas. No caso, *eles* fazem as manifestações... Talvez não precisasse de toda aquela violência, mas se não é assim... Se *eles* ficam muito calmos, ninguém dá ouvidos. Ai quando acontece

alguma coisa assim como aconteceu na Aracruz,²⁰ aí dá uma polêmica. Na televisão, eles até aumentam as coisas... Aí é o MST que é feito de baderneiros, arruaceiros... (VANESSA, 2006. Entrevista à pesquisadora).

A fala acima evidencia um processo de negociação entre os sentidos dados pelo discurso midiático, que condena o MST, e o discurso do próprio movimento, que justifica ações mais incisivas como modo de garantir a atenção dos órgãos públicos e da sociedade. É interessante observar que há ainda, nas falas dos jovens, uma instabilidade na identificação com o MST, há momentos em que os jovens se referem ao movimento como “eles” e, em outras situações, reivindicam o “nós”, integram-se a essa organização, reconhecem-se parte dela. Senão vejamos:

O MST é sempre visto como violento, pode até ser que seja... Às vezes eu até acho que eles são muito violentos mesmo.[...] Eu me sinto parte do MST. Não vou mais pro Encontro dos Sem Terrinha, mas ainda me sinto do MST. Porque é um movimento justo que luta pelos direitos das pessoas, que luta pela preservação do meio ambiente, que luta pelo direito das pessoas do campo ter educação, escola... É por isso que eu sou do MST (MÁRIO, 2006. Entrevista à pesquisadora).

O tipo de leitura desses jovens em relação à cobertura da TV sobre o MST se distancia da leitura identificada por Fábio Cruz (2006) entre militantes do MST do Assentamento Pitangueiras, no município de Canguçu (RS). Cruz (2006) analisou a repercussão da cobertura do *Abril vermelho* pelo Jornal do Almoço (RBSTV). Uma das suas principais conclusões é de que os integrantes do MST não se identificam com a imagem do movimento exibida no telejornal. De modo geral, podemos dizer que os jovens do Assentamento Capela também não se identificam com a imagem do MST na TV, no entanto, fazem uma

²⁰ Em março de 2006, um grupo de mulheres ligadas ao MST e à Via Campesina ocuparam e destruíram instalações da Aracruz Celulose, em Barra Ribeiro (RS).

leitura mais flexível, não responsabilizando totalmente o meio. Por sua vez, na investigação de Cruz, os ditos dos assentados reafirmam o discurso hegemônico no Movimento, ou seja, de que a TV é instrumento do capitalismo para fomentar o consumo, a alienação, o conformismo, entre outras mazelas. Nas entrevistas realizadas pelo autor, os assentados nomeiam os meios de comunicação, especialmente o grupo RBS, como máfia, enganadores, mentirosos e manipuladores.

Considerações

A ideia de que os jovens são “influenciados” em demasia pelos meios de comunicação, especialmente a televisão, e de que seria necessário libertá-los dessa visão alienada e capacitá-los para uma audiência televisiva crítica está distante do verificado na investigação. O que observamos, na realização da pesquisa empírica, é que nossa sociedade, e aí os sujeitos jovens estão incluídos, é cheia de instituições normalizadoras, e que a TV, devido às suas características técnicas, tem a capacidade expandida de prescrever modos de ser.

A TV é um bom exemplo do que Foucault (1997) chamou de “biopoder”, ou seja, um certo número de tecnologias cujo fim é contingenciar a vida dos humanos em certos campos experimentais: o que se pode ou não fazer, o que se deve ou não fazer com a saúde, a vida, a família, a sexualidade, a educação dos filhos, a morte. As imagens, sons e mensagens televisivas nos ensinam modos de existência socialmente aceitos, aconselháveis. Assim, as investidas sobre o corpo, a saúde, as maneiras de se alimentar, vestir, namorar, divertir-se, enfim, uma série de espaços de existência, fazem-nos acreditar que toda a prescrição veiculada diariamente – aí está a eficácia da biopolítica – é parte de uma verdade que simplesmente ativa um curso histórico natural. Entretanto, como nos ensinou Nietzsche (1991), toda moral é terrena e historicamente constituída.

A partir de uma perspectiva que estabelece uma convivência entre as prescrições e modos de ser jovem do discurso televisivo e experiências de negociação, produção de sentido e resistência empreendida cotidianamente pelos jovens do Assentamento Capela em

relação a esses mesmos discursos, entendemos que possam germinar modos de ser sujeito mais livre, menos submetidos aos discursos hegemônicos na sociedade.

Assim, pais e professores que lidam diariamente com jovens de assentamento poderiam ter em mente que, para além do bem e do mal, esses sujeitos são plurais e suscetíveis aos apelos de nosso tempo, mas também são capazes de produzir sentidos próprios, em relação aos diversos discursos que os cercam, inclusive os da TV e do MST. Tal singularidade é relevante se levada em conta nas relações de poder estabelecidas na família, na escola e em outras tantas instituições, visto que não há mal em exercer-se o poder, dos pais em relação aos filhos, dos professores em relação aos seus alunos ou vice-versa, tendo em vista que as relações de poder são móveis. Endereçar-se aos jovens observando essas peculiaridades pode contribuir decisivamente para sua formação como cidadãos.

Uma lição que podemos aprender com os jovens do Assentamento Capela é em relação à alteridade. Em alguns depoimentos, pode-se rastrear o “outro” como referência para a constituição de si mesmo; embora anunciado o desejo de ser um igual, os jovens assentados reivindicam o ser diferente. Na perspectiva foucaultiana, falar de alteridade, falar do outro, seja ele quem for, é sempre falar sobre o outro do mesmo, isto é, literalmente dependente dele, definido por ele, modelado, nomeado, identificado e circunscrito por ele. Talvez, o mais relevante ensinamento seja que a alteridade está aí e é constituinte da diferença, e o que podemos tentar construir, em educação e em comunicação, são práticas de convívio no dissenso, na diferença, em meio aos outros.

Bibliografia

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo Martori (Org.). *Retratos da juventude brasileira*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-71.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. *Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOGO, Ademar. *O MST e a cultura*. São Paulo: MST: ANCA, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CARNEIRO, Maria José. O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F. C. Teixeira; SANTOS, R.; COSTA, L. F. C. (Org.). *Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares*. São Paulo: Campus: Pronex, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CRUZ, Fábio Souza da. *A cultura da mídia no Rio Grande do Sul: o caso MST e Jornal do Almoço*. 2006. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2006.

MARGULIS, Mario; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, M. *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud*. Buenos Ayres: Biblos, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: des-ubicaciones y opacidades de la comunicación en el nuevo siglo. *Revista Diálogos de la Comunicación*, n. 64, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.felafacs.org/dialogos64/pdf.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

SOUSA, M. W. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e Escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. Martoni (Org.). *Retratos da juventude brasileira*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-127.

SPOSITO, Marília Pontes. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação educativa, 2003.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Técnicas de si na TV: a mídia se faz pedagógica. *Revista de Educação*, São Leopoldo, v. 4, n. 7, p. 111-139, 2000.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e o desejável conhecimento do sujeito. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 5-11, jan./jun. 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação & Realidade*. v. 22, n. 2, p. 59-79, jul./dez. 1997.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BUCCI, Eugênio. Por que falar de televisão? In: BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000. p.11-38.

BUCCI, Eugênio. A crítica de televisão. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo, 1997.

RIBEIRO, Renato Janine. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 19-33.

OROZCO, G. Guillermo. La mediación en juego: TV, cultura y audiencias. *Revista de comunicación y sociedad*, Guadalajara, n. 10, p. 107-128, 1991.

SCHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna. In: LEVI, G.; SCHIMITT, Jean-Claude (Org.) *História dos Jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 265-324, v. 1.

NA PERIFERIA DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM: práticas culturais discursivas do Movimento Sem Terra

Claudiana Nogueira de Alencar¹

Introdução

Este trabalho parte do desejo de focalizar novas possibilidades de investigação e teorização da Linguística, enfatizando o papel do linguista e de seu estudo para a vida social. Tal perspectiva delineia, na atualidade, um modo de ver a linguagem que abandona a velha discussão dicotômica sobre uma linguística imanente, que estudaria a língua por ela mesma, eliminando todos os aspectos culturais, históricos, sociais, cognitivos que lhe são próprios, e sobre uma linguística dita externalista, a qual acomodaria os diversos aspectos considerados complementares a uma ciência da linguagem propriamente dita na periferia dos estudos da linguagem. Dessa forma, o modo de ver a linguagem com o qual se identifica este estudo pretende considerar os diversos

¹ Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: claudiana.alencar@uece.br.

fatores que atuam em nossas atividades linguísticas – fatores verbais e não verbais, ditos linguísticas e não linguísticos – como integrados em nossas formas concretas de viver e produzir sentidos por meio das práticas de linguagem.

Assim, inseridos em uma linha de estudos da nova pragmática (RAJAGOPALAN, 2010), a pragmática cultural, que tem analisado as práticas culturais como jogos de linguagem (ALENCAR, 2009, 2010, 2011; ALENCAR e BONFIM, 2012), partimos da concepção performativa da linguagem (AUSTIN, 1962) e da perspectiva terapêutica da significação como uso linguístico social (WITTGENSTEIN, 1958) para entender como o caráter complexo e seletivo da violência se manifesta nas práticas culturais do cotidiano por meio da linguagem.

Partindo do pressuposto de que a violência, marcada por dinâmicas de poder colonizador, tem uma forte semântica étnico-racista-ambiental, pois atinge, preferencialmente, as comunidades subalternas, situadas no lado oprimido da diferença colonial, o estudo pretende mostrar a hibridização e a inter-relação entre a violência da colonialidade e um tipo de violência ainda pouco investigado: a violência linguística. Pretende-se, pois, por uma perspectiva crítica dos estudos da linguagem, estudar a violência linguística como um processo, historicamente situado, de produção, apropriação e circulação de significados violentos que inter-relacionam gênero, raça, classe e etnia, na constituição de uma gramática cultural silenciosa de dor, discriminação e exploração, gerada no âmbito da cultura, das mediações e das experiências dos sujeitos, os quais, em seu cotidiano, podem enfrentar e ressignificar tais significados em suas lutas nos movimentos camponeses. Tais pressupostos possibilitarão o estudo das formas linguísticas de violência (atos de fala violentos) e sua ressignificação nos jogos de linguagem, a partir de uma investigação de práticas discursivas específicas (narração e ritualizações), vivenciadas pelos militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST.

O martírio da terra: colonialidade e resistência camponesa

Em *Os sertões*, o escritor brasileiro Euclides da Cunha fala de um martírio do ser humano diante da escassez da terra provocada pela seca:

“o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da Vida. Nasce o martírio secular da Terra” (CUNHA, 1984, p. 29). Atualizando a leitura sobre esse clássico, o crítico literário e sociólogo brasileiro Antônio Cândido diz que, em nossos dias, o martírio da terra não é a natureza; não é a seca que tortura o ser humano. Para Cândido (2002), o martírio secular da terra é a devastação predatória de todo o país, a subordinação da posse do solo à sede imoderada de lucro. Tal martírio rouba as condições de o trabalhador rural manter com dignidade a sua família e de produzir, de maneira compensadora, para o mercado. “Hoje, o martírio do homem rural é a espoliação que o sufoca”, diz o crítico, que conclui, em um depoimento sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: “tanto o martírio da terra (ecológico e econômico), quanto o martírio do homem (econômico e social) só podem ser remidos por meio de uma redefinição das relações do homem com a terra, objetivo real do MST”.²

Essa espoliação, apontada por Cândido, é redimensionada no contexto atual, em que governos nacionais e grandes empresas internacionais se associam para a criação de zonas livres de comércio, mercados comuns e associações aduaneiras, que deixam as economias nacionais abertas, facilitando a mobilidade de bens, serviços e capitais a partir de multiplicidades de fluxos estendidos para além das fronteiras do Estado-nação. Ocorre, então, uma assimilação entre territórios, movida pela mais-valia, que se torna mundial por via da produção e unificada pelo sistema financeiro. A mais-valia tem sido considerada pelo geógrafo brasileiro Milton Santos (2001) como o motor universal do capitalismo pós-fordista atual, cujas mudanças econômicas, tecnológicas e simbólicas são conhecidas como globalização. A unicidade desse motor, que funciona agora em escala planetária por meio das empresas e bancos internacionais, exige uma “produtividade espacial cada vez maior, apenas possível a partir de uma intensa cientificação, tecnificação e informatização de cada fração do território” (SANTOS, 1997, p. 57). Desse modo, a internacionalização

² Depoimento disponível em: <<http://www.landless-voices.org/vieira/archive-05.php?rd=MARTYRDO858&ng=p&sc=3&th=41&cd=&se=0>>.

da economia, facilitada por arranjos políticos e normatizações nacionais, baseados no discurso neoliberal para justificar o amplo apoio ao capital estrangeiro, de modo a resolver problemas internos dos Estados-nação, tem requalificado o espaço geográfico de modo perverso, acentuando diferenças históricas.

Como nos dizem Santos e Arroyo (1997, p. 58), não há um espaço global, mas espaços da globalização, espaços hegemônicos, “áreas prenhes de ciência, tecnologia e informação unificadas por intermédio de redes que operam em escala planetária”. Tais áreas hegemônicas tornam-se novos locais de comando global e sutil, uma vez que somente “os atores hegemônicos se servem de todas as redes e utilizam todos os territórios” (SANTOS, 1997, p. 58).

É justamente contra as políticas neoliberais, implementadas pela aliança entre multinacionais, organismos internacionais e governos nacionais, que orientam suas políticas públicas a partir de tais alianças, que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) se posiciona. Como a tendência da globalização é transformar os territórios nacionais em espaços nacionais da economia internacional (SANTOS, 2003), a orientação neoliberal influencia mudanças normativas nas políticas governamentais nacionais, por meio de “regulação política e econômica que estimula a abertura comercial e financeira e privilegia a produção voltada para fora” (SANTOS, 1997, p. 58).

Nesse sentido, não basta ao movimento campestino a luta pela terra, por meio da ocupação de terras improdutivas, seguida da constituição dos acampamentos e da conquista dos assentamentos, após a desapropriação para a aplicação da Reforma Agrária pelos órgãos governamentais,³ que efetuam o julgamento sobre a produtividade e legalidade jurídica da área. Embora se constitua em uma importante estratégia das organizações populares para dar continuidade à luta por Reforma Agrária (FERNANDES, 1999, p. 242), a luta pela terra precisa ser transcendida para o enfrentamento de problemas globais que afetam o campesinato, gerados pela divisão internacional do trabalho no novo capitalismo, que atua em escala mundial.

³ No Brasil, essa tarefa é de competência do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra entende esse cenário e articula suas lutas locais às lutas do movimento camponês de todo o mundo, ao associar-se à Rede de Movimentos Sociais Via Campesina na luta contra o capitalismo global, como reconhece Pedro Stédile, um dos coordenadores nacionais do MST: “A globalização do capital que impõe os mesmos métodos de exploração em todos os países, obriga os movimentos camponeses a também terem estratégias de articulação internacional, rompendo assim seus métodos corporativos e localizados” (STÉDILE, 2004, p. 17).

Por meio da organização em uma rede transnacional de movimentos sociais, os Sem Terra ou camponeses articulam sua luta pela terra com as lutas dos movimentos sociais populares mais expressivos na América Latina. Diversos grupos discriminados, como indígenas, quilombolas, negros, mulheres, piqueteiros, desempregados, sem teto, traduzem seus objetivos específicos em pautas políticas comuns, transcendendo suas especificidades em uma rede de movimentos sociais.

Desse modo, o MST reconhece que a libertação anticapitalista não pode ser reduzida a uma única dimensão da vida social, superando uma política que essencializa uma identidade camponesa única, em defesa de uma humanidade plena descolonizada, como podemos perceber na afirmação da integrante do Coletivo Nacional do Setor de Educação do MST, Rosali Caldart:

As próprias escolhas que fez historicamente sobre o jeito de conduzir sua luta específica (uma delas a de que a luta seria feita por famílias inteiras) acabaram levando o Movimento a desenvolver uma série de outras lutas sociais combinadas. Estas lutas, bem como o trabalho cotidiano em torno do que são suas metas, e que envolvem questões relacionadas à produção, à educação, à saúde, à cultura, aos direitos humanos..., se ampliam à medida que se aprofunda o próprio processo de humanização de seus sujeitos, que se reconhecem cada vez mais como sujeitos de direitos, direitos de uma humanidade plena (CALDART, 2001, p. 208).

Nesse sentido, pretendo explorar, neste trabalho, a ideia de que a experiência de compartilhamento ou de solidariedade que constrói a

intersubjetividade dos militantes do MST a partir de lugares étnico-raciais subalternos diversos é constituída a partir de uma pragmática da dor, que ressignifica o sofrimento dos “condenados” da América Latina. Essa cosmologia subalterna sobre a violência a que são submetidos não apenas os povos campestres do MST, mas outros grupos oprimidos do Sul, é produzida por diversos jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1958), práticas discursivas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Nessas práticas linguísticas de ressignificação da violência sofrida pelos povos da América Latina, atos de linguagem que formatizam a dor dos oprimidos são, constantemente, repetidos e reificados pelo MST, como uma forma de manter acesa a chama da luta, constituindo uma gramática cultural que pode contribuir para a descolonização do ser, para a descolonização do poder.

Compreendo que o estudo da linguagem da dor e sua gramática cultural produzida pelos campestres, organizados pelo MST, pode contribuir para uma teoria crítica descolonial “capaz de transcender a forma como os paradigmas da economia política tradicional conceitualizam o capitalismo enquanto sistema global ou sistema-mundo” (GROSFUGEL, 2009).

Linguagem e violência

Para o filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres (2008, p. 96), a colonialidade do ser refere-se ao processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcados por dinâmicas de poder de caráter preferencial: “discriminam pessoas e tomam por alvo determinadas comunidades”. Baseando-se no conceito de colonialidade do poder,⁴ desenvolvida pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (2009), como um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista, Maldonado-Torres analisa o caráter de primazia da

⁴ Para Ramón Grosfoguel (2008, p. 126), com o fim das “administrações coloniais” e a independência dos Estados-nação, “os povos não-europeus continuam a viver sob a rude exploração e dominação europeia/euro-americana”, passando do “colonialismo global” para um período de “colonialidade global”.

violência como colonizador do ser, traduzido por meio da colonialidade, na relação entre o racismo, a exploração capitalista, o monopólio do saber, o domínio sexual e a história colonial moderna.

A história colonial é resgatada no discurso dos Sem Terra quando inscrevem a gênese dos conflitos agrários no Brasil na divisão injusta de terras, durante o período do Brasil-Colônia, no século XVI. É o que me disse Antônio, militante do MST de 25 anos: “essa história começou quando os portugueses roubaram as terras dos índios. Os poderosos são assim, sempre querem tudo pra si”.⁵

Esse “querer tudo para si” ou o “ser mais” se deram, segundo Freire (2005), por uma distorção histórica que provocou a desumanização do ser humano. É Enrique Dussel, filósofo da libertação latino-americano, que atribui à modernidade colonizadora e ao seu *ego conquistus* a instauração de todo um mundo periférico e colonial injusto e desigual. Em suas “Meditações anti-cartesianas”, o filósofo critica o pensamento de Descartes, mostrando como

[...] o seu *ego cogito* iria constituir um *cogitatum* que, entre outros entes à sua disposição, situaria a corporalidade dos sujeitos coloniais como máquinas exploráveis, dos índios na *encomienda*, da *mita* ou da fazenda latino-americana, ou dos escravos africanos na “casa grande” das plantações do Brasil, do Caribe ou da Nova Inglaterra. Às *costas* da modernidade iria tirar-se para sempre aos sujeitos coloniais o seu “ser humano”, até hoje (DUSSEL, 2009, p. 331).

A negação histórica ao direito à terra dos trabalhadores rurais no Brasil faria parte dessa corporalidade dos sujeitos coloniais, que procuram subvertê-la, descolonizando a locução “sem terra” para identificar o sujeito que luta por sua libertação social. A ocupação da terra seria

⁵ Depoimento colhido durante as minhas visitas, realizadas entre os anos 2006 e 2009, ao Assentamento Bernardo Marin, conquistado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, localizado na zona rural a 15km da sede municipal de Russas, na região do Vale do Jaguaribe, Ceará. Na ocasião, atuei como educadora e pesquisadora na formação de educadores e educadoras do campo por meio do Programa Nacional de Educação em áreas de Reforma Agrária (Pronea). O nome do entrevistado foi trocado.

um contramovimento a essa negação colonial do direito à terra para homens e mulheres do campo. Como nos diz Paulo Freire (2005, p. 33), “como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos”. Para Bernat (2009), a ocupação e a posterior moradia nos acampamentos debaixo da lona preta são os momentos em que se torna mais visível

[...] o enfrentamento que o projeto econômico, político e social dos Sem Terra mantém contra o projeto capitalista, personificado pelos grandes proprietários rurais e apoiado tanto pela ação como pela omissão do estado. [...] Trata-se de períodos temporais dilatados de vida em comunidade suportando condições quotidianas precárias e sofrendo situações de grande tensão, provocada pela ameaça constante de desocupação da área e das situações violentas que se possam derivar.

Aqui podemos falar novamente de martírio da terra: a ocupação dos grandes latifúndios por parte do movimento campestre carrega um histórico cruel de violência, sendo constantes as “ameaças de morte aos militantes/dirigentes, tiroteios noturnos para espantar as famílias, tentativas de desocupação ilegal, queima de barracos e execuções na tentativa de silenciar e paralisar o movimento” (BERNAT, 2009). Contudo, o movimento campestre continua com essa tática de “ocupar, resistir e produzir”. Ocupando o campo, exigindo a terra que historicamente lhe fora usurpada desde a colonização, ocupando as instituições, como palácios de governos e instituições agrárias, para exigir direitos para as populações campestres e punição dos que cometem crime contra acampados, essa legião de camponeses Sem Terra ou destribalizados, como dizia Fanon (2002, p. 125), “constitui uma das forças mais espontâneas e radicalmente revolucionárias de um povo colonizado”.

Fica claro que esse contramovimento subalterno (SANTOS, 2009), com sua tática de ocupação, paga um preço alto, por meio de uma outra forma de violência: a violência linguística. A violência linguística diz respeito ao caráter performativo da linguagem que confere à ação linguística o poder para ferir, machucar estabelecer relações de dominação e opressão sobre o outro.

A partir da virada pragmática da linguagem, que nos permitiu alcançar o entendimento de que ela não mais poderia ser vista como uma simples representação do mundo, mas deveria ser compreendida como um modo de ação humana no mundo, realizada por meio de nossos atos de fala (AUSTIN, 1962), pudemos perceber que uma das formas de manifestação dessa ação é a violência (SILVA, 2011). Para a filósofa social feminista Judith Butler (1997), a linguagem possui o poder para ofender porque somos seres linguísticos, o que indica que somos vulneráveis ao poder ofensivo que possuem as palavras e que há uma especificidade linguística na constituição de certos tipos de violência, que reforçam práticas discriminatórias e situações de dominação e opressão humana.

Tal especificidade linguística das práticas violentas remete-nos ao fato de que a linguagem não acontece de forma atemporal ou descontextualizada e que os significados violentos, na esteira do pensamento do antropólogo-linguista W. Hanks (2008), emergem da relação entre a língua e suas circunstâncias. Desse modo, o poder ofensivo da linguagem estaria constituído na prática linguística, uma vez que “o significado – mesmo o sentido literal – deriva de uma fusão da forma linguística com o contexto” (HANKS, 2008, p. 232).

Como afirmou Wittgenstein (1958), a linguagem é uma forma de vida, e os significados são constituídos nas formas culturais das práticas linguísticas humanas definidas como jogos de linguagem, dependentes de uma estrutura macrossocial e histórica ampla. Se considerarmos, com Wittgenstein, que a afirmação “eu tenho dor”, comum em situações de sofrimento e violência, não seria o sinal de que há algo que escapa à linguagem, mas o início de um jogo de linguagem – uma atividade sociocultural linguisticamente constituída e regulada na dinamicidade da história –, seremos levados a questionar se as formas de violência extrema, ou mesmo as formas de violência física, que nos causam tanto medo e terror, não seriam possibilitadas e instituídas por meio de uma rede de construções semânticas e de performances discursivas constituídas nas práticas culturais cotidianas.

Assim, queremos mostrar, por este estudo, como nossas práticas culturais acionam significados violentos, estilizados na construção de subjetividades, muitas vezes apresentadas de forma estereotipada e co-

lonizada. As subjetividades performatizadas nas práticas culturais são “efeitos de atos que impulsionam marcações em quadros de comportamentos (fala, escrita, vestimentas, alimentação, cultos, elos parentais, filiações, etc.)” (PINTO, 2007, p. 14). Para nós, tais quadros de comportamentos fazem parte da gramática cultural (DAS, 2007) constituída pelas repetições de atos de fala constitutivos dos jogos de linguagem, uma gramática que tem sido contestada e reinscrita nas práticas militantes do movimento campestino. Conforme Condé (1998), gramática para Wittgenstein não é um sistema de regras sintático-semânticas, como compreenderíamos uma gramática da língua, mas sim um conjunto de atividades governadas por regras. A gramática dos jogos de linguagem envolve, pois, uma dimensão pragmático-cultural.

Tais fórmulas discursivas constroem uma dizibilidade que permite a expressão cotidiana da violência e a naturalização das assimetrias de poder, por meio de atos de fala que justificariam a violência. Constitui-se, assim, uma gramática cultural específica, a gramática cultural da violência, a partir da qual não se pode desligar o ato violento do ato comunicativo. As construções semânticas para o MST, encenadas nas práticas discursivas midiáticas, estabelecem, portanto, um mundo ético em que a criminalização do movimento campestino é plenamente aceitável como um roteiro social oculto (DAS, 2007) a ser reproduzido em nossa linguagem cotidiana. Tais roteiros ocultos, como contextos de uso linguísticos, são tipificados ou ritualizados (AUSTIN, 1962), evocando poder, afeto, adesão ou contestação entre sujeitos sociais.

É a partir dessa perspectiva que podemos entender o lugar da linguagem na constituição histórica de problemas sociais, políticos, econômico-culturais provenientes da lógica de violência do sistema mundo capitalista, colonial e patriarcal. Aqui chamo atenção para o caráter preferencial da violência contra os povos colonizados da América Latina. Nesse sentido, percebemos que a violência é constitutiva do sistema-mundo moderno-colonial patriarcal nas suas diferentes configurações (PORTO GONÇALVES, 2003), incluindo a violência linguística, pois se, na esteira da configuração capitalista atual, o subalterno não pode falar (SPIVAK, 2010), a imposição sistemática de silenciamento e de violência estrutural, física e econômica que reposiciona os sujeitos em

termos de reconhecimento (de afetos, de direito, de voz política) é mais cruel contra os grupos subalternos que estão no campo.

A grande mídia brasileira tem usado uma linguagem ofensiva em suas matérias jornalísticas sobre o MST, criminalizando esse movimento social e trazendo a opinião pública contra as ocupações. Nos textos dos jornais e noticiários, a “ocupação” da terra é substituída pela palavra “invasão”, marcando ideologicamente a posição da imprensa brasileira em defesa do sistema-mundo capitalista colonial, segundo a qual a propriedade privada deve ser resguardada, mesmo que diga respeito a grandes concentrações de terras improdutivas nas mãos de alguns poucos. O MST é adjetivado como movimento violento, e seus militantes são caracterizados por termos como “vândalos”, “baderneiros”, “bandidos rurais”, como podemos ver nas manchetes dos jornais abaixo:

‘Estado’ flagra invasão do MST no Pontal

(O Estadão, 16/01/2011)⁶

MST mantém invasão em prédio mesmo após apelo do governo

(Folha de São Paulo, 16/04/2012)⁷

Violência linguística bastante explícita na matéria dedicada aos 25 anos do MST, da qual transcrevo o trecho abaixo:

Os 25 anos do MST: invasões, badernas e desafio à lei

Na última terça-feira, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) completou 25 anos. Mantendo a falsa bandeira de sua incansável luta pela reforma agrária, o MST conseguiu permanecer impune das ações criminosas que cometeu ao longo de sua existência. Há tempos que a organização não quer mais apenas um pedaço de terra – e sim toda a terra. Em reportagens realizadas ao longo dos anos, VEJA acompanhou o crescimento, a desmoralização e os crimes cometidos

⁶ <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,estado-flagra-invasao-do-mst-no-pontal,666954,0.htm>>

⁷ <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1076778-mst-mantem-invasao-em-predio-mesmo-apos-apelo-do-governo.shtml>>

por essa organização que não possui sede fixa e nem estatuto (Revista VEJA, 23/01/09).⁸

Ao usar a metáfora de um Brasil moderno contra um Brasil arcaico (SOUSA, 1982), a imprensa brasileira situa o MST do outro lado da linha abissal da modernidade (SANTOS, 2009). Ao enunciar que “[...] os sem-terra servem de símbolo para um Brasil pobre e atrasado” (Revista VEJA, 23/04/1997), o discurso jornalístico joga com a força da violência da colonialidade, utilizando a mesma lógica colonial europeia/euro-americana que construiu por todo o globo uma hierarquia entre povos superiores e inferiores, desenvolvidos e sem desenvolvimento (GROSFOGUEL, 2008). Desse modo, nesse jogo dialógico em que a violência linguística marca o movimento campestre dos Sem Terra como perturbador da ordem pública, inimigo da sociedade brasileira, a violência colonial exerce um papel central constituindo a outra face do martírio da terra.

O martírio da terra se mostra, constantemente, na metonímia “sangue derramado”, tão presente nas canções do movimento, como na canção *Terra e Esperança*:

Para dividir a terra
Quanto sangue derramado
Na luta por um pedaço de chão
Tantas mães perdem seus filhos
Sem explicação (Cartilha de canções do MST, 2009).

As narrativas de violência são constantes nos depoimentos dos líderes do movimento, moradores e assentados, materializadas em metáforas, metonímias ou na significação dos ícones como parte de uma gramática da dor. Histórias de martírios, canções, símbolos do movimento se complementam na celebração da mística do(a)s Sem Terra. Na próxima seção, pretendo explorar, analiticamente, a mística como

⁸ ACERVO DIGITAL VEJA. *Os 25 anos do MST: invasões, badernas e desafio à lei*. [online] Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/25-anos-mst-invasoes-badernas-desafiolei-417144.shtml>>. Acesso em: 29 mar. 2013.

uma prática cultural, um jogo de linguagem que articula os dois níveis dos movimentos sociais: o nível das narrativas e o doutrinário. De acordo com Scherer-Warren (2008), nas redes latino-americanas de movimentos sociais, esses dois níveis são articulados nas práticas discursivas atuais, a partir da memória da exclusão e da discriminação. Desse modo, a historicidade da violência paradigmática constitui uma gramática cultural da dor, narrada e celebrada, a partir da qual camponeses se associam a redes de mulheres, de indígenas, de negros nas lutas contra a dominação/exploração causada pelas tradições coloniais do sistema-mundo capitalista moderno/colonial/patriarcal.

Mística: linguagem, agência e dor

De forma harmoniosa, militantes do movimento dividiram-se em fila por suas regiões de origem, bradando com alegria “palavras de ordem”, expressões motivacionais e significativas para o grupo, para, logo depois, entoarem o hino do MST.⁹ Vozes entusiasmadas e intensas, os/as militantes cantavam com o braço esquerdo erguido:

Vem teçamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nesta terra como irmãos!

Tinha início ali a mística do MST. Celebração das práticas do movimento social camponês em suas vivências cotidianas, a mística significa, para Leonardo Boff (1998, p. 37), “o conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam as pessoas e movimentos na vontade de mudanças ou que inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face aos fracassos históricos”.

⁹ Trecho do meu diário de pesquisadora registrado durante as visitas ao Assentamento Bernardo Marin, realizadas entre os anos 2006 e 2009.

Na mística, os militantes falam da paixão pela luta, de como suas vidas mudaram, da importância da pertença ao movimento, de fazer parte da sua história, da sua esperança em um mundo melhor. Narram sobre a emoção da conquista da terra, sobre o sofrimento de estar com a família “debaixo da lona preta” no acampamento, a partilha de bens e a solidariedade diante do medo causado pela violência no campo, presente na memória discursiva de todos.

Talad Asad (2000) estuda as formas como diferentes tradições articulam as possibilidades de se ter uma vida sã em um mundo tão doloroso. Seu estudo nos ajuda a perceber como o sofrimento vivenciado pelos camponeses do movimento campestre em suas lutas coletivas não funciona apenas como um estímulo para a ação, mas é parte integrante da própria ação. A mística do MST é a inauguração de uma nova forma de agência que reconhece em si a lesão física e moral provocada pelo opressor/dominador/colonizador contra o seu companheiro/a, por meio da dor-compaixão que se inscreve em seu corpo e sua alma como uma disposição de ordem físico-moral que performatiza as formas de vida dos agentes, inserindo-os em uma história coletiva. É nesse sentido que o caderno de formação do MST fala dessa disposição como um *modus* disciplinar individual que constituiria um *ethos* do revolucionário, descrevendo a mística como “este ânimo interior [que] torna as pessoas combativas e carinhosas, abertas e perseverantes, mas sobretudo, companheiras. É a afirmação e o alimento de nossa esperança, em qualquer conjuntura” (PELOSO, 1998, p. 7).

O jogo de linguagem “mística” inclui também o hasteamento da bandeira do MST, que contém os símbolos relacionados com as lutas campestres: a foice, o facão e a enxada e ainda alguns produtos da terra. As músicas cantadas nos intervalos das aulas e as encenações, que sempre iniciavam o dia durante o curso de formação, enfatizam o aspecto doutrinário do movimento: o discurso literomusical das canções traz uma abordagem pedagógica em atos de fala que reproduzem as palavras de ordem, as quais, repentinamente, eram bradadas por um aluno pertencente ao movimento e, instantaneamente, repetidas por todo o grupo: “MST!/ Essa luta é pra valer!”, “Reforma agrária quando? Já!”, “Sou Sem Terra sim senhor/ sou Sem Terra com amor”.

A repetição de determinados atos de linguagem escritos e audiovisuais (por cartazes, *botons* e canções) nos faz identificar certa sacralização da dor, quando percebi que “o sangue derramado no campo”, a violência no conflito pela terra eram constantemente tematizados em conjunto com a afetividade e a alegria, sempre presentes na mística. Os alunos e líderes do MST, com quem convivi nos assentamentos, responderam à minha surpresa sobre esse monossemismo temático em torno dos conflitos, da violência no campo, que me parecia soar como uma regra para o jogo de linguagem “mística”, remetendo-me à paixão, ao ânimo e à coragem para se contrapor à massificação e à ideologia da burguesia, pela apresentação e consequente necessidade de continuidade da vida dos que tombaram lutando contra a exploração e injustiça no campo.

Na vivência de uma entre as muitas místicas que pude presenciar, um dos grupos divididos por região, previamente organizado, formatizou uma cena em que trabalhadores rurais acampados foram cruelmente executados por um grupo de policiais. Na sequência, foi cantada uma música de dor, lamento e exortação à continuidade da luta pela terra, enquanto dois jovens traziam a bandeira vermelha do MST e cobriam os corpos dos colegas que representavam os trabalhadores rurais assassinados. Alguns choravam.

Percebi que os atos de linguagem que constituíam aquela vivência cultural, até então desconhecida para mim, não significavam a simples agência de um ator em meio a uma representação artística, a qual, conforme indicava Asad (2000), consistia na capacidade de enfraquecer a si mesmo para representar o outro. Tratava-se, todavia, de uma ação do próprio agente, culturalmente mediada, em que a dor foi manifesta como compaixão. O comportamento normalizado e disciplinado dos agentes, em toda a celebração, permitiu-me questionar com Asad (2000): de que história fazem parte esses agentes?

A mística continuou com a leitura de um texto, já dramatizado pelos militantes, rememorando o “Massacre de Eldorado dos Carajás”, que ocorreu no dia 17 de abril de 1996, no norte do Brasil, quando mais de mil famílias inteiras, acampadas na beira da rodovia PA-225, reivindicavam a desapropriação da fazenda “Macaxeira”, situada próxima ao município de Eldorado dos Carajás, e foram atacadas com

bombas de gás lacrimogêneo e tiros de metralhadoras por 155 policiais militares (MORISSAWA, 2001). Foram 69 camponeses feridos e 19 assassinados no conflito.

Em todas as outras manhãs, os participantes iniciavam o curso com a celebração da mística. A partir dessas celebrações, considerei que as ritualizações da mística do MST não podem ser vistas como encenações isoladas presentificadas a partir do contexto imediato dos acampamentos, assentamentos, escolas, congressos e encontros, nem consideradas como simples atos artísticos motivacionais de interação para iniciar os eventos do movimento. Os atos constitutivos do jogo de linguagem “mística” remetem ao contexto macro do “martírio da terra”, com seus atos históricos e sociais de violência. Desse modo, os *atos de fala*, que tematizam a violência na mística, somente constituem sentidos específicos de dor e sofrimento precisamente porque “ecoam ações prévias” (BUTLER, 1997, p. 51). As ações históricas que ecoam nos atos ritualizados da mística dizem respeito às táticas de enfrentamento pelo movimento camponês ao projeto agrário do sistema mundo-capitalista para o acesso à terra, confrontadas, por sua vez, por atos de violência dos grandes proprietários. Essas ações, promovidas pelos latifundiários, apoiadas, muitas vezes, pelo aparato policial dos diversos governos e legitimadas pelas ações noticiosas sobre o movimento por parte dos grupos midiáticos hegemônicos no Brasil, funcionam como atos históricos e constitutivos de uma gramática da dor dos Sem Terra.

Outro elemento que se constitui uma regra no jogo de linguagem “mística dos Sem Terra” é que as celebrações não acontecem como um drama ritual “representado” pelo (a)s Sem Terra para ser visto por curiosos. Trata-se de uma vivência mística e não de uma representação, pois todos os participantes compartilham de uma experiência conjunta. São, por isso, parte constitutiva do jogo tanto os considerados tradicionalmente como “atores” quanto a “plateia”, todos vivenciam uma ação coletiva. O hasteamento da bandeira, os gestos, a execução do hino do MST, as animações com música e instrumentos, os cânticos, as danças, as performances, os abraços, as leituras, as declamações de poesia, os gritos, as palavras de ordem, as brincadeiras das crianças, os participantes adultos e crianças – tudo é isso é parte desse jogo de linguagem

chamado “mística”. Por isso, diferente do modo como Asad (2000) caracteriza a participação em um drama ritual, como em “Paixão de Cristo ou o martírio de Hussain”, quando os participantes se posicionam como não sujeitos ao submeter-se a uma agonia pré-determinada pelos papéis das figuras sagradas, os participantes da mística abraçam o sofrimento de seu povo, agindo, na celebração da mística, junto com ele. Não se trata, pois, de representação, mas sim de ação ritualizada. Quero chamar atenção com isso para o modo como as pessoas se engajam na prática da mística, como elas abraçam o sofrimento da luta pela terra, não como uma motivação, mas como um modo de vida em sua luta por libertação.

Considerações finais

Neste trabalho, busquei estudar o papel da dor, do sofrimento dos oprimidos em seus diversos jogos de linguagem, enquanto um modo de agência articulador da multiplicidade de dimensões em que o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra atua e das diversas identidades que agrega. Para isso, há dois elementos que considero centrais à compreensão da cosmologia subalterna do movimento camponês dos Sem Terra:

- a) um conceito da dor como modo de agência é constituído por uma gramática cultural que ressignifica a violência no campo contra os camponeses que lutam contra a opressão por meio de ritualizações e narrações.
- b) a gramática da dor como agência, possível pela ideia de que a linguagem é modo de ação social e forma de vida (AUSTIN, 1962; WITTGENSTEIN, 1958), é uma gramática descolonizadora, na medida em que promove o reconhecimento da dor moral (HONNET, 2003) que sofrem os oprimidos e, assim, constitui um sentido para a solidariedade, a qual se estabelece como um pensamento de fronteira, com o fim de dismantelar hierarquias étnicas, sexuais, geográficas, linguísticas, socioeconômicas na luta por libertação contra o “sistema mundo europeu/euro-norte-americano moderno/capitalista colonial/patriarcal” (GROSFUGUEL, 2008). A análise buscou esclarecer algumas formas de constituição dessa gramática da dor pelos camponeses no cotidiano do Movimento dos Trabalhadores

Rurais Sem Terra, pela mediação cultural da escola do campo, onde atuei como investigadora participante.

Apesar de grande parte das produções sobre o MST ter sido efetuada sob o paradigma da economia política, quis questionar, com este trabalho, a dicotomia conservadora entre economia política e estudos culturais, por meio de minha proposta de uma pragmática cultural (ALENCAR, 2010) que procura entender o lugar da linguagem na constituição histórica de problemas sociais, políticos, econômico-culturais provenientes da lógica de violência do sistema mundo capitalista, colonial e patriarcal. Para esse entendimento, precisamos olhar para nossas vivências linguísticas cotidianas, em que nossas gramáticas culturais são historicamente construídas em diversos jogos de linguagem. A proposta é, pois, olhar para as linguagens das práticas culturais e sua historicidade gramatical, vivências intersubjetivas específicas ao cotidiano dos sujeitos reais, para, assim, tentar transpor o reducionismo econômico e o reducionismo cultural, por meio da compreensão da experiência linguística dos oprimidos, de sua palavra-vida.

Gostaria de pensar este trabalho como inserido nesta pragmática cultural, que vejo como uma perspectiva teórica proveniente do lado subalterno da diferença colonial, ao promover um diálogo entre os estudos críticos dos intelectuais latino-americanos, que pensam a “colonização do poder”, a “colonização do ser”, as “epistemologias de fronteira”, a “pedagogia do oprimido” e a “transmodernidade” (FREIRE, 1970; DUSSEL, 1977; MIGNOLO, 2000; MALDONADO-TORRES, 2008, GROSFOGUEL, 2008), e os estudos críticos da linguagem, em sua proposta de uma nova pragmática (ALENCAR, 2009; RAJAGOPALAN, 2003, 2010), preocupada em questionar a colonização do pensamento na formalização das teorias linguísticas e na opressão linguística do outro, buscando uma ética social libertadora por meio de nossa atuação como linguistas.

Bibliografia

ALENCAR, C. N. *As construções dos sentidos da violência nas práticas culturais do Sertão Central do Ceará*. Relatório de Pesquisa: Programa

de Bolsas de Produtividade em Pesquisa e Estímulo à Interiorização-BPI. Fortaleza: FUNCAP, 2010.

ALENCAR, C. N. Palavras violentas: identidades de gênero no Forró Pop. In: MEDONÇA, Alan; ALBUQUERQUE, Hider. *Palavra Russas*. Fortaleza: Caixeiro Viajante, 2011. p. 101-114.

ALENCAR, C. N. *Linguagem e medo da morte: uma introdução à linguística integracionista*. Fortaleza: EdUECE, 2009.

ALENCAR, C. N.; BONFIM, M. A. L. A constituição do conceito de violência no jogo de linguagem mística do MST-CE. *Antares*, v. 4, 2012.

ASAD, Talal. Agency and pain: an exploration. *Culture and Religion*, v. 1, n. 1, p. 29-60, 2000.

AUSTIN, John. *How to do things with words*. United States: Harvard University, 1962.

BERNAT, Isaac. Os acampamentos e assentamentos do MST como expressão do conflito capital x trabalho. Luta pela terra e identidade camponesa na área de influência da Brigada Salvador Allende, Região Noroeste do Estado do Paraná. *Revista Pegada*, São Paulo, v. 10, n. 2, dez. 2009.

BOFF, Leonardo. *Ética do humano: compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. Alimentar nossa mística. Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo. *Caderno de Formação*, São Paulo, n. 27, p. 20-46, 1998.

BUTLER, J. *Excitable speech: a politics of the performative*. New York: Routledge, 1997.

CALDART, Roseli Saete. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. *Estudos Avançados*, v. 15, n. 43, set./dez. p. 207-224, 2001.

CANDIDO, Antonio. Martírio e redenção. As imagens e as vozes da despossessão: a luta pela terra e a cultura emergente do MST (Movimento

dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). In: VIEIRA, Else. *Projeto Vozes Sem Terra*. Disponível em: <<http://www.landless-voices.org/vieira/archive>>. Acesso em: 3 set. 2013.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Três, 1984.

DAS, Veena. *Life and words: violence and the descent into the ordinary*. Berkeley: University of California Press, 2007.

DUSSEL, Enrique. *Filosofía de liberación*. México: Edicol, 1977. Tradução em português: *Teologia da libertação: um panorama de seu desenvolvimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

DUSSEL, Enrique. *Hacia una filosofía política crítica*. Bilbao, España: Desclée de Brouwer, 2001.

DUSSEL, Enrique. Meditações anti-cartesianas. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009.

FANON, Frantz. *Peau noire, masques blancs*. Paris: Seuil, 1971.

FANON, Frantz. *Les damnés de la terre*. Paris: La Decouverte, 2002.

FERNANDES, Bernardo Mançano. *MST: formação e territorialização em São Paulo*. São Paulo: HUCITEC, 1999.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler* (em três artigos que se completam). São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2006.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, v. 80, 2008. Disponível em: <<https://rccs.revues.org/697>>. Acesso em: 3 set. 2013.

HANKS, William F. O que é contexto. In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (Org.). *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 169-203.

HONNETH, Axel. *Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 80, p. 71-14. mar. 2008.

MIGNOLO, Walter. *Local histories/global designs: essays on the coloniality of power, subaltern knowledges and border thinking*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

MORISSAWA, M. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

O MST e a questão agrária. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 1, p. 69-97, 1997.

PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *DELTA*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 1-26, 2007.

PELOSO, Ranulfo. A força que anima os militantes. In: *Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo*. *Caderno de Formação*, São Paulo, n. 27, p.7-14, 1998.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 227-278.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 73-118.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Nova Pragmática: fases e feições de um dizer*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 23-71.

SANTOS, Milton. *Por outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Milton; ARROYO, Mônica. *Globalização, regionalização: a proposta do Mercosul*. Brasília: SESI-DN, 1997.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes de movimentos sociais na América Latina: caminhos para uma política emancipatória? *Cad. CRH.*, v. 21, n. 54, p. 505-517, 2008.

SOUZA, Eduardo. *Do silêncio à satanização: o discurso de Veja e o MST*. São Paulo: Annablume, 2004.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STÉDILE, J. P. A conjuntura internacional da agricultura. In: *A situação internacional da agricultura*. Brasília: Via Campesina Brasil, 2004. p.7-18. Cartilha.

STÉDILE, João Pedro; FREI SÉRGIO. *A luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Página Aberta, 1999.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophical investigations* [Investigações filosóficas]. Bilíngue Alemão/Inglês. G. E .M. Anscombe & Rush Rhees (eds.). Trad. G.E.M. Anscombe. Oxford: Blackwell, 1958.

MÍSTICA, POLÍTICA E CIDADANIA NO MST

Márcia Vidal Nunes¹

Cidadania e mística

A mística identifica o militante do MST. É uma prática comunicativa que mobiliza, educa e politiza os participantes do movimento, reforçando a identidade cultural e promovendo uma harmonização de todos os sujeitos envolvidos, em que pese a diversidade de posicionamentos políticos existente entre seus membros.

[...] Cerioli e Caldart (1999, p. 23) não hesitaram em afirmar que “a mística é a alma de um povo. A mística do MST é a alma do sujeito coletivo Sem Terra que se revela como uma paixão, que nos ajuda a **‘sacudir a poeira e dar a volta por cima’**. [...] A mística é a alma da identidade Sem Terra” (NASCIMENTO e MARTINS, 2008, p. 120).

A vida dos militantes do MST está relacionada com práticas grupais, comunitárias, em parte herdadas da sua origem, extremamente

¹ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: marciavn@hotmail.com.

influenciada pela Teologia da Libertação e pelas práticas coletivas nas Comunidades Eclesiais de Base, que exercitavam a cidadania em pequenos núcleos organizados. Nestes, os cidadãos aprofundavam questões religiosas, políticas e sociais, sempre em discussões e práticas comunicativas coletivas.

Tal vivência comunitária estimulou o exercício da cidadania política, principalmente nos anos de ditadura militar, no final do século XX. A história recente da América Latina sugere que, se ainda existe algo como um desejo de comunidade, este se relaciona cada vez menos a entidades macrossociais, como a nação ou a classe, dirigindo-se, em troca, a grupos religiosos, conglomerados esportivos, solidariedades geracionais e círculos de consumidores de comunicação de massa. Um traço comum a essas comunidades atomizadas é que elas se organizam mais em torno de consumos simbólicos do que em relação a processos produtivos:

[...] As sociedades civis aparecem cada vez menos como comunidades nacionais, atendidas como unidades territoriais, linguísticas e políticas, manifestam-se, principalmente, como comunidades hermenêuticas de consumidores, ou melhor, como conjuntos de pessoas que compartilham gostos e pactos de leitura em relação a certos bens (gastronômicos, desportivos, musicais), os quais lhes fornecem identidades comuns (CANCLINI, 1998, p. 261).

O processo de consumo de bens simbólicos, que caracterizaria a vivência de novas formas do exercício da cidadania, é essencial para compreender a relação que se estabelece entre a mística e o exercício da cidadania, reforçando a identidade dos sem-terra por meio de sua prática. Ao resgatarem a memória de heróis coletivos, ao fortalecerem os laços de solidariedade grupal, ao recordarem os membros do movimento que pereceram na luta, ao ratificarem seus compromissos políticos diante uns dos outros, a prática da mística adquire um valor simbólico que se incorpora ao imaginário coletivo dos militantes e torna sua integração à luta coletiva um exercício pleno da cidadania política.

Segundo Barbalet (1989), a cidadania encerra, manifestamente, uma dimensão política, mas a prática mostra que isso não é suficiente

para que ela seja compreendida. O problema está em quem pode exercê-la e em que termos. A questão está, de um lado, na cidadania como direito e, de outro, na incapacitação política dos cidadãos, em razão do grau de domínio dos recursos sociais e de acesso a eles. Por exemplo, da ágora grega não participavam escravos, mulheres e metekes (estrangeiros). No Brasil, a mulher e os analfabetos só adquiriram o direito de votar em 1934 e 1988, respectivamente. Assim, dependendo do período histórico e do país ou lugar, só uma parcela da população pode exercer plenamente a cidadania.

No caso dos sem-terra, o exercício da cidadania começa pela mística e se prolonga em todas as ações do movimento que implicam a participação, reflexão e atuação política dos seus militantes, seja na defesa de seus interesses mais específicos, como a luta pela terra e pela agroecologia, seja nas lutas de caráter social mais abrangentes, como a democratização dos meios de comunicação de massa ou o combate ao capitalismo neoliberal.

Gomes (1998) ressalta a decadência da esfera pública moderna. Ele destaca a diluição entre os contornos das esferas pública, privada e íntima e identifica a perda das três características básicas da esfera pública, a acessibilidade, a discursividade e a racionalidade, sem falar na degeneração do seu resultado mais essencial, a opinião pública. É justamente a vinculação da esfera pública aos *mass media* e à *mass culture*, a sua submissão a estes, o fenômeno que configura, de maneira mais evidente, a degeneração da esfera pública moderna.

Nesse contexto, o exercício da cidadania torna-se cada vez mais complexo, pois o público enquanto tal (GOMES, 1998) é substituído pelas negociações entre organizações e entre partidos, que são as formas pelas quais os interesses privados ganham configuração política. Essa participação do público de forma esporádica e plebiscitária redimensiona as formas de participação popular nas grandes decisões da esfera pública. As posições de pretensões ainda têm que ser mediadas discursivamente, mas não no interior da esfera pública e sim para e diante da esfera pública.

No caso dos sem-terra, há uma iniciativa de ocupar essa esfera pública invadida pela mídia, retomando, pela mística, momento de preparação para todas as lutas desencadeadas pelo MST, a participação

política dos indivíduos politicamente organizados em torno de suas lutas específicas. Por um momento, a *ágora grega* é reinventada e redefinida por sujeitos que tentam construir juntos novas formas de prática política e de participação coletiva na vida pública, redefinindo também a noção de cidadania política.

As místicas dos estudantes do curso de Jornalismo da Terra

Durante a etapa presencial do segundo semestre do curso de graduação em Jornalismo da Terra, em julho de 2010, foram gravadas algumas místicas executadas pelos estudantes, sempre no início das atividades dos dias letivos da etapa presencial.²

As místicas usam inúmeras estratégias comunicativas. Além do texto, que está presente em todas elas, muitos recursos sonoros (canções) e visuais (cartazes, fotos, *slides*) e técnicas audiovisuais são utilizadas. Em muitas delas, há o recurso a encenações, seguidas de reflexão. Elas podem abordar um único tema ou vários temas ao mesmo tempo. Podem ser longas ou curtas e variam de acordo com a situação. A mística é sempre executada por uma equipe que prepara os textos, seleciona os recursos audiovisuais que serão utilizados e fica responsável pela montagem e divisão das tarefas.

Os aspectos mais trabalhados na mística são resgate da memória de militantes assassinados e de personagens revolucionários na luta de libertação de segmentos sociais oprimidos; identificação dos objetivos do Movimento Sem Terra – MST, do Movimento dos Afetados por Barragens – Mabe e da Via Campesina; aspectos culturais do MST e do Mabe; apresentação de denúncias de situações enfrentadas pelos militantes em suas ações. A mística é uma técnica

² O curso de graduação em Jornalismo da Terra, ofertado pela Universidade Federal do Ceará por meio de termo de cooperação firmado com o INCRA Nacional e o Ministério do Desenvolvimento Agrário, tem como objetivo formar sessenta alunos de vários assentamentos do Brasil. O curso funciona em duas etapas: uma etapa presencial, duas vezes por ano, em Fortaleza, quando setenta por cento dos conteúdos são vistos, de forma intensiva; e uma etapa comunitária, no qual o restante do conteúdo é aplicado em situações concretas e experiências na área de Comunicação, nos assentamentos.

de comunicação grupal libertadora porque visa a criar, entre seus participantes, um envolvimento intenso com as causas defendidas e uma preparação para encarar as situações concretas, muitas vezes de enfrentamento, que virão em seguida. É o momento que antecede à ação em qualquer circunstância vivenciada pelos militantes do MST, do Mabe ou da Via Campesina.

Na mística realizada em 07.07.2010, percebe-se a necessidade de historicizar a origem do MST, do Mabe e da Via Campesina, por meio da apresentação dos objetivos mais importantes desses movimentos. Já em 09.07.2010, a letra da música *Gracias a la Vida*, de autoria de Violeta Parra e interpretada por Mercedes Sosa, evoca a luta de libertação de outros povos da América Latina e mundo afora. Vários estudantes do curso de Jornalismo da Terra resumem a história de Cuba, Iraque, Palestina, Venezuela, Argélia. O argumento central é a solidariedade entre os povos, na luta política de libertação dessas sociedades, numa alusão ao surgimento de um império socialista mundial.

Na mística de 12.07.2010, relatam-se ações em defesa do meio ambiente e da agroecologia, além de se denunciar a prática nociva ao meio ambiente de várias empresas internacionais. Ao mesmo tempo, há uma reflexão crítica sobre a atuação dos meios de comunicação de massa convencionais, em particular da Rede Globo de Televisão.

Voz de um estudante: A Rede Globo... ela foi fruto da ditadura militar. Hoje é o grande meio de comunicação que combate a luta da classe trabalhadora e dos movimentos sociais, muito contra também o MST e também tenta barrar o acesso à comunicação da classe trabalhadora, sendo arqui-inimiga da democratização das comunicações em nosso país.

Voz de outra estudante: Nós, estudantes do curso de Jornalismo da Terra, representando os movimentos sociais na Universidade Federal do Ceará, nos comprometemos a seguir ajudando na organização do povo e para que lute pelos seus direitos e contra a desigualdade e as injustiças sociais. Por isso, assumimos o seguinte compromisso: lutar contra a hegemonia dos meios de comunicação, defendendo, assim, os nossos direitos de apropriação aos meios de produção desta.

Em seguida, numa estrutura formal que lembra uma prática litúrgica da missa católica, o ofertório, os estudantes se comprometem a assumir vários compromissos políticos na área da comunicação e da política, lutando pelo acesso à terra, pela reforma agrária e por políticas públicas que permitam sua adequada exploração; pela preservação da natureza, combatendo as práticas de empresas internacionais nocivas ao meio ambiente; pela democratização da comunicação e pela expansão da comunicação comunitária no campo; pela não criminalização dos movimentos sociais e pela integração dos povos da América Latina na Alba – Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América.

[...] Nós nos comprometemos (todos juntos)

Voz de uma estudante: Buscar se apropriar dos fundamentos técnicos e teóricos da comunicação, para que possamos a partir disto qualificar nossos métodos de produção;

[...] Nós nos comprometemos (todos juntos)

Voz de outro estudante: Lutar para que o assentamento ou comunidade tenha seus próprios meios de comunicação popular, como, por exemplo, rádios comunitárias livres; lutar pela democratização de todos os meios de comunicação da sociedade, contribuindo para a formação da consciência política e a valorização da cultura do povo;

Nós nos comprometemos (todos juntos) [...]

O reforço a uma comunicação alternativa está presente nas seguintes palavras de ordem, que todos repetem ao mesmo tempo, finalizando a mística de 12.07.2010: “A mídia aliena. Aumenta a repressão. Estamos aqui por outra comunicação”.

O resgate da memória de personagens revolucionários é o tema central da mística de 14.07.2010. A história de Lênin é narrada, de forma resumida, por um dos estudantes, que destaca os principais feitos de sua atuação política.

Na finalização dessa mística, com o bordão “Globalizemos a luta. Globalizemos a esperança”, falado por todos três vezes consecutivas,

identifica-se uma evocação à união de todos os oprimidos em torno da luta pela implantação de uma sociedade socialista em todo o planeta.

Na mística de 16.07.2010, novamente uma referência às lutas de libertação dos povos em diversos pontos do planeta: crítica à opressão dos povos árabes na Palestina; relato resumido da atuação da Via Campesina no Haiti, com o envio de uma brigada para auxiliar o povo haitiano em vários setores; outros relatos de Cuba, Venezuela e Honduras. No final, o compromisso de união dos povos latino-americanos na Alba é mais uma vez citado por meio da ação da Via Campesina.

Em todas as místicas realizadas pelos estudantes do curso de Jornalismo da Terra, o último elemento da prática comunicativa foi sempre o canto coletivo da Internacional Socialista, cuja letra remete a determinações centrais do Movimento Sem Terra: “uma terra sem amos”, “a terra mãe livre e comum”.

Relações entre mística e o processo de organização política interna do MST

O resultado da pesquisa aponta a noção de mística usada por analistas sociais e políticos. Nesse contexto, há necessidade da presença de atores carismáticos na transformação da sociedade, como presente em análises de estudiosos como Weber e Bourdieu (BETTO; BOFF, 2008, p. 49). Essa é também uma ferramenta necessária para a continuação e o sucesso de movimentos sociais – nos quais seus membros precisam de uma dimensão motivadora para que a organização política interna continue coesa.

A mística nesse aspecto, explicam Betto e Boff (2008), é o conjunto de convicções, visões e paixões que mobiliza as pessoas para continuar na luta por mudanças e desenvolver práticas para essa luta, mesmo se defrontando muitas vezes com o fracasso.

Para Betto e Boff (2008, p. 51), não há militância sem paixão e mística, não importando a natureza da causa, seja religiosa, humanística ou política:

O militante vive no mundo das excelências e dos valores em função dos quais vale gastar tempo, arrostar riscos e empenhar a própria vida. Trata-se aqui não de ter idéias, mas de

viver convicções. São estas que mudam as práticas, que transformam as relações sociais.

Na fala de Paulo Henrique Campos da Silva, de 16 anos, Assentamento 25 de Maio, Quietão, Madalena, a mística aparece como a ousadia de lutar pela reforma agrária, numa relação direta com a organização política interna: “Sim, nossa organização vem de tudo que conquistamos nesses 25 anos de trajetória, mística é como uma tradição, pois ela e nossas lutas são como um espírito positivo que trazem de volta a ousadia de lutar pela reforma agrária”.

Ivanildo Bernardo da Silva, de 29 anos, formado em Pedagogia, Assentamento 25 de Maio, Quietão, Madalena, aborda o conceito de resgate de força política na mística, reforçando essa dinâmica: “Sim, o MST busca resgatar a sua força política através das místicas. É através das místicas que o MST repassa a espiritualidade do socialismo para as pessoas”.

A mesma ideia se identifica na fala de Magnólia Fagundes da Silva, 26 anos, da Fazenda Pirituba Agrovila I, Itapera, São Paulo, estudante do curso de Jornalismo da Terra: “No MST, não tem como desvincular a celebração da mística, pois ela sempre traz presente uma representação da luta política com as contradições e conquistas desse processo de luta. Não temos como separar, pois a luta ficaria incompleta”.

Sem ignorar a identificação da mística com a esfera espiritual, Betto e Boff (2008, p. 97-98) tratam a relação entre ela e a militância de forma fluida, como um processo natural, no qual, pela espiritualidade e pelos questionamentos gerados, chega-se à necessidade de ação. A oração e a luta, portanto, não são dois polos excludentes:

Todos somos protagonistas da passagem de uma espiritualidade de desconfiância do mundo, de consolo, de abnegação, de identificação com a paixão de Jesus, de expiação, de salvação individual, para uma espiritualidade da militância, mudança do mundo, do homem novo, da mulher nova, da sociedade nova, do Reino de Deus como principal desafio, sem que muitas vezes tenhamos conseguido fazer bem a síntese. Somos a primeira geração a passar de um pólo a outro; é normal que não consigamos ter um resultado de síntese nessa dialética. Vive-se num conflito – os momentos acentuados de oração e recolhimento, e os de

militância e luta –, sem conseguir integrar as duas coisas. Como se vivêssemos em esferas diferentes e ficassemos obrigados a oscilar entre as duas. Daí essa ideia de que “o pessoal da Teologia da Libertação, da pastoral popular, é o pessoal da ação, da construção do mundo” e o pessoal do movimento carismático é o pessoal da oração, da mística, da contemplação. Em Jesus não havia essa dualidade. E ele é o nosso mestre espiritual por excelência.

Mesmo fora dos momentos de militância “oficiais” – em casa, na escola, em qualquer outro ambiente –, a mística ainda une quem a viveu, como uma trama que liga cada membro do movimento a ele em qualquer momento de sua vida. É o que disse Maria Genilda da Rocha Teixeira, de 35 anos, Januário Moreira, Petrolândia, Pernambuco, estudante do curso de Jornalismo da Terra: “[...] Dá-se através das realizações diárias de cada militante em suas atividades desde o campo à educação”.

Eliane de Souza Saraiva, de 24 anos, Novo Horizonte, Tururu, Ceará, aluna do curso de Jornalismo da Terra, também tem depoimento na mesma direção:

[...] A mística está impregnada em nosso modo de pensar, de sentir, de lidar com os problemas, de relacionar-se com os nossos semelhantes, de lutar, de trabalhar no campo e de organizar-se nos encontros e eventos do MST e, principalmente, de organizar-se em nossos acampamentos e assentamentos.

Essas variáveis constituem a ligação com a organização interna de forma constante. A construção de relações por meio da mística ajuda também na coesão do movimento em âmbito nacional, visto que militantes se relacionam com companheiros de outros estados, muitas vezes com vivências e pensamentos diferentes.

Além disso, a mística está intrinsecamente relacionada a cada ação no movimento. Percebe-se isso com a resposta de Andréia Alves Nunes, de 22 anos, Madre Paulina, Pernambuco, aluna do curso de Jornalismo da Terra: “O ato de organizar já é uma ação mística”.

Para Chaves (2001), “a identidade de sem-terra é forjada no curso da luta, realizada fundamentalmente por meio das mais

diversas mobilizações promovidas pelo MST. Assim, mobilizações são ritos de fundação, realizações para dentro e para fora, elas constituem-se em fontes de legitimação tanto para o público interno ao MST, acampados, assentados e militantes, quanto para o externo” (CHAVES, p. 138). Trabalhar rituais que tenham conteúdo de formação da identidade é prática comum e da vivência dos movimentos. Eles têm a noção da importância tanto dos rituais como da construção desta identidade que aglutina e torna o grupo coeso, mesmo sabendo das tensões inerentes a vivência nos movimentos (VIEIRA, 2008, p. 3).

A mística também tem um caráter de indignação, de expressão de revolta contra o *status quo* vigente. Tal luta está necessariamente ligada aos objetivos políticos do MST e faz parte da mística. Alex Fernandes Viana, de 20 anos, Oriente, Independência, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra, reconhece esse lado da mística:

[...] cada mística realizada tem um pouco desses 26 anos de luta do MST. Também mostra nossa união, igualdade e, em alguns casos, é forma de expressar nossa indignação com a desumanidade do mundo capitalista.

Um aspecto observado nas respostas dos militantes foi o caráter de retomada da memória do povo e cultivo da história do movimento dentro da relação entre mística e organização interna do MST. Francisco de Assis dos Santos Soares, de 20 anos, Sabiaguaba, Fortaleza, Ceará, aluno do Jornalismo da Terra, observa:

[...] É sempre muito claro que a mística é um dos marcos fortes do MST e se dá, principalmente, para fortalecer o movimento como um todo, aproximando cada vez mais os militantes... e, internamente, é muito importante, pois não deixa a história morrer, as lutas estão sempre sendo lembradas nessa celebração.

Viviane Pereira Santa Brígida, de 27 anos, do Assentamento Mártires de Abril, Belém do Pará, aluna do curso de Jornalismo da Terra, também observa que as místicas: “[...] resgatam os valores e as

histórias das lutas sociais, fortalecendo a organicidade do MST. De maneira não imposta, mas espontânea e consciente”.

Caldart (2004, p. 375-376, grifo da autora) afirma que “através da mística do movimento os Sem Terra *celebram* a sua própria memória, de modo a torná-la uma experiência mais do que racional, porque entranhada em todo o seu ser humano”.

Ainda dentro desse tópico, sem observar detalhes da categoria “a mística como indutora de união na organização política”, é possível notar o reconhecimento de uma unidade do movimento para a mística relacionar-se com a organização.

Riquieli Capitani, de 19 anos, Assentamento Contestado, Lopo, Paraná, aluno do curso de Jornalismo da Terra, percebe a mística como algo pensado e representado pelo coletivo, nada é individual.

O sentido de mística como a capacidade de projetar sonhos de novas realidades pode ser percebido dentro das reivindicações observadas e estabelecidas nessa questão. Também é a partir da coletividade presente na mística que essas projeções parecem se tornar mais possíveis (BETTO; BOFF, 2008).

Também é possível observar a mística como impulsionadora da permanência nas lutas, fato destacado por Reynaldo da Silva Costa, de 30 anos, Califórnia, Açailândia, Maranhão, aluno de Jornalismo da Terra:

O papel da mística é exatamente fortalecer cada espaço e processo de luta. Ela se dá de forma a reafirmar a nossa necessidade de manter a organização. A mística, ela é o motor da organização, talvez o combustível onde sem ela a organização não funciona.

Para Hildebrando Silva de Andrade, de 23 anos, TTL – Bento Fernandes, Rio Grande do Norte, aluno do curso de Jornalismo da Terra, a mística atua “Na forma de ver o obstáculo como um motivo para lutar e não baixar a cabeça na hora das dificuldades, pois os militantes organizados, o povo organizado traz presente a mística do socialismo”.

Samuel do Nascimento da Silva, de 19 anos, projeto de Assentamento Coqueirinho, Fortim, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra, afirma que a mística é uma forma de “acordar para a realidade.

Seja quem derruba os movimentos sociais, aí existe uma mística crítica. Nasceu a mística dentro do movimento como forma de expressão”.

Carlos Magno Sirqueira, de 24 anos, Assentamento Vila Diamante, Maranhão, aluno do curso de Jornalismo da Terra, também confirma a relação a partir da reivindicação dos direitos: “[...] Quando fazemos trabalho de base com as pessoas, quando reivindicamos por nossos direitos etc.”.

Caldart (2004, p. 332-333) aponta a relação entre lutas sociais e transformações históricas, elementos ressaltados por alguns dos entrevistados na relação estabelecida entre a mística e a organização política interna do MST:

Em todos os tempos foi assim. As lutas sociais produziram as transformações históricas porque conformaram os próprios sujeitos capazes de fazê-las e de consolidar os novos parâmetros da vida em sociedade que criavam.

Além disso, puderam ser observadas diferentes relações com o cotidiano do MST. Ioneide Nunes da Silva, de 23 anos, São João do Piauí, Piauí, vê na mística a representação do cotidiano da prática do movimento e de tudo aquilo que se almeja conquistar.

Já Antônia Aline Costa de Oliveira, de 22 anos, Assentamento Flores, Sobral, Ceará, aluna do curso de Jornalismo da Terra, observa a mística, dentro da organização, como uma forma de perceber o cotidiano e se indignar com as situações vividas:

Pois a organização, para existir, precisa de garra, de ousadia, de sentimento por parte de seus componentes, por isso a mística é fundamental para a permanência de uma organização, pois ela nos causa indignação diante das situações vividas cotidianamente e isso nos dá ânimo para continuar.

Dos 62 militantes entrevistados, 50 ou 80,64% do total acreditam que existem relações entre a mística e o processo de organização política do MST. Para Antônio Nunes de Sousa, de 60 anos, Assentamento 25 de Maio, Quietó, Madalena: “Sim, da mística é que parte a iniciativa

para a luta, o debate, enfim, a organização interna do MST”. Também para Maria Zilmar dos Santos, de 49 anos, formada em Pedagogia, Assentamento 25 de Maio, Quietão, Madalena, existe essa relação:

Sim, isso acontece de forma planejada. O tema tem que estar relacionado, e todos os sujeitos, envolvidos no processo. A mística é como se fosse um bálsamo nos momentos de alegria, tristeza e todos os momentos vividos.

E para Cleidia Maria de Almeida e Silva, de 23 anos, terceiro ano do Ensino Médio, Assentamento 25 de Maio, Quietão, Madalena:

Sim, porque existe muita desigualdade entre as pessoas que lutam por melhorias, através de manifestações com o MST, mas tem muitas pessoas que são contra, como muito políticos que acham que a organização do MST é um povo sem dignidade, mas o MST é uma das organizações mais organizadas e que dá muito valor no que fazer e no que vem fazendo para os trabalhadores.

Felipe Melo de Souza, de 24 anos, Lagoa do Mineiro, Itarema, Ceará, aluno de Jornalismo da Terra, destaca que “elaborar, pensar, comparar, tem como reflexos os bons exemplos, a fortaleza de muitos que tombaram na caminhada” e relaciona a mística com a política interna do movimento.

Para Francisco Genivando Santos de Sousa, de 27 anos, Monte Alegre, Tamboril, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

É lógico que a mística está ligada à organização política do MST. Isso é tão claro que o movimento definiu a mística como princípio organizativo. A mística é que dava sustentação ao nosso movimento. A mesma se manifesta nas reuniões, encontros, trabalhos de base, mobilizações, marchas, enfim, ela está presente em todos os espaços de atuação do MST.

Já para Carlos Cosme, de 19 anos, São Sebastião de Utinga, Wagner, Bahia, aluno do curso de Jornalismo da Terra: “O ato da gente se organizar internamente já é uma mística”. E para Mércia

Vieira Fernandes, de 21 anos, Alagomar, Jaguaratama, Ceará, aluna do curso de Jornalismo da Terra: “Os movimentos sociais, não apenas o MST, mas o Mabe, têm nessa atividade uma forma de representarmos nossas reivindicações”.

Ricardo Ramos, de 29 anos, Chico Mendes III, aluno do Jornalismo da Terra, observou esse processo de união a partir de uma coesão interna, lembrando o “processo de organização através do núcleo de base. Se torna uma referência do que buscamos e para aproveitarmos deste potencial. Materializamos, na prática, os elementos místicos que, na verdade, são só frutos de nossa organização”.

Enquanto isso, Maria Sheila Rodrigues, de 26 anos, Assentamento Santa Bárbara, Caucaia, Ceará, aluna do curso de Jornalismo da Terra, observa que a relação entre mística e organização interna do MST se dá “principalmente através da pertença de cada indivíduo”. Já para Nelsina Gomes Neta, de 18 anos, Movimento dos Ameaçados por Barragens (Mabe), comunidade de Coroaci, Minas Gerais, aluna do curso de Jornalismo da Terra: “[...] para nós uma mística é um fato político, assim como as ações do MST”.

Na visão de Eliana Leite Martins Farias, de 35 anos, Palmares I, Crateús, Ceará, aluna do curso de Jornalismo da Terra: “[A relação entre a mística e a organização interna do MST] Existe sim, pois nenhuma instância do MST funciona de forma independente. Estaremos todos ligados ao mesmo objetivo que é a luta pela terra”. Pedro Ferreira de Oliveira Neto, de 23 anos, Assentamento Palmares, Crateús, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra, considera que “[...] a mística faz parte dos nossos princípios, vivenciar ela é uma tarefa que todo militante deve fazer, e isso é organização interna”. Para Carlos da Costa Silva, de 23 anos, Assentamento 17 de Abril, Eldorado dos Carajás, Pará, aluno do curso de Jornalismo da Terra: “Isso se dá através do sentimento de nossa organização com os lutadores de outras organizações nas quais nos espelhamos”.

Por sua vez, para Raquel de Araújo de Souza, de 20 anos, Assentamento 17 de Abril, Eldorado dos Carajás, Pará, aluna do curso de Jornalismo da Terra: “Existe relação a partir do momento em que a organização interna nos ajuda a elaborar essas místicas”. Silvana

Bezerra da Silva, de 30 anos, Assentamento Comuna da Terra Irmã Alberta, São Paulo, aluna do curso de Jornalismo da Terra afirma que:

Assim como a mística é importante ao MST, toda organização política tem para nós a sua importância e o seu significado. Percebo isso mais explícito nas divisões ou tarefas da militância, como se aprende a lidar com as diferenças e os obstáculos a partir de um ideal coletivo, aceitando a tarefa muito mais pelo outro do que por uma questão pessoal.

Anderson Antônio da Silva, de 21 anos, aluno do curso de Jornalismo da Terra, vê a mística como elemento fortalecedor da luta, reforçando a valorização da memória e da história do movimento: “Sim, pois a mística é uma das formas que usamos para animar os companheiros e mostrar que estamos todos unidos, além de muitas vezes lembrar mártires da nossa luta”.

Do total de 62 militantes, 2 entrevistados (3,22%) ressaltam a função de união nas relações entre mística e organização política: Maria Auderice R. da Silva, de 38 anos, Ensino Médio completo, Assentamento 25 de Maio, Quietão, Madalena; e Antônio Carlos Costa Luz, de 36 anos, Mártires de Abril, Belém, aluno do curso de Jornalismo da Terra, que afirma:

Sim. Existe [a relação entre a mística e a organização interna do MST]. A mística se dá a partir do momento em que nos organizamos para construir uma sociedade mais justa. Por exemplo, no MST, todo o processo de luta é construído coletivamente e todos decidem o rumo do movimento. Para que isso aconteça, é preciso ter unidade e convicção naquilo que se defende. A mística está presente nisso.

A realidade da mística é aquela feita para conscientizar os membros do movimento de sua importância, de seus objetivos. Contudo, nessa comunhão, o grupo sai fortalecido ao dividir a experiência espiritual com outros que têm os mesmos desejos, mas talvez com percepções diferentes, o que é normal e inerente às relações humanas.

O caráter ideológico da mística

Do total de 62 entrevistados, 2 militantes (3,22%), ao analisarem as relações da mística com a política, ressaltam seu caráter ideológico, o reforço ideológico que ela traz. Quando se fala em manter uma coesão de ideias pela mística, reforçando e relembando os motivos pelos quais se luta, o caráter ideológico do MST transparece nessa experiência. Se a mística leva à ação a partir da espiritualidade, é porque a ideologia está profundamente ligada aos valores e ideais dos sem terra, que, por sua vez, refletem a ideologia do movimento.

Para Lucilene Nascimento da Luz Silva, de 27 anos, estudante do curso de Jornalismo da Terra, Assentamento Santana, Monsenhor Tabosa, Ceará: “Sim [existe relação entre mística e organização interna do MST]. A mística já é uma forma de organização. Porque o MST, também é isso, é sentimento, formação política, ideológica e transformação”.

Francisco Marcelo Matos da Silva, Assentamento Lênin Paz II, Ibareta, Ceará, observa uma “questão de ideologia política”. Além disso, destaca a mística como algo ligado à solidariedade entre os povos, que fortalece ideais:

Claro que existe [a relação entre mística e política]: isso é uma questão de ideologia política. Vence quem ganhar a batalha das ideias. A mística é para fortalecer nossos ideais. Liga o real com o abstrato. Tem a ver com a solidariedade entre os povos etc.

Nessa perspectiva ideológica, a mística pode ser vista também como uma técnica de iniciação na militância política dentro do MST (atualizando os novos participantes sobre os acontecimentos mais marcantes da trajetória do movimento), como elemento recuperador da memória dos heróis de causas coletivas e como mecanismo de transmissão e consolidação das ideias e dos objetivos do movimento para os que já estão e para os que ingressam no movimento.

Cerca de 5 militantes (8,06%) acreditam que não existe relação entre a mística e o processo de organização interna do Movimento Sem Terra. Quatro são do Assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena:

Maria de Fátima Nunes Maciel, de 17 anos, segundo ano do Ensino Médio; Marcirene Nunes da Silva, terceiro ano do Ensino Médio; Maria Viviane G. de Araújo, de 18 anos, Ensino Médio; e Francisca Josuélia de Almeida e Silva, de 45 anos, Ensino Fundamental; e um militante é do Assentamento Lucas Dantas, Ituberá, Bahia: Wesley Oliveira Lima, de 18 anos, aluno do curso de Jornalismo da Terra.

Três militantes (4,83%) comentaram outros aspectos não ligados às relações entre mística e organização política interna. Perguntada pela existência dessa relação, Mariana dos Santos Paiva, de 16 anos, segundo ano do Ensino Médio, Assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará, afirma:

Está relacionado a sujeitos de nossa própria história, que faz de pequenos momentos inesquecíveis, que busca encontrar no movimento mais organização trazendo como uma tradição a mística.

Já Romilson Joaquim de Souza, de 21 anos, São Sebastião de Utinga, Wagner, Bahia, aluno do curso de Jornalismo da Terra: “[...] é muito difícil explicar o que é mística”.

Por sua vez, na resposta de Antônia de Maria Bezerra, de 20 anos, Assentamento Palmares 1, aluna do curso de Jornalismo da Terra, há referência ao resgate da história, no sentido essencial; à preparação para a luta, no viés formal. Nessa resposta, percebe-se que o sentido essencial está ligado à memória, a qual faz parte da constituição da identidade sem terra. O aspecto formal aparece na referência de que a mística faz com que o militante se sinta sujeito ativo da luta, pertencente a uma entidade.

A mística é uma forma de expressar os sentimentos e unir as pessoas em um objetivo onde se dá o prazer da reflexão em cima de temas abordados. É emocionante quando se vê um ato onde envolve várias pessoas com palavras, expressões fortes usando a simbologia do movimento.

Conclusões

Lidas as respostas e tomados os apontamentos no material empírico, é possível perceber que, em qualquer situação em que esteja presente,

a mística tem função de conseguir a coesão dos participantes, reforçando a identidade sem-terra e as práticas essenciais do movimento, ampliando, assim, o exercício da cidadania política.

A mística, portanto, tem um papel essencial na preparação dos militantes para a luta, destacando sua dimensão subjetiva, que coloca os militantes num estado de alerta, tornando-os mais sintonizados com as causas que desejam defender. A mística tem uma configuração muito poderosa na predisposição dos militantes para enfrentar as tarefas que lhes são destinadas.

Ao mesmo tempo que expressa os valores e as convicções do MST, a mística estimula os militantes mais antigos a manter-se no próprio caminho que têm ajudado a definir; para as novas gerações ou para os sem-terra que, a cada dia, entram no movimento, ajuda a construir a disposição subjetiva de entrar no processo, de vivenciar de modo mais denso e rico as ações de que começam a participar.

A mística promove uma relação de intimidade e proximidade dos objetivos do movimento muito maior do que se fossem feitas reuniões, passeatas ou congressos sem ela. O papel da mística é o de fazer dos valores do movimento os valores fundamentais da vida de cada membro, e identificá-la fortemente com o MST.

As respostas de alguns militantes de que o próprio ato de organização de ações do MST é mística traduzem o papel que isso tem na sobrevivência política interna do movimento.

Além desse aspecto, foi possível observar, nas respostas, ligações dessa categoria com aspectos da história, da memória, do cotidiano, das lutas e reivindicações e da integração que a mística proporciona, relacionada à organização política interna.

O caráter de comunhão vivenciado nessa experiência contribui para implementar, além de ideias coesas, relações fortes e uma comunicação mais eficiente entre os membros. Na perspectiva da Teologia da Libertação, a relação espiritualidade-ação faz do MST um movimento muito mais coeso e solidificado, que permite sua manutenção mesmo enfrentando derrotas na realidade social do país. Tal aspecto foi confirmado pelos sentimentos que muitos dos entrevistados apresentaram de vivências em comum e do sentimento de fazer parte de um grupo onde o coletivo está presente.

Também nesse aspecto, para um movimento que trava um embate há muito tempo contra instituições mais fortes que ele, ter a identificação, o empenho e o entendimento de cada membro sobre os objetivos, o que se dá por meio da mística, contribui para a organização política interna. O otimismo que a mística carrega renova a disposição do movimento, necessária no contexto de décadas de história.

Essa história é preservada e mantida também pela mística, que aponta os sacrifícios feitos no passado para conquistas anteriores, reforçando, entre os militantes, a vontade de continuar se empenhando para também gerar transformação social.

A paixão pelo movimento e por tudo que ele engloba é alimentada pela mística: sem essa relação profunda de vontades e convicções fortes, compartilhadas com todos os que fazem parte do MST, a estrutura política interna teria de ser gerida por grandes líderes. Um movimento dessa dimensão, porém, não sobrevive apenas de personagens carismáticos se os atores principais – os assentados – não estiverem ligados e em constante processo de reconhecimento da razão para a luta.

Bibliografia

BARBALET, J. M. *A Cidadania*. Lisboa: Estampa, 1989.

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

BOFF, Clodovis. *Como fazer teologia da libertação*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BOFF, Leonardo. *O destino do homem e do mundo*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CHAVES, Christine de A. A marcha Nacional dos Sem-Terra. In: *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Peirano, Mariza (Org.). Rio de Janeiro: Relume Dumará/ NUAP/UFRJ, 2002.

GOMES, Wilson. Esfera pública política e *media*: com Habermas, contra Habermas. In: *Produção e recepção dos sentidos midiáticos*. RUBIM, Antônio Albino Canelas; BENTZ, Ione Maria Ghislene; PINTO, Milton José (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo M. *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

NASCIMENTO, Carlos Godoy do; MARTINS, Leila Chalub. C. Pedagogia da Mística: as experiências do MST. *Emancipação*, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 109-120, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/128>>. Acesso em: 13 nov. 2010.

VIEIRA, Luiz Carlos. A mística no MST: um ritual político. ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, 23., 2008, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH, 2008. p. 1- 10. Disponível em: <http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1213630966_ARQUIVO_AMisticoMST.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2010.

DIZENDO E FAZENDO O SEM TERRA ASSENTADO NO MST-CE: rabiscos de uma pragmática etnográfica¹

Marco Antonio Lima do Bonfim²

Introdução

Este trabalho situa-se em uma proposta de desenvolvimento de uma pragmática cultural, um instrumental de trabalho para a pesquisa linguística que permita pensar as questões políticas, econômicas e sociais como próprias de nossas linguagens, de nossas formas de vida cotidiana (ALENCAR, 2010). A partir da percepção do lugar constitutivo da cultura na vida social, a pragmática cultural compreende “que todo ato de

¹ Este artigo resume parte de nossa pesquisa de mestrado (BONFIM, 2011) sobre a questão da identidade Sem Terra no MST-CE, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. Gostaria de agradecer à Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar (PosLA/UECE) pela valiosa interlocução realizada neste período.

² Doutor em Linguística Aplicada (2016) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/Uece). Mestre em Linguística Aplicada (2011) pela Uece e graduado em Letras habilitação Português/Literatura (2008) pela mesma universidade. Atualmente, é professor de Linguística no Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), campus Mossoró.

fala e todo sentido é historicamente constituído a partir de diversos fatores (sociais, culturais, econômicos, políticos) integrados na produção e interpretação lingüísticas” (ALENCAR, 2010, p. 3). Para essa pragmática, “[...] os sujeitos [são compreendidos] como situados historicamente considerados como, ao mesmo tempo, singulares e sociais, capazes de intervir no mundo através de suas práticas nos diversos jogos de linguagem reais em que interagem [...]” (ALENCAR, 2010, p. 3).

Partindo, portanto, dessa visão pragmática de estudos da linguagem, procuramos analisar, neste estudo, a construção da identidade de Sem Terra assentado, a partir das consequências produzidas pelo ato de dizer algo (efeitos perlocucionários), em determinadas situações de uso da linguagem. Este estudo busca, portanto, compreender a constituição do Sem Terra assentado na sua relação com a mística vivenciada pelos/as trabalhadores/as rurais residentes no Assentamento Lênin Paz II, no município de Ibaretama, Ceará. A mística no MST é “uma espécie assim de teatro”,³ uma forma de vida (WITTGENSTEIN, 1989) construída na e pela linguagem, que vai dando sentido à luta pela terra dentro e fora dos assentamentos e acampamentos coordenados por esse movimento social no Ceará e no Brasil.

O texto está estruturado em cinco seções. Na primeira, apresento a Pragmática como um campo dos estudos da linguagem; nela, discuto a teoria dos atos de fala (AUSTIN, 1990) e a concepção wittgensteiniana de linguagem enquanto constituída por jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1989). Na segunda, discuto a noção de identidade performativa, isto é, de que nossas identidades sociais são produzidas enquanto efeitos de nossos atos de fala. Na terceira, contextualizo o MST como um movimento social camponês, bem como descrevo como os/as agricultores/as sem-terra vivenciam a prática da mística no MST-CE. Na quarta, discuto a proposta de uma Pragmática etnográfica

³ Sr. Zé Wilson, assentado no Assentamento Lênin Paz II, em entrevista no dia 9 de julho de 2010. Todos os/as entrevistados/as são nomeados por nomes de lutadores/as que já “tomaram” na luta pela terra no Ceará e no Brasil. Fiz essa opção por dois motivos. Primeiro, para manter em sigilo a identidade dos/as participantes da pesquisa, e segundo, para, já neste ato, manifestar uma das dimensões da mística dos Sem Terra, a saber, o cultivo da memória.

partindo da combinação das teorias pragmáticas com os métodos etnográficos. E, por fim, na quinta seção, analiso como os/as agricultores/as integrantes desse movimento se **fazem** como Sem Terra assentado, por meio da vivência da mística no Assentamento Lênin Paz II.

Considerando a linguagem como ação e entendendo que essa ação delinea formas de subjetividades diversas, espero que este artigo possa contribuir para a compreensão de como, **no** e **pelo** uso linguístico, fazemos identidades. Espero ainda que esta reflexão possa instigar outros estudos que focalizem a prática linguística de maneira não deslocada das interações sociais em que se realiza. Nesse sentido, a Pragmática etnográfica rabiscada aqui aparece como um convite.

Pragmática: atos de fala e identidade performativa

O estudo da construção dos sentidos considerando os atos de linguagem dos sujeitos e as condições de produção desses significados é denominado, dentro dos estudos da linguagem, de “Pragmática”. Nas palavras da linguista Joana Plaza Pinto:

[...] a pragmática analisa, de um lado, o uso concreto da linguagem, com vistas em seus usuários e usuárias, na prática linguística; e, de outro lado, estuda as condições que governam essa prática. Assim, em primeiro lugar, a pragmática pode ser apontada como a ciência do uso linguístico (PINTO, 2003, p. 47-48).

Na verdade, esse campo de estudos relacionado à “ciência da linguagem” – Linguística – objetiva estudar a “linguagem em uso” sem desconsiderar os sujeitos que agem na e pela linguagem. Armengaud (2006, p. 9) considera os estudos pragmáticos como fruto do cruzamento das pesquisas em Filosofia e em Linguística e relata que esses estudos, inicialmente, apresentaram-se como uma tentativa de responder a perguntas como: “que *fazemos* quando falamos? Que *dizemos* exatamente quando falamos?”. Nessa perspectiva de abordagem da linguagem, “é impossível discutir linguagem sem considerar o ato de linguagem, o ato de estar falando em si – a linguagem não é assim descrição do mundo, mas ação” (PINTO, 2003, p. 57).

Fundamental para o estabelecimento desse campo de estudos da linguagem foi a discussão que o filósofo inglês J. L Austin ([1976], 1990) empreendeu sobre os enunciados performativos, isto é, enunciados que operam uma ação. Ao dizer algo (ou por consequência de dizer algo), nós não só dizemos esse algo, mas, na medida em que dizemos, praticamos algum tipo de ação social. Isto é, **nosso ato de falar é uma forma de realizarmos ações**. Ações que se manifestam nas e em linguagens. Por exemplo, se digo “Sim!” no casamento ao padre ou ao juiz, não estou **apenas dizendo algo, mas praticando uma ação** – de casar-me com alguém. Para mostrar que, ao dizer, estamos sempre fazendo algo, Austin (1990), propôs o conceito de atos de fala. Sobre esse conceito, Pinto (2003, p. 50) nos esclarece: “[...] Atos de Fala é um conceito [...] para debater a realidade de ação da fala, ou seja, a relação entre o que se diz e o que se faz – ou, mais acuradamente, o fato de que se diz fazendo, ou se faz dizendo”.

Dessa forma, adentramos na teoria dos atos de fala,

Austin cria o ato de fala e o desdobra em três partes, em três atos simultâneos: um **ato locucionário**, que produz tanto os sons pertencentes a um vocabulário quanto a articulação entre a sintaxe e a semântica, lugar em que se dá a significação no sentido tradicional; um **ato ilocucionário**, que é o ato de realização de uma ação através de um enunciado [...] Por último, um **ato perlocucionário**, que é o ato que produz efeito sobre o interlocutor (OTTONI, 1998, p. 35-36, grifo nosso).

Exemplificando: digamos que, por ocasião de um assalto, um cidadão diga “Cuidado! Ele vai atirar”; essa frase é um ato locucionário; por meio dessa expressão linguística, ele faz uma advertência, que é um ato ilocucionário; e, ainda, por meio da mesma expressão, ele consegue alertar alguém acerca do disparo, realizando, assim, um ato perlocucionário. Note que “os três atos são realizados por meio da mesma expressão linguística, o que manifesta que não se trata de três atos distintos, mas de três dimensões do mesmo ato de fala” (OLIVEIRA, 2006, p. 160).

Para que possamos praticar uma ação **na e pela** linguagem, Austin (1990, p. 30) nos esclarece que “[a]lém do proferimento das palavras

chamadas performativas, muitas outras coisas em geral têm que ocorrer de modo adequado para podermos dizer que realizamos, com êxito, a nossa ação”. Isto é, para que os atos possam ser executados, são necessárias certas condições sociais, uma vez que as ações são executadas na medida em que seguem um conjunto de regras intersubjetivamente estabelecidas e aceitas pelos/as próprios/as usuários/as da linguagem.⁴

Para efeito de análise dos performativos, Austin distingue cinco classes gerais de verbos ou, talvez, inspirado em Wittgenstein, cinco “famílias” gerais de atos de fala, visto que “os novos critérios [de significação] serão fornecidos [agora] pelo uso que fazemos da linguagem nos mais diversos jogos, isto é, nas diferentes formas de vida” (MORENO 1985 apud OTTONI, 1998, p. 76). Seguindo, então, a força ilocucionária de cada “família” de atos de fala, Austin propôs os seguintes nomes:

- 1) veriditivos;
- 2) exercitivos;
- 3) comissivos;
- 4) comportamentais;
- 5) expositivos.

Os veriditivos, como a própria designação sugere, caracterizam-se por dar um veredito. Isto é, “constituem essencialmente o estabelecimento de algo – fato ou valor – a respeito do qual, por diferentes razões, é difícil se estar seguro” (AUSTIN, 1990, p. 123). Por exemplo: diagnosticar, interpretar, julgar, considerar junto, responsabilizar etc. Os exercitivos se relacionam com o exercício de poderes, como proibir, agraciar, estimar, confiar, prescrever, conceder, advertir, exigir, propor

⁴ Pinto (2007, p. 24) sintetiza bem as condições para a execução de um performativo. “São seis as condições para o funcionamento regular ou ‘feliz’ de um performativo, que podem ser traduzidas livremente como: A.1) a existência de procedimentos convencionais aceitos para enunciar certas palavras por certas pessoas em certas circunstâncias; A.2) pessoas e circunstâncias devem ser apropriadas para o procedimento invocado; B.1) o procedimento deve ser executado corretamente; B.2) e completamente; Γ.1) os procedimentos devem ser usados por pessoas com certos pensamentos ou sentimentos, ou intenção de conduta; Γ.2) e tais pessoas devem realmente conduzir-se de acordo com a conduta intencionada (Austin 1976:14-15).”

etc. Os comissivos caracterizam-se por “comprometer o locutor com um comportamento determinado” (OLIVEIRA, 2006, p. 164), “mas incluem também declarações ou anúncios de intenção, que não constituem promessas [...]” (AUSTIN, 1990, p. 123). Exemplos: dar a palavra, comprometer-se, jurar, provar, dispor-se, manifestar intenção, garantir etc. Os comportamentais se referem à atitudes e comportamento social. Trata-se de uma “reação ao comportamento e ao destino de outras pessoas e da atitude ou expressão de atitude diante do comportamento passado ou iminente de um outro” (OLIVEIRA, 2006, p. 164). Exemplos: agradecer, felicitar, criticar, saudar, desejar, reclamar, lamentar, queixar-se etc. Por fim, os expositivos têm por finalidade a contextualização das expressões linguísticas. Por exemplo: classificar, mencionar, comunicar, testemunhar, reconhecer, relatar, corrigir etc. Em suma,

Com as expressões veridictivas faz-se uso da força de julgar: com as exercitivas impõe-se influência, usa-se autoridade; com as comissivas assume-se uma obrigação ou se manifesta uma intenção; com as conductivas [“comportamentais” para Austin] assume-se uma atitude, e por fim, com as expositivas explicam-se argumentos, fundamentações, comunicações (OLIVEIRA, 2006, p. 164).

A análise pragmática realizada adiante tem por base essa tentativa de classificação dos atos de fala proposta por Austin.

Identidade performativa

No que se referem às apropriações da teoria dos atos de fala, autores/as como Pinto (2002, 2009) e Silva (2005, 2008) têm proposto estudos sobre a construção linguística de identidades, partindo, inicialmente, de uma interpretação “alternativa” da “Teoria dos Atos de Fala”. Tais estudos têm mostrado como identidades são realizadas no e pelo uso da linguagem. Nesse sentido, em uma “Teoria Radical dos Atos de Fala” (PINTO, 2002), “[...] identidades são performativas, ou seja, são efeitos de atos que impulsionam marcações em quadros de comportamentos (fala, escrita, vestimentas, alimentação, cultos, elos parentais, filiações etc.)” (PINTO, 2002, p. 122). Dizer que nossas identidades são construídas performativamente significa dizer que **somos sempre efeitos, tanto de nossos como de outros**

atos de fala, que, reiteradamente, postulam o que nós estamos sendo em um determinado “jogo de linguagem”. A noção de “jogo de linguagem” foi proposta pelo filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, para quem a linguagem é uma forma de ação social, “uma forma de vida”, assim como cozinhar, namorar, estudar, pesquisar, dramatizar, ouvir música, ler, pedir, agradecer, cantar etc. Todas essas maneiras de se viver na e pela linguagem, Wittgenstein (1989) concebe como “jogos de linguagem”, salientando que todos esses “jogos” materializam “formas de vida”.

Podemos [...] imaginar que todo processo do uso das palavras [...] é um daqueles jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua materna [...] Chamarei esses jogos de *‘jogos de linguagem’* [...] pense os vários usos das palavras ao se brincar de roda. Chamarei também de *‘jogos de linguagem’* o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada (WITTGENSTEIN, 1989, p. 12, grifo do autor).

Entender a linguagem enquanto constituída por jogos de linguagem é compreender que o processo de significação se realiza sempre nas situações de uso concreto da linguagem, isto é, nas formas como nós empregamos as palavras. Vale salientar que as ações executadas em um determinado jogo de linguagem devem seguir a gramática desse jogo. Gramática, no sentido wittgensteiniano do termo, compreendida como regras sociais que são aprendidas e construídas enquanto um saber aprendido socialmente pelos/as próprios/as usuários/as da linguagem, a partir de suas próprias experiências cotidianas.

Portanto, foi com base nessa visão pragmática de linguagem que investigamos a construção da identidade de Sem Terra assentado, a partir das consequências produzidas pelo ato de dizer algo (efeitos perlocucionários) em determinadas situações de uso da linguagem (jogos de linguagens), como a mística do MST, por exemplo.

MST e mística: uma relação de nunca acabar

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surge como um movimento social de camponeses. Por movimento social, entendendo “[...] um conjunto de ações coletivas de indivíduos, dirigidas tanto

à reivindicação de melhores condições de trabalho e vida, portanto de caráter reivindicatório e contestatório, quanto à transformação da sociedade” (SIQUEIRA, 2006, p. 15).⁵ Assim sendo, o MST nasce no contexto em que o Brasil iniciava um processo de intensa mecanização da lavoura (década de 1970). Esse processo capitalista industrial toma conta da agricultura, formando uma sociedade rural complexa, composta de grandes proprietários de terra, uma pequena burguesia agrária, pequenos proprietários de terra e os camponeses sem-terra, os quais, “expulsos pela modernização da agricultura tiveram fechadas essas duas portas – o êxodo para as cidades e para as fronteiras agrícolas” (STÉDILE; FERNANDES, 1999, p. 17).

Aliado a tal processo, temos, nesse período, uma ampla mobilização pela democratização do país, com o ressurgimento das greves operárias (1978-1979) e as lutas contra a ditadura militar. De acordo com João Pedro Stédile e Bernardo Mançano Fernandes (1999), é nessa conjuntura que nasce o MST, pois os camponeses, diante das mudanças industriais que atingiram a lavoura, optam por “resistir no campo e buscar outras formas de luta pela terra nas próprias regiões onde viviam” (STÉDILE; FERNANDES, 1999, p. 17). Nesse processo de luta pela terra, o nascimento, em 1975, da Comissão Pastoral da Terra (CPT),⁶ em Goiânia, foi muito significativo para a reorganização das lutas camponesas. Reorganização, no sentido de que essas lutas já ocorriam “desde a nossa certidão de nascimento como nação” (ROMÃO, 2006, p. 46). Dessa forma, Fernandes (1999, p. 19) sugere que “[...] o MST nasce das lutas que já ocorriam, simultaneamente, nos estados de Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul”. Stédile, em consonância com Fernandes, relata:

⁵ Gohn (2008) observa que não existe uma definição única e globalizante do que seja um movimento social. Contudo, observamos que a definição de Siqueira (2006) adéqua-se à especificidade do MST como movimento social camponês.

⁶ “Organismo pastoral da Igreja Católica, vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A CPT foi organizada em 1975, em Goiânia (GO), durante um encontro de bispos e agentes de pastoral, a partir de reflexões sobre a crescente onda de conflitos de terra que ocorriam nas regiões Norte e Centro-Oeste do País [...] Embora iniciada no Norte e no Centro-Oeste, estendeu suas atividades para quase todos os estados do Brasil. Atua em todas as dioceses em que há problemas de terra” (STÉDILE; FERNANDES, 1999, p. 19).

[...] o MST nasceu como movimento camponês, de agricultores acostumados com o trabalho familiar e que resolveram lutar pela terra [...] Na essência, o MST nasceu como um movimento camponês, que tinha como bandeira as três reivindicações prioritárias: terra, reforma agrária e mudanças gerais na sociedade (STÉDILE; FERNANDES, 1999, p. 31).

Para Romão (2006), fatos como a ocupação das fazendas Macari e Brillhante, no Rio Grande do Sul, marcam o nascimento do MST naquela região. No Ceará, segundo Morissawa (2001), a constituição do movimento se deu a partir das vitórias conquistadas nas ocupações de terra que se iniciaram no ano de 1989, nas fazendas Reunidas São Joaquim, em Quixeramobim, Canindé e Itapiúna. Segundo o autor, “a década de 1990 foi de intensa mobilização e de grandes conquistas pelos sem-terra no Ceará. Foram ocupações em Crato, Tamboril, Canindé, Massapê, Quixadá, Ocara, entre outros municípios” (MORRISAWA, 2001, p. 188).

O Assentamento Lênin Paz II está situado a 4km do município de Ibaretama (interior do Ceará). Sua história começa no ano de 2003, com a ocupação da antiga Fazenda Santa Branca por mais de 30 famílias de trabalhadores/as rurais sem-terra. “Nós passamos 2 ano acampado, esperando [...] ali no Posto São Paulo [posto de gasolina localizado na BR-116], e aí, então, veio a [...] desapropriação dessa fazenda aqui pra nós”. Assim nos contou o assentado Zé Wilson, em entrevista realizada na sua casa, no dia 9 de julho de 2010. Somente no dia 10 de novembro de 2005, as famílias acampadas na beira da Rodovia BR-116, que passa próximo de Ibaretama, conseguiram a posse da terra tão sonhada.

Destaco agora a importância da mística no cotidiano dos/as trabalhadores/as rurais sem terra integrantes desse movimento social no Ceará. Vejamos a descrição de uma mística que tratou do assassinato de um Sem Terra no município de Ocara (interior do Ceará), narrada pelo assentado Zé Wilson, em entrevista concedida no mês de julho de 2010:

Eu [...] participei duma mística que foi [...] baseada [...] em fatos real. Como exemplo [...] assassinato de um companheiro [...] que a gente perdeu, que era o companheiro “Denir” [...] Aí então, eu participei duma mística que foi uma encenação que foi feito, e aquilo ali me chamou muito a atenção [...]. Eu fiquei muito emo-

cionado, porque [...] a gente, fazemos a simulação [...] assim, como tinha o pistoleiro, aí tinha os ocupantes da terra, aí tinha as famílias. Então, a gente criou aquele momento, e aí fizemos as arma [...] de pau inventado [...] Aí, compramos um fôgo [fogos de artifício]. A gente foi fazer aquela encenação como que era bala de verdade. Então, na hora que bateu aquele papôco, assim do [...] fogo [...], a pessoa tava com um revólver de pau assim em punho, como se fosse a arma e ele atirando, sabe? Aí então, o companheiro caía lá no chão, como se ele fosse o “Denir”. Aí naquele momento, eu me emocionei [...] tão... Isso aí comove qualquer pessoa [...] Aí então, foi cantado o [...] cântico [...]. Era uma música [...] que retratava [...] a ocupação da terra e a morte. É assim: “Tanto sangue derramado, na luta pelo pedaço de chão/ quantas mães perde seus filhos/ sem explicação [...]” Aí então, com essa música eu [...] me emocionei. Então, essa é a verdadeira mística, é você sentir ela perto (ZÉ WILSON).⁷

Como podemos observar, a mística no MST pode ser considerada “uma espécie assim de teatro”,⁸ uma forma de vida (WITTGENSTEIN, 1989) construída na e pela linguagem, que vai dando sentido à luta pela terra dentro e fora dos acampamentos e assentamentos⁹ coordenados por esse movimento social no Brasil. Lucíola Maia (2008), ao realizar uma pesquisa que tratou da mística dos Sem Terra do MST-CE como “um processo educativo”, diz que:

A mística é como o sangue que corre, é o alimento, é o ânimo, é a música, a poesia, a bandeira do MST, é o hino, são os objetos

⁷ Entrevista realizada no dia 9 de julho de 2010, no Assentamento Lenin Paz II, Ibareta-CE.

⁸ Sr. Zé Wilson, 2010.

⁹ Os acampamentos podem ser definidos como a ocupação do latifúndio. Conforme Morissawa (2001, p. 199), “[h]á acampamentos que parecem uma cidade. Só que, em lugar de casas e edifícios, há barracos de lona e muita improvisação. A população varia bastante, de 500 a 3 mil pessoas. Em geral cada barraco abriga uma família inteira”. Por outro lado, Segundo Feliciano (2006), os assentamentos constituem “uma política voltada para a fixação do homem ao campo” (p. 114). Noutras palavras, o assentamento é uma “unidade de produção agrícola” (idem). Para o MST, o assentamento configura-se como um “núcleo social aonde [sic] as pessoas convivem e desenvolvem um conjunto de atividades comunitárias na esfera da cultura, lazer, educação, religião [...]” (MST, 2001, p. 24).

usados nas lutas. A mística é a vida presente em cada ato político, em cada assentamento organizado pelo MST, em toda sala de aula. É um elemento da luta que encoraja a continuar lutando contra o latifúndio (MAIA, 2008, p. 112).

A mística cultivada no MST configura-se, portanto, em um ato político-cultural desenvolvido por diversos rituais, por meio dos quais os/as trabalhadores/as rurais materializam as realidades vividas no contexto da luta pela terra, com a poesia, a música, o hino e a bandeira do MST, a mímica, a pintura, a arte em geral. Ela encontra no teatro a sua principal forma de manifestação entre os/as Sem Terra do MST. Para Ademar Bogo (2003, p. 328), “seu objetivo é sustentar o projeto político da classe trabalhadora [...] No fundo, o objetivo é manter a força, o ânimo, a esperança, mesmo que em determinados momentos tudo pareça acabado”.

Dessa forma, podemos elencar como regras do jogo de linguagem “mística” do MST: a utilização de símbolos como a bandeira, o hino e o boné do MST, bem como os instrumentos de trabalho (facão, foice e enxada), o ato de cantar e declamar as músicas e poemas produzidos pelos militantes do MST no Ceará e no Brasil, o ato de provocar – a partir das dramatizações – a emoção (o ânimo para a luta) e, por fim, o ato de rememorar as lutas anteriores e recentes pelo direito de trabalhar/viver na terra própria. Podemos dizer, então, que essa forma de “manifestação coletiva de um sentimento [de unidade]” (STÉDILE; FERNANDES, 1999, p. 132), esse ritual recheado de símbolos, “um espírito que põe em funcionamento a ação e a força prática das idéias do MST” (MAIA, 2008, p. 103-104), contribui para a formação de um sujeito que se sente Sem Terra, que se identifica com a luta pela terra. Noutras palavras, é possível afirmar que, pela mística, os/as trabalhadores/as rurais sem terra “vão construindo a consciência e a identidade com a luta e com o Movimento, ou seja, vão se constituindo como **sem-terra**” (MORISSAWA, 2001, p. 205, grifo do autor).

O termo “mística” no MST é empregado, em geral, como um tipo de motivação que realimenta constantemente a luta dos Sem Terra pela reforma agrária e por uma sociedade mais justa. “Mística” também se relaciona aos valores/princípios (solidariedade, companheirismo, indignação, união, disciplina, ternura, coerência etc.) propostos pelo

MST no anseio da construção de outra sociedade. Como podemos entender a mística no Assentamento Lênin Paz II? Em que medida o jogo de linguagem “mística” constitui a identidade de Sem Terra assentado para os/as agricultores/as no referido assentamento?

Rabiscos de uma pragmática etnográfica

Com o objetivo de compreender a construção performativa do Sem Terra assentado no MST-CE, propus uma Pragmática etnográfica: um método de estudo da linguagem que conjuga a análise da linguagem enquanto constituída por jogos de linguagens, a partir dos atos de fala, com a pesquisa etnográfica.¹⁰ Portanto, neste estudo, adotei como instrumentos de geração e coleta de dados:¹¹ a observação participante (visitas regulares ao assentamento e participação nos Encontros de formação do MST-CE), notas de campo, entrevistas semiestruturadas¹² e a gravação em vídeo das místicas. Utilizei a pragmática cultural (ALENCAR, 2010) para analisar os jogos de linguagem a partir dos atos de fala que os constituem. A possibilidade desse diálogo transdisciplinar entre etnografia e linguística/pragmática, a meu ver, reside em dois pontos. O primeiro tem a ver com a inabilidade da linguística em lidar com questões de ordem prática (RAJAGOPALAN, 2003, 2004). O segundo, por outro lado, relaciona-se ao crescente interesse de muitos

¹⁰ Segundo Resende (2008, p. 109), a pesquisa etnográfica pode ser definida “[...] como uma tradição de PQ [pesquisa qualitativa que agrupa a análise de dados empíricos gerados e coletados sistematicamente para a pesquisa, provenientes de contextos situados e de uma variedade de métodos embora o foco deva ser relativamente estreito em escala, envolvendo poucos grupos de indivíduos”.

¹¹ Considero, junto com Resende (2008, p. 82), que, em pesquisa etnográfica, geralmente, a maior parte dos dados não é apenas coletada “[...] como se já estivesse disponível independente do trabalho do/a pesquisador/a – e sim gerada para fins específicos da pesquisa”. Portanto, o que fiz, em alguns momentos (como nas entrevistas, por exemplo), foi criar junto com os/as sujeitos participantes da pesquisa, situações de interação que tiveram como consequência a geração de dados. Por outro lado, as gravações das místicas foram coletadas.

¹² Esse tipo de entrevista qualitativa segue o critério de semiestruturação, isto é, organiza-se de maneira a possibilitar a participação efetiva dos/as entrevistados/as e do entrevistador, não sendo conduzida de forma rígida, como nas entrevistas de levantamento, em que é feita uma série de questões predeterminadas.

estudiosos/as em abordar a linguagem enquanto prática social, seja como discurso, seja como atos de fala etc. O importante é que tal interesse tem rompido os muros de uma linguística fechada em si mesma (na língua e apenas nela). Tais abordagens preocupam-se com uma interpretação “situada” da linguagem (SIGNORINI, 2008).

Quero agora demonstrar, a partir da pesquisa de campo realizada no Assentamento Lênin Paz II, em 2010, em que medida o jogo de linguagem “mística” constitui a identidade de Sem Terra assentado para os/as agricultores/as no referido assentamento?

Como diz o dirigente e teórico do MST Ademar Bogo (2010, p. 138), “[nos] [...] assentamentos [...] a formação política se dá pelas reuniões, cursos e mobilizações”. Isso se evidencia tanto nas reuniões dos núcleos de base,¹³ como nas assembleias gerais promovidas pelos/as próprios/as agricultores/as Sem Terra. As assembleias, que ocorrem com muita frequência no Assentamento Lênin Paz II, podem ser definidas como um momento em que os/as assentados/as referendam as propostas sugeridas nos núcleos de base. Geralmente, são convocadas pelo/a presidente/a do assentamento, que sai de casa em casa comunicando o horário e a pauta, pois o local já está pré-estabelecido (a “sede” do assentamento). Tive a oportunidade de participar de várias assembleias. Dentre as quais, destaco a que teve como pauta o Programa “Seguro Safra”¹⁴ e a que repassou os informes sobre as lutas do “Abril vermelho”,¹⁵ em Fortaleza. Sobre esta última registrei:

¹³ Os Núcleos de base ou “NBs” compreendem uma forma de organização familiar interna típica do MST, que tem como função principal ser uma espécie de estrutura participativa que permita a todos (pais, mães, jovens, idosos e crianças) construir espaços de opinião e decisão em todos os assuntos que direcionam a vida no assentamento ou acampamento.

¹⁴ Trata-se de um benefício do Governo do Estado para os agricultores que, por conta da estiagem, tiveram perda de até 50% de sua produção.

¹⁵ Uma das formas de luta criada pelo MST desde o massacre de Eldorado de Carajás – PA, em abril de 1997. A partir daí, o referido mês passou a ser tratado pelo MST como “Abril vermelho”. Sendo ao mesmo tempo, uma forma de relembrar (denunciar) os massacres de trabalhadores rurais Sem Terra no Brasil, como um momento em que o MST intensifica as ocupações, reivindicando terra, trabalho, crédito, educação e infraestrutura para o desenvolvimento territorial do campesinato brasileiro.

Cheguei no assentamento (na casa de D. Roseli) e soube pelo filho dela que estava acontecendo uma reunião com todos/as assentados/as na “sede” do assentamento. “Não contei um, dois, três”. Guardei minha bolsa e fui correndo assistir à reunião. *Os assentados-militantes que foram para a “luta” em Fortaleza*, já tinham retornado e deram os informes sobre as conquistas e os desafios enfrentados pelo movimento (MST-CE) *nesta luta que durou 11 dias*. Primeiramente, o *dirigente Ricardo cumprimentou todos/as com um “boa tarde, companheirada!”* e informou que foram para a luta 10 pessoas do assentamento (incluindo uma mulher e uma criança). Também falou sobre o problema da “seca” nos assentamentos do estado (Ceará) e ainda *informou a todos/as sobre o assassinato do líder comunitário (Zé Maria), que denunciava as ações do agronegócio na região do baixo Jaguaribe*. Por fim, falou das conquistas do MST, dentre elas, uma audiência pública com o Governador Cid Gomes (PSB), realizada na última quarta-feira (05/05/10), a respeito da pauta de reivindicações do MST-CE (Nota de campo registrada em 06 de maio de 2010).

Partindo desse registro, podemos entender que, nesse jogo de linguagem, algumas das regras percebidas na mística encenada se manifestam, configurando a experiência da mística no assentamento. Por exemplo, o uso da saudação “boa tarde, companheirada!” pelo assentado Ricardo, na abertura da reunião, produz uma marca no corpo desse agricultor, performatizando-o como um assentado-militante. Vale destacar que o uso de expressões como essa dentro do MST acontece, geralmente, na abertura dos Encontros estaduais ou nos Encontros de brigadas do MST-CE, e, pelo que percebi, na maioria das vezes, quem profere esses atos de fala são os/as militantes Sem Terra.

A ação de saudar todos/as com “boa tarde, companheirada!” relaciona-se à regra de proporcionar um estímulo, um ânimo para a luta dos/as assentados/as por melhores condições de moradia no campo. Portanto, no jogo de linguagem “assembleia geral”, percebi a dimensão da luta, manifestada na participação dos/as assentados/as nas mobilizações organizadas pelo MST em Fortaleza, como atividade integrante do “Abril vermelho”, em 2010. Outra regra perceptível nesse jogo de linguagem é o ato de lembrar pessoas que já “tomaram” na luta pela terra, como

a denúncia do assassinato do líder comunitário “Zé Maria”, em Limoeiro do Norte. Sobre esse fato, o assentado Zé Wilson desabafou: “[...] dentro do movimento, quantas pessoas [...] foram tombando [...] agora, quem? Por quem? Que agora, recente, nós tivemos um caso do ‘Zé Maria’, lá em Russas”.¹⁶ A ação de denunciar o assassinato de uma liderança que lutava contra a concentração da propriedade da terra no Ceará, em uma reunião como a assembleia geral, pode ter tido como efeito perlocucionário a construção de um sentimento de indignação por parte dos/as assentados/as. Segundo Bogo (2005), o ato de se indignar relaciona-se com a mística dos Sem Terra na medida em que funciona como um “alimento ideológico”, que impulsiona o/a agricultor/a a continuar na luta. Diz ele que “[i]ndignar-se contra as injustiças e contra as atitudes de quem as comete” (BOGO, 2005, p. 52) é uma virtude do ser humano militante.

No jogo de linguagem em questão, o ato de se indignar, portanto, transforma-se em ação, movimento. Ainda de acordo com Bogo (2005, p. 54), “a indignação deve [...] tornar-se atitude, ação concreta de protesto e de defesa dos injustiçados”. Percebemos, então, que algumas das regras constituintes da mística encenada – tais como o ato de lembrar lutas anteriores e recentes pela terra no Brasil e o ato de produzir um estímulo a fim de renovar a esperança de melhores condições de vida no campesinato – mantêm-se como regras no jogo de linguagem “assembleia geral”, no Lênin Paz II.

Passemos para o jogo de linguagem “entrevista”, que não constitui o cotidiano dos/as assentados/as, mas fez parte deste durante a execução da pesquisa de campo no Assentamento Lênin Paz II. Adentremos um pouco mais na construção performativa do Sem Terra assentado no referido assentamento.

Dizendo e fazendo o Sem Terra assentado no MST-CE

Eu quero dizer assim, [...] no momento que a gente sai da casa da gente, que entra no movimento, que participa [...] já é Sem Terra. Participa nos encontros [...] se eu saio da minha casa,

¹⁶ Zé Wilson, 2010.

dizer assim: *eu vou pra uma luta, eu sou um Sem Terra. Eu estou no assentamento, eu sou Sem Terra. Mas o Sem Terra fica melhor ainda quando o Sem Terra é organizado e luta pelo que quer* (D. ROSELI).

Investigar a constituição performativa das identidades – nesse caso, de Sem Terra assentado no MST-CE – a partir dos efeitos perlocucionários dos atos de fala constituintes dos jogos de linguagem vividos, em um determinado momento histórico, significa perceber que elas (as identidades) encontram seus alicerces na história de sua própria exibição. Desse modo, quero convidar o/a leitor/a para dar “uma voltinha, ou melhor, para alguns tropeções” (AUSTIN, 1990, p. 123) no “chão” escorregadio da linguagem. Para tanto, quero partir dos atos de fala em destaque executados por D. Roseli¹⁷ no jogo de linguagem “entrevista”, jogado no mês de julho de 2010, no Assentamento Lênin Paz II.

Quando perguntada sobre o que seria ser Sem Terra dentro do MST-CE, D. Roseli agiu dizendo: “no momento que a gente sai da casa da gente que entra no movimento, que participa [...] já é Sem Terra”. E reforça sua ação da seguinte forma: “se eu saio da minha casa, dizer assim: eu vou pra uma ‘luta’, eu sou um Sem Terra. Eu estou no assentamento, eu sou Sem Terra”. Para o assentado Oziel, “a partir do momento que você entra no acampamento [...] você cria outra identidade”.¹⁸ Ele diz que, “quando se diz Sem Terra, não se define uma pessoa, mas sim, um movimento. Um movimento”.¹⁹ “Mas o Sem Terra fica melhor ainda quando o Sem Terra é organizado e luta pelo que quer”, conclui D. Roseli. Pelo que vemos, os atos de fala mobilizados pelos/as assentados/as performatizam modos de ser Sem Terra dentro do MST. Isso não apenas porque tais ações partem de agricultores/as assentados/as vinculados/as ao MST, mas, principalmente, porque esses enunciados performativos, nas circunstâncias (jogos de linguagem) em que foram

¹⁷ Roseli Nunes. Entrevista concedida na sua casa, no Assentamento Lênin Paz II, Ibaretama – CE, em julho de 2010.

¹⁸ Oziel. Entrevista concedida na casa de sua mãe (D. Margarida), no Assentamento Lênin Paz II, Ibaretama – CE, em julho de 2010.

¹⁹ Idem.

executados operaram formas de ser Sem Terra. Atentemos para os performativos mobilizados nessas ações. Quando a assentada, D. Roseli, relaciona o ato dos/as trabalhadores/as rurais sem-terra de “entrar no movimento” ao ato destes/as participarem “[d]os Encontros [...]” e das lutas promovidas pelo MST-CE, utilizando proferimentos como “eu vou pra uma ‘luta’, eu sou um Sem Terra. Eu estou no assentamento, eu sou Sem Terra”, ela está não apenas dizendo uma realidade, mas performatizando o Sem Terra assentado/militante a partir de atos de fala comissivos, pois tais atos comprometem-na (enquanto assentada) com um tipo de atitude, a saber, a luta por “melhoria pro nosso assentamento”.²⁰

Ainda nessa direção, as ações executadas por Oziel nos mostram, de maneira mais explícita, essa dimensão identitária dos/as assentados/as. Quando ele afirma: “quando se diz Sem Terra, não se define uma pessoa, mas sim, um movimento. Um movimento”. Por meio de atos de fala veriditivos, Oziel impõe uma maneira de ser Sem Terra no MST (Sem Terra militante) como algo “dado”, ou seja, já consensual, pois o referido assentado condiciona o fato de ser Sem Terra ao fato de estar/participar/atuar no MST. Atente também para a ênfase/escolha do termo “movimento”, que reforça o sentimento de luta, constituinte do militante Sem Terra.

Voltando às ações de D. Roseli, vemos que a forma como a assentada emprega o termo Sem Terra reforça a ideia de Sem Terra militante, quando ela executa atos de fala comportamentais, como: “Sem Terra é organizado e luta pelo que quer”, performatizando uma postura, uma atitude do/a Sem Terra de ser/tornar-se organizado/a e militante, sempre lutando “pelo que quer”. A identidade de Sem Terra militante também se performatiza na relação que os/as assentados/as têm com a luta do MST, materializada na bandeira do referido movimento social camponês. Vejamos um trecho da entrevista realizada com D. Roseli, em julho de 2010, em que ela relaciona a mística no assentamento (uso da bandeira por parte dos/as assentados/as) com a identidade de Sem Terra:

²⁰ D. Roseli, 2010.

[...]A gente faz sempre uma mística pra lembrar o “Leninho”[...].²¹ A gente nunca mais fez não, mas a gente sempre lembrava ele em todas as místicas que se faz. Todo [...] aniversário do assentamento [...], posse de nova direção, a gente leva a foto dele, sempre lembrando que ele [...] foi, [...] desde criança [...], já era um *lutador pela terra*, sempre quando saía, a mãe dele disse *que levava a bandeira* (D. ROSELI).

No entanto, como não podia deixar de ser, existe uma contradição nesse ato de reivindicar a identidade de Sem Terra assentado-militante, a qual se evidencia, principalmente, a partir da memória de D. Margarida. Memória no sentido atribuído por Alessandro Portelli, que define o ato de rememorar como “um processo ativo de criação de significações” (PORTELLI, 1997, p. 33). Isto é, significar é também rememorar. Para melhor entendermos essa questão, observemos este registro que fiz logo após eu e ela realizarmos o jogo de linguagem “entrevista”, no dia 28 de abril de 2010: “um dos pontos que me chamou atenção e que se relaciona com a mística foi o fato de D. Margarida relatar *um certo medo em relação à bandeira do movimento [MST]. Medo construído por sua família*” (Nota de campo registrada em 28 de abril de 2010). Atentemos agora para o momento em que D. Margarida rememora os seus primeiros contatos com os integrantes do MST, antes de chegar ao acampamento:

A gente passou a conhecer não o MST, mas o Movimento Sem-Terra, os sem-terra que, pra mim, aquilo, os sem-terra, eles era [...] uns baderneiros, que eles era... que eles não tinha [...] o que fazer. Eu achamava eles bando de desocupados [...]. Isso aí quem se mete com esse povo aí entra numa guerra. Porque a minha família nos dizia [...] (D. MARGARIDA).²²

²¹ Filho de uma das assentadas residente no “Lênin Paz II”. “Leninho” morreu atropelado no ano de 2003, no período do acampamento. Em homenagem a ele, os/as assentados/as resolveram nomear o assentamento com seu nome.

²² Entrevista concedida na sua casa, no Assentamento Lênin Paz II, Ibaretama – CE, em abril de 2010.

Ao que parece, a identidade de sem-terra performatizada na/pela memória de D. Margarida não é a “mesma” que hoje é vivida por ela. Percebemos aí um conflito entre os sem-terra “baderneiros”, “bando de desocupados” e os Sem Terra assentado-militantes. Vejamos a descrição, que não constata, mas performatiza o momento em que ela adentra um acampamento do MST pela primeira vez:

Cheguemo lá, *na entrada tinha uma bandeira*, e quando eu entrei, [D. Margarida começou a chorar, suas lágrimas ficavam empoçadas nos olhos que ainda alimentam sonhos, seus dedos, como se fossem um lenço, iam tentando secá-las, enquanto que sua voz era trêmula ...], *eu entrei no acampamento naquele dia, que vi aquele povo tudo unido, aquele pessoal lutando que parecia que tinha uma esperança* de buscar sei lá o quê, uma libertação, sabe?! Vendo aquela bandeira, o vento levando [...], eu me senti muito bem! (D. MARGARIDA).

Entendo que essas ações significam, pelo menos, duas maneiras de viver a identidade Sem Terra no MST-CE. Uma primeira seria a identidade do sem-terra como “invasor”, “vagabundo” etc. (uma das *marcas* impostas ao corpo do/a agricultor/a integrante do MST). Esta se relaciona dialeticamente com a identidade de Sem Terra militante, reivindicada reiteradamente pelos/as trabalhadores/as rurais Sem Terra, no contexto das lutas sociais no campo. O que vemos, portanto, é que a construção performativa da identidade de Sem Terra assentado, enquanto efeitos perlocucionários, realiza-se, por um lado, no confronto com a identidade de sem-terra (re)produzida pelos/as próprios/as assentados/as e também pela sociedade (população de Ibaretama), e, por outro, pela afirmação do Sem Terra militante, que nega o sem-terra, constituindo-se enquanto Sem Terra assentado-militante, uma vez que a identidade (memória) de militante está sempre se atualizando na identidade de assentado.

Considerações finais

Apreendi que a linguagem é uma forma de vida, porque ela é constituída de jogos de linguagem que não dizem **o que é o sentido** de uma palavra, mas apenas **mostram** em que jogo(s) de linguagem(ns)

ela está sendo empregada. Isto é, em que jogo de linguagem ela está agindo. Isto mostra que as palavras não constataam a realidade social, mas, ao contrário, performatizam realidades sociais, instauram jogos de linguagem com suas gramáticas próprias. Diante disso, reforço a tese que propus anteriormente de que somos sempre efeitos, tanto de nossos como de outros atos de fala, que reiteradamente postulam o que nós estamos sendo em determinado jogo de linguagem. Tal conclusão se materializou nesta investigação ao mostrarmos como a identidade de Sem Terra assentado no MST-CE é performativamente construída a partir dos efeitos perlocucionários dos atos de fala mobilizados pelos/as assentados/as residentes no Assentamento Lênin Paz II, no ato de jogar o jogo de linguagem “mística”.

No que diz respeito à Pragmática etnográfica, percebi que a articulação teórico-metodológica entre a Pragmática e a pesquisa etnográfica se fez necessária devido à natureza da minha pesquisa, pois meu propósito foi investigar “o ato de fala total na situação total de fala” (AUSTIN, 1990). Isto é, estudar o uso da linguagem de forma não deslocada das situações sociais em que foi empregado, levando-se em conta as interações reais entre sujeitos situados sócio-historicamente. Esse método de estudo da linguagem pode ser utilizado em pesquisas linguísticas que tenham como interesse a focalização de práticas particulares em eventos sociais específicos.

Bibliografia

ALENCAR, Claudiana. As construções dos sentidos da violência nas práticas culturais do Sertão Central do Ceará. *Relatório de pesquisa*: Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa e Estímulo à Interiorização. Fortaleza: FUNCAP, 2010.

ARMENGAUD, Françoise. *A pragmática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

AUSTIN, John. L. *How to do things with words*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1976.

AUSTIN, John. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BOGO, Ademar. *Arquitetos dos sonhos*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

BOGO, Ademar. Valores que deve cultivar um lutador do povo. *Caderno n. 9 – Valores de uma prática militante – Consulta popular*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

BOGO, Ademar. *Identidade e luta de classes*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

BONFIM, Marco Antonio. *Queres saber como fazer identidades com palavras?* Uma análise em Pragmática cultural da construção performativa do Sem Terra assentado no MST-CE. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

CALDART, Roseli. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

FELICIANO, Carlos. *Movimento camponês rebelde: a reforma agrária no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

MAIA, Lucíola. *Mística, educação e resistência no Movimento dos Sem-Terra*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). *Por uma Lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MORISSAWA, Mitsue. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MOVIMENTO TOS TRABALHADORES SEM TERRA. Valores que deve cultivar um lutador do povo. *Cadernos de Formação*, São Paulo, n. 37, 2005.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Construindo o caminho*. São Paulo: Secretaria Nacional do MST, 2001.

OLIVEIRA, Manfredo. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

OTTONI, Paulo. *Visão performativa da linguagem*. Campinas, SP: Unicamp, 1998.

PINTO, Joana. Identidade performativa. *Estilizações de gênero em discurso sobre linguagem*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

PINTO, Joana. Pragmática. In: MUSSALIM, F; BENTES, A (Org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 47-68. v. 2.

PINTO, Joana. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *DELTA*, São Paulo, v. 23, n. 1, 2007.

PINTO, Joana. O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 33, p. 117-138, jul./dez. 2009.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Revista Projeto História*, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Resposta aos meus debatedores. In: RAJAGOPALAN, K; LOPES, F. (Org.). *A lingüística que nos faz falar: uma investigação crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 166-128.

RESENDE, Viviane. *Análise de discurso crítica e etnografia: o movimento nacional de meninos e meninas de rua, sua crise e o protagonismo juvenil*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

ROMÃO, J. As raízes da luta pela terra. *Discutindo Geografia*, São Paulo, n. 6, p. 24-25, 2006.

SIGNORINI, Inês (Org.). *Situar a linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, Daniel. *Brahma Kumaris: a construção performativa de identidades de gênero*. Campinas. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SILVA, Daniel. A questão da identidade em perspectiva pragmática. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 8, n. 1, p. 15-33, 2008.

SIQUEIRA, Sandra Maria. *Matrizes históricas dos movimentos sociais: entre a cidadania nos limites do Capital e a busca pela Emancipação Humana*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo. *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*, São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Os Pensadores).

MOVIMENTOS E REDES DE MOVIMENTOS SOCIAIS EM DIÁLOGO: uma análise do processo do Código Florestal no site do MST a partir da deliberação mediada¹

Isabelle Azevedo Ferreira²

Introdução

As recentes mobilizações e discussões da sociedade sobre questões ambientais pertinentes ao modelo de desenvolvimento colocam o meio ambiente no centro de uma discussão política que define mudanças na forma de consumo e produção e determina diretrizes para um desenvolvimento com sustentabilidade e equilíbrio ambiental. Essa forma de pensar a sustentabilidade também tem sido

¹ Uma versão deste trabalho foi apresentada no GP Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina, do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS/UFRN). Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGC/UFC). E-mail: isabelle.azevedo@gmail.com.

destacada por um dos maiores movimentos sociais da América Latina: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Esse processo tem a comunicação como um instrumento estratégico para que as questões ambientais travadas no meio rural tenham publicidade com visibilidade no campo midiático.

Este artigo procura discutir a mediação feita pela comunicação produzida pelo MST diante do campo discursivo, uma vez que a visibilidade empregada aproxima-se de uma disputa argumentativa. Nesse sentido, opto por aproximar os conceitos de deliberação pública e deliberação mediada do contexto dos movimentos sociais. Para isso, o artigo toma como *corpus* de pesquisa as matérias publicadas no site do movimento, na seção “Especiais – Campanha: Em defesa do Código Florestal”, durante o período de março a dezembro de 2010, ano em que o Código Florestal ganhou mais destaque.

O MST e o Código Florestal

Enquanto movimento organizado, o MST começou a se articular durante a realização do I Encontro Nacional dos Sem Terra (1984), realizado em Cascavel, no Paraná. O evento contou com a participação de mais de 80 pessoas oriundas de 13 estados do Brasil. “Ali, decidem fundar um movimento camponês nacional, o MST, com três objetivos principais: lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país” (SECRETARIA NACIONAL DO MST, 2010a, p. 9).

Negri (2005) registra uma preocupação ambiental no “Plano Nacional do MST: 1989 a 1993”. A partir daí, da sua fundação (1984) até o começo dos anos 2000, no governo Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), o movimento preocupou-se eminentemente com a regulamentação constitucional das desapropriações para a reforma agrária e com a garantia de que a reforma pudesse ser implementada. A questão ambiental, contudo, ficou periféricamente inserida nos documentos do movimento.

Costa Neto e Canavesi (2002) afirmam que, de 1995 em diante, o MST intensificou o discurso programático em favor da sustentabilidade, ao unir-se aos representantes de organizações não governamentais

(ONGs) ligadas às questões da preservação ambiental e do desenvolvimento sustentável. Como pontua o autor, somente a partir de 2000, durante a realização do 4º Congresso do Movimento, é que o MST vai intensificar o diálogo com a pauta ambiental. É nesse período que o movimento lança um documento específico para tratar da questão ambiental. No documento, intitulado “Nossos compromissos com a terra e com a vida”, dez resoluções apontam caminhos para proteger e preservar a natureza e todas as formas de vida.

Nos últimos anos, o MST tem intensificado a aproximação com o discurso político ambiental e realizado jornadas e campanhas de luta por um novo modelo de desenvolvimento no campo. Tal mudança está relacionada, sobretudo, com a opção do governo brasileiro em fortalecer o agronegócio como modelo de desenvolvimento para o campo, permitindo uma forte entrada do capital estrangeiro para acúmulo de terras e para a produção de *commodities* agrícolas. Nesse contexto, a questão ambiental passa a ser um novo elemento na disputa pelo projeto de sociedade que o MST quer construir, compreendendo que a mudança nas relações entre homem e natureza são fundamentais para a construção de uma nova sociedade.

As alterações no Código Florestal foram uma das últimas etapas recentes da disputa ambiental no país, envolvendo movimentos sociais e redes de movimentos sociais³ de um lado e, do outro, os

³ Neste artigo, opto por trabalhar com os conceitos de *movimentos sociais* e *redes de movimentos sociais* por entender que se tratam de processos diferenciados. Além disso, o material aqui analisado é oriundo das duas vertentes: do MST (movimento social) e de ONGs e outros movimentos com os quais o MST tem parceira (redes de movimentos sociais). Nesse sentido, entendo *movimentos sociais* como “ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil. [...] Os movimentos geram uma série de inovações nas esferas pública (estatal e não-estatal) e privada; participam direta ou indiretamente da luta política de um país, e contribuem para o desenvolvimento e a transformação da sociedade civil e política” (GOHN, 2011, p. 251). Já *redes de movimentos sociais* podem ser definidas como “redes sociais complexas, que transcendem organizações empiricamente delimitadas, e que conectam, simbólica e solidaristicamente, sujeitos individuais e atores coletivos, cujas identidades vão se construindo num processo dialógico” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 216).

chamados “ruralistas”, donos de grandes investimentos agropecuários e com forte inserção no Congresso brasileiro e na Confederação Nacional da Agricultura (CNA).

O Código Florestal brasileiro é o conjunto de normas que estabelece limites ao uso da propriedade, garantindo a preservação da cobertura vegetal. O primeiro código foi criado em 1934, pelo governo Getúlio Vargas, numa tentativa de preservar as florestas e ordenar o uso dos recursos naturais. Em 1965, o código passou por uma nova redação, fixando um novo valor máximo para a retirada da cobertura vegetal. Entre 1996 e 1998, a partir da edição de medidas provisórias, o código sofreu novas alterações, numa tentativa de frear os recordes nos índices de desmatamento do país.

Até 2009, 36 projetos de lei haviam sido apresentados com o intuito de substituir por completo a legislação vigente. No mesmo ano, a Câmara dos Deputados criou uma comissão especial para analisar 11 desses projetos, de forma a integrá-los na constituição do texto do novo Código Florestal. A relatoria ficou a cargo do deputado federal Aldo Rebelo (PCdoB-SP). No ano seguinte, em 2010, foram realizadas audiências públicas sobre o código para que a população pudesse participar e contribuir. Segundo o SOS Florestas (2010, p. 7), as audiências foram “em sua grande maioria organizada por sindicatos ou organizações alinhadas à Confederação Nacional da Agricultura”.

Em maio de 2011, sob intensa pressão política, o relatório de Aldo Rebelo foi aprovado e remetido ao Senado, que o discutiu em dezembro do mesmo ano. Por apresentar vários substitutivos, o texto voltou à Câmara Federal para nova apreciação, desta vez sob relatoria do deputado Paulo Piau (PMDB-MG). O texto final, já aprovado na Câmara, teve ainda doze pontos vetados pela presidenta Dilma Rousseff.

Dentro do percurso pelo qual passou o Código Florestal brasileiro, ressaltamos a importância da comunicação como palco para argumentações e contra-argumentações dos diversos grupos envolvidos nesse processo, principalmente através da internet. Diversos sites institucionais foram criados a fim de dar suporte às campanhas criadas e estimular o debate para a formação de uma opinião pública. Os argumentos foram oriundos dos dois lados (ambientalistas e ruralistas) e tiveram o

apoio de redes de movimentos sociais, de forma a estabelecer laços de mobilização e solidariedade.

Assumindo o caráter dicotômico do processo, destaco, em um rápido levantamento, os sites de movimentos e redes de movimentos sociais que tratam especificamente sobre o assunto:⁴ SOS Florestas; Comitê Brasil em defesa das florestas e do desenvolvimento sustentável; e a página especial do MST sobre o assunto.⁵ Fora da esfera civil, destaque para a página especial do Senado Federal sobre o Código Florestal. Também ressalto a atuação dos sites do Movimento Sou Agro e da Conferência Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), ligados ao setor empresarial, que trouxeram ampla cobertura sobre o caso.

Neste artigo, procuro entender o processo de deliberação mediada ocorrido à época da tramitação do Código Florestal Brasileiro, compreendendo como os movimentos sociais, especificamente o MST, utilizam seus próprios canais de comunicação na tentativa de promover e mediar a deliberação, de forma a construir e fomentar o debate ambiental. A deliberação aqui é entendida como “processo argumentativo” (MAIA, 2008a, p. 166) e, ainda, como “intercâmbio de razões feito em público” (COHEN apud MAIA, 2008a, p. 166).

Princípios argumentativos e discursivos da deliberação

Dentro da teoria política, a deliberação é, hoje, uma das linhas de investigação que mais têm crescido nos últimos anos, permitindo o surgimento de um grande volume de debates, proposições e reflexões sobre a participação dos mais variados atores sociais no debate público e na formulação acerca de uma teoria da democracia deliberativa. Dois pensadores destacam-se quanto às contribuições para a consolidação teórica de um modelo de democracia deliberativa e de deliberação pública: o norte-americano John Rawls e o alemão Jürgen Habermas. Este artigo desenvolve-se amparado na perspectiva habermasiana.

⁴ Disponíveis em: <<http://www.sosflorestas.com.br/>>; <<http://www.comiteflorestas.org.br/>>; <<http://www.mst.org.br/em-defesa-codigo-florestal>>; <<http://www12.senado.gov.br/codigoflorestal>>; <<http://www.souagro.com.br/>>; <<http://www.souagro.com.br/>>; <<http://www.canaldoprodutor.com.br/>>.

⁵ Disponível em: <<http://www.mst.org.br/em-defesa-codigo-florestal>>.

Em Jürgen Habermas, o princípio da deliberação está presente, inicialmente, na obra *Mudança estrutural da esfera pública* (1962 [1984]). Ao fazer um apanhado histórico-sociológico da constituição da esfera pública e das mudanças ocorridas nessa categoria a partir da constituição dos *media*, o filósofo alemão aponta para uma perspectiva na qual se faz presente a ideia da argumentação e da discussão. “Só à luz da esfera pública é que aquilo que é consegue aparecer, tudo se torna visível a todos. Na conversação dos cidadãos entre si é que as coisas se verbalizam e se configuram” (HABERMAS, 1984, p. 16).

Para o autor, esse “modelo ideológico”, proveniente de uma esfera pública helênica, manteve-se ao longo da Renascença, passando pelo período clássico, Idade Média e pela constituição do Estado burguês, e, embora a esfera pública esteja se diluindo, como afirma o filósofo, ela ainda é considerada o principal ordenamento político. Para Gomes (2008a):

Pensada em conformidade com o seu padrão ideológico, uma esfera pública, não importa se segundo o modelo helênico ou burguês, deve ser compreendida como aquele âmbito da vida social em que, interesses, vontades e pretensões que comportam consequências concernentes à comunidade política se apresentam na forma de argumentação ou de discussão (GOMES, 2008a, p. 35).

Ao caracterizar a esfera pública no âmbito argumentativo/discursivo, Gomes (2008a) afirma que há dois requisitos fundamentais para a sua constituição. O primeiro é a palavra, ou a comunicação, uma vez que as vontades e os interesses devem ser considerados a partir do momento em que ganham expressão em anunciados. O segundo requisito é que as trocas públicas de argumentos sejam conduzidas com razoabilidade e racionalidade. Dessa forma, como aponta o autor, “[...] interesses, vontades e pretensões dos cidadãos, mediados argumentativamente, contraem-se e verificam-se reciprocamente” (GOMES, 2008a, p. 36).

Para Habermas, a esfera pública moderna sofreu mudanças estruturais significativas ao longo do curso histórico. Essas mudanças ocorreram, principalmente, no âmbito do Estado, da família, dos partidos políticos, da imprensa e das relações com o mercado, caracterizando

um descentramento das variadas esferas citadas pelo filósofo ao longo da sua obra. Assim, a mudança na esfera pública, íntima e privada vai contribuir para a mudança da esfera pública moderna. Tais transformações estruturais ficam mais evidentes na esfera pública moderna com a influência da comunicação de massa. Segundo Habermas (1984), esse tipo de comunicação permitiu uma expansão da esfera pública, mas, em contrapartida, permitiu uma maior influência dos interesses, sejam eles privados, individuais ou coletivos, nessa esfera.

Embora, em *Mudança estrutural da esfera pública*, haja um tom pessimista quanto aos rumos da esfera pública na atualidade, em *Direito e Democracia* (1992), também de Jürgen Habermas, a esfera pública é revalorizada, convertendo-se na ideia de deliberação pública (GOMES, 2008b). O argumento volta a ser um fator importante para a constituição democrática deliberativa e, ainda, para configurar legitimidade aos processos democráticos. Os procedimentos e os pressupostos comunicativos funcionam como um canal para a racionalização discursiva.

Influenciado pelos princípios habermasianos, John S. Dryzek (2004) também percebe na argumentação/discussão uma proposta para a construção da legitimidade democrática. Desse modo, o autor vê, em Habermas, condições para que a deliberação possa ser empreendida por muitos, diferentemente do que afirmava John Rawls, o qual, embora admitisse outros processos de legitimação, acreditava que a deliberação só deveria ser estendida a muitos quando o assunto tratado versasse sobre questões concernentes à legislação (DRYZEK, 2004).

Segundo Dryzek (2004, p. 48), tomando a esfera pública como o local mais importante para a política deliberativa, é possível ampliar a ideia de uma deliberação difusa, na qual, reconhece o autor, “a esfera pública é a qualquer tempo lar de uma constelação de discursos”. Para isso, o autor toma como referência o conceito não habermasiano de discurso, no qual o modo de se compreender o mundo está relacionado à linguagem. “Nesse sentido, um discurso sempre apresentará determinadas assunções, juízos, discordâncias, predisposições e aptidões” (DRYZEK, 2004, p. 49).

Outra característica da constelação de discursos empregada por Dryzek (2004) é a possibilidade de haver discursos que não podem ser

medidos apenas de forma legislativa, mas podem ser utilizados nas lutas cotidianas ou de resistência. Levando-se em conta a influência da comunicação na esfera discursiva, trataremos agora do conceito de deliberação mediada.

Deliberação mediada e a visibilidade dos acontecimentos

Como dito anteriormente, os *media* têm exercido um papel fundamental para a circulação de informações, formação de opiniões e promoção de debates. É nesse espaço que a deliberação tem encontrado um lugar importante de mediação entre os cidadãos e o processo democrático. Marques e Miola (2010) consideram que os *media* exercem três tipos de função na formação de um debate público. A primeira está relacionada com o papel da comunicação como instrumento, garantindo o processo de visibilidade midiática. A segunda abordagem leva em conta a função da comunicação enquanto “provedora de insumo, ao disponibilizar a informação para subsidiar o debate” (MARQUES; MIOLA, 2010, p. 16). Por fim, tem-se o papel dos *media* enquanto agentes que tomam partido no próprio debate político. Contudo, como afirmam os autores, embora haja particularidades em cada uma das abordagens, as funções propostas não estão dissociadas, mas se entrecruzam.

Os *media* atuam como instrumentos, provedores de informação, agentes interessados, mas também, em termos gerais, enquanto arena de debate ao desempenharem qualquer das funções descritas acima – seja dando a ver atores com suas posições particulares, seja quando informam (orientando-se por critérios jornalísticos), ou mesmo quando oferecem seus próprios pontos de vista, pois, na qualidade de espaço de visibilidade pública de questões e perspectivas, compõem, juntamente com as demais dimensões discursivas formais e informais da sociedade e do Estado, um sistema deliberativo ampliado (MARQUES; MIOLA, 2010, p. 20).

Todas as funções citadas consideram um princípio que é, segundo Maia (2008a), fundamental para a deliberação: a publicidade, entendida aqui como “‘caráter e qualidade do que é público’, a propriedade das

coisas na medida em que estão visíveis e disponíveis para o reconhecimento do comum” (p. 167). Ainda segundo a autora, há duas concepções distintas de publicidade, uma de sentido fraco e outra de sentido forte. A primeira concepção está relacionada à noção de visibilidade e exposição social dos mais variados fenômenos, em oposição à ideia de segredo. A segunda definição, de sentido forte, diz respeito às normatizações do diálogo e à negociação do entendimento em público.

Tomando como referência o teórico James Bohman, Maia (2008a) defende ainda a ideia de que a publicidade atua em três níveis: (1) cria um espaço propício para a deliberação; (2) governa o processo de deliberação, na medida em que os interlocutores assumem responsabilidades sobre seus próprios proferimentos; (3) e, por fim, a publicidade produz um padrão para julgar os próprios acordos, levando em conta o uso da razão pública.

Dessa forma, a publicidade é considerada, sob uma perspectiva kantiana, como aquele princípio único a garantir o acordo da política com a moral (HABERMAS, 1984). Segundo Maia (2008a), o filósofo alemão sustenta ainda que o princípio da publicidade não está fora da vida social, mas que “várias formas de argumentação são acionadas para lidar com problemas recorrentes no dia-a-dia” (MAIA, 2008a, p. 170). Outras duas características são importantes para a constituição desse modelo de deliberação: a oportunidade do outro de participar da discussão, de forma que se sustentem os argumentos outrora lançados; e o princípio de uma argumentação capaz de ser proferida de acordo com as convenções sociais.

Neste texto, tomaremos a concepção de publicidade como visibilidade midiática para analisar como os movimentos sociais, a exemplo do MST, utilizam seus próprios canais de comunicação como mediadores para construir e dar visibilidade ao debate ambiental. Para isso, leva-se em conta que espaço midiático de visibilidade é composto por uma variedade de conteúdos: materiais culturais e artísticos, de entretenimento, jornalismo de diferentes formatos, documentários, peças publicitárias (MAIA, 2008a, p. 172), sendo constituído, assim, pelo conjunto de emissões dos *media*. O material dos *media* fomenta de forma circular a esfera pública política, disposta como *locus* da *argumentação*.

Dentro da perspectiva da deliberação mediada, ressalta-se, neste artigo, a forma como os movimentos sociais e as mais diversas redes sociais utilizam a comunicação como uma esfera importante de visibilidade ao discurso empreendido em suas lutas. Há, nesse sentido, uma tentativa de promover o agendamento político dos temas trabalhados pelos movimentos e, ainda, originar discursos contrários ao que são, na maioria das vezes, dominantes na sociedade. Os atores sociais podem, ademais, utilizar o espaço dos *media* para reverter cenários negativos sobre a própria imagem e dar transparência e publicidade aos processos que estão ocorrendo. Para Maia (2008a, p. 190), “Num processo em longo prazo, a incorporação das falas dos atores críticos da sociedade civil no espaço midiático de visibilidade é mais bem apreendida como uma contribuição à ação conjunta de deliberação pública”.

Retomando a perspectiva de Dryzek (2004, p. 56) sobre a competição de discursos na esfera pública, as redes de movimentos sociais se tornam um elemento importante, visto que agregam uma diversidade de atores que trabalham de acordo com os princípios da virtude deliberativa padrão: igualdade, transparência, respeito e reciprocidade. “Esses princípios não descrevem apenas por acaso determinadas redes; eles são necessários para o formato das redes”.

Diante disso, a internet tem se configurado como um espaço importante de circulação dos discursos e um lugar estratégico para a mobilização e articulação das mais variadas redes sociais. Vencendo os limites geográficos e temporais, as lutas estão cada vez mais des-territorializadas e passam a ganhar uma visibilidade cada vez maior, pois os discursos são multiplicados a partir de uma extensa rede social. Contudo, é importante ressaltar que o alcance desses discursos ainda não se dá na mesma proporção e com a mesma simultaneidade dos discursos/argumentos empreendidos pelos grandes conglomerados de comunicação. Assim, a presença dos mais variados grupos na internet resolve apenas em parte o problema da desigualdade midiática.

Apesar disso, para Moraes (2000), os movimentos sociais possuem cada vez mais consciência das vantagens de curto, médio e longo prazo geradas por uma comunicação *on-line*. O autor ressalta como benefícios dessa comunicação o barateamento dos custos, o raio de

abrangência global, a velocidade de transmissão, circulação e recepção das mensagens. Desde que o movimento mexicano Exército Zapatista de Libertação⁶ adentrou a internet, em 1994, o número de movimentos e redes que participam da esfera virtual vem crescendo. Mesmo movimentos considerados sem grande expressão em um cenário mais amplo adotam a internet como plataforma para lançar seus discursos. De fato, os movimentos sociais enxergam na comunicação uma forma de se fortalecer e atingir os objetivos das lutas propostas.

Nesse sentido, o MST vem desenvolvendo uma política de comunicação que busca estabelecer um contraponto ao que é veiculado nos grandes meios de comunicação de massa e, ainda, colocar em pauta um discurso ideológico próprio. Com isso, o movimento organiza o setor de comunicação, ligado à Coordenação Nacional do MST, cuja função é a produção de materiais e a assessoria de comunicação. O MST possui, ainda, vários produtos, como o jornal mensal *Sem Terra*, a revista bimestral *Sem Terra*, o programa de rádio *Vozes da Terra* e o site do movimento.⁷

Além disso, o movimento tem empreendido campanhas e jornadas de luta como forma de dar visibilidade às suas lutas. Por meio de cartazes, mensagens de rádio, vídeos, exposição de fotos, marchas, entre outras ações, as campanhas procuram levar a mensagem do MST contra a exploração da terra. Grande parte das campanhas rejeita o modelo do agronegócio – que alia capital estrangeiro à exploração violenta e devastadora da terra – e defende um modelo de produção agroecológico.

Análise do material

A partir das considerações feitas sobre a deliberação mediada, utilizo a análise de conteúdo como metodologia para este artigo. A escolha

⁶ Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) é referência como um dos primeiros movimentos a utilizar a internet para difundir os ideais e lutas. Moraes (2000) registra que o líder do grupo, o subcomandante Marcos, utilizava o e-mail para veicular informações sobre a resistência do grupo às ações do governo mexicano. O EZLN foi também um dos primeiros movimentos a colocarem no ar uma página na internet, com o endereço <www.ezln.org>.

⁷ O site funciona no seguinte endereço: <www.mst.org.br>.

leva em conta que “a leitura efetuada pelo analista de conteúdo procura evidenciar o sentido que se encontra em segundo plano” (FONSECA, 2011, p. 299). Com isso, a proposta é identificar o que Maia (2006; 2008b) categoriza como “indicadores de deliberação”, sendo eles correspondentes a: “a) acessibilidade e caracterização dos participantes; b) utilização de argumentos; c) reciprocidade e responsividade; d) reflexividade e revisibilidade de opiniões” (2008b, p. 82).

Para este trabalho, foram analisadas 67 matérias, que estão disponíveis na seção “Especiais” do site do MST, sendo parte da campanha intitulada “Em defesa do código Florestal”. Essa seção é uma espécie de boletim especial, na qual é possível acompanhar o desenrolar dos temas que são destaque para o movimento. Todas as matérias analisadas aparecem relacionadas nesta página. Assim, a facilidade de acesso foi um fator que contribuiu para a escolha.

Os textos analisados são referentes ao período de março a dezembro de 2010, período que retrata o ano de maior efervescência para as discussões sobre o Código Florestal, uma vez que estavam sendo realizadas as audiências públicas para receber contribuições da sociedade civil. Além disso, foi o ano em que o relator do projeto apresentou o texto final com o parecer favorável.

É importante ressaltar que nem todos os textos analisados são produções do próprio MST. Há textos provenientes de sites de parceiros do movimento como o *Greenpeace*, o *SOS Florestas*, a *Agência Adital* e a *Câmara dos Deputados*. Textos de grandes jornais como *Valor Econômico*, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* também constam na análise. Isso demonstra que o site do MST faz uma seleção prévia do material disponibilizado, filtrando o que mais interessa ao movimento: quem deve ganhar destaque como fonte e quais enquadramentos devem ser utilizados. Como afirma Maia (2006), “os recursos narrativos, linguísticos e imagéticos, utilizados pelos profissionais da mídia, não podem ser reduzidos às opções de sujeitos individuais, mas, ao invés disso, devem ser compreendidos como parte de um subsistema e seus ambientes de ação” (p. 20). De fato, a análise feita é de que o material veiculado e selecionado traz elementos que corroboram com a ação política do MST.

Nem todos os textos são de cunho jornalístico. Alguns expressam a opinião do MST ou da rede de movimentos sociais sobre o processo do Código Florestal, como forma de demonstrar uma contra-argumentação ao fato gerado nos *media* convencionais, ampliando a “constelação de discursos”. Mesmo os textos de cunho jornalístico trazem expressões que demonstram claramente a posição do movimento, como o uso constante de termos como “Código Florestal do Aldo Rebelo”. Dessa forma, o debate aqui empreendido não se constitui como um momento dialógico em espaços institucionalizados, mas como “trocas argumentativas distendidas no tempo e no espaço, publicamente acessíveis” (MAIA, 2006, p. 20).

Partindo para a avaliação a partir dos “indicadores de deliberação”, o primeiro item a ser avaliado é o da *acessibilidade e caracterização dos participantes*. Segundo Maia (2006), é preciso observar quem se constitui como fonte para os textos jornalísticos e para as demais narrativas midiáticas.

Nas matérias publicadas no site do MST, há um relativo equilíbrio nas fontes ouvidas. É possível observar também uma certa pluralidade, conferindo, dessa forma, uma legitimidade ao processo discursivo. O maior destaque é dado aos representantes políticos. Aqui, a categoria criada relaciona parlamentares, empresários ligados diretamente aos ruralistas (uma vez que atuam como lobistas políticos), ministros e os candidatos e candidatas à Presidência da República à época.⁸

Dos 67 textos analisados, 51 trazem fontes de informação.⁹ Vinte e duas fontes podem ser enquadradas nessa categoria. Os parlamentares aparecem em um número bem maior, visto que foram os personagens principais da elaboração do Código Florestal. Ainda dentro do recorte temporal estabelecido, o deputado Aldo Rebelo é o que aparece com mais frequência, por ser o relator do projeto. Por isso,

⁸ A candidata à Presidência da República pelo Partido Verde, Marina Silva, fez aparições públicas, durante a campanha, questionando as mudanças no Código Florestal e cobrou um posicionamento público dos demais candidatos à disputa presidencial. Um grupo da rede de movimentos sociais, ligado à ex-senadora também lançou nota pública, cobrando uma resposta dos candidatos.

⁹ Levando-se em conta também os textos opinativos

expressões como “o código do Aldo” são empregadas várias vezes. É importante ressaltar, ainda, que apenas um parlamentar é considerado como fonte de oposição ao projeto, embora, nessa fase de discussão, não participasse diretamente.¹⁰

Já os dirigentes, colaboradores do MST e a rede de movimentos sociais aparecem 16 vezes como fontes de informação. Enquanto isso, especialistas são listados 13 vezes. Na maioria dos casos, eles exercem o papel do “outro lado”, ou seja, são o contraponto aos argumentos defendidos pelo primeiro grupo, dos parlamentares, e reafirmam o discurso construído pelos movimentos.

O segundo aspecto está relacionado com a *utilização de argumentos*. Esse indicador refere-se às argumentações e contra-argumentações proferidas na esfera discursiva. É aqui que se destaca o princípio da publicidade, uma vez que são expostos os fatos sociais e há um processo de negociação pública para que se chegue a um entendimento. Além disso, os *media* produzem e fazem circular bens simbólicos de natureza distinta, que vão desde programas ficcionais e de entretenimento até programas jornalísticos.

Na cobertura feita pelo MST sobre o Código Florestal, é possível observar que há dois argumentos antagônicos. De um lado, estão os argumentos compostos pela rede de movimentos sociais (incluindo o MST), setores da Igreja e Organizações Não Governamentais (ONGs). Esse grupo defende a manutenção do código então vigente, em prol da garantia da preservação ambiental e contra a expansão do agronegócio. Tal argumentação é percebida no texto “A nova ofensiva do agronegócio contra o povo brasileiro”.

Em relação ao Código Florestal, a votação do relatório apresentado pelo deputado federal Aldo Rebelo (PCdoB-SP) está prevista para o começo de julho. O texto do projeto de lei beneficia os latifundiários do agronegócio, com a abolição da Reserva Legal para agricultura familiar, a possibilidade de compensação fora da região ou da bacia hidrográfica e a trans-

¹⁰ Neste caso, trata-se do senador Randolfe Rodrigues (PSOL-AP).

ferência da responsabilidade de definição da legislação ambiental para os Estados e Municípios. Mais preocupante para a Reforma Agrária é a anistia a todos os produtores rurais que cometeram crimes ambientais até julho de 2008 (BOLETIM LETRA VIVA, 25/06/2010).¹¹

Contraopondo-se a essa argumentação estão os parlamentares relatores da matéria, a chamada bancada ruralista, e os dirigentes da CNA. O argumento desenvolvido por eles é de que Código Florestal trará benefícios econômicos ao país, com a abertura de novas áreas agrícolas e, ainda, com o aumento na produção de alimentos.

Uma corrida por autorizações de desmatamento pode ocorrer até que a reforma do código florestal, aprovada antealemente em comissão especial da Câmara, vire lei. A previsão não foi feita por ambientalistas, mas pela presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), senadora Kátia Abreu (DEM-TO), ao avaliar texto do deputado Aldo Rebelo (PCdoB-SP). Kátia aponta pressão pela abertura de novas áreas para agricultura e pecuária em Mato Grosso e no Tocantins. “É um direito legítimo querer desmatar dentro dos percentuais permitidos da lei”, disse Assuero Veronez, presidente da comissão de meio ambiente da CNA (O ESTADO DE SÃO PAULO, 08/07/2010).¹²

Embora o site também demonstre o posicionamento do grupo antagonístico, percebe-se que esse argumento é apresentado de forma negativa. Tomo como exemplo o trecho citado acima, que ganhou o título de ““É um direito legítimo desmatar”, defende CNA”. Além de o título ser parte de um trecho da matéria, a palavra “desmatar” traz em si um valor negativo, no sentido de que a floresta que estava ali passará a não mais existir.

¹¹ BOLETIM LETRA VIVA. A nova ofensiva do agronegócio contra o povo brasileiro. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/A-ofensiva-do-agronegocio-contra-o-povo->>. Acesso em: 27 jun. 2012.

¹² O ESTADO DE SÃO PAULO. “É um direito legítimo desmatar”. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/10229>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

Outro indicador de deliberação está relacionado com *a reciprocidade e a responsividade*. Ou seja, a existência de uma interação discursiva entre os atores, de forma a que os envolvidos argumentem e contra-argumentem no espaço de visibilidade midiática. Conforme afirma Maia (2008b), “para se constituir um debate, é preciso haver certo grau de reciprocidade entre os sujeitos ou atores, vistos como parceiros do diálogo. No entanto, não é necessário haver uma reflexão ponto a ponto de todas as indagações feitas” (p. 93).

Na análise empreendida, é possível observar esse indicador de duas formas. De maneira geral, localizando o site do MST no conjunto dos *media*, é possível perceber que o site é o local no qual os argumentos do movimento são levados ao público. Para tanto, é necessário perceber o contexto da divulgação. Isso quer dizer que, por exemplo, as notas do movimento são divulgadas considerando os fatos já ocorridos ou que estão prestes a acontecer, cuja decisão, certamente, não permitiu que o movimento se reconhecesse. Para ilustrar essa questão, tomo a nota “Via Campesina rechaça proposta de mudanças no Código Florestal”, publicada em 13 de dezembro de 2010.

Rechacamos a proposta de alteração apresentada pelo deputado Aldo Rebelo, que incorpora as grandes pautas dos ruralistas, como redução da Área de Preservação Permanente e a anistia das multas por desmatamentos. O Código Florestal é uma legislação inovadora, que está pautada pela utilização sustentável da floresta. Ao contrário do que dizem os ruralistas e seus aliados, o Código Florestal não cria áreas improdutivas, intocadas. Ele apenas define que, acima dos interesses privados e do lucro, está o interesse de toda a sociedade brasileira para que a floresta seja usada de forma sustentável (VIA CAMPESINA, 2010, não paginado).

A partir de uma possível pressão da bancada ruralista para que o relatório do deputado Aldo Rebelo pudesse ser aprovado na Câmara, a Via Campesina, da qual o MST faz parte, lança nota condenando o texto do deputado a partir dos argumentos expostos acima. Contudo, no site, não há indícios de que Aldo Rebelo, citado no trecho, tenha tido espaço

para contra-argumentar à nota. É provável que ele tenha feito isso em outro veículo de comunicação.

Em uma visão mais particular da disputa argumentativa, é possível perceber o diálogo entre os atores envolvidos. A nota “Em defesa da preservação ambiental”, publicada pela Secretaria Nacional do Movimento, antecipa uma possível votação na comissão especial em 21 de maio de 2010.

Os parlamentares da comissão especial que discute alterações no Código Florestal devem votar, no começo do mês de junho, o relatório final de mudanças na legislação. Denunciamos que o relatório deve atender apenas aos interesses dos ruralistas, pela ausência de um debate amplo sobre o tema. Eles pretendem consolidar o desmatamento que já promoveram no Cerrado, Mata Atlântica, Pampas e Caatinga e avançar na destruição da Amazônia. O Código Florestal é uma barreira ao avanço do agronegócio, porque impõe limites à devastação ambiental na atividade agrícola [...] (SECRETARIA NACIONAL DO MST, 2010b, não paginado).¹³

O contra-argumento é exposto quando, de fato, o projeto vai à votação, em 9 de julho de 2010. A matéria “Relatório flexibiliza regras de preservação do meio ambiente” traz argumentos do deputado Aldo Rebelo para defender o seu relatório.

Eu busquei fazer um projeto que beneficiasse todos, pois precisamos da proteção da natureza e da produção agrícola. Durante os cinco anos de moratória para abertura de novas áreas, não haverá nenhuma autorização para desmatamento para agricultura e pecuária nas propriedades já abertas nem em propriedades futuras. Nesses cinco anos, quem não se adaptar à lei terá que voltar a responder pelo rigor da legislação atual, disse Rebelo (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2010a, não paginado).¹⁴

¹³ “Em defesa da preservação ambiental”. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/9911>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

¹⁴ MST. <Relatório flexibiliza regras de preservação do meio ambiente>. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/10067>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

O último indicador é o de *Reflexividade e revisibilidade de opiniões*, cuja definição prevê a possibilidade de mudanças discursivas na argumentação dos autores envolvidos. “Tal indicador aponta para um processo de aprendizagem, pelo qual os participantes podem rever as próprias opiniões, ou os próprios argumentos, a fim de incorporar novos aspectos ou de aperfeiçoar as razões em disputa” (MAIA, 2008b, p. 94). Nesse ponto, foi identificado um indício significativo de mudança argumentativa. Na nota “Em defesa do meio ambiente brasileiro e da produção de alimentos saudáveis: Não ao substitutivo do código florestal!”, na qual diversas entidades, incluindo o MST, reconhecem a necessidade de uma mudança no Código Florestal, visto que a legislação vigente teve origem ainda em 1965. No entanto, os movimentos mantêm a argumentação de que a proposta apresentada beneficia exclusivamente os ruralistas. Destaque para o seguinte trecho da nota:

[...] Entidades populares, agrárias, sindicais e ambientalistas, admitem a concreta necessidade de aperfeiçoamento do Código criando regulamentações que possibilitem atender às especificidades da agricultura familiar e camponesa, reconhecidamente provedoras da maior parte dos alimentos produzidos no país. [...] Podemos afirmar que o texto do Projeto de Lei é insatisfatório, privilegiando exclusivamente os desejos dos latifundiários (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2010, não paginado).¹⁵

Embora essa seja a única mudança aparente, percebe-se uma ampliação cada vez maior da disputa argumentativa. Na medida em que o grupo formado pelo MST e a rede de movimentos sociais não consegue atingir seu objetivo (de retroceder com as mudanças no Código Florestal), nota-se um aumento da argumentação, de forma a suscitar e jogar a responsabilidade do debate também para a sociedade de um modo geral.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.mst.org.br/Manifesto-rejeita-mudancas-propostas-por-Aldo-Rebello-no-Codigo-Florestal%20>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

Considerações finais

De um modo geral, os meios de comunicação têm empreendido um papel importante na disputa argumentativa entre os diversos atores, colocando em prática uma publicidade maior aos fatos e deixando à margem qualquer possibilidade de segredo. Isso permite que haja um acesso mais amplo das nuances do jogo político. Obviamente, ainda há restrições quanto ao público atingido, quanto à velocidade com a qual a informação chega e à forma como ela é elaborada. No site do MST, como observado, a informação é proveniente de uma extensa rede de colaboração, promovendo uma unidade discursiva entre os atores e potencializando os argumentos.

Diferentemente do que se estuda em relação aos movimentos sociais e à questão da visibilidade midiática, na qual os movimentos são sempre promotores de uma espetacularização política, aqui percebemos que a visibilidade pode estar relacionada aos princípios argumentativos da discussão, promovendo uma certa publicidade dos fatos.

Para Gohn (2000), os princípios discursivos, previstos por Habermas, no interior dos processos argumentativos, asseguram a validação de uma teoria ou de normas sociais. Segundo a autora, nesse sentido, a internet tem potencializado os movimentos a interferirem nos debates mais amplos que constroem a institucionalidade vigente em um país. Com isso, as mídias geridas pelos próprios movimentos são de extrema importância para que seja garantido o direito à pluralidade de opiniões.

Bibliografia

COSTA NETO, Canrobert P. L.; CANAVESI, Flaviane. Sustentabilidade em assentamentos rurais. O MST rumo à “reforma agrária agroecológica” no Brasil? In: ALIMONDA, Héctor (Org.). *Ecología política: naturaleza, sociedad y utopia*. México: Clacso, 2002. p. 203-215.

DRYZEK, John. Legitimidade e economia na democracia deliberativa. In: COELHO, Vera; NOBRE, Marcos (Org.). *Participação e delibe-*

ração: teoria democrática e experiências institucionais no Brasil contemporâneo. São Paulo: Ed. 34, 2004. p. 41-62.

FONSECA Júnior, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2011.

GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos Movimentos Sociais*: paradigmas clássicos e contemporâneos. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

GOHN, Maria da Glória. *Mídia, terceiro setor e MST*: impactos sobre o futuro das cidades e do campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GOMES, Wilson. Esfera pública política e comunicação em *Mudança estrutural da esfera pública* de Jürgen Habermas. In: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M. *Comunicação e Democracia*: problemas & perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008a.

GOMES, Wilson. Esfera pública política e comunicação em *Direito e Democracia* de Jürgen Habermas. In: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M. *Comunicação e Democracia*: problemas & perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008b.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*: investigações quanto a uma categoria de sociedade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

MAIA, Rousiley Celi Moreira. Visibilidade midiática e deliberação pública. In: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M. *Comunicação e Democracia*: problemas & perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008a.

MAIA, Rousiley Celi Moreira. A deliberação nos *media*: apontamentos conceituais. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, v. 29, n. 50, p. 81-101, 2008b.

MAIA, Rousiley Celi Moreira. A dinâmica da deliberação: indicadores do debate midiado sobre o referendo do desarmamento. *Contemporânea*, Salvador, v. 4, n. 2, p. 13-44, dez. 2006.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida; MIOLA, Edna. Deliberação mediada: uma tipologia das funções dos *media* para a formação do debate público. *Estudos em Comunicação*, v. 1, n. 7, p.1-28, maio 2010.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Relatório flexibiliza regras de preservação do meio ambiente*. 2010a. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/10067>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA *Manifesto rejeita mudanças propostas por Aldo Rebelo no código florestal*. 2010b. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/Manifesto-rejeita-mudancas-propostas-por-Aldo-Rebelo-no-Codigo-Florestal%20>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

MORAES, Denis. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na internet. *Revista Brasileira de Ciência da Comunicação*, v. 23, n. 2, p. 142-155. jul./dez. 2000.

NEGRI, Paulo Sérgio. *A identidade ecológica do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST: o caso do Assentamento Dorcelina Folador*. Arapongas, PR, Londrina PR: [s. n.], 2005. Mimeografado.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes sociais na sociedade de informação*. In: MAIA, Rousiley Celi Moreira; CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola. *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SECRETARIA NACIONAL DO MST. 2. ed. *MST: lutas e conquistas*. São Paulo: 2010a.

SECRETARIA NACIONAL DO MST. *Em defesa da preservação ambiental*. 2010b. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/9911>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

SOS FLORESTAS. *Código Florestal: entenda o que está em jogo com a reforma da nossa legislação ambiental*, 2010. Disponível em: <<http://www.wwf.org.br/?27443/Codigo-Florestal-Entenda-o-que-esta-em>>

jogo-com-a-reforma-de-nossa-legislacao-ambiental>. Acesso em: 20 jun. 2012.

VIA CAMPESINA. *Via Campesina rechaça proposta de Aldo Rebelo para o Código Florestal*. 2010. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/Via-Campesina-rechaca-proposta-de-Aldo-Rebelo-para-o-Codigo-Florestal>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

EXTENSÃO E COMUNICAÇÃO EM PRÁTICAS EDUCATIVAS COM O MST NO PRONERA-UECE: dilemas e aprendizados

*Sandra Maria Gadelha de Carvalho
José Ernandi Mendes¹*

Introdução

O título do artigo faz referência ao livro de Paulo Freire, *Extensão ou Comunicação* (FREIRE, 1983), que trata da extensão rural no Chile, no contexto da reforma agrária, em 1969, enfocando a relação entre agrônomos e camponeses. A referência não é gratuita. De fato, concordamos com suas críticas a um trabalho de extensão reprodutor de uma estrutura hierárquica pautada no pressuposto de superioridade dos saberes do técnico, os quais seriam “depositados” sobre os camponeses. Nessa

¹ São professores do Curso de Pedagogia e do Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE-FAFIDAM/FECLESC), na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – Fafidam, da Universidade Estadual do Ceará (Uece). Doutores em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

perspectiva, o autor contrapõe o termo extensão a uma verdadeira comunicação, pois a realização desta requer o estabelecimento do diálogo em bases de uma reflexão conjunta sobre a prática produtiva inserida na realidade por ambos vivida. Ou seja, ocorreria extensão ou comunicação, sendo a comunicação um diálogo propiciador de uma reflexão que promova a compreensão das causas dos fenômenos, ultrapassando-se, portanto, a esfera da “doxa”, na qual os fenômenos são apenas objetivados. Desse modo, alcançar-se-ia o entendimento de suas raízes, com a possibilidade de uma nova prática, intercalando teoria e intervenção, numa práxis transformadora.

É exatamente esse processo comunicativo que procuramos construir nos projetos educativos realizados com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), sobre os quais nos debruçamos neste artigo. Tais projetos ocorreram no âmbito do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), promovido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), e foram efetivados como projetos de extensão universitária, na Universidade Estadual do Ceará (Uece), no período de 2005 a 2011. Na elaboração e efetivação dos projetos, professores(as) da universidade, educadores(as) dos movimentos sociais, estudantes universitários, todos procuramos compreender o sentido da extensão problematizando nossa prática e sistematizando o tipo de extensão que pretendíamos construir, na tentativa de estabelecimento da referida comunicação.

Dessa forma, nós, autores deste trabalho, ao incorporarmos as críticas elucidativas do educador Paulo Freire e tentarmos trilhar o caminho do estabelecimento de uma comunicação pautada no diálogo libertador, não lhe excluímos a extensão. Ao contrário, aditamos extensão e comunicação. Nosso intuito foi exatamente erigir um processo comunicativo entre a universidade e a sociedade, por meio de uma extensão universitária voltada para os interesses demandados pelos movimentos sociais. Também reconhecemos a extensão como uma construção histórica permeada

por diferentes concepções de homem, sociedade, educação, ciência, universidade e comunicação.

Efetivar esse processo comunicativo-educativo demanda bem mais que a boa vontade de construí-lo. Vários foram os desafios interpostos, desde o aprendizado de como lidar com um sem número de questões burocráticas, passando por um intenso debate institucional sobre esse novo tipo de extensão e, ainda, pela definição das questões metodológicas, as quais tinham como objetivo último responder às indagações: como construir uma prática educativa eivada por um processo comunicativo entre sujeitos com histórias de vida e posições hierárquicas diferenciadas no âmbito universitário? Como recriar na sala de aula um diálogo em que a superioridade do saber acadêmico não fosse mais uma vez “depositado” naqueles considerados “sem cultura”? Como avaliar em que medida estávamos realmente construindo uma comunicação possibilitadora de um olhar reflexivo e transformador da sociedade?

Sem inventário institucional para tal, tendo em vista sermos pioneiros na Uece em projetos no âmbito do Pronera, adotamos algumas pistas de outras experiências, os alertas de Paulo Freire e o diálogo constante com os participantes do movimento social como bússola. Neste artigo, procuramos compartilhar nossos aprendizados ao longo desse percurso.

Inicialmente, abordamos a extensão como síntese da comunicação entre universidade e sociedade. Assim, pois, compreendemos a extensão universitária como importante prática comunicativa na dimensão do fazer universidade, junto ao ensino e à pesquisa. Discutimos seu caráter político e filosófico na relação com a cultura popular, ao propiciar a aproximação da universidade à realidade dos movimentos sociais.

Em seguida, reportamo-nos às experiências do Pronera/Uece (2005-2011), produto da parceria com o MST, Incra-CE e Secretaria Estadual de Educação Básica do Estado do Ceará (Seduc), apresentando os projetos pedagógicos, objetivos, desafios e a metodologia construída a fim de propiciar a comunicação entre

os sujeitos participantes. Por fim, sintetizamos os aprendizados construídos ao longo desse processo comunicativo e pedagógico.

Esperamos que nossas reflexões possam contribuir para outros projetos que pretendam estabelecer uma educação libertadora, fazendo da extensão universitária uma prática cada vez mais comunicativa.

Universidade e extensão: significados em construção histórica

No Brasil, a construção da universidade se dá em meio a muitos dilemas e contradições. Num contexto de desenvolvimento capitalista do século XX, no qual a ciência desempenha um importante papel, a universidade, até então, centrada na pesquisa e ensino, atribui a si o papel de estender os conhecimentos produzidos pela ciência e a supremacia da técnica ao conjunto da sociedade.

A extensão universitária é um fenômeno relativamente recente (MELO NETO, 2001), ocorrendo, primeiramente, na segunda metade do século XIX, com as universidades populares da Europa.² Estas eram formadas por grupos autônomos em relação ao Estado, os quais pretendiam divulgar conhecimentos técnicos à população (SOUZA, 2005). As universidades norte-americanas, por iniciativa oficial, também foram pioneiras na prestação de serviços às comunidades “ignorantes” das zonas rurais. A concepção positivista, que dá sustentáculo ao ideário liberal, reforçará a supremacia da ciência sobre outras formas de ver, sentir e dizer o mundo. A técnica é galgada à condição de saber necessário,

² A ideia de socializar com a população o que se produzia no universo técnico-científico, aproximando a ciência da realidade social, surge na França e na Inglaterra no final dos anos de 1850, a partir de estudantes e professores vinculados a movimentos anarquistas. Posteriormente, motivados pela construção de valores igualitários e pela abertura do espaço universitário, criam as universidades populares, voltadas para a valorização da cultura popular e a formação crítica da classe operária. Segundo Gurgel (1986), destacam-se, ainda, as universidades populares da Alemanha, Itália e Bélgica. A respeito do Brasil, ver Souza (2005).

em detrimento de outros saberes construídos em práticas sociais diversas. De um lado, a universidade, em grande medida, constituiu-se o centro irradiador desse saber, e, de outro, a escola se organiza e se massifica na sociedade capitalista, legitimando os saberes científicos como os únicos considerados válidos pela perspectiva hegemônica (SOUZA, 2008).

Na disputa de projetos acerca do papel da universidade, as contradições afloram. Frente à elitização das instituições universitárias em relação à grande maioria da população, a qual tem o direito à educação básica negado, surgem diferentes perspectivas quanto à relação ciência e cultura popular, universidade e sociedade, técnica e saber popular, comunicação e educação.

Em 1918, estudantes argentinos (pioneiros na América Latina), no que veio a ser denominado de Movimento de Córdoba, defendem a divulgação da cultura às classes populares, mediante debates sobre problemas nacionais e latino-americanos frente ao imperialismo estadunidense. Melo Neto (2001) destaca que a dimensão da extensão como educação popular, presente na Carta de Córdoba, remonta às deliberações do Congresso Universitário em 1908, no México. Apesar dos esforços de uma universidade popular, o Movimento de Córdoba ainda está apegado à noção de cultura identificada como “padrão” de saberes e valores fornecidos pelas classes hegemônicas.

No Brasil, em 1931, dirigindo-se às faculdades existentes, o então Ministro da Educação, Francisco Campos, encaminha ao então Presidente da República, Getúlio Vargas, uma exposição de motivos em que defende a extensão como destinada “a dilatar os benefícios da atmosfera universitária àqueles que não se encontram diretamente associados à vida na universidade, [...] que concorrerão de modo eficaz para elevar o nível de cultura geral do povo” (NOGUEIRA, 2005, p.11)

Predomina, assim, uma concepção unilateral da relação entre saberes científicos e saberes populares, cabendo ao povo se inserir na lógica e dinâmica “civilizatórias”. É esse tipo de extensão que Freire (1983) recusa, pois está marcada pelo

desrespeito à cultura popular. Ao mesmo tempo, ele reclama uma comunicação horizontal entre sujeitos sociais.

O encanto com o saber produzido nos centros de pesquisa e no Ensino Superior envolve inclusive jovens intelectuais bem-intencionados, defensores do direito das camadas populares de usufruírem dos conhecimentos “verdadeiros”, produzidos a partir da ciência e da tecnologia, como forma de libertá-los de credences e superstições.

No primeiro Seminário Nacional da Reforma Universitária, promovido pela União Nacional dos Estudantes (UNE), em Salvador, Bahia, no ano de 1961, quando foi elaborada a Carta da Bahia, já se manifestava a preocupação com a “libertação do povo”, tendo a universidade, por meio da extensão, a missão de levar-lhe cultura e consciência e, ao mesmo tempo, proporcionar ao universitário o conhecimento da realidade nacional.

Embora a Carta da Bahia esteja “marcada pela autoridade do saber universitário e pelo seu paternalismo em relação às comunidades tanto da cidade como do campo” (MELO NETO, 2001, p. 51), pretendendo impor “uma *sapientia* universitária a ser absorvida pelo povo”, foi pelas ações do movimento estudantil que se iniciou uma série de atividades de extensão inovadoras no ambiente universitário. Foram várias iniciativas: os Centros Populares de Cultura (CPCs), com ações alfabetizadoras em todo país; o teatro da UNE, que circulava pelas periferias das cidades com peças reflexivas acerca da realidade nacional; os centros de debates, clubes de estudo e ainda cursos de educação política, que abordavam temáticas de interesse dos trabalhadores.

Durante a ditadura militar, a extensão voltou-se para ações de integração estudante-comunidade, predominando uma concepção assistencialista de prestação de serviços. Vários programas foram criados e efetivados: Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária (Crutac); Operação Mauá, mais diretamente vinculada à área tecnológica; e o Projeto Rondon, por meio do qual os estudantes prestavam serviços de saúde a comunidades empobrecidas das regiões

do Norte e Nordeste. Todos sob o rigoroso controle político e ideológico do regime autoritário.

Na década de 1980, a conquista da reabertura política e a transição democrática propiciaram um clima de debate e novas experiências. O retorno de vários exilados políticos ao Brasil, entre eles Paulo Freire, a reedição de livros desse autor no país, a efervescência do movimento estudantil, as lutas sindicais possibilitaram o reagrupamento de professores e alunos propositores de ações de extensão na perspectiva libertadora e de valorização da cultura popular, reconhecidas como projetos de educação popular. Instalaram-se no meio universitário tendências dissonantes na extensão universitária: concepções de comunicação que valorizavam a cultura e o saber populares ou que reproduziam a educação bancária (FREIRE, 1987), na qual se depositavam conhecimentos tidos como superiores, face ao “vazio” dos educandos.

Contudo, o fortalecimento do neoliberalismo³ na década de 1990, no Brasil, trouxe drásticas consequências ao Ensino Superior. Os governos de Fernando Collor de Melo (1992-1994) e Fernando Henrique Cardoso (1995-1998 e 1999-2002) adequaram-se às deliberações das agências internacionais, no que tange às políticas educacionais e planos econômicos (SEGUNDO, 2005). Na hegemonia neoliberal, “a universidade participa da economia e da sociedade como prestadora de serviços às empresas privadas com total descaso pela pesquisa fundamental e de longo prazo” (CHAUÍ, 2001, p. 35).

Muitos dos convênios estabelecidos com esse fim junto ao setor privado, como também ao público, passaram a ser compreendidos como extensionistas. Embora fossem muitas as

³ Entre outros, destacam-se como teóricos neoliberais Friedrich von Hayek e Milton Friedman, economistas da escola de Chicago, nos Estados Unidos, cujas ideias, elaboradas ao final da Segunda Guerra Mundial, só tiveram ressonância após a crise do petróleo nos anos 70. Abreu (1999, p. 41) sintetiza que o neoliberalismo “é uma ideologia contrária aos pactos que subordinam o capital a qualquer forma de soberania popular ou instituições de interesse público”.

concepções de extensão – indo do assistencialismo, clientelismo, à prestação de serviços, ofertas de cursos acadêmicos em localidades distantes, próximo ao sentido de campus avançado ou até com conotações político-ideológicas, já referidas anteriormente –, até a década de 1980, todas se inseriam no campo do público. Mendes (2007) observa que a lógica neoliberal açambarca a universidade, apresentando elementos específicos em relação ao período anterior, sobretudo na perda do caráter público e social das ações de pesquisa e de extensão.

Embora o Fórum de Pró-Reitores de Extensão, em 1999, tenha deliberado, no Plano Nacional de Extensão Universitária, que “extensão é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade” (FORPROEX, 1987), o que se percebe, nesse período, é o *imprinting* de uma lógica mercadológica nessa dimensão da atividade acadêmica.

No interior dessa lógica, a associação entre público e privado é muito concreta – sobretudo, mediante a terceirização –, ocorrendo, muitas vezes, sem a participação da comunidade acadêmica na elaboração e discussão das atividades extensionistas, resultando, por conseguinte, no afastamento em relação a outros dois pilares que dão sustentação às universidades: ensino e pesquisa.

A universidade, naturalmente, recorreu a um princípio característico da reestruturação do Estado nos anos 90, a terceirização de pessoal, uma vez que a racionalidade acadêmica crítica é perigosamente problemática, questionadora e científica para cumprir com parcimônia a adesão à lógica mercantil. Daí a preferência por uma maioria de sujeitos sem vínculo com a universidade, portanto, alheia às suas históricas funções.

Outra ideia presente na extensão desde seu início passou a ser negada: a universidade deveria levar os saberes nela produzidos para a população sem acesso a eles. Na perspectiva neoliberal, que assolou a universidade brasileira, inclusive a

Universidade Estadual do Ceará, até mesmo essa postura que não valorizava o saber popular se esvai, entretanto, de uma forma que precariza ainda mais a relação universidade-sociedade. Nesse contexto, a universidade abriu mão da responsabilidade de levar saberes e serviços decorrentes da função científica que a caracterizava, optando por ações “menos trabalhosas”, mais simples, rentáveis, podendo ser executadas por pessoas sem pré-requisitos de qualificação.

Nessa nova conjuntura, houve, aparentemente, uma redução da opressão de um saber sobre outro, porém os saberes do povo continuaram tão desvalorizados quanto anteriormente, uma vez que a universidade se eximiu de sua responsabilidade político-científica e cultural no trabalho desenvolvido. Muitas das ações realizadas pela universidade, nesse período, poderiam, perfeitamente, ser protagonizadas por outras instituições não universitárias, uma vez que não se relacionavam com as atividades de ensino e de pesquisa, além de alunos e professores serem delas alijados.

No entanto, esse quadro não ocorreu sem contestação. O Sindicato Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes), professores críticos juntamente com o movimento estudantil protagonizaram várias ações de resistência, desde fóruns de debates públicos, a manifestações e greves. Por outro lado, os movimentos sociais passaram também a demandar os serviços de extensão na perspectiva de seu fortalecimento, reavivando experiências anteriores de educação popular.

Em julho de 1997, no I Encontro Nacional das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (Enera), promovido conjuntamente pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o Grupo de Trabalho de Apoio à Reforma Agrária da Universidade de Brasília (GT-RA/UnB), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), o Fundo das Nações Unidas para a Ciência e Cultura (Unesco) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), foi lançado aos professores universitários presentes o desafio de construção de um programa

de extensão para alfabetizar jovens e adultos nas áreas de assentamento rural. Um grupo de professores passou a trabalhar nessa proposta (MOLINA, 2004).

Di Pierro (2000), em sua tese de doutoramento, detalha o processo de elaboração do Pronera e relata o quão difícil foi, naquele contexto de neoliberalismo em ascensão, o programa ser absorvido pelos ministérios pertinentes, vindo a obter guarida no então Ministério Extraordinário de Política Fundiária (MEPF), por um contexto fortuito de trabalho deste com a Universidade de Brasília (UnB), protagonista no processo.

No ano seguinte, em 1998, algumas universidades brasileiras iniciaram as primeiras experiências com o Pronera. Carvalho (2006), também em sua tese de doutoramento, explana o processo de efetivação desse programa, mostrando seu diferencial na perspectiva de construção de uma extensão pautada pela participação dos movimentos sociais camponeses propositores, presentes no planejamento, implantação e acompanhamento das ações. Esse fato contribuiu, portanto, para fortalecer a extensão na perspectiva de uma real comunicação, a qual passa a ser adjetivada como social, popular, crítica, diferenciando-se, assim, da perspectiva hegemônica, criticada por Freire.

Nesse contexto, esclarecem Carvalho e Mendes (2011), a proposição de uma extensão voltada para as camadas populares tornou-se, portanto, centro da disputa de projetos extensionistas e da própria concepção de universidade. Ao propor uma extensão de caráter social, em que a construção do conhecimento e da práxis pedagógica fosse efetivamente resultado da aproximação da universidade com a sociedade, professores, estudantes e movimentos sociais colocaram em pauta a construção de outra universidade, assentada noutra lógica, na qual a extensão é concebida enquanto comunicação. Nesse sentido, em 2005, alguns docentes da Uece se comprometeram com a demanda do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e se propuseram a, juntos,

construírem projetos no âmbito do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.

Pronera-Uece: comunicação da universidade com os movimentos sociais, a partir de práticas educativas

Como já referido, o Pronera foi instituído em abril de 1998, pelo então Ministério Extraordinário de Política Fundiária, hoje Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), devido à pressão dos movimentos sociais do campo pelo direito à educação em áreas rurais desapropriadas em função da luta por Reforma Agrária. Entre esses, destaca-se o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que, desde 1987, envidava esforços para garantir escolas e projetos educativos nos assentamentos rurais.

Carvalho (2006) avalia que, em sua trajetória, aos poucos, o Pronera tomou ares de política pública de governo, com dotação orçamentária estipulada e com a consolidação de suas ações educativas em 22 estados da federação, em parceria com as Superintendências Regionais do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), universidades públicas e movimentos sociais do campo. Todavia, até hoje, esse processo tem sido eivado de enfrentamentos com setores governamentais e com o poder público, notadamente o Poder Judiciário, pela não extinção do programa.

Exemplo dessa peleja foi o fato de, após dez anos do Pronera, o Tribunal de Contas da União (TCU) instituir o Acórdão 2653/2008, proibindo novos convênios, bem como a participação dos movimentos sociais no planejamento e consecução do programa. A reversão desse quadro demandou várias atividades políticas, manifestações e audiências públicas, denúncias em meios de comunicação alternativos, envolvendo os movimentos sociais do campo, setores da administração pública federal, professores universitários, parlamentares e até audiências no próprio TCU, com a presença de reitores e pró-reitores de extensão de várias

universidades brasileiras reivindicando a revogação do Acórdão.⁴ Somente em 2010, após o então Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, instituir o decreto Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a política de educação do campo e sobre o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, o Acórdão foi revisto e revogado.

Tais fatos elucidaram as dimensões do enfrentamento político para a construção de uma extensão de caráter social, para além dos muros da universidade, pois situada historicamente. Em sua concretude, os enfrentamentos associavam-se a projetos políticos mais amplos; no caso do Pronera, à luta dos movimentos camponeses por reforma agrária e pelo direito à educação, o que confrontava com os interesses de setores ligados ao agronegócio de grandes empresas e ao latifúndio de exportação, que exerciam grande pressão sobre o estado brasileiro (RIBEIRO, 2013).

Com a opção por um trabalho com referência na educação popular, em que se concebe a construção coletiva de conhecimentos, tanto no âmbito da universidade, como das comunidades onde ocorreram as aulas, constataram-se aprendizados de ricos significados para os envolvidos.

⁴ Carvalho (2010), no II Relatório de Atividades do Projeto Mais um Passo na Educação do Campo, relata que os deputados estaduais do PT, Artur Bruno e Raquel Marques, atenderam a solicitação dos movimentos sociais do campo no Ceará, em audiência pública em defesa do Pronera, a qual ocorreu em 8 de julho de 2010, com a presença dos representantes do MST e da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado do Ceará (Fetraece), da gestora do Pronera no Incra, Maria das Dores Ayres, da Administração Superior do Incra, Eduardo Barbosa, dos coordenadores do Pronera/Uece, prof.^a Sandra Gadelha e prof. Ernandi Mendes, do vereador do Psol, João Alfredo Telles, do Pró-Reitor de Administração da Uece, Luís Carlos Dodt, entre outros. Após a audiência, um grupo permaneceu na Assembleia Legislativa, pois o Presidente do TCU, Ministro Ubiratan Aguiar, que é cearense, seria homenageado. O grupo com representantes do MST, Fetraece, Incra e coordenadores do Pronera/Uece apresentou-lhe o pedido de revogação do Acórdão Nº 2653/2008, ficando ajustada a realização de Audiência Nacional no TCU para discutir o recurso do Incra contra o referido acórdão, o que veio a ocorrer em 17 de agosto de 2010, com ampla representação dos movimentos sociais e universidades, desencadeando um debate direto que, até então, não ocorrera.

Projetos de educação do campo: experiências de construção coletiva

Na Universidade Estadual do Ceará, onde lecionam os autores deste trabalho, o debate sobre a construção de uma extensão social-comunicativa veio à tona quando assumimos (um grupo de seis professores)⁵ a coordenação de quatro projetos na área de educação de jovens e adultos (EJA): Escolarização I e II de Trabalhadores(as) Rurais em Áreas de Assentamento no Estado do Ceará (2006-2008), Formação de Educadores em Áreas de Assentamento – Magistério da Terra (2006-2010) e Escolarização II Segmento – Mais um Passo na Educação do Campo (2009-2011). Os dois primeiros escolarizaram até a quarta série do Ensino Fundamental mais de 2.000 jovens e adultos residentes em áreas de Reforma Agrária; o terceiro ofereceu o Ensino Médio na modalidade magistério para os(as) educadores(as) dos assentamentos e dos dois primeiros projetos que ainda não haviam concluído o Ensino Médio, formando 106 educadores(as) especialistas em educação do campo após quatro anos de curso; e o quarto, como continuidade aos dois primeiros, propiciou a escolarização no nível do Ensino Fundamental II, ou seja, até o nono ano, de 180 jovens e adultos. Assim, os quatro projetos ocorreram de forma integrada no âmbito do Pronera, por meio de parceria da Uece com o Incra-Ceará, a Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará e o MST, por convênio assinado em dezembro de 2005, para os três primeiros, e em dezembro de 2008, para o último projeto.

Fruto desses momentos, planejamos um seminário introdutório com os sujeitos do projeto: educadores(as), coordenadores(as) do MST, alunos(as) e docentes universitários, e alguns convidados do Incra, Seduc e administração superior da

⁵ Os professores da UECE, na época, envolvidos com a elaboração e execução dos projetos eram: Sandra Maria Gadelha de Carvalho, Célia Maria Machado Brito, José Ernandi Mendes, Maria das Dores Alves, Sandra Marinho e Regina Coele Fraga.

universidade. Nessa ocasião, planejamos conjuntamente o início das aulas dos projetos de Escolarização I e II, aprofundando a reflexão sobre a comunicação na educação popular. Uma questão nos orientava: como estabelecer uma metodologia que propiciasse o aprendizado dos conteúdos num meio comunicativo libertador? As reflexões levaram-nos a definir os temas geradores como veículo dos debates em sala. Por meio deles, nos projetos de Escolarização I e II, trabalharíamos os conteúdos das séries estudadas concernentes às áreas de Matemática, Estudos Sociais, Língua Portuguesa e Arte-Educação. Já nos projetos Magistério da Terra e Escolarização II Segmento, definimos eixos-temáticos como aglutinadores do debate e da aprendizagem. A efetivação em sala dessa proposta exigiu um processo de formação continuada dos educadores(as) e demais sujeitos.

No que concerne ao Projeto Político-Pedagógico (PPP) do curso Magistério da Terra, sua elaboração se deu de forma conjunta entre professores e bolsistas universitários e representantes do coletivo de educação do MST, instituindo-se como experiência inovadora por sua concepção metodológica e curricular, reconhecida como tal pela Seduc, para efeito de certificação.

O curso foi organizado em oito etapas, totalizando uma carga horária de 3.732 h/a. Cada etapa, por sua vez, constituída de dois grandes tempos pedagógicos: o tempo escola, 80% da carga horária, momento da presença direta dos educandos(as) no curso para desenvolvimento do conjunto de atividades e participação no processo pedagógico. Esse tempo foi coordenado por um coletivo de educadores da universidade e dos movimentos sociais, orientados por um projeto metodológico; o tempo comunidade, correspondendo a 20% da carga horária, destinado à leitura, pesquisa e produção individual e grupal, com base em questões geradoras referentes ao eixo-temático de cada etapa.

O PPP do Magistério da Terra orientou-se por quatro eixos temáticos na sua estrutura curricular: 1) Terra e trabalho; 2) Educação do campo; 3) Cultura e modo de vida; e 4) Lutas sociais e sujeitos coletivos. Esses eixos, além de transversalizarem

as diversas disciplinas escolhidas para composição da grade curricular, orientaram o trabalho pedagógico de professores de diferentes áreas de conhecimento. Os planos de aula das equipes de educadores tinham como referência cada eixo temático prevalecente no período de um ano letivo.

Procurou-se, ademais, negar a lógica de currículo hegemônico, superando a perspectiva tradicional de transmissão e fragmentação dos conhecimentos, ainda presentes na maioria dos cursos de formação inicial de professores. O reconhecimento dos saberes dos diversos sujeitos envolvidos constituiu-se a condição primeira para superação de um currículo escolar apartado da realidade social. Essa possibilidade decorre do pressuposto da constituição de outra perspectiva de poder, vinculada aos destituídos de direitos, de terra e de educação de qualidade, comprometida com a construção de uma sociedade fundada na justiça e igualdade sociais. O Magistério da Terra, nível médio, teve o objetivo de formar educadores(as) críticos para atuar na Educação Infantil e Fundamental de 1ª a 4ª séries de crianças, jovens e adultos do campo em áreas de reforma agrária, fortalecendo a agricultura camponesa e familiar em oposição ao agronegócio, antiecológico e destruidor do modo de vida dos povos do campo.

Superando a unidimensionalidade do caráter positivista presente nos conhecimentos sistematizados do universo escolar, muitos portadores de um viés cientificista, no PPP do Magistério da Terra, procurou-se, articuladamente, relacioná-los também aos aspectos políticos, sociais, filosóficos, culturais e técnico-pedagógicos, contextualizando-os a partir da educação do campo e da vivência dos educandos(as).

O próprio conceito de educação do campo foi definidor da escolha curricular dos que participaram do PPP do Magistério da Terra. Afinal, a expressão “do campo” dá ao PPP o caráter político que o caracterizava: “Não basta ter escolas no campo, queremos ajudar a construir escolas do campo, ou seja, escolas com um projeto político-pedagógico vinculadas às causas, aos desafios,

aos sonhos, à história e à cultura do povo trabalhador do campo” (FERNANDES; CERIOLI; CALDART, 2005, p. 27)

A interdisciplinaridade foi buscada no intercâmbio de informações entre as diferentes disciplinas, realizado por professores(as) especialistas, educadores(as) dos movimentos sociais, coordenadores que participaram do planejamento e avaliação das atividades pedagógicas, bolsistas-universitários que acompanharam o curso dando suporte necessário aos alunos, coordenadores(as) locais escolhidos pelo MST.

Dadas às especificidades do curso, a avaliação não teve a mesma perspectiva daquela que se realiza no sistema oficial, no qual se enfatiza a apreensão do produto/resultado. Buscou-se realizar a avaliação da aprendizagem, no Magistério da Terra, de forma processual, centrada no aperfeiçoamento da experiência de formação dos(as) sujeitos(as) envolvidos(as). O Memorial da Prática Política-Educativa, realizado ao longo dos quatro anos, constituiu-se uma peça fundamental no processo avaliativo.

O aluno do curso Magistério da Terra foi orientado pela compreensão de que a prática educativa demanda, indiscutivelmente, clareza política dos educadores(as) com relação a um projeto de emancipação humana, conforme nos aponta o educador Paulo Freire:

Não basta dizer que a educação é um ato político assim como não basta dizer que o ato político é também educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação. Não posso reconhecer os limites da prática educativo-política em que me envolvo se não sei, se não estou claro em face, a favor de quem pratico (FREIRE, 1997, p. 46).

O projeto Mais um Passo na Educação do Campo respondeu a uma demanda dos jovens e adultos que haviam concluído o Escolarização I e II, tendo alcançado, portanto, a quarta série ou quinto ano do Ensino Fundamental e desejando continuar sua escolarização para finalizar o Ensino Fundamental. O

planejamento, a metodologia e até a escolha do nome do projeto tiveram a participação dos representantes do MST.

O fato de a universidade não poder certificar o Ensino Fundamental levou-nos a buscar parceria com a Seduc. A definição das disciplinas atendeu ao disposto nas diretrizes curriculares nacionais, todavia a metodologia conduziu a uma reflexão em que deliberamos pela interdisciplinaridade dos conteúdos, organizados em duas grandes áreas e entrelaçados por eixos temáticos. Dessa forma, compunham a área de Ciências Humanas e Letras: Filosofia, História, Língua Portuguesa, Arte-Educação e Língua Estrangeira – no caso, o movimento requereu, e nós acatamos, o estudo da língua hispânica.

Na área de Ciências Naturais e Matemática, ficaram, além desta última, Geografia e Ciências, envolvendo Biologia, Física e Química. Todos os conteúdos seriam abordados segundo os seguintes eixos temáticos: I - Os movimentos sociais do campo e a luta por reforma agrária; II - Terra e trabalho na reforma agrária; III - Agroecologia e agricultura familiar e camponesa; e IV - Educação do campo e seus sujeitos: diversidade, gênero, etnias. Uma vez construída a proposta, deparamo-nos com o desafio de efetivá-la.

Na seleção dos educadores, constatou-se a dificuldade de haver pessoal habilitado para as disciplinas. Decidimos, então, formar duplas, ficando um educador(a) por área e estimulando o trabalho em conjunto. Iniciamos com 20 turmas e finalizamos com 17, devido a problemas de saúde e mudança de local de moradia de educadores, para os quais não conseguimos substitutos. Alguns dos educadores(as) haviam concluído o curso de Pedagogia da Terra na UFC ou o Magistério da Terra na Uece e assumiam seu primeiro trabalho, outros estavam cursando a faculdade. Para apoiá-los, foram previstos seminários de formação continuada para planejamento de cada eixo.

Outro desafio foi encontrar material didático relativo às temáticas na perspectiva da educação do campo para o segundo segmento do Fundamental. Decidimos, então, produzir o material,

o qual foi elaborado por um conjunto de professores mestres e doutores de todas as áreas, alunos universitários bolsistas no projeto, sendo discutido com os representantes do movimento social. Ao final, o livro “Mais um passo na educação do campo” (CARVALHO e BRITO, 2010) foi requisitado por coordenadoras do Pronera de outros estados que enfrentavam a mesma dificuldade.

A avaliação do processo educativo constituiu-se também motivo de reflexão, pois não queríamos reproduzir um modelo à base de notas quantitativas. Decidimos criar instrumentos condizentes com a metodologia do projeto. Estudamos a legislação, discutimos com os educadores(as) os requisitos necessários à continuação de seus estudos no Ensino Médio e optamos por priorizar o processo de aquisição de conhecimentos e habilidades ao longo do projeto, e não somente ao seu final. Criamos, então, uma ficha individual para cada educando(a), na qual os educadores(as) registravam as aquisições, superações e dificuldades a serem apoiados(as).

Paralelamente, o projeto foi avaliado em reuniões com a coordenadora pedagógica e coordenadores locais, educadores(as), representantes do MST, bolsistas universitários, equipe de gestão do Pronera no Incra, em diálogo com a Pró-Reitoria de Extensão na Uece. Enfim, foram vários os espaços de reflexão sobre o projeto em todos os seus aspectos.

Para validação da proposta metodológica, o projeto foi apreciado no Conselho de Educação do Estado do Ceará e recomendado como experiência inovadora para certificação pela Seduc.

Nos relatórios técnicos sobre a experiência, Carvalho (2010, 2011) aponta a existência de outros obstáculos, tais como o contingenciamento de recursos no início do governo da presidenta Dilma Rousseff, em 2011, com atrasos nos repasses para o acompanhamento, formação continuada, inviabilizando o segundo volume do material didático. Outras questões de âmbito da burocracia foram, como as primeiras, enfrentadas no diálogo com os sujeitos e parceiros do projeto.

Ao final, o projeto contribuiu para a garantia do direito à educação de 189 jovens e adultos, concludentes do Ensino Fundamental, muitos dos quais já estão cursando o Ensino Médio.

Os novos espaços de aprendizagem

Envolvendo, aproximadamente, 70 professores e 54 alunos universitários bolsistas, muitos dos quais jamais tinham visitado um assentamento da reforma agrária ou estudado a realidade rural do estado, deliberamos por um período de estudos, com foco em temáticas relativas à realidade com a qual trabalharíamos. Assim, antes de irmos a campo, começamos um programa de leituras e debates sobre as lutas dos movimentos camponeses, a estrutura agrária brasileira, a educação de jovens e adultos, a pedagogia do oprimido, a educação do campo e a comunicação popular. Professores e alunos universitários, bem como representantes do movimento social sugeriram textos que se tornaram o veículo desse primeiro espaço comunicativo-educativo sobre o contexto sócio-político de vida e das atividades a serem desenvolvidas.

Dessa forma, outros espaços de construção de saberes se evidenciaram, destacando-se a formação continuada dos educadores e educadoras dos projetos de Escolarização I e II, que foi organizada em momentos específicos abordando as áreas temáticas de Língua Portuguesa, Matemática, Estudos do homem e da natureza, Fundamentos metodológicos de alfabetização de adultos e Temas geradores em Paulo Freire, Arte e educação.

Trabalhou-se em seis salas, constituídas a partir da proximidade das áreas de atuação dos educadores e educadoras, com uma média de 30 participantes, incluindo-se os bolsistas universitários e coordenadores locais do MST que realizavam o acompanhamento das atividades. Os professores universitários, responsáveis pela abordagem do conteúdo, planejavam coletivamente seu trabalho, partindo sempre da sondagem dos

saberes e concepções que os educandos-educadores já traziam acerca de cada temática.

Só então eram apresentadas novas questões, desde o conhecimento científico, avaliando-se, conjuntamente, sua pertinência à realidade que vivenciavam, oportunizando-se a argumentação e contra-argumentação das reflexões em pauta e indagando-se sobre a relação com a sua prática educativa. Desse modo, oportunizou-se rica troca de experiências entre os educadores(as) e demais participantes.

A síntese final comportava uma retomada das concepções e saberes compartilhados no início do encontro, agora reavaliados após leituras dos textos acadêmicos e debates ocorridos, em confronto com as ações educativas concretas desenvolvidas pelos educadores(as) e de sua experiência em outros projetos, resultando, muitas vezes, em desafios de uma nova prática educativa, compactuados entre todos.

Dessa forma, trilhou-se um percurso dialético, desde uma perspectiva de práxis, como explica Pimenta e Anastasiou (2002), em que o concreto pensado, por ser síntese de múltiplas determinações, importa uma síntese obtida pelo processo sistematizado de reflexão.

Nas avaliações participativas e orais de cada encontro, eram recorrentes nas falas dos educadores(as) as novas perspectivas e aprendizados que vislumbravam transformar em ações educativas de suas salas. Por outro lado, esse mesmo processo foi e tem sido objeto de pesquisa de bolsistas e professores que nele se envolveram. São dezenas de trabalhos acadêmicos apresentados em encontros científicos.

Nas salas de aula dos projetos, o debate de textos acadêmicos em confronto com os saberes populares decorrentes das experiências de trabalho e de vida e das lutas travadas pelos educandos(as) permitiu a reflexão crítica dos conhecimentos veiculados nos textos, sendo estes reelaborados pelos professores e alunos universitários e participantes dos movimentos sociais, originando artigos que expressam os novos conhecimentos adquiridos.

As ocupações em prédios públicos, como a universidade e o Incra/CE, foram realizadas pelo MST devido a intercorrências no decurso dos projetos de extensão, como o contingenciamento e atrasos nas liberações dos recursos, e para reivindicar aspectos necessários a um trâmite burocrático mais ágil, como a infraestrutura referente ao maior número de computadores, telefone, entre outros. Nesses momentos, ocupar e conhecer o território da universidade, estabelecer negociações com a administração superior proporcionaram aos militantes, participantes dos projetos, o rompimento de uma barreira geográfica e social que mantinha a universidade “à parte” da sociedade.

Mostrar a si mesmo, aos que compõem a universidade e à sociedade, por meio das notícias veiculadas na imprensa e na mídia televisiva sobre as ocupações, que são capazes de lutar por seus direitos, de estabelecer negociações, propiciou aprendizados referentes à noção de cidadania, de autonomia. Além disso, para os servidores públicos, docentes, discentes e Administração Superior, evidenciou que tinham a possibilidade de enviar tais lutas e, sobretudo, que, além de capazes, sabiam como fazê-lo, organizadamente, pois, ao permanecerem vários dias na ocupação, mantinham as atividades pedagógicas e garantiam a limpeza, as alimentações e as condições de pernoite, realizando, ainda, reuniões políticas para avaliação e encaminhamentos necessários.

O envolvimento de vários setores administrativos da Uece na realização do Pronera – Coordenação Pedagógica e Geral, Chefia de Gabinete da Reitoria, Pró-Reitoria de Extensão (Proex), Pró-Reitoria de Administração (Proad), Departamento de Finanças (Decofin) e de Licitação, almoxarifado, restaurante universitário etc. –, em interação com estudantes-bolsistas e militantes dos movimentos sociais, educadores(as) e educandos(os) dos projetos, produziu muitas contradições e aprendizados.

A ruptura com um modelo de extensão mercadológica e a afirmação da dimensão social-comunicativa da extensão universitária promoveram vários deslocamentos de concepções, levando a maioria dos gestores, técnico-administrativos e professores a ter

mais sensibilidade com a tarefa da universidade de se relacionar de forma mais profunda com os movimentos sociais, respeitando sua independência e especificidades.

Foram feitos, ademais, contatos com os meios de comunicação em tais momentos de ocupação. A imprensa escrita (imprensa e virtual) e falada foi outra dimensão da comunicação da universidade com a sociedade em geral. Os coordenadores eram convidados pelos jornais de grande circulação da cidade a fazer esclarecimentos, a participar de programas de rádio e televisão, dando explicações sobre os projetos, sobre as ocupações na universidade, debatendo a reforma agrária, o que contribuía para desmitificar a imagem negativa por vezes veiculada acerca dos movimentos sociais camponeses em suas lutas, ao tempo em que projetava a nova extensão social e popular que construíamos.

Nessa direção, Telles (1999) reflete que o anúncio dos direitos sociais pelos personagens da cena pública, como sujeitos que publicizam as questões que lhes dizem respeito, instaura um dissenso, que possibilita uma ampliação dos horizontes do campo político e uma “diversificação dos campos de experiências possíveis” (TELLES, 1999, p. 188). Nesse caso, incluiu-se uma educação rural de outro tipo: a educação do campo.

Averiguar em que medida tais aprendizados repercutiram em suas comunidades necessitaria de pesquisa específica. Todavia, é comum que se refiram, em debates que fazem, quer nas reuniões de suas associações, quer nas salas de educação de jovens e adultos, a estudos realizados e saberes adquiridos nessas ocasiões. Carvalho (2006) identificou, na fala de alguns educadores e coordenadores do MST, avaliações atestando que, nos assentamentos, onde há maior oportunidade de estudo, a organização política e social mostra-se mais eficaz. É nesse sentido que os projetos do Pronera/Uece constroem-se com seus sujeitos, desde uma comunicação que possibilite a reflexão de sua realidade, até a compreensão de suas determinações e o fortalecimento de sua organização política.

Considerações finais

A extensão universitária é um campo em disputa e tem a ver com os projetos de universidade, expresso no decorrer dessa secular instituição. Na América Latina e no Brasil, tem apontado para a aproximação entre academia e sociedade, adquirindo configurações próprias em cada momento histórico.

Diante do cenário neoliberal, a reinvenção da academia emerge como necessidade. Pelos projetos de extensão com os movimentos sociais pode-se recuperar o sentido do público no aprofundamento da relação com a sociedade, em especial com os segmentos oprimidos, por meio de suas organizações de luta. Constituem-se, assim, aprendizados significativos para ambos, na perspectiva de construção de uma sociedade igualitária.

Na Universidade Estadual do Ceará, os projetos Magistério da Terra e Escolarização I e II, Escolarização no II Segmento – Mais um Passo na Educação do Campo, todos no âmbito do Pronera, desde uma proposta curricular envolvendo seus diversos sujeitos com seus diferentes saberes, da concepção à execução, têm aprofundado as relações entre a universidade e os movimentos sociais, entre o conhecimento erudito e popular, realidade urbana e do campo, entre teoria e prática, aproximando-se, desse modo, da extensão comunicativa defendida pelo educador Paulo Freire.

Observa-se, na interação entre universidade e sociedade, a construção de conhecimentos a partir das matrizes da sociologia e pedagogia críticas, proporcionando a docentes, discentes e educadores populares reelaborarem criticamente as concepções que traziam acerca da educação rural, do papel das instituições de Ensino Superior, da ação dos movimentos sociais, da educação de jovens e adultos, entre outros, o que resultou em mais de trinta artigos sobre educação do campo, apresentados em eventos científicos, regionais, nacionais e internacionais.

Os projetos no âmbito do Pronera/Uece, dada a multidimensionalidade dos processos de produção coletiva do conhecimento referenciada na realidade do campo, na perspectiva de

formação de sujeitos políticos comprometidos com a reforma agrária e com um projeto popular para o Brasil, têm contribuído para a formação de educadores e educadoras com uma consciência concreta dos direitos e do mundo em que vivem.

Bibliografia

ABREU, H. O significado sócio-histórico das transformações da sociedade contemporânea: as novas configurações do Estado e Sociedade Civil. In: *Programa de capacitação continuada para assistentes sociais*. Capacitação em Serviço Social e Política Social: Módulo 1: Crise Contemporânea, Questão Social e Serviço Social. Brasília, CEAD, 1999.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR. SINDICATO NACIONAL. *Dossiê Nacional 1*. São Paulo. 2006.

CARVALHO, S. M. G. *Educação do campo: Proneira, uma política pública em construção*. 2006. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de; BRITO, Lucia Helena de (Org.). *Mais um passo na educação do campo*. Fortaleza: EDUECE, 2010.

CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de; MENDES, J. E. The University and the landless movement in Brazil: the experience of collective knowledge construction through educational projects in rural areas. In: MOTTA, Sara C.; NILSEN, Alf Gulvand. *Social movements in the global south: dispossession, development and resistance*. London: Palgrave Macmillan, London, 2011. p. 131-149.

CHAUÍ, M. *Escritos sobre a Universidade*. São Paulo: Unesp, 2001.

DI PIERRO, Maria Clara. Educação de jovens e adultos no Brasil: questões face às políticas recentes. *Revista em aberto*, Brasília, DF, v. 2, n. 56, p. 22-30, out./dez. 1992.

DI PIERRO, Maria Clara. *As políticas públicas de educação básica de jovens e adultos do Brasil do período de 1985/1999*. 2000. 314 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação stricto sensu em História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

ENCONTRO DO FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1., 1987. Documento final. Unb, Brasília, 1987, p. 11. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/relex/images/documentos/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2014.

FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. *Referências para uma política nacional de educação do campo*: caderno de subsídios. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, 2005.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

ROCHA, Pedro Mauro Gurgel. *Extensão universitária: comunicação ou domesticação?* São Paulo: Cortez, 1986.

MELO NETO, José Francisco. *Extensão universitária: uma análise crítica*. João Pessoa: Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba, 2001.

MENDES, J. E. *O lugar da extensão na universidade: diferentes projetos em disputa*. ENCUESTRO LATINOAMERICANO, 2. La universidad como objeto de investigación. Tandil, Argentina, 2007.

MOLINA, M. C. O Pronera como construção prática e teórica da educação do campo. In: ANDRADE, Regina Márcia (Org.). *A educação na reforma agrária em perspectiva: uma avaliação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária*. São Paulo: Ação Educativa, 2004. p. 61-85.

NOGUEIRA, M. D. P. *Políticas de extensão universitária brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

PIMENTA S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. *Docência no Ensino Superior*. São Paulo: Cortez, 2002.

RIBEIRO, D. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

RIBEIRO, Marlene. Política educacional para populações camponesas: da aparência à essência. *Rev. Bras. Educ.* Rio de Janeiro, v. 18, n. 54, p. 669-796, jul./set. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n54/09.pdf>>. Acesso em: 13 de ago. 2014.

SEGUNDO, M. *O banco mundial e suas implicações na política de financiamento da educação básica do Brasil: o Fundef no centro do debate*. 2005, 234 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

SOUZA, Olga Suely Soares de. Extensão universitária e as universidades populares. *Revista da Faced*, Salvador, v. 9, p. 253-264, 2005.

SOUZA, R. F. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX (ensino primário e secundário no Brasil)*. São Paulo: Cortez, 2008.

TELLES, Vera da Silva. *Direitos sociais: afinal do que se trata?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MOVIMENTOS SOCIAIS NA SOCIEDADE EM MEDIATEZAÇÃO

*Joel Felipe Guindani¹
Davide Carbonai²*

Introdução

Este artigo apresenta a relação entre movimentos sociais e o novo momento societário, de crescente mediação, o qual é ativado por técnicas de comunicação e por práticas comunicacionais decorrentes dos fluxos informacionais. Além disso, articula reflexões gerais sobre movimentos sociais, aproximando-as dos fenômenos oriundos da ambiência comunicacional contemporânea, caracterizados como ação produtora de sentido, que estimula, provoca e, em alguns momentos, orienta o ritmo das ações coletivas.

Evidencia-se que as lógicas da mediação social são capitais para as diversas articulações, projetos, pautas e reivindicações dos

¹ Professor do Mestrado em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre (RS). E-mail: j.educom@gmail.com.

² Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Sociologia Econômica pela *Università di Teramo* (Itália). E-mail: davidecarbonai@unipampa.edu.br.

movimentos sociais contemporâneos. Ressalta-se que a midiatização social não é um fenômeno que orienta ou que determina a totalidade das ações coletivas, mas um campo de disputa, ocupação, resistência, produção alternativa, que facilita as novas práticas contestatórias e contra-hegemônicas. Em outras palavras, identificamos a midiatização social como um campo comunicacional que também é atravessado por práticas culturais diversas, as quais potencializam uma rede complexa de distintas práticas sociais, políticas e econômicas, seja por sujeitos ou por instituições, por meio das tradições enraizadas nos modos de vida, na história, ou a partir dos pertencimentos religiosos e culturais, das disputas e das relações de poder estruturadas historicamente, sobretudo anteriores aos processos tecnológicos de comunicação.

O presente artigo estrutura-se do seguinte modo: apresentação da polissemia conceitual sobre movimentos sociais; e aspectos teóricos que articulam a noção de midiatização social a partir da investigação das práticas comunicacionais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Interpretações sobre a noção de movimentos sociais

Iniciamos esta reflexão com algumas das principais abordagens sobre a noção de movimentos sociais, evidenciando, posteriormente, as tendências que se aproximam do fenômeno por nós investigado.

A definição de movimento social pode ser mais ou menos inclusiva. No primeiro caso, os movimentos sociais podem ser considerados como redes de relações informais, entre uma pluralidade de atores – indivíduos e coletivos – mais ou menos estruturados do ponto de vista organizativo. Consideradas essas características, o nível de conotação e o âmbito de extensão do conceito, – enquanto os partidos e os grupos de pressão seriam definidos em relação aos limites da organização (quem não subscreve uma filiação, está fora do partido) – os movimentos sociais são compostos por redes dispersas, que conectam pessoas que se sentem parte de uma ação coletiva, geralmente na base de alguns valores compartilhados.

Em outros termos, é possível aderir a um movimento sem aderir a uma específica organização. Não obstante os movimentos possam incluir,

segundo as condições, organizações dotadas de uma estrutura formal, “os movimentos não são organizações”, pois a burocracia ou a verticalização das funções destoam da participação democrática (COTTA, DELLA PORTA, MORLINO, 2001, p. 129). O fato de esses atores poderem se relacionar entre si, em uma estrutura reticular, possibilita a circulação de recursos – materiais, simbólicos, normativos – necessários à interpretação da realidade e, conseqüentemente, à ação social. Quer dizer, os membros de um movimento social compartilham um sistema de crenças, que gera uma nova identidade coletiva. Quanto mais compartilhados os símbolos, os valores e os sistemas de interpretação do mundo, mais forte será o movimento. Com a elaboração, por parte dos movimentos sociais, de visões do mundo e sistemas de valores alternativos aos dominantes, vem se formando um vocabulário alternativo de ideias e linhas de ação, anteriormente desconhecidas ou até inconcebíveis (GUSFIELD, 1981). Por isso que os movimentos são considerados como protagonistas da mudança social, desafio à rotina e à sua superação.

Enquanto as análises marxistas, tradicionalmente, focavam a mudança social na relação entre capital e trabalho, as transformações sociais do segundo pós-guerra atraíram o interesse de inúmeros pesquisadores que se concentraram em outros critérios de estratificação não fundados na colocação de classe (como no caso do gênero ou da geração). Conotações como “velhos e novos movimentos sociais” começam a ser consideradas por distintas perspectivas analíticas, as quais buscam diferenciar as formas de atuação, referenciando-se, sobretudo, nos eventos decorrentes da Queda do Muro de Berlim e do Maio de 1968.

O que caracteriza as pesquisas sobre o tema nos anos setenta é também o processo de mobilização de recursos necessários pela ação coletiva. Nesse sentido, os movimentos sociais atuam de forma racional, propositiva e organizada. Por isso que os atos de protesto derivam de um cálculo dos custos e dos benefícios, que são guiados pela presença de conflitos, mas também dos recursos necessários para ativar a rede.

Do ponto de vista teórico, enquanto os estudos de participação política incluem a participação em movimentos, tornou-se importante considerar o que incluir ou excluir no conceito de movimento social. Por exemplo, Lagroye (1993, p. 324) argumenta que é fundamental ter

uma “motivação” e, além disso, um “efeito”. Como observado, os membros de um movimento social – ativistas, manifestantes ou militantes –, de forma mais ou menos consciente, formalizada ou não, constroem um sistema alternativo de ideias e linhas de ação (*politics*), desafiam o sistema, favorecem a mudança social, pretendem influenciar as políticas públicas, mas, sem “motivação” e sem “efeito”, não existe participação política, logo, nem ação, nem movimento social.

Como observado, as definições de movimento social podem ser mais ou menos inclusivas. Por exemplo, um terrorista faz parte de um movimento social? E um operário que participa de uma manifestação em prol da redução da jornada de trabalho? As diversas formas de participação, como características conotativas, reduzem ou ampliam a extensão do conceito de movimento social. As formas de participação podem definir um movimento social? Uma útil distinção das formas de participação política é aquela de Barbagli e Macelli (1985), entre participação “visível” e “invisível”: os comportamentos visíveis, explícitos, públicos, que pretendem influenciar o corpo político, ou de governo, e os comportamentos mais emotivos-afetivos, privados. Ambos representam um movimento social? Nesse sentido, é legítimo diferenciar conforme o tipo de participação “institucionalizada” (afiliação partidária ou sindical, associativa etc.) ou “não institucionalizada” (boicotes, ocupação de terras etc.).

Que tipo de participação caracteriza um movimento social? No caso da teoria pós-materialista da participação, por exemplo, os comportamentos políticos institucionalizados perderam força em vista dos não institucionalizados. Uma vez superados os limites estritos da sobrevivência material e econômica, os indivíduos estariam preocupados, cada vez mais, com questões relacionadas à sua autoexpressão, gerando uma intervenção cidadã na política. O desejo de tomar parte dos assuntos públicos de uma maneira mais ativa e direta acompanharia, portanto, a mudança pós-materialista. Os valores pós-materialistas estariam fortemente associados a ações políticas não convencionais, como manifestações, boicotes, ocupações do espaço público, entre outras formas de expressão (RIBEIRO, 2010).

Um movimento social pode existir em função do conflito com outros atores sociais. A definição de Alain Touraine baseia-se nesse

conflito “manifesto com um adversário comum” (TOURAINÉ, 2003, p. 119); logo, o desaparecimento do adversário político levaria à queda do movimento. Contudo, essa definição exclui grande parte das ações coletivas que se apresentam hoje, na medida em que os atores sociais encontram dificuldades para identificar um adversário. Os movimentos sociais das décadas de 1960 e 1970, que lutaram contra as ditaduras militares e os governos totalitários, visibilizavam com facilidade os inimigos a combater: soldados e generais uniformizados e ditadores empunhando bandeiras e proferindo discursos em praças públicas.

Que as oportunidades de participação sejam maiores para grupos sociais caracterizados por similitudes estruturais e intensidade das relações sociais é confirmado por inúmeros estudos sobre o movimento sindical (CARBONAI, 2010). A mobilização do movimento operário foi, em particular, ligada à presença de grandes massas de trabalhadores que desenvolviam trabalhos similares e, tendencialmente, passavam juntos não somente o tempo de trabalho, mas também o tempo livre, morando em bairros socialmente homogêneos, localizados perto das fábricas.

Na América Latina, os movimentos sociais são compreendidos, comumente, como resultado e expressão das contradições de classe, gênero, econômicas, culturais e políticas. São catalisadores e, ao mesmo tempo, expressão de poder da sociedade civil, desenvolvendo-se sempre, independente de suas demandas, num contexto de correlação de força social. De acordo com Gohn (2004, p. 251),

Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil.

A autora destaca que os movimentos sociais sempre têm um caráter político (não devendo ser confundido com o partidário), criando e desenvolvendo um campo de forças sociais na sociedade civil, a qual atua provocando pautas e discutindo questões socioeconômicas, políticas e culturais. Assim, as ações dos movimentos sociais emergem a partir dos interesses comuns, como um processo social e político-cultural capaz de

criar uma identidade coletiva para as suas ações. Os movimentos proporcionam inovações na esfera pública e privada, participam da luta política de um país e contribuem para o desenvolvimento e a transformação da sociedade (GOHN, 2004). A participação dos movimentos afeta e modifica, portanto, a estrutura social e histórica de um país, seja ela de caráter progressista, conservadora ou reacionária, variando de acordo com as forças sociopolíticas a que estão articuladas e com os projetos políticos que constituem suas ações.

Especialmente no Brasil, de modo sintético, o fenômeno dos movimentos sociais é observado a partir de três abordagens: estrutural-determinista, político-institucional e pluralista-articulista.

A abordagem estrutural-determinista nos oferece elementos para compreender os movimentos sociais pela perspectiva econômica, a partir das novas configurações do capitalismo (IANNI, 1985). Não se trata de uma análise linear ou economicista, mas de uma visada mais ampla para a ordem econômica, que controla os meios de produção e institui como legal a propriedade privada. Nessa perspectiva, analisa-se a sociedade como um todo racional, em que a posição do sujeito no mundo do trabalho já lhe indica a sua função e o modo de atuação nas lutas sociais. Quer dizer, o modo de produção capitalista, as contradições das relações de trabalho e de produção são os motivadores da ação coletiva.

Para a abordagem político-institucional, os movimentos sociais emergem a partir das incompletudes dos sistemas representativos político, associativo ou sindical. Tais sistemas representativos devem ser compreendidos na esteira do Estado, o qual se fecha, autorreferecialmente, impossibilitando aos movimentos sociais a intervenção ou qualquer acesso aos espaços decisórios e deliberativos (GAIGER, 1987). Para Vigevani (1989), as instituições políticas emanam sentidos ou visões distintas: a primeira condiz com a ineficiência representativa dos trabalhadores, sobretudo os rurais, por meio dos partidos políticos; e a segunda se refere às limitações que os próprios partidos políticos sofreram durante o regime militar, o que potencializou novas formas de organização e de mobilização (STRAPAZZON, 1997). Por esse caminho, os movimentos sociais se articulam a partir das oportunidades políticas

(TARROW, 1994), conforme, estrategicamente, aproveitem as brechas do sistema político.

Com a abordagem pluralista-articulista, evidencia-se a compreensão de que os movimentos sociais são resultantes das diversas possibilidades de posicionamento dos sujeitos, a partir de sua formação discursiva (LACLAU, 1986). Nessa abordagem, segundo Strapazzon (1997, p. 19), os movimentos sociais seriam articulações de discursos que “mobilizam várias significações, vinculadas à posição dos sujeitos (religiosas, econômicas, culturais), que os unificam e mobilizam-nos em busca do que lhes foi tirado ou que é considerado como um direito coletivo”. As condições estruturais não seriam, para essa abordagem, motivação direta ou obrigatória, mas um dos diversos elementos que impulsionam a mobilização social.

É nessa abordagem – pluralista-articulista – que acreditamos estarem contidas as fortes relações entre a comunicação e os movimentos sociais. A maneira como as diversas posições de sujeito são articuladas depende da luta discursiva, que é jogada no campo comunicacional, seja ele tecnológico ou interpessoal, pois “todas as coisas não comunicadas e incomunicáveis, que não foram nunca confiadas a ninguém, deixam de existir, pois não há para elas lugar permanente na realidade” (TELLES, 2006, p. 51).

Vale destacar que esse campo comunicacional é delineado por correlações de forças discursivas hegemônicas, as quais são características de uma determinada sociedade e época, que, no entanto, podem ser reproduzidas ou modificadas pelos sujeitos que compõem um movimento social.

O MST a partir das práticas comunicacionais

Abordamos até aqui o cenário em que se apresentam as principais conceitualizações sobre movimentos sociais. A seguir, focaremos nossa análise nas práticas comunicacionais históricas e contemporâneas do MST, mas sem perdermos de vista o contexto social e político, os quais prefiguram como um dos elementos fundantes do problema investigado. Importante esclarecer que a nova ordem social, que se

instaura a partir das tecnologias comunicacionais e de seus respectivos fluxos informacionais, não é decorrente, apenas, de um processo tecnológico evolutivo, mas da criatividade de sujeitos organizados, que, historicamente, reinventam, aprimoram e delineiam formas de ser e de atuar comunicacionalmente.

Para tanto, reconhecemos, inicialmente, a luta agrária brasileira como um processo histórico complexo, marcada por uma série de tensões, de conflitos e de enfrentamentos. Nesse contexto, o MST figura como o maior movimento social popular organizado do Brasil e, possivelmente, o maior da América Latina (CARTER, 2010), tornando-se, assim, um indispensável ator social a ser investigado para sabermos como são produzidas e apropriadas as estratégias contestatórias por suas lideranças, nas suas ações políticas e em outras atividades que mobilizam o grupo na causa da questão agrária contemporânea.³

A contenda agrária é milenar e, de modo sintético, condiz com um

[...] amplo, imediato e drástico movimento de redistribuição de direitos sobre a propriedade privada da terra agrícola, promovido pelo governo, com a participação dos camponeses, objetivando sua promoção humana, social, econômica e política.⁴ (SILVA, 1971, p. 37).

Assim, a mobilização do MST reagrupa trabalhadores do campo e da cidade, na perspectiva de transformações sociais, sobretudo no enfrentamento das novas configurações do capitalismo neoliberal, e, mesmo se apresentando como um problema exclusivamente econômico e político, incorpora e se atualiza a partir das novas relações, estruturas e cenários de poder, conforme o seu contexto ou a sua época.⁵

³ O MST não possui uma data ou momento específico que defina sua origem. Para Stédile e Fernandes (1999), a origem do MST é resultante de vários locais, e a sua história é composta pela soma de um conjunto de acontecimentos e fatores desenvolvidos a partir de 1978, especialmente após a expulsão dos colonos que viviam na reserva indígena dos Kaingang, no município de Nonoai, norte gaúcho.

⁴ Sobre a questão agrária, ver mais em Stédile (2005).

⁵ Estudos atualizados sobre a questão são realizados pelo Núcleo de Estudos, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária (Nera), da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Para Görgen (2004), a mobilização acerca da questão agrária do século XXI não significa apenas a luta pela distribuição de terra ou pela produção econômica sobre ela. Da mesma forma, a sua compreensão não pode desconsiderar as diferentes áreas de estruturação, de ação e de reprodução social, como as da educação, da saúde, da política e da cultura, entre outras. Para tanto, “[...] existem diversas formas para analisar e estudar a questão agrária, no geral e, no Brasil, em particular” (STÉDILE, 2005, p. 9).

A partir dessas considerações, a sociedade brasileira, constituída por diversos embates agrários, tem uma marca singular: a ocupação do espaço público por atores cada vez mais diversos, que reivindicam – através de inúmeras práticas contestatórias – direitos plurais, os quais impõem variadas demandas ao Estado e ao mercado.

No caso investigado, percebe-se, ainda, que os enfrentamentos pela reforma agrária se efetivam como uma ação coletiva de sujeitos heterogêneos, oriundos de diversos processos de exclusão social: peões, meeiros assalariados, pequenos agricultores expropriados por grileiros e por grandes proprietários, ribeirinhos expulsos por hidrelétricas e agricultores atingidos por barragens, jovens desempregados ou idosos eliminados do sistema fabril, entre outros. Assim, a luta pela reforma agrária se configura como “[...] um sistema multipolar de ação que combina diferentes orientações, envolve múltiplos atores que negociam e renegociam constantemente a sua ação” (MELUCCI, 1989, p. 40). São sujeitos que, mesmo lutando por uma causa comum – a reforma agrária –, articulam saberes enraizados nas práticas culturais que mobilizam a rede de socialidade, a partir da qual a ação comunicativa e midiática cada vez mais orienta e afeta o conjunto de valores e significados que compõe e estruturam o campo simbólico e identitário.

Em outras palavras, identificamos a midiatização social como um campo comunicacional que também é constituído por práticas culturais diversas, as quais potencializam uma rede complexa de distintas práticas sociais, políticas e econômicas, seja por sujeitos ou por instituições, por

meio das tradições enraizadas nos modos de vida, na memória, no imaginário social, ou a partir dos pertencimentos religiosos e culturais, das disputas e das relações de poder estruturadas historicamente, sobretudo anteriores aos processos tecnológicos de comunicação.

Nesse campo de disputas e negociações simbólicas, a mediação social, se limitada à ação tecnológica, encontra certa correspondência, mas, sobretudo, incompletudes para se firmar como a única referência das ações sociais e coletivas. Isto porque, por um lado, “[...] a historicidade do social é mais profunda do que aquilo que nossos instrumentos teóricos permitem pensar e nossas estratégias políticas permitem encaminhar” (LACLAU, 1981, p. 59).

Por outro lado, é impossível imaginar que um movimento social permaneça intacto a esse processo de transformação comunicacional pelo qual passa a sociedade contemporânea. Em certa medida, a comunicação tecnológica também se apresenta como um elemento essencial em qualquer movimento social, mesmo que, na prática, não se efetivem processos institucionalizados ou bem definidos. Para as ações sociais contra-hegemônicas, sem dúvida, a comunicação constitui um setor tático (CERTEAU, 2011), agregando valores e facilitando a resistência mediante os poderes constituídos, bem como a interação e a mediação das organizações sociais com outros sujeitos das diferentes esferas públicas ou do próprio “mundo da vida” (HABERMAS, 1997).

Compreendemos que o fenômeno da mediação também decorre da irreversível evolução das tecnologias de comunicação, as quais alteram as formas tradicionais de luta, mobilização e de organização coletiva. A mediação social configura um novo *ethos*, que se caracteriza pela articulação dos meios de comunicação e informação com as demais instâncias mediadoras da vida social. Ou seja, esse fenômeno é parte de uma atmosfera afetiva mais ampla (emoções, sentimentos, atitudes, rituais) em que se movimenta uma determinada construção social (SODRÉ, 2007).

Para Eliseo Verón (1997), a mediação opera sob múltiplas lógicas, não podendo ser identificada uniformemente ou de modo isolado no mundo da ação coletiva. Segundo esse autor, a mediação se efetiva a partir de “[...] diversos mecanismos, segundo os setores da prática

social, produzindo distintas consequências” (VERÓN, 1997, p. 9). As formas de apropriação tecnológica e de produção de conteúdo também integram os processos de midiaticização social: a comunicação multimidiática, potencializada pela rede virtual, está cada vez mais presente no cotidiano das mobilizações (FAUSTO NETO, 2006). Todavia, como enfatiza Peruzzo (1989, n. p.) os movimentos sociais têm tido dificuldades para utilizar a comunicação de forma satisfatória:

Além de, por vezes, se explorar pouco a comunicação, ela tem sido feita de forma demasiadamente amadorística. Em geral as ações de comunicação são tópicas e sem preocupação com a continuidade ou cultivo de processos comunicativos, seja ao nível da mobilização ou do relacionamento na sociedade.

Para os militantes entrevistados, é consenso que a constituição do MST é resultante das condições políticas e econômicas, mas, sobretudo, das marchas, romarias e demais mobilizações comunicacionais.

No dia 25 de julho de 1981, dia do trabalhador rural, mais de 30 mil pessoas, providas de diversos Estados, reuniram-se no acampamento “Encruzilhada Natalino.” Para Alceu,⁶ “[...] foi neste grande evento que o MST começou a crescer como um movimento nacional [...]. A mídia burguesa ficou de olho, porque sabia da nossa organização com a Igreja e com o povo” (ALCEU, 2014, entrevista aos pesquisadores).

A midiaticização, nesse período histórico, ainda é incipiente, mas já se manifesta como a mediação dos sentidos da luta pela terra, por meio dos pronunciamentos públicos, da elaboração de panfletos, cartazes, faixas, bandeiras, canções, palavras de ordem, bem como de outras formas de comunicação, as quais embalavam, davam o tom e o ritmo às primeiras marchas, que, para Adelar, militante desde a fundação do MST, eram popularmente chamadas de “romarias”: “[...] a nossa primeira forma de chamar a atenção eram as marchas. Mas a gente fazia a romaria, porque isso é da história da igreja, que estava com a gente desde o início” (ADELAR, 2015, entrevista aos

⁶ Para manter a privacidade dos informantes, todos serão identificados por um codinome.

pesquisadores). As romarias, modo de mobilização mais comum na década de 1990, desempenharam um duplo papel ou forma de mediação cultural: tanto de manifestação religiosa e profética, como de contestação e de enfrentamento político, pois, ao mesmo tempo, sustentavam e garantiam a força integradora interna, pelas orações, celebrações e cantigas, e articulavam-se com a necessidade de negociação com os diversos poderes e esferas do Estado e da sociedade civil. Assim, a midiatização operava de modo relacional a partir das mediações culturais não tecnológicas. Quer dizer, a midiatização social, nesse contexto histórico,

[...] fundamenta-se em relações interdependentes – e ecológicas – entre tecnologias, as novas formas de conhecimento científico, os saberes tradicionais da cultura, as formações imaginárias do mundo da vida, e a apropriação e reconstrução subjetiva que realizam os indivíduos e as comunidades nas suas práticas cotidianas (VIZER, 2008, p. 33).

Nas romarias, as práticas comunicacionais – mediadas sob forma da oralidade, no grito das palavras de ordem, nas rezas e nos cantos entoados que ecoavam das vozes vivas e enfileiradas – fortaleciam as longas e penosas caminhadas, como a própria coesão política do grupo: “[...] a questão da terra sempre foi um pouco religiosa, que mexe com a fé e a emoção das pessoas e que dava ânimo pra gente seguir em frente”, destaca o militante (ADELAR, 2015, entrevista aos pesquisadores). Percebemos que a informação oral, cantada e rezada, apresenta-se mais do que como um signo, pois fornece os conteúdos que alimentavam o substrato de onde vinha e vem a sua força: a tradição, aliada às crenças religiosas, é responsável pela mediação dos sentidos que construíram as bases da ideologia transformadora, fortalecendo os projetos comunitários e coletivos do MST.

Adelar diz não recordar sobre alguma cobertura televisiva da mídia comercial durante o principal encontro realizado em 1981, mas apenas entrevistas para rádios locais, que, aos poucos, foram revelando ao Brasil os rumos das conquistas e manifestações: “[...] tinha um pessoal que fazia umas filmagens, mas eram nossos companheiros [...]. As

rádios falavam de nós todos os dias. Umam falavam bem e outras mal” (ADELAR, 2015, entrevista aos pesquisadores).

Ajustados às formas de visibilidade tradicionais, como as marchas e romarias, a relação do MST com os meios de comunicação comerciais sempre ocorreu sob múltiplas tensões, quer por esses meios expressarem a visão da classe economicamente dominante, quer pela forma descontextualizada como eram e são veiculadas as notícias sobre as suas ações. Não raro, ainda hoje, perpetuam-se visões ideologizadas sobre o MST, que dizem respeito às significações construídas pela ação hegemônica da comunicação comercial – rádio, televisão, jornal e internet –, que difundem e fazem circular informações sobre os militantes associadas aos sentidos de “invasores”, “depredadores” e “baderneiros”. Essa modalidade de midiatização social se constitui a chave hermenêutica para compreender como se constroem os discursos que rejeitam as ações vinculadas ao MST, dos quais derivam o temor, o horror e o ódio, que perpetuam e fortalecem o estigma da exclusão social.

O processo de midiatização social é complexo e nem sempre é claro ou compreendido pelos sujeitos entrevistados, sobretudo enquanto imbricações do midiático massivo e do comunicacional com as demais formas tradicionais de mobilização. Embora a presença de sentidos midiatizados na construção da rede simbólica a respeito da luta pela questão agrária tenha relativa centralidade, para os líderes do MST entrevistados, as estratégias de comunicação são importantes, mas não se constituem o centro das suas ações: “[...] a gente investe na comunicação, mas ela não é central” (ALCEU, 2014, entrevista aos pesquisadores).

No entanto, ao ser questionado sobre qual é o seu entendimento de comunicação, percebe-se que o militante se refere aos investimentos realizados em tecnologias, como o jornal, o rádio, a revista e o site. Já os debates interpessoais e coletivos, assim como as demais formas de mobilização pública, de acesso ou de apropriação informacional, são compreendidos à parte, enquanto prática comunicacional atuante e indispensável.

Essa percepção nos permite analisar a mobilização social acerca da questão agrária como um problema mediado por distintas práticas sociocomunicacionais e, não necessariamente, como um fenômeno resultante apenas de suportes tecnológicos e/ou midiáticos. Assim, a

noção de midiaticização social é ampliada aos processos comunicacionais, que se expressam pelas relações intersubjetivas, interpessoais, coletivas, as quais permeiam a construção da subjetividade, seja religiosa ou cultural, que se fundamenta no campo da linguagem, da argumentação pública e da apropriação e ressignificação informacional.

Para os próprios militantes, a compreensão fragmentada da midiaticização social é o problema atual enfrentado pelo MST. Para outra liderança nacional, a não compreensão de que a reforma agrária é resultante de uma ação comunicacional mais complexa – histórica, interpessoal, informacional e midiática – impossibilita as ações coletivas mais amplas. Essa visão tem levado o MST a uma posição de contra-ataque, sobretudo quando a questão é a disputa de sentidos que se trava a partir de algum acontecimento ou fato que o afeta diretamente:

[...] a ocupação da Cutrale⁷ foi uma vitória política pra nós, e a grande mídia deu uma grande cobertura. Mas se formos ver a opinião da população não foi tão boa assim, porque eles assistiram uma pequena parte [...], só a gente derrubando os pés de laranja. Parece que a gente saiu ganhando e depois eles viraram o jogo [...]. Talvez, faltou de nossa parte essa comunicação mais diversificada com a sociedade para esclarecer as coisas (ADÍLIO, 2014, entrevista aos pesquisadores).

Nesse depoimento, observa-se que o MST considera crucial a visibilidade pública e midiática de suas ações. É por meio das práticas comunicacionais que se estabelece o diálogo com a sociedade e se obtém a legitimidade pública de suas táticas, sem a qual é impossível o agendamento das reivindicações, bem como a possível deliberação por parte do Estado. Porém, percebe-se que a visibilidade ou qualificação das informações disponibilizadas ainda é refratária ao campo da mediação política: “[...] no caso da Cutrale, a gente não sabe se faltou mais

⁷ Cutrale é uma multinacional produtora de suco de laranja, que explora as terras da Fazenda Santo Henrique (vulgo Fazenda Capim), em Borebi, região de Bauru (SP), a 325 km de São Paulo (SP). A fazenda possui mais de 2,7 mil hectares e, de acordo com o MST, é explorada ilegalmente, pois a área faz parte do chamado Núcleo Monções, um complexo de 30 mil hectares divididos em várias fazendas e de posse legal da União.

formação política ou outro tipo, mais ideológica, para que o resultado daquela ação fosse melhor pra nós”, destaca João (2014, entrevista aos pesquisadores), outra liderança nacional.

A prática comunicacional do MST é também marcada pela instrumentalidade tecnológica, em que a comunicação se sujeita a alguma ordem política, operando como um espaço mediador, de resposta ou de “salva-vidas” do projeto político-ideológico. Essa questão também é levantada por Altair, outra liderança do MST, o qual defende a necessidade de maior investimento em um “projeto de comunicação”, tendo em vista que a reforma agrária somente se efetiva a partir da expressão visível, organizada e contínua na esfera pública:

[...] nas reuniões de coordenação eu sempre levanto essa questão da comunicação para a gente conseguir as reivindicações. Tem companheiro que reclama que faltou mobilização, que foi pouca gente e tal. Mas eu questiono: mas eles foram bem informados disso? Se a gente quer fazer uma marcha ou alguma outra intervenção é preciso chegar até o povo [...], melhorar o nosso projeto de comunicação (ALTAIR, 2014, entrevista para os pesquisadores).

Para a maioria das lideranças do MST entrevistadas, o momento atual é também de enfrentamento com as novas demandas comunicacionais. Ou, antes disso, há indícios de reconhecimento, por parte dessas lideranças, de que a gênese do espaço público moderno – e até mesmo de um imaginário político contemporâneo – está cada vez mais articulado com a visibilidade das questões debatidas e com a intervenção possibilitadas pelas novas tecnologias de informação e de comunicação. Percebemos, assim, que, atualmente, uma das características centrais dos movimentos sociais é a criação de processos midiáticos alternativos cujo fim não é apenas afetar as ações do Estado, mas visibilizar para a sociedade o agendamento de suas pautas e visões de mundo. Assim, a necessidade de agendamento estatal e social praticado pelos movimentos sociais também se entrecruza com a convergência de inúmeros processos midiáticos.

Para João (2014, entrevista aos pesquisadores), a estrutura midiática do MST – rádios, sites, revistas, audiovisual, jornais, boletins,

entre outros – é parte integrante das demais frentes que conduzem as ações de luta pela terra. As consideráveis conquistas que se somam no histórico de lutas do MST são, para Luiz, resultado de uma persistente combinação da pressão social e formas de comunicação e de negociação com as autoridades do Estado: “[...] o movimento cresceu muito porque sempre soube pressionar e comunicar as conquistas. Tem vezes que a coisa é mais pressão, barulho e mobilização” (LUIZ, 2014, entrevista aos pesquisadores). Não se pode desconsiderar que a mobilização social, segundo os militantes, é um enfrentamento permanente que se faz com o Estado, o qual também é aparelhado por grupos classistas contrários à democratização da terra, como os ruralistas e empresas multinacionais.

Nesse cenário, o maior problema apontado pelos militantes é o fechamento de espaços comunicativos e o controle de informações relevantes, tanto por parte do Estado, quanto pelos grupos empresariais que controlam os meios comerciais de comunicação.⁸ Na mesma medida, as informações que circulam sobre o MST nesses grandes grupos de comunicação, por exemplo, dificultam a conquista do apoio de certos segmentos sociais, pois, para os militantes, a visão estereotipada do MST criada por tais grupos ergue barreiras enormes, impossibilitando o diálogo aberto, como a comunicação dos fatos à sociedade de modo histórico e contextualizado.

Essa tensão é nutrida pelos processos de mediação das informações enquanto prática de um sistema de códigos, de signos que alimentam lógicas e semânticas próprias criadas pelo mundo sistêmico (Estado e mercado), os quais cerceiam o acesso das demandas ou vozes oriundas da sociedade civil. Essa problemática de ordem comunicacional, discutida de modo amplo por Habermas (1997, p. 65), compromete não apenas as organizações sociais, mas o desenvolvimento do próprio sistema político, “[...] o qual se fecha em relação a seus ambientes circundantes”. Nesse aspecto, os processos de mediação social também se atualizam e se alimentam na lógica dos “campos em confronto”, temática perfeitamente elucidada por Christa Berger (1998).

⁸ Os grupos de comunicação mais citados pelos entrevistados são: Rede Globo, Grupo Bandeirantes, Editora Abril e os jornais *O Estadão* e *Folha de São Paulo*.

A produção e o acesso à informação despontam, assim, como um *locus* central de disputa que ativa as diversas práticas mobilizatórias do MST. Isso se manifesta, segundo Altair, a partir do seguinte questionamento: “[...] como fazer o debate se as informações são cada vez mais controladas pelo Estado e pelos ruralistas?” (ALTAIR, 2014, entrevista aos pesquisadores). Na tentativa de responder a esse problema, o MST, valendo-se das diversas estratégias comunicacionais, entre as quais a midiática, sobretudo a internet, também produz e faz circular informações que não encontram espaço ou acolhida nos grandes grupos de mídia.

Nesse ambiente, a produção de informação alternativa e mais horizontal modifica o cenário comunicacional e, por conseguinte, as estruturas de poder institucionalizadas pela hegemonia dos grupos comunicacionais dominantes, que não propiciam o agendamento e as deliberações necessárias às reivindicações dos movimentos sociais. A importância de se travar a disputa no campo da informação é recorrente no depoimento dos militantes do MST. Para Alceu, “[...] é importante a criação de espaços alternativos de debate para divulgarmos a nossa opinião e para refletirmos sobre os problemas que a sociedade enfrenta” (ALCEU, 2014, entrevista aos pesquisadores).

A mobilização social a partir dos fluxos informacionais

Como vimos discutindo, a mobilização social acerca da questão agrária é um desafio político, econômico e social, formado por um conjunto complexo de leis e de interesses cada vez mais atravessado pelos fluxos das redes informacionais, sejam eles tecnológicos ou interpessoais (GOMES, 2004; LACLAU, 1986). Isso é um indicador de que o pressuposto para a mobilização está cada vez mais interligado ao acesso a informações confiáveis e de qualidade, as quais também se caracterizam como matéria-prima para o debate público.

Wilson Gomes (2004, p. 112) ressalta que vivemos, atualmente, em “[...] sociedades de fluxo contínuo, intenso, acelerado e multidirecional de informação política”. Tal teorização também se expressa no depoimento de Moisés, assentado e um dos fundadores do MST: “[...] quando ocupamos as primeiras fazendas, em 1982, a pior dificuldade

era saber o que se passava nas negociações lá na cidade [...]. Agora já tá mais tranquilo, porque sempre tem alguém com o celular ou com um rádio por perto” (MOISES, 2012, entrevista aos pesquisadores). A superação das tensões e dos conflitos sociais, bem como a necessidade de visibilidade pública, associa-se à oferta e ao maior acesso à informação qualificada, bem como à crescente produção e acelerada velocidade de circulação em diversos meios e suportes, que facilitam os processos de tomada de decisão e de mobilização social.

Para Altair, agricultor assentado em Santa Catarina, “[...] se o companheiro não está bem informado, nem adianta ir debater com as autoridades durante as negociações [...]. As nossas conquistas sempre estiveram ao lado da disputa, do debate [...], da informação” (ALTAIR, 2014, entrevista aos pesquisadores). Conforme o militante, a disputa por informação é central nos momentos de negociação com o Estado: “[...] no mês passado, tivemos audiência com o superintendente do Incra. Nós cobramos mais clareza nas informações sobre as desapropriações que não saem do papel” (idem).

Essa declaração associa-se ao fato de que a informação também se constitui como um “[...] recurso político indispensável do Estado para a condução do processo político dentro de uma certa normalidade em termos democráticos” (ESTEVEES, 2003, p. 178). Nesse sentido, as afetações decorrentes do controle informacional também poderão funcionar como dispositivos de controle e de vigilância do mundo simbólico e, na mesma medida, do poder político. Ou seja,

[...] muitas vezes o MST está sob a mira da mídia burguesa, que para nós é um aparelho do Estado [...]. Quando ele [Estado] quer nos criminalizar, ele chama a mídia e diz o que fazer, porque, hoje em dia, a mídia está em todo o lugar, assim, todo mundo parece que está controlado por ela (ADÍLIO, 2014, entrevista aos pesquisadores).

Não é novidade que as bases constituintes de qualquer formação do poder estatal sempre estiveram interligadas ou dependentes de processos de produção, armazenamento e de controle da informação, os quais são utilizados para gerir ou reordenar as manifestações sociais

dissonantes. Ou, em outras palavras, “[...] a vigilância – controle da informação e superintendência das atividades de determinados grupos sociais por outro – é a chave da expansão dos recursos autoritários do Estado” (ESTEVES, 2003, p. 178). Desse modo, enquanto espaço ativo – que produz sentidos e constitui a sociabilidade contemporânea, não apenas de modo instrumental – os processos de mediação social são cada vez mais responsáveis pela abertura de novas interlocuções e inter-relações entre o Estado e os movimentos sociais.

Conforme relata Altair, muitas das formas de mobilização são consequências das oportunidades ou das brechas informacionais advindas do Estado: “[...] a gente avança conforme vamos descobrindo e desmascarando as estratégias deles [Estado]. Algumas ocupações, a gente decidiu depois de receber informações que escaparam do controle” (ALTAIR, 2014, entrevista aos pesquisadores). Da mesma forma, continua Altair, “[...] a comunicação com eles [Estado] é difícil, porque eles têm o controle. Eles tentam seduzir a gente dizendo: não ocupem essa fazenda porque vai ser politicamente ruim” (idem). A fala de Altair revela que os efeitos da mediação social são capitais para a implantação do poder de Estado e, de um modo mais geral, “[...] para todo o trabalho de coordenação das estruturas sociais complexas, ao proporcionar níveis mais aceitáveis de coesão e de homogeneidade” (ESTEVES, 2003, p. 178).

Para os militantes, a informação – tanto em aspectos quantitativos quanto qualitativos – é indispensável para o conhecimento de como funcionam e se estruturam as estratégias ofensivas do Estado, bem como para as oportunidades políticas por ele disponibilizadas: “[...] na luta pela terra, a gente sempre precisa saber dos programas de financiamento que o Estado oferece, mas o camarada precisa ficar esperto pra ver se é coisa boa ou se é mais outra enganação, de endividamento ou de promessa” (ADÍLIO, 2014, entrevista aos pesquisadores). Esse agricultor também salienta que apenas a quantidade de informação não contribui para o avanço das mobilizações: “[...] quando a gente se encontra com os técnicos da cooperativa, eles sempre falam que tem isso ou aquilo à disposição, mas não adianta. Eles precisam organizar os assentados pra gente debater sobre tudo isso” (idem).

Desse modo, identifica-se que os conteúdos informativos são carregados de sentidos e indicam possibilidades de mobilização social, mas não podem ficar restritos à transferência (FREIRE, 2006). Importa, sobretudo, o acesso, a participação e a qualidade da informação. Nessa perspectiva, a apropriação das informações possibilita a construção e articulação dos argumentos para o debate e para a visibilidade pública, dinamizada a partir dos processos comunicacionais que ampliam os espaços de participação dos militantes. Para Altair, a mobilização social, a partir das lógicas da midiaticização social, também é decorrente da problematização da promessa de progresso e de liberdade trazida pelas tecnologias:

[...] este problema [questão agrária] não vai ser resolvido só pelas informações que a gente divulga ou recebe. Isso depende se elas chegam na nossa base, nas periferias. As elites dizem que as tecnologias estão nas mãos de todos [...]. Não é bem assim, porque a informação sobre os direitos ou sobre as leis, nunca sai pro limpo tão fácil (ALTAIR, 2014, entrevista aos pesquisadores).

De modo crescente, as mobilizações sociais também são reflexo da luta contra a promessa tecnológica, que permitiria a todos participar com igualdade dos diferentes meios informacionais proporcionados pela sociedade capitalista (SARLO, 1998). Assim, a midiaticização social se apresenta via contração informacional, operada pelas elites e pelo Estado, o que, para Habermas (1997), proporciona a anulação da autonomia ou da ação dos diferentes atores sociais, tendo em vista a garantia da sua coesão e controle. Para os agricultores assentados, conforme relata Altair,

[...] o engajamento aqui nos assentamentos é muito atacado pelos políticos [...], que são também os empresários da cidade [...], pela rádio da cidade. Quando a gente se mobiliza, aí eles vêm dizer que estamos sendo radicais, que não queremos dialogar (ALTAIR, 2014, entrevista aos pesquisadores).

Mesmo assim, esses ruídos na acessibilidade ou na produção informacional demonstram o modo assimétrico e complexo da midiaticização, o qual é responsável pela constituição dos sentidos que orientam e fomentam a luta pela hegemonia comunicacional.

Os assentados enfatizam que, diante da dificuldade de acesso às informações para a promoção de serviços públicos, outras formas de mobilização são construídas: “[...] é sempre essa briga com o Estado para conseguirmos as coisas para o assentamento. Enquanto eles fecham uma porta, a gente briga e tenta abrir outras”, diz Altair (2014, entrevista aos pesquisadores). Nesse processo de negociação com o Estado, os processos de mediação ganham centralidade e atenção redobrada, alterando ou mesclando, assim, o curso das antigas práticas comunicacionais com as formas de mobilização e de ataque às ofensivas repressoras dos poderes constituídos.

Considerações finais

Refletir e problematizar sobre as lógicas da mediação social é ação indispensável para as diversas articulações, projetos, pautas e reivindicações dos movimentos sociais contemporâneos. Mesmo que as mobilizações se orientem pelas lógicas econômicas do capital ou pelas oportunidades políticas, os movimentos sociais se constituem como articulações de discursos, canais de expressão e de visibilidade pública, que ativam diversas significações, valores, símbolos, práticas sociais e culturais.

Na essência do que compreendemos ser um movimento social – lugar que aglutina, elabora visões de mundo e sistemas de valores e de práticas alternativas aos dominantes –, as práticas comunicacionais, sejam tecnológicas ou não, atuam como mediadoras de ideologias e, sobretudo, como protagonistas e provocadoras de novos desafios e utopias. Comunicar com clareza, rapidez e globalmente é o desafio e motivação que sustenta a mobilização de coletivos e de grupos alternativos, até então isolados e sem voz.

Sendo assim, a prática comunicacional do MST nos autoriza a pensar que a mediação social não é um fenômeno decorrente do consumo tecnológico, mas de um campo de disputa, ocupação, resistência, produção alternativa, que concretiza novas práticas comunicacionais contestatórias e contra-hegemônicas. Desse modo, os processos de mediação social são cada vez mais responsáveis pela abertura de novas

interloquções e inter-relações entre o MST, a sociedade e as diversas instâncias deliberativas do Estado.

Portanto, a midiaticização, como resultado da articulação dos sujeitos organizados a partir das diversas práticas comunicacionais, gera nova atmosfera de valores e um novo modo de ser e de atuar no espaço público contemporâneo. Uma nova cultura mobilizatória emerge na sociedade em midiaticização, mesmo que não mais orientada por vínculos fortes ou ideologicamente totalizadores. Ou seja, acreditamos que as transformações sociossimbólicas, causadas pelas afetações comunicacionais, operam novos tipos de mudança social, que motivam, amplificam e reorientam as práticas mobilizatórias do MST.

Bibliografia

BERGER, Christa. *Campos em confronto: a terra e o texto*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.

BARBAGLI, Marzio; MACELLI, Alessandro. *La partecipazione politica a Bologna*. Bolonha: Il Mulino, 1985.

CARBONAI, Davide. Las perspectivas de la democracia sindical en Italia: el referéndum de los trabajadores. *Polis*, v. 9, n. 27, p. 383-397, 2010.

CARTER, Miguel. *Combatendo a desigualdade social: O MST e a reforma agrária no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2010.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 17. ed. São Paulo: Vozes, 2011.

COTTA, Maurizio; DELLA PORTA, Donatella; MORLINO, Leonardo. *Fondamenti di scienza politica*. Bologna: il Mulino, 2001.

ESTEVES, João Pissarra. *Espaço público e democracia: comunicação, processos de sentido e identidades sociais*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

FAUSTO NETO, Antonio. Midiaticização, prática social: prática de sentido. ENCONTRO DA COMPÓS, 15., 2006, Bauru, SP. *Anais...* Bauru, SP: Unesp, 2006.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GAIGER, Luiz I. *Agentes religiosos e camponeses sem terra no sul do Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

GENTILI, Victor. *Reforma de massas: jornalismo e cidadania: estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito à informação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneas*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

GOMES, Wilson. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004.

GÖRGEN, Sergio Antônio. *Marcha ao coração do latifúndio*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GUSFIELD, J. Social movements and social change: perspective of linearity and fluidity. In: KRIESBERG, L. (Org.). *Research in social movements: conflict and change*. Greenwich: Conn. Jai, p. 317-339, 1981.

IANNI, Otavio. *Revoluções camponesas na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HABERMAS, Jürgen. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

LACLAU, Ernest. *Teorías marxistas del estado: debates y perspectivas*. In: LECHNER, Norberto (ed.). *Estado y Política en América Latina, México, Siglo XXI*, 1981.

LACLAU, Ernest. Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 41-7, 1986.

LAGROYE, J. *Sociologie politique*. Paris: Presse de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1993.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 17, jun. 1989.

MILBRATH, L. W. *Political participation*. Chicago: Rand McNally, 1965.

PERUZZO, Cecília Maria Krohling. Da observação participante à pesquisa-ação no campo comunicacional: pressupostos epistemológicos e metodológicos. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina (Org.). *Pensamento comunicacional latino-americano: da pesquisa-de-núncia ao pragmatismo utópico*. São Paulo: Unesp, 2004.

SARLO, Beatriz. *Escenas de la vida posmoderna*. Buenos Aires: Ariel, 1998.

RIBEIRO, Ednaldo; BORBA, Julian. Participação e pós-materialismo na América Latina. *Opinão Pública*, Campinas, v. 16, n. 1, p. 28-64, 2010.

SILVA, José Gomes da. *A reforma agrária no Brasil: frustração campesina ou instrumento de desenvolvimento?* Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SODRÉ, Muniz. Sobre a episteme comunicacional. Matrizes. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 15-26, jul./dez. 2007.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, Dênis de. (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Maud, 2006.

STÉDILE, João Pedro (Org.). *A questão agrária no Brasil: programas de reforma agrária 1946-2003*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

STRAPAZZON, João Paulo. *E o verbo se fez terra*. Chapecó, SC: Grifos, 1997.

TARROW, Sidney. *Power in movement: collective action, social movements and politics*. Cambridge: University Press, 1994.

TELLES, Vera da Silva. *Direitos sociais. Afinal do que se trata?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

TOURAINÉ, Alain. *Égaux et différents*. Pourrons-nous vivre ensemble? Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. *Revista Diálogos de la Comunicación*, Lima, n. 48, p. 9-17, 1997.

VIZER, Eduardo Andrés. Midiatização e (trans)subjetividade na cultura tecnológica. A dupla face da sociedade mediatizada. In: FAUSTO NETO, Antônio et al. *Midiatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus, 2008.



Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará – UFC
Av. da Universidade, 2932 – fundos – Benfica
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
CEP: 60020-181 – Fortaleza – Ceará
imprensa.ufc@pradm.ufc.br

A Universidade Federal do Ceará contribui por excelência para a educação e para a ciência em nosso país. Como um dos seus avanços acadêmicos, merece destaque o desenvolvimento da pós-graduação, que fortalece o pilar da formação de recursos humanos por meio da pesquisa.

A pós-graduação brasileira, sistematicamente avaliada nas últimas décadas, ganha credibilidade, e seus pesquisadores gozam de reconhecimento internacional. Nesse processo, o livro integra a produção intelectual acadêmica das múltiplas áreas que compõem o quadro científico da Universidade e apura os esforços dos pesquisadores que veiculam parte de sua produção nesse formato.

A Coleção de Estudos da Pós-Graduação foi criada, portanto, para apoiar os programas de pós-graduação *stricto sensu* da UFC e consolidar uma política acadêmica, científica e institucional de valorização da pesquisa, ao franquear o curso da produção intelectual em forma de livro.

